




PLANO ESTRATÉGICO
PARA O DESENVOLVIMENTO DO
TOURING CULTURAL E PAISAGÍSTICO
NO ALENTEJO E RIBATEJO

Estudo de Diagnóstico



By Panóplia Numérica

 FICHA TÉCNICA	
Conceção e Redação	Fernando Completo; Fernando Moreira, João Reis, Nuno Gustavo, Maria Mota Almeida e Pedro Aboim
Título	PLANO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TOURING CULTURAL E PAISAGÍSTICO NO ALENTEJO E RIBATEJO
Desenvolvido por	Panóplia Numérica em parceria com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE)
Entidade Promotora	Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo
Versão	1. ^a
Data	18 de Setembro de 2015
Composição	268 páginas (sem anexos)/410 páginas (com anexos)

ÍNDICE GERAL

1. PREÂMBULO.....	9
2. O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO.....	11
2.1. OBJETIVOS A ALCANÇAR	14
2.2. METODOLOGIA, COMPONENTES E PROCEDIMENTOS.....	16
2.3. ESTRUTURA E ROTEIRO DO ESTUDO	22
3. O TOURING TOURISM ENQUANTO PRODUTO GLOBAL.....	27
3.1. ABRANGÊNCIA CONCEPTUAL.....	27
3.1.1. <i>TOURING</i> : DO CONCEITO ÀS FORMAS DE EXPRESSÃO DO PRODUTO	27
3.1.2. EXPRESSÃO ATUAL E POTENCIAL DE CRESCIMENTO.....	30
3.1.3. PERFIL DO TURISTA DO <i>TOURING TOURISM</i>	35
3.1.4. ATRAÇÕES, ATIVIDADES E EXPERIÊNCIAS.....	38
3.2. A OFERTA.....	42
3.2.1. OS TERRITÓRIOS DE REFERÊNCIA INTERNACIONAL PARA A PRÁTICA DE <i>TOURING TOURISM</i> – EVOLUÇÃO E EXPRESSÃO GEOGRÁFICA.....	43
3.2.2. PLAYERS, RECURSOS, FATORES DE SUPORTE E MODELOS DE NEGÓCIO	46
3.2.3. TENDÊNCIAS, POLÍTICAS PÚBLICAS E MODELOS DE GESTÃO DOS DESTINOS.....	50
3.2.4. RECURSOS E TIPOLOGIAS DA OFERTA	55
3.2.5. ESTUDO CASO	57
3.2.5.1. ITÁLIA.....	59
3.2.5.1.1. AEROPORTO DE PISA - <i>Toscany strategical gateway</i>	59
3.2.5.1.2. EVIDÊNCIA: ROMA	64
3.2.5.1.3. FRASCATI, ROCCA DI PAPA, NEMI E LAC DE NEMI, CASTEL GANDOLFO.....	68
3.2.5.1.4. MONTEPULCIANO, SAN GIMINGNIANO e VOLTERRA	74
3.2.5.1.5. EVIDÊNCIA: SIENA, FLORENÇA e VALE de CHIANTI, e PANZANO.....	85
3.2.5.3. CONCLUSÕES.....	92
4. ÁREA DE INTERVENÇÃO: ALENTEJO E RIBATEJO.....	99
4.1. LOCALIZAÇÃO E FIGURA	99
4.2. CARACTERIZAÇÃO BIOFÍSICA SUMÁRIA	105
4.2.1. OROGRAFIA E SOLOS	105
4.2.2. CLIMA E TEMPO.....	109

4.2.3. HIDROGRAFIA	117
4.2.4. SOLOS, COBERTO VEGETAL E FAUNA	119
4.3. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA.....	125
4.3.1. DEMOGRAFIA.....	125
4.3.2. ATIVIDADE ECONÓMICA.....	130
4.3.3. ESTRUTURA URBANA E CAMPO	135
4.3.4. REDES DE ARTICULAÇÃO INTERNA E EXTERNA	137
4.4. O TURISMO E O RECREIO NA ÁREA DE INTERVENÇÃO	141
4.4.1. O SIGNIFICADO PARA A ÁREA DE INTERVENÇÃO DAS GRANDES TENDÊNCIAS DO TURISMO	141
4.4.2. EXPRESSÃO E SIGNIFICADO ATUAL.....	155
4.4.3. O TURISMO CULTURAL ENQUANTO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E LOCAL.....	180
5. O TOURING CULTURAL E PAISAGÍSTICO NA REGIÃO DO ALENTEJO E RIBATEJO	182
5.1. DISTRIBUIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO <i>TOURING</i> CULTURAL E PAISAGÍSTICO NO ALENTEJO E RIBATEJO	185
5.1.1. LEZÍRIA DO TEJO	185
5.1.2. ALENTEJO LITORAL.....	197
5.1.3. ALTO ALENTEJO	209
5.1.4. ALENTEJO CENTRAL	219
5.1.5. BAIXO ALENTEJO.....	234
5.2. ROTAS, ROTEIROS E RECURSOS: PROPOSTAS PRELIMINARES PARA O <i>TOURING</i> CULTURAL E PAISAGÍSTICO NO ALENTEJO	249
5.2.1. ROTA VICENTINA	249
5.2.2. ROTA DA ARTE CONTEMPORÂNEA.....	250
5.2.3. ROTA VIAJAR COM OS ESCRITORES	251
5.2.4. ROTEIROS DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA	253
5.2.5. ROTAS GASTRONÓMICAS	254
5.2.6. ROTA DO MONTADO	258
5.2.7. ROTA DOS MINEIROS, MINÉRIOS E MINERAIS	259
5.2.8. ROTA DA FOTOGRAFIA E DAS PAISAGENS CÉNICAS	260
5.2.9. ROTA DO SAGRADO	261
5.2.10. ROTA DAS VIAGENS COM ESTÓRIAS.....	264
5.2.11. ROTA DO CONTRABANDO	266
5.2.12. ROTA DOS ARTESÃOS OU DAS ARTES E DOS OFÍCIOS TRADICIONAIS.....	267
5.2.13. ROTA DO AZULEJO.....	268
6. ANEXOS – Fichas - POI - Points of Interest - Municípios.....	269

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Modalidades de frequência para o <i>Touring</i> Cultural e Paisagístico	19
Figura 2 – Síntese da estrutura e do roteiro do Plano de Desenvolvimento Estratégico para o Turismo Cultural no Alentejo.....	26
Figura 3 – Modelo conceptual de trilhos e rotas	31
Figura 4 – Cultura e Turismo: universo conceptual.....	31
Figura 5 – Dos universos cultura aos universos do turismo cultural.....	32
Figura 6 – A cultura como condição endógena e singular da atratividade turística	33
Figura 7 – Turismo Cultural enquanto pipeline para o desenvolvimento do Produto Turístico	34
Figura 8 – Importância do turismo cultural na decisão de visitar um destino.....	36
Figura 9 – Modelos conceptuais para a operacionalização do <i>Touring Tourism</i>	41
Figura 10 – Consumo e Redes Culturais na Europa	43
Figura 11 – O sistema do turismo cultural	46
Figura 12 – Do turismo cultural de massas às experiências turísticas culturais e paisagísticas	47
Figura 13 – O turismo cultural enquanto forma de turismo alternativo	50
Figura 14 – Modelo de Desenvolvimento para introdução do conceito de Experiências Culturais	52
Figura 15 – Premissas para a adoção de um modelo de Experiências Culturais no século XXI	53
Figura 16 – Itinerário Ação Benchmarking Itália – Principais <i>Spots</i>	58
Figura 17 – Aeroporto de Pisa - Perfil.....	59
Figura 18 – Aeroporto de Pisa - Estratégia.....	60
Figura 19 – Aeroporto de Pisa – Evolução do Tráfego	61
Figura 20 – Roca di Papa	69
Figura 21 – Lago Albano – Castel Gandolfo	70
Figura 22 – Orvieto	74
Figura 23 – Províncias Italianas e principais centros urbanos.....	75
Figura 24 – Montepulciano: Tecnologia Informativa QR Code (Smartphone)	76
Figura 25 – Montepulciano: Sistema de Transporte Hop-on / Hop-Off.....	77
Figura 26 – Espaço Comercial (Layout, Ambiente de Vitrinismo)- Montepulciano.....	78
Figura 27 – Mostra e Prova de Produtos Regionais em Espaços Comerciais - Montepulciano	79
Figura 28 – Centro de Informações e Reservas da Comunidade de Volterra	80
Figura 29 – Unidade de Agroturismo no Vale de Chianti	81
Figura 30 – Festival de Vinho em Panzano	86
Figura 31 – Florença: Pormenor do Sistema de Acesso e Controlo a Zona de Tráfego Limitado.....	87
Figura 32 – Pormenor de sinalética de prevenção, emergência e segurança: Montepulciano	88
Figura 33 – Pormenor sistema integrado de informação prevenção, emergência e segurança	89
Figura 34 – NUTS e território de intervenção do PEDTNAR.....	101
Figura 35– Modelo de elevação (TIN) da AI	107

Figura 36 – Regiões climáticas de Portugal Continental	111
Figura 37 – Precipitação média acumulada anualmente em Portugal Continental	113
Figura 38 – Diferenciação climática de Portugal Continental (verão/inverno).....	114
Figura 39 – Clima de Portugal Continental, segundo a classificação de Koppen	116
Figura 40 – Ocupação/uso do solo (Corine Land Cover) na AI.....	123
Figura 41 – Áreas protegidas na AI	124
Figura 42 – Densidade populacional dos municípios da AI (2011).....	126
Figura 43 – Estrutura etária da população Residente no Alentejo por sexo, 2001 e 2011	128
Figura 44 – Taxa de Analfabetismo em 2011 e variação por município no período 2001/2011	129
Figura 45 – Emprego e Desemprego por Ramo de Atividade e Género no Alentejo (2011)	132
Figura 46 – Ramo de atividade económica de especialização regional, 2011	133
Figura 47 – Densidade Populacional e Lugares com mais de 2.000 residentes ou mais no Alentejo (2011).....	136
Figura 48 – Movimentos pendulares (interações regionais) no Alentejo, 2011	138
Figura 49 – Perfil do Turista da Região do Alentejo - Motivações.....	156
Figura 50 – Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros, 2013.....	158
Figura 51 – Capacidade média de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros, por NUTS II, 2013.....	160
Figura 52 – Equuspolis - Golegã	187
Figura 53 – Porto da Aldeia do Escaroupim	188
Figura 54 – Salinas da Fonte da Bica – Rio Maior	188
Figura 55 – Museu Municipal de Benavente.....	189
Figura 56 – Museu Municipal de Coruche	189
Figura 57 – Observatório do Sobreiro e da Cortiça - Coruche	190
Figura 58 – Casa-Museu Carlos Relvas – Golegã	191
Figura 59 – Sé Catedral de Santarém	194
Figura 60 – Escola Prática de Cavalaria de Santarém.....	195
Figura 61 – Litoral Alentejano	197
Figura 62 – Ruínas Romanas de Troia	200
Figura 63 – Porto Palafítico da Carrasqueira	201
Figura 64 – Rio Mira (Vila Nova de Milfontes)	202
Figura 65 – Museu do Trabalho Rural da Abela.....	203
Figura 66 – Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal	205
Figura 67 – Ilha do Pessegueiro	205
Figura 68 – Castelo de Alter do Chão	212
Figura 69 – Convento de Santa Clara - Portalegre	214
Figura 70 – Paisagem a partir das ruínas do castelo de Alter Pedroso	215
Figura 71 – Anta do Conjunto Megalítico de Olival da Pega (Monsaraz)	224
Figura 72 – Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos	225
Figura 73 – O Oleiro e a olaria – São Pedro do Corval	226
Figura 74 – Paço Ducal – Vila Viçosa.....	227
Figura 75 – Vista Panorâmica da Torre de Menagem de Estremoz.....	228
Figura 76 – Vista parcial do Castelo de Viana do Alentejo	229
Figura 77 – Pousada/Convento Nossa Senhora da Assunção - Arraiolos.....	230

Figura 78 – Museu de Mértola – Oficina de Tecelagem	241
Figura 79 – Pulo do Lobo	242
Figura 80 – Padaria Tradicional - Vidigueira	244

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Níveis Analíticos do Projeto	20
Quadro 2 – Estrutura e Roteiro do Estudo	23
Quadro 3 - Nível de Preços em 2013 na Europa - contas transporte, cultura e recreio e hotelaria e restauração, ordenado por média	44
Quadro 4 – Premissas do Modelo S-D Logic	49
Quadro 5 – Universo dos serviços associados às experiências turísticas culturais e paisagísticas	55
Quadro 6 – Tipologias do <i>Touring</i> Cultural e Paisagístico	56
Quadro 7 – Síntese das principais evidência da ação de Benchmarking em Itália e seu modo de adequação ao território da ERT Alentejo e Ribatejo.....	96
Quadro 8 – Número de habitantes por km ² – Portugal e Alentejo NUTS II (1960-2011)	125
Quadro 9 – Evolução da procura turística internacional por quota de mercado dos destinos turísticos 1950-2010.....	142
Quadro 10 – Rankings dos principais indicadores de turismo internacional, 2013.....	143
Quadro 11 – Síntese dos significados das tendências do Turismo para a AI.....	148
Quadro 12 – Estabelecimentos, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) - anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo	157
Quadro 13 – Capacidade de alojamento, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) - anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo	159
Quadro 14 – Parques de campismo, área, capacidade de alojamento e pessoal ao serviço,	161
Quadro 15 – Colónias de férias e pousadas de juventude, capacidade de alojamento e pessoal ao serviço, por regiões (NUTS II).....	162
Quadro 16 – Hóspedes, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) – anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo.....	163
Quadro 17 – Dormidas, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) - anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo.....	166
Quadro 18 – Dormidas de campistas, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual	168
Quadro 19 – Dormidas nas colónias de férias e pousadas de juventude, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual.....	170
Quadro 20 – Viagens em Portugal, segundo o motivo e duração (NUTS II de destino)..	171
Quadro 21 – Matriz origem/destino (NUTS II) das viagens realizadas em Portugal, segundo os principais motivos e duração	172
Quadro 22 – Taxa líquida de ocupação-cama, segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II)	173
Quadro 23 – Estada média, segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II)	174
Quadro 24 – Estada média, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual.....	175
Quadro 25 – Estada média de campistas, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual	176
Quadro 26 – Estada média nas colónias de férias e pousadas de juventude, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual.....	177

Quadro 27 – Proveitos totais, segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II).....	178
Quadro 28 – Rendimento por quarto disponível (RevPar), segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II)	179
Quadro 29 – Matriz do questionário sobre os Points of Interest (POI's) aplicado aos municípios do Alentejo.....	183
Quadro 30 – Municípios do Alentejo visitados no âmbito do trabalho de campo realizado	184
Quadro 31 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à sub-região Lezíria do Tejo.....	185
Quadro 32 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à região do Litoral Alentejano	197
Quadro 33 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à sub-região do Alto Alentejo	209
Quadro 34 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à sub-região do Alentejo Central	219
Quadro 35 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à região do Baixo Alentejo	234

1. PREÂMBULO

A reestruturação territorial da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo (ERT Alentejo e Ribatejo) não só integrou na sua estrutura de base os pólos do Alqueva e do Alentejo Litoral, mas também ampliou a sua área de influência a Santarém e a outros dez municípios da Lezíria do Tejo.

Quer este novo recorte territorial, quer a própria evolução verificada nas características de base dos principais mercados emissores, aconselha o repensar do quadro estratégico e competitivo da região, seja no que se refere aos produtos turísticos já consolidados, seja, sobretudo, no que diz respeito à paleta de apostas futuras incidentes sobre os principais pólos e eixos territoriais.

Acresce ao anteriormente referido, que se avizinha a vigência efetiva de um novo ciclo de programação dos fundos europeus estruturais e de investimento (2014-2020), facto que se por um lado alarga as janelas de oportunidade existentes, por outro implica a existência de uma cascata estratégica a escalas diferenciadas, perfeitamente definida e articulada para a região, territorial e sectorialmente falando.

Assim, seja no domínio dos Programas Operacionais Temáticos, seja, sobretudo, no que diz respeito ao PO Regional (mas também no PO da política de Desenvolvimento Rural - FEADER) importa criar as condições prévias para que o turismo regional evolua segundo apostas que expressem as duas grandes linhas de reorientação de aplicação dos fundos estruturais expressos pelo governo na sua resolução nº 33/2013: a racionalidade económica e a concentração nas apostas estratégicas.

Neste quadro, visitar as políticas e as práticas do desenvolvimento turístico regional perseguidas nos últimos anos é não só uma medida de inteligência analítica, mas também uma necessidade derivada da necessidade de maximizar os efeitos sectoriais diretos e derivados dos investimentos públicos e privados que se avizinham. Sempre assim foi, mas num quadro de escassez de massa crítica financeira como a que o país atravessa a certa aplicação dos fundos disponíveis ganha contornos de premência ainda mais elevados.

Surgem, assim, um conjunto de estudos que a ERT Alentejo e Ribatejo lançou dirigidos à estruturação de uma paleta de produtos turísticos com forte potencial de

desenvolvimento na região, paleta essa em que o presente trabalho, incidente sobre o *touring* cultural e paisagístico no Alentejo e Ribatejo.

A fileira do *touring* cultural e paisagístico apresenta-se presentemente associada a modelos tradicionais de turismo cultural de massas. Enquanto um produto estruturante da oferta turística em Portugal e na Região, encerra um peso estratégico determinante no desenvolvimento e atratividade da atividade. O seu potencial de crescimento e afirmação carecem, desde logo, não pela quantidade e qualidade dos recursos e das infraestruturas existentes e potenciais, de uma reinvenção criativa, no sentido de responder às tendências do mercado, nomeadamente ao perfil do novo turista. Por outro lado, a crescente competitividade de destinos neste domínio temático exige igualmente novos conceitos de produto, alicerçados em novos princípios de abordagem.

Acresce que, face aos efeitos diretos, indiretos e induzidos do turismo, os territórios e as regiões, em geral, não podem nem o devem desprezar, nomeadamente, o Alentejo e Ribatejo, enquanto região com défices crónicos de dinamismo demográfico, social e económico, muito menos.

Finalmente, importa também sublinhar um outro conjunto de aspetos que acrescem ao domínio da exclusiva delimitação e produção de orientações e estratégias regionais para o desenvolvimento das atividades do *touring* cultural e paisagístico no Alentejo e no Ribatejo - os aspetos informativos, pedagógicos e estimulantes a exercer durante os múltiplos momentos de interação equipa/*stakeholders* que estudos desta natureza sempre encerram, seja sobre aqueles que já se encontram envolvidos no subsetor, seja sobre os que prospectivam, de alguma forma, virem a juntar-se num futuro próximo.

Equipa técnica, mas também atores de dinamização do empreendedorismo regional, eis a missão que o grupo vertente se propõe abraçar.

2. O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

Com base no que foi anteriormente referido, o presente estudo enquadra-se num modelo de planeamento flexível que se pretende equilibrado, integrado, sustentável e consistente.

Equilibrado, no sentido de não provocar e não agravar as assimetrias territoriais já existentes, integrado através do desejável posicionamento holístico - conjugando realidades e potencialidades diversas numa tessitura em que o turismo e o *touring* cultural e paisagístico não são dimensionados isoladamente do que os rodeia e confere significado e relevância, sustentável através de uma conceção de desenvolvimento turístico perdurável e não depredatório do ambiente natural e cultural de que se alimenta e, finalmente, consistente, já que se pretende alicerçar na realidade concreta existente e numa contribuição intensiva dos *stakeholders* e populações locais.

Globalmente, o presente exercício insere-se nos objetivos consensualizados da planificação estratégica turística de base territorial, os quais se podem resumir em:

- Apurar as formas mais eficazes de desenvolvimento e organização do setor turístico em geral e do *touring* cultural e paisagístico em particular, bem como as dimensões que lhe são conexas, os obstáculos e as ameaças com que a atividade se confronta (ou pode vir a defrontar num horizonte temporal próximo), os trunfos existentes, bem como as novas janelas geradas por um mercado turístico em constante e acelerada mudança;
- Reforçar/criar vetores de aderência da atividade turística e do *touring* cultural e paisagístico às mudanças experimentadas nas envolventes distante e próxima;
- Buscar a diferenciação através da combinação virtuosa inovação/qualidade (no turismo em geral, mas muito em particular no produto *touring* cultural e paisagístico);
- Encontrar e estabilizar as condições indispensáveis ao êxito da atividade na área em reformatação: rendibilidade económica e financeira das iniciativas turísticas, produtividade social e cultural, imagem positiva do Alentejo e do Vale do Tejo enquanto destino turístico, coordenação e cooperação entre *stakeholders* e entre

estes e a população geral, planos de *marketing* e efetivos, seja no âmbito da oferta e da procura turística, seja na da atração de investimento turístico produtivo;

- Contrariar o surgimento de entropias ao nível do processo de desenvolvimento turístico que, como já se referiu, se quer sustentado, participado e sociabilizado, mas também a descoordenação e a concorrência desnecessária entre atores (mantendo, contudo, a necessária competição criadora e transformadora), a desarticulação das iniciativas, as atitudes menos cooperantes por parte dos residentes, a delapidação abusiva das matérias-primas do *touring* cultural e paisagístico, a concentração, a massificação, ...

No que respeita às grandes etapas do processo de planeamento estratégico, importa destacar:

- A análise da situação de partida. Aqui se tratará de recolher informação que permita caracterizar não só os contextos externos e internos ao setor, mas também a sua expressão e formatação atual. Entre outros procedimentos evidencia-se a recolha de informação direta e indireta, a identificação, fixação e compatibilização de orientações e instrumentos de regulação incidentes sobre o setor e o subsetor, a inventariação de recursos e infraestruturas mobilizáveis direta ou indiretamente pelo *touring* cultural e paisagístico, a análise da oferta e da procura atuais, bem como os respetivos ajustes dinâmicos, a identificação, avaliação e registo em suportes cartográficos das atividades praticadas e praticáveis, a classificação das mesmas em termos de categorias racionais, de poder atrativo e de propensão para a sazonalidade, a determinação de capacidades de carga e limites aceitáveis de mudança. Síntese e matriz(es) de diagnóstico estratégico.
- A definição de objetivos estratégicos para o *touring* cultural e paisagístico tendo em vista a evolução previsível da atividade ao nível mundial e nacional, a matriz de diagnóstico e as estratégias globais definidas para o Alentejo, o Turismo e o Turismo do Alentejo e, não menos importante, a filosofia de planeamento já descrita.

- A materialização em ações concretas, entre as quais se destacam um programa e ações específicas que viabilizam e corporizam os objetivos definidos, os papéis e responsabilidades conferidos aos diversos *stakeholders* identificados e os instrumentos complementares que viabilizarão e potenciarão a efetivação do plano e seus objetivos e metas, desde o acesso ao financiamento até aos manuais de boas práticas, passando pelos dispositivos de controle e avaliação de resultados e impactes do Plano.

2.1. OBJETIVOS A ALCANÇAR

À luz do que já se avançou anteriormente sobre a importância e a pertinência do estudo vertente – de resto também apoiados pelas opções e apostas que surgem expressas no Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) – e, igualmente, com base nos desideratos da própria ERT Alentejo e Ribatejo nesta matéria, é possível, de forma sintética e condensada, expressar os principais objetivos que o presente trabalho deverá perseguir.

Assim, identificam-se, desde logo, em dois grandes escopos, os objetos centrais do Plano de Desenvolvimento Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico no Alentejo e Ribatejo:

- A conceção e a fundamentação de estratégias tendentes ao desenvolvimento do *touring* cultural e paisagístico na área de intervenção da ERT Alentejo e Ribatejo tendo em vista não só contribuir para o desenvolvimento harmonioso e perdurável do setor turístico regional, mas também, por acréscimo e extensão, concorrer para o aprofundamento e a densificação dos fatores específicos de afirmação competitiva do Alentejo, seja no quadro nacional, seja no internacional.
- A mobilização de *stakeholders* e população em geral para algo que - como o desenvolvimento regional - só poderá ser conseguido num quadro de cooperação e partilha entre os atores e os visados do processo.

No que diz respeito aos objetivos específicos ou colaterais identificam-se:

- A constituição de um soco informativo baseado, sobretudo, na observação e nos contactos diretos, sobre a realidade atual e potencial do *touring* cultural e paisagístico e das atividades com ele conexas;
- A avaliação do ambiente competitivo externo, incluindo o contacto com casos de sucesso ao nível do panorama internacional;

- A avaliação analítica do ambiente competitivo interno, nomeadamente a infraestrutura e superestrutura turística, mas também os fatores básicos de suporte da atividade;
- O contributo para a racionalização e a coerência das políticas e iniciativas públicas de base regional e local;
- O fomento da valorização, por parte dos residentes, do património ambiental, histórico e cultural da região, bem como a promoção da autoestima e do *empowerment* daqueles;
- O reforço da visibilidade e do reconhecimento da marca “Alentejo”;
- A contribuição para o fortalecimento e diversificação da base económica regional;
- O reforço e a harmonização da base demográfica regional;
- A promoção da qualidade de vida das populações.

Todos os objetivos atrás identificados devem ser conseguidos num quadro ético e filosófico que incorpore as mais recentes preocupações/orientações que subjazem às atividades turísticas e ao planeamento e ordenamento do território. Entre elas sublinham-se: a participação e a incorporação da energia criadora dos agentes e dos atores do território; a definição de objetivos e metas exequíveis; a incorporação de fatores de flexibilidade no processo de planeamento; a compatibilização intersectorial e interfuncional; a adoção de vetores de inovação no respeito dos valores tradicionais; a perseguição da competitividade, através de fatores virtuosos como a qualidade e a diferenciação; a promoção da responsabilidade empresarial e social, mas também a responsabilização dos visitantes e dos turistas; a justiça territorial e social; a sustentabilidade e a cooperação, entre outros aspetos.

2.2. METODOLOGIA, COMPONENTES E PROCEDIMENTOS

Do ponto de vista metodológico, importa ter presente que o estudo vertente oferece alguns problemas específicos que o condicionam e que impõem soluções que não sendo as ideais são aquelas que o decurso temporal imposto ao estudo permitem.

Falamos, desde logo, do cruzamento entre duas dimensões que, pelo seu âmbito alargado, induzem a introdução de fatores de sistematização e de redução: a dimensão, diversidade e complexidade da base territorial da área de intervenção, a abrangência do conceito de *touring* cultural e paisagístico, sobretudo quando ele deve ser encarado, como é o caso vertente, conjuntamente com aquilo que lhe está a montante e a jusante.

Assim, os procedimentos de economia analítica adotados neste trabalho passaram por:

- Adotar uma abordagem do tema em escalas diferenciadas as quais se deverão integrar em cascata, desde um nível mais abrangente em que o esforço analítico será efetuado de forma mais extensiva, até um outro, mais localizado e restrito, em que incidirá um esforço mais detalhado e intensivo.
- Efetuar a passagem entre cada um dos níveis atrás referidos, através de procedimentos claramente identificados – aplicação de critérios de aglomeração ou filtros –, os quais nos permitirão efetuar o agrupamento das unidades de análise em conjuntos com nexos espaciais evidentes ou, noutros casos, restringir o esforço reflexivo àquilo que é considerado efetivamente central.
- A estruturação dos já referidos níveis analíticos através do cruzamento, a escalas diferenciadas, de dois vetores nucleares, um de natureza espacial, os territórios que contêm o fenómeno em estudo, e outro de natureza temática, o conteúdo em apreço, nas suas variadas facetas e dimensões.

Em síntese, o racional que presidirá à estrutura metodológica será a aplicação de varrimentos analíticos interligados, do geral para o particular e com um detalhe e minúcia inversamente proporcional à abrangência do binómio espaço/fenómeno.

O estudo incidente sobre o *touring* cultural e paisagístico reveste-se de características bastante específicas, pelo que, para o seu cabal e atempado desenvolvimento, importa efetuar uma reflexão sólida, não só sobre os contornos conceptuais a utilizar, mas também sobre os mecanismos de exequibilidade operacional a adotar.

Concretamente, quer o quadro territorial alargado, quer a vastidão da paleta associada ao binómio cultura/natura, quer, ainda, a imprecisão que recai sobre o âmbito e o âmago do “*touring tourism*” apontam no sentido de estruturar o estudo recorrendo a quatro pilares teórico-metodológicos fundamentais:

- i) Clarificação de âmbitos e sistematização estrutural das três vertentes principais que se cruzam no presente exercício – estrutura territorial da análise, matéria-prima a considerar, produtos/resultados a obter.
- ii) Organização de um quadro relacional, lógico e operativo, entre territórios, recursos e ofertas.
- iii) Construção e aplicação de procedimentos consensualizados de redução de componentes e de síntese de resultados.
- iv) Estabelecimento de um roteiro operativo exequível face a duas necessidades nem sempre totalmente compatíveis – participação máxima dos *stakeholders*; duração mínima dos trabalhos.

Assim, e sem prejuízo de alterações que venham a ser consideradas pertinentes e convenientes, propõe-se a adoção dos parâmetros balizadores e organizadores que se apresentam e explicam em seguida.

1 – Estruturação e organização conceptual

a) Território

Serão utilizados três níveis analíticos, que representam perspetivas incidentes em escalas diferenciadas:

- Nível regional – território da Área de Intervenção (AI), que compreende o Alentejo na sua recente configuração (inclui a Lezíria do Tejo).
- Nível Sub-regional – Inclui as NUT3 Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo, Alentejo Litoral e Lezíria do Tejo.

- Nível Local – inclui cada um dos municípios (num total de 58) que configuram a AI.

b) Recursos patrimoniais

Serão estruturados em cinco categoriais principais, cada uma delas contendo os elementos que foram identificados na proposta efetuada pela equipa.

- Património Histórico Arquitetónico
- Património Industrial e Manufatureiro
- Património Rural
- Património Simbólico-cultural
- Património Natural-cultural
- Outro património material ou imaterial

c) Organização espacial do universo de base

Os recursos identificados serão organizados em três grandes perspetivas lógicas de associação e análise espacial.

- Perspetiva em mancha – referente aos grandes aglomerados e domínios de ordem cultural e natural.
- Perspetiva linear – referente aos itinerários, rotas e circuitos.
- Perspetiva pontual – relativa aos sítios patrimoniais (*spots*).

d) *Touring tourism*

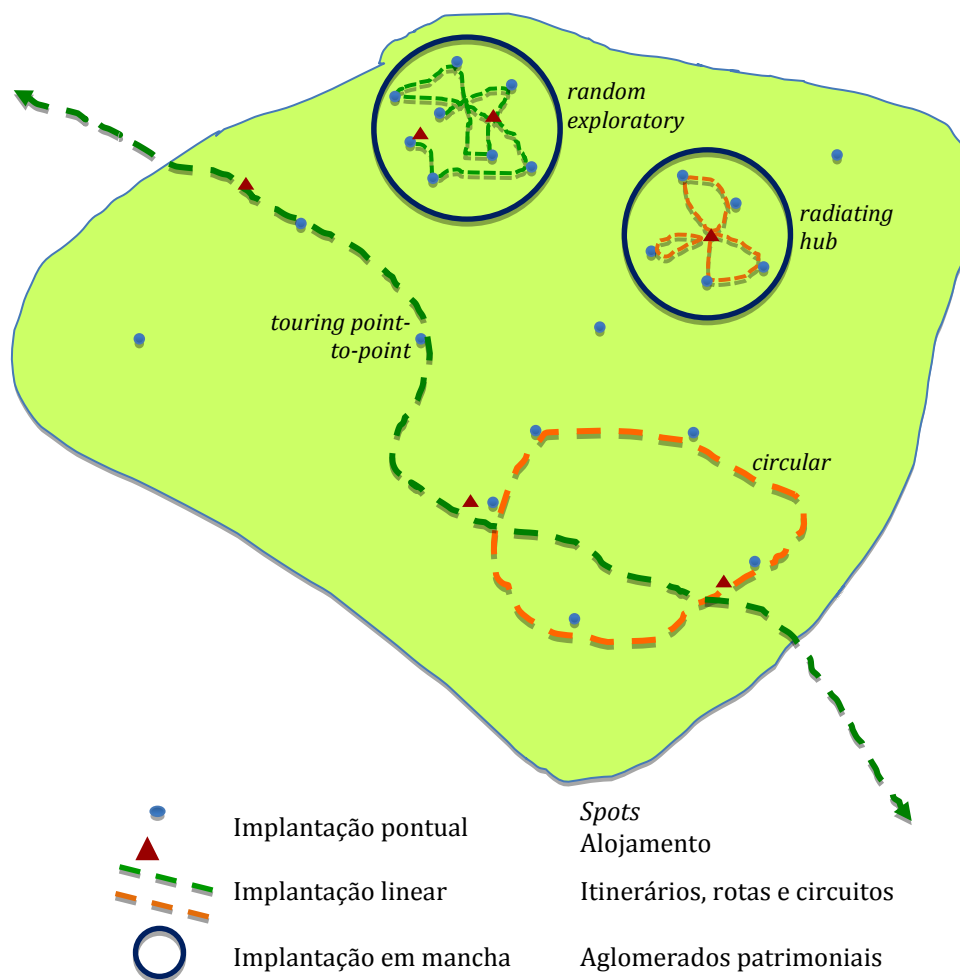
Será encarado como uma modalidade de turismo em que o elemento deslocação durante a estada assume um papel preponderante, enquanto agregador da dimensão motivacional e enquanto estruturador da duração e da natureza da estada.

Serão consideradas as seguintes modalidades principais de frequência:

- Deambulação não estruturada por área motivacional (*random exploratory*).
- Itinerários, rotas e circuitos estruturados internos à área geográfica de referência (*touring point-to-point* ou *circular*).

- Troços de itinerários, rotas e circuitos estruturados de natureza extra territorial (relativamente à área de referência; *touring point-to-point* ou *circular*).
- Visitação radial de *spots* tendo como base um ou mais (normalmente em quantidade limitada) locais de alojamento (*radiating hub*).

Figura 1 – Modalidades de frequência para o *Touring Cultural e Paisagístico*



Fonte: Adaptado de Lew & Mckercher, 2006

2 – Articulação de componentes

A articulação entre os vários componentes anteriormente identificados efetua-se através de várias *layers*, das quais, neste primeiro relance analítico, sublinharemos somente aquela que corresponde ao travejamento principal – e mais simplificado – do edifício relacional que se propõe construir.

Convém referir que o quadro seguinte coloca em relação aspetos conceptuais de partida (duas primeiras colunas) com a forma como eles se expressam no trinómio relacional território/património/turismo.

Quadro 1 – Níveis Analíticos do Projeto

Níveis analíticos	Implantação	Território	Património	Turismo
Nível 1 – Região	Mancha	Alentejo e Ribatejo (Lezíria do Tejo)	Grandes áreas patrimoniais e áreas especiais de concentração	Frequentação não estruturada
Nível 2 – Sub-região	Linear	Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo, Alentejo Litoral e Lezíria do Tejo	Itinerários, rotas e circuitos, internos e externos	Frequentação estruturada e sequencial
Nível 3 – Local	Pontual	Municípios (58)	Sítios patrimoniais/ <i>spots</i>	Visitação radial

Fonte: Própria

3 – Filtros redutores do universo de partida

Tendo em vista a necessidade de obter resultados em tempo útil e considerando o vastíssimo universo patrimonial, torna-se imprescindível introduzir mecanismos que procedam à redução do mesmo a subuniversos suscetíveis de serem operacionalizados, não só em termos da sua consideração como peças incontornáveis do *puzzle* que pretendemos montar, mas também enquanto destinos a serem alvo do trabalho de campo a efetuar pela equipa do estudo.

Para tanto é indispensável considerar e aplicar procedimentos de redução claros nos seus racionais e tão consensuais quanto possível.

Propõe-se, neste particular, introduzir critérios de seleção (onde e quando se justifiquem) balizados pela importância dos elementos patrimoniais, importância essa considerada através de um prisma absoluto, mas também por via da sua importância relativa, face ao espaço considerado, face ao domínio temático e, também, face ao quadro relacional.

Por outro lado, sabendo da subjetividade que é necessariamente associada a este tipo de trabalho, a qual só poderia ser minimizada aplicando técnicas complexas e altamente

consumidoras de esforços e de tempo (e sempre discutíveis) de avaliação do potencial turístico dos sítios patrimoniais¹, optar-se-á por um procedimento misto e simplificado que se baseará (i) na organização inicial pela equipa do trabalho de uma *shortlist* tendo por base a opinião qualificada de um conjunto de instituições e autores; (ii) confronto dessa lista com a opinião de um painel de peritos da temática em apreço e de efetivos conhecedores do território considerado.

Assim, serão considerados:

- Áreas patrimoniais – todas as identificadas.
- Itinerários, rotas e circuitos – todos os identificados com expressão atual ou potencial.
- *Spots* – Para cada município e para além daqueles que eventualmente derivarão do varrimento linear: os seis mais importantes em termos absolutos (6), os dois mais importantes por cada domínio temático considerado (12), os dois mais importantes tendo em conta critérios de complementaridade e adicionalidade face a espaços vizinhos (2). Total parcial = 20 x 58 = 1160.

4 – Operacionalização e procedimentos

Na sequência do que foi anteriormente avançado sugere-se como roteiro operacional os procedimentos seguintes:

- Levantamento de fontes de informação incidentes sobre o universo patrimonial.
- Organização de uma lista global de recursos patrimoniais estruturada e organizada em função dos racionais já descritos.
- Discussão dos critérios de filtragem com a ERT Alentejo e Ribatejo.
- Elaboração de conjuntos de fichas pela equipa traduzindo a aplicação dos filtros qualitativos enunciados.
- Organização de conjuntos de reuniões com nexos espaciais onde se pretenderá:
 - a) Explicar e discutir os critérios de seleção.

¹ Que se organizam em torno de três tipos principais de abordagens: a avaliação analítica do potencial turístico, a avaliação económica dos recursos patrimoniais ou a avaliação através das preferências dos frequentadores.

- b) Proceder ao preenchimento de um conjunto de fichas, previamente disponibilizadas em branco pela equipa, por parte dos *stakeholders* presentes.
 - c) Confrontar as opções de preenchimento das fichas com os resultados obtidos pela equipa.
 - d) Discutir e estabilizar as *shortlists*.
 - e) Debater os resultados alcançados com a ERT Alentejo e Ribatejo.
- Trabalho de campo acompanhado das entidades locais.

2.3 ESTRUTURA E ROTEIRO DO ESTUDO

Tendo por base tudo o que foi anteriormente referido, passaremos agora, de forma mais precisa, a especificar o roteiro concreto do estudo, procurando dar conta dos aspetos característicos que o formatarão.

Para tanto, tendo em vista a economia expositiva, utilizaremos um quadro no qual serão inscritas as grandes fases do trabalho já apontadas, mas também as suas componentes principais, bem como os recursos que serão mobilizados. O referido quadro contará, ainda, com um conjunto de observações tidas como importantes para justificar e especificar as opções tomadas.

Sublinha-se, mais uma vez, que a estrutura e o roteiro adotados no presente estudo, embora configurando uma abordagem clássica em “Y”, composta pelo tema e pelo território nos ramos superiores e pela sua junção no inferior (o tema no território), pelas razões já apontadas remete-nos para uma estrutura efetiva bastante mais complexa cujo racional se deve procurar na necessidade de proceder a leituras e análises a escalas territoriais e temáticas diferenciadas.

Quadro 2 – Estrutura e Roteiro do Estudo

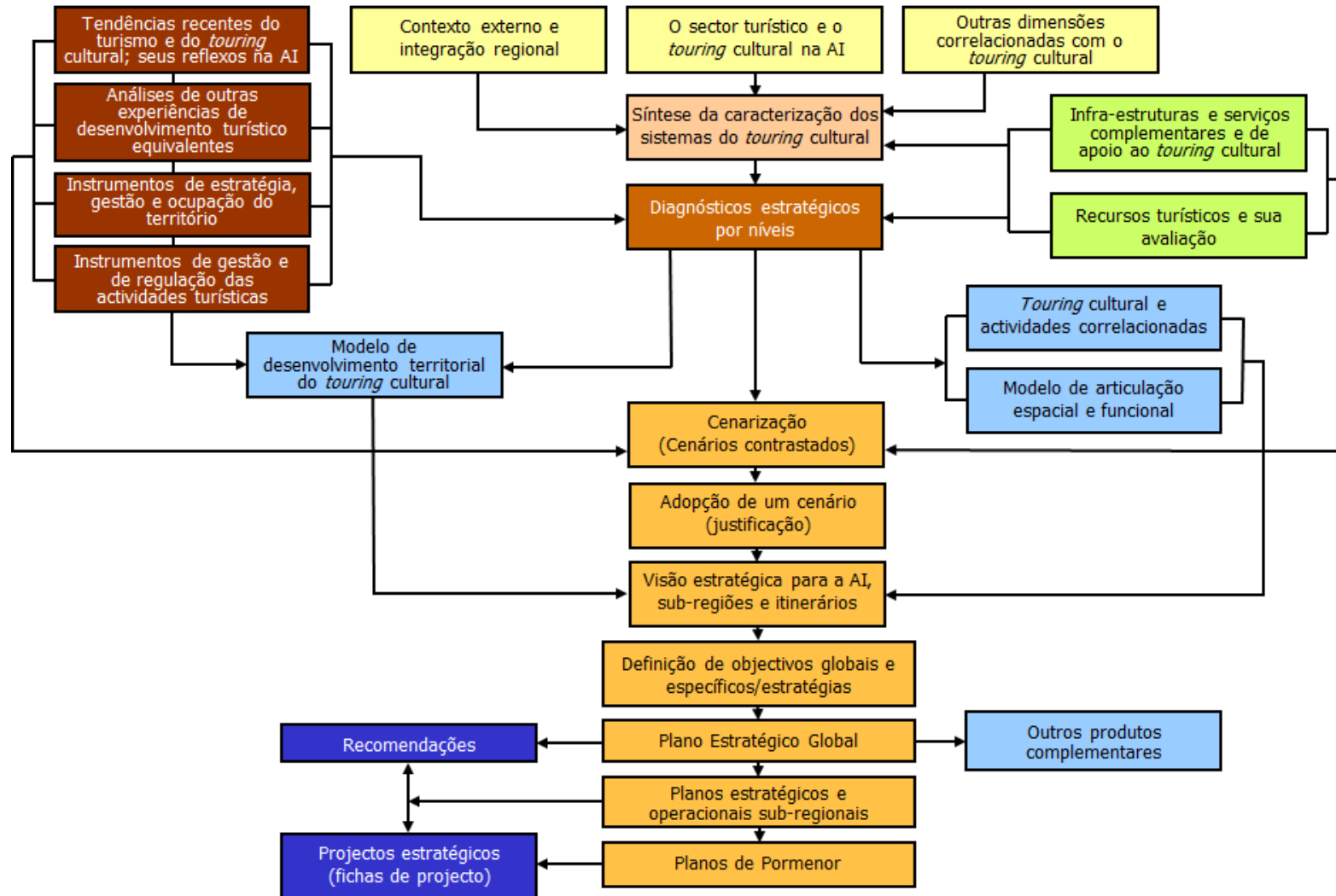
Fases	Componentes principais	Conteúdos	Inputs, procedimentos e outputs	Observações
Caracterização e Diagnóstico	Preâmbulo e desenvolvimento do estudo	Objetivos, metodologia, componentes e procedimentos	Informação secundária geral sobre estudos e planos	
	O <i>touring</i> cultural e paisagístico enquanto produto global	Conceitos utilizados e seu significado concreto	Informação secundária sobre <i>touring</i> cultural e paisagístico	Atividades e práticas, domínios espaciais incluídos no estudo
		A procura de <i>touring</i> cultural e paisagístico, expressão atual e potencial de crescimento, perfis dos turistas, atrações, atividades e experiências	Informação secundária – estudos e relatórios sobre o <i>touring</i> cultural e paisagístico e seu enquadramento no setor	O <i>touring</i> cultural e paisagístico enquanto subsetor turístico global Nautas funcionais e nautas mentais.
		A oferta de <i>touring</i> cultural e paisagístico, os territórios do <i>touring</i> mundial, recursos, fatores de suporte e modelos de negócio, políticas públicas e gestão dos destinos de <i>touring</i> , estudos de caso.	Informação secundária – estudos e relatórios sobre o <i>touring</i> cultural e paisagístico e seu enquadramento no setor Observação direta de casos e experiências relevantes	O <i>touring</i> cultural e paisagístico enquanto subsetor turístico global <i>Benchmarking</i>
		A área de intervenção Alentejo e Ribatejo, localização e figura, caracterização biofísica, caracterização sócio económica, as atividades turísticas na área de intervenção	Informação secundária – estudos, relatórios e planos com incidência sobre o território de suporte	As características fundamentais do território de base – orografia e solos, clima e tempo, hidrografia, vegetação e fauna, demografia e atividades económicas, espaço urbano e rural, redes, a atividade turística e recreativa sua situação atual e potencial

Fases	Componentes principais	Conteúdos	Inputs, procedimentos e outputs	Observações
Caracterização e Diagnóstico (Cont.)	O <i>touring</i> cultural e paisagístico na região do Alentejo e Ribatejo	Distribuição e caracterização do <i>touring</i> cultural e paisagístico na área de intervenção, suas distribuições e significados territoriais	Informação secundária – estudos, e relatórios Reuniões com os <i>stakeholders</i> Observação direta dos locais	Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo, Alentejo Litoral e Lezíria do Tejo
	O desenvolvimento do <i>touring</i> cultural e paisagístico na região do Alentejo e Ribatejo	A região e o <i>touring</i> cultural e paisagístico – síntese da caracterização, avaliação de recursos numa ótica prospetiva, diagnóstico estratégico regional. Critérios para a fixação dos nexos sub-regionais Subespaços e segmentos do <i>touring</i> cultural e paisagístico, síntese de caracterização, diagnósticos estratégicos. Critérios e operacionalização tendentes à identificação dos locais específicos de desenvolvimento do <i>touring</i> cultural e paisagístico Espaços estratégicos de desenvolvimento do <i>touring</i> cultural e paisagístico, espaços monovocacionais, multivocacionais e redes Diagnósticos estratégicos focalizados sobre os <i>spots</i>	Informação secundária – estudos, e relatórios Reuniões com os <i>stakeholders</i> Observação direta dos locais Reuniões de <i>focus group</i> com os atores mais relevantes Painéis de especialistas	Reorganização e síntese da informação recolhida Cruzamentos entre Região, sub-regiões e locais privilegiados com produto, segmentos e atividades específicas Diagnósticos estratégicos
Proposição e ação	O desenvolvimento do Alentejo e do Ribatejo tendo por base o <i>touring</i> cultural e paisagístico	Visão estratégica regional, objetivos metas, estratégias e produtos As estratégias sub-regionais e seu enquadramento no tecido regional Territórios específicos e redes, integração sub-regional e regional Cenários de desenvolvimento	Acervo informativo e reflexivo produzido no âmbito da Fase I Painéis de peritos Reuniões/seminários com <i>stakeholders</i> privilegiados	Desenvolvimento do edifício estratégico a escalas diferenciadas

Fases	Componentes principais	Conteúdos	Inputs, procedimentos e outputs	Observações
Proposição e ação (Cont.)	Plano de ação para o <i>touring</i> cultural e paisagístico do Alentejo e Ribatejo	Estrutura do plano – justificação Recomendações e ações de carácter transversal Recomendações e ações de dimensão sub-regional Planos de pormenor para os espaços específicos de desenvolvimento turístico Sínteses por segmentos e produtos	Todo o património informativo e reflexivo produzido anteriormente	Resultados concretos do trabalho ao nível de planos e peças desenhadas
Acompanhamento, promoção e formação	Produtos complementares	Plano de monitorização, plano de <i>marketing</i> e plano de formação	Fase I e II Painéis de peritos Reuniões/seminários com <i>stakeholders</i> privilegiados Levantamento da oferta educativa e formativa	Esta fase do trabalho será produzida e entregue em momento ainda não discutido com a ERT Alentejo e Ribatejo

O presente ponto terminará com um diagrama que terá como finalidade dar conta, de uma forma gráfica facilmente apreensível, das relações lógicas entre as dimensões principais do atual estudo, servindo este documento, em acréscimo, como síntese do processo de desenvolvimento do estudo e como seu roteiro facilmente consultável a qualquer momento.

Figura 2 – Síntese da estrutura e do roteiro do Plano de Desenvolvimento Estratégico para o Turismo Cultural no Alentejo



3. O *TOURING TOURISM* ENQUANTO PRODUTO GLOBAL

3.1. ABRANGÊNCIA CONCEPTUAL

3.1.1. *TOURING*: DO CONCEITO ÀS FORMAS DE EXPRESSÃO DO PRODUTO

O âmbito do *touring* estabelece-se partir de um conjunto de diferentes tipologias de corredores ou vias, os quais permitem a ligação entre diferentes pontos de interesse. Na sua diversidade estes corredores e vias, quer pelos seus enquadramentos cénicos e paisagísticos, quer pelas suas características endógenas, bem como pelas suas formas de uso e meios associados para circulação, configuram o *touring* per si como um universo temático amplo, rico e diversificado. A associação dos diferentes conceitos e tipologias endógenos do *touring* tornam igualmente difícil a sistematização deste campo temático, importando todavia reconhecer as suas principais tipologias.

TRILHOS E ROTAS

Os trilhos são essencialmente um caminho linear, podendo assumir diferentes temáticas, sendo as suas origens diversas, mas essencialmente associadas a uma função histórica de transporte ou viagem. A rota, por outro lado, é geralmente mais abstrata, ligando diferentes recursos naturais ou culturais semelhantes, os quais em conjunto, estabelecem um linear temático. As rotas cénicas, ou estradas cénicas, tornaram-se mais importantes desde o ano 1980 e utilizam estradas e rodovias localizadas em áreas naturais e culturais pitorescas que aportam elevado valor estético aos transeuntes (Schill & Schill, 1997).

Existe uma vasta gama de definições do termo 'rota', dependendo da agência ou indivíduo que o define e da respetiva finalidade (Jensen & Guthrie, 2006; Moore & Ross, 1998; Moore & Shafer, 2001). A maioria das definições são orientadas para a recreação ao ar livre, enfatizando corredores em áreas protegidas e outros ambientes naturais ou culturais vocacionados para percursos a pé, de bicicleta ou a cavalo; estas definições muitas vezes excluem o acesso e uso de veículos motorizados, embora haja muitos trilhos de recreio que são especificamente dedicados a motociclos e outros veículos

todo-o-terreno. Num sentido amplo, poderemos definir trilhos (caminhos, rotas, percursos) como todos os corredores lineares naturais ou feitos pelo Homem em áreas rurais ou urbanas, designados para o uso recreativo, por turistas ou viajantes, independentemente do seu modo de transporte.

CAMINHOS E PERCURSOS

Caminhos, carreiros e percursos pedestres são geralmente caminhos estreitos que foram trilhados ou batidos por seres humanos, animais, bicicletas ou outros agentes. Eles são um tipo de corredor normalmente encontrado em regiões selvagens e áreas rurais, apesar de encontrarmos destes corredores associados a vilas e cidades, frequentemente em parques ou ao longo de carreiros e canais. Os caminhos são utilizados para fins de lazer, como passear no campo, ou para o transporte em cidades ou entre aldeias.

Há igualmente corredores deste tipo vocacionados para montar ou transporte a cavalo (Beeton, 1999; Painel de Campo, 1987).

Neste âmbito importa destacar o conceito de “Direito de Passagem”. Este termo mais comum no Reino Unido e na Europa do que na América do Norte ou outras partes do mundo, visa identificar caminhos, isto é, itinerários de passagem que o público tem o direito legal de usar em qualquer momento. A sinalização e manutenção destes corredores deve ser uma prioridade das entidades públicas, em particular para as autarquias, na medida em que os mesmos se revestem de particular interesse para a comunidade, quer pelo seu uso laboral, quer recreativo. Estes corredores devem igualmente ser assinalados nos seus pontos de interesse, bem como infraestruturados com alojamento, parques de estacionamento, de apoio e de recreio, bem como de informação.

GREENWAYS (VIAS VERDES)

Greenways diferem dos trilhos, embora muitos incluam trilhos de recreio ou de transporte, e permitem, por vezes, a ligação entre diferentes trilhos.

De acordo com Little (1990:1), vias verdes podem ser de forma ampla entendidas como incluindo espaços lineares abertos ao longo de corredores naturais (por exemplo, rios)

ou recursos criados pelo Homem (por exemplo, ferrovias, percursos cénicos ou canais de rega); cursos naturais ou paisagísticos para uso pedestre ou de bicicleta; conectando espaços abertos, como áreas naturais protegidas, parques e locais históricos. Little também reconheceu a existência de cinco tipos destas vias:

- urban riverside greenways
- recreational greenways
- ecologically important natural corridors (natural greenways)
- scenic and historic routes (cultural greenways)
- comprehensive greenway networks.

Muitas investigações têm enfatizado o papel das vias verdes e suas funções nas áreas urbanas. Estas incluem, mas não estão limitadas, a recreação, vias de transporte, desenvolvimento económico, habitats de vida selvagem, embelezamento cénico em geral e gestão de águas pluviais (Frauman & Cunningham, 2001; Jim & Chen, 2003; Moore & Shafer, 2001; Palau *et al.*, 2012).

CIRCUITOS TURÍSTICOS

Os Circuitos Turísticos são percursos importantes para a compreensão do crescimento do turismo, suas dinâmicas regionais e as suas ligações, bem como as tradições de procura de um determinado mercado para a uma determinada região e seus produtos.

Os circuitos são igualmente relevantes na medida em que evoluíram ao longo dos anos em redes preferidas que são percorridas de forma independente ou na forma de pacote turístico (em grupo acompanhado por guia).

No contexto dos circuitos realizados de forma independente têm-se destacado os *backpackers*, para além de outros viajantes independentes. Conhecido como *drifter tourism*, esta forma de visitar atrações de renome internacional tem mitificado lugares e gerou uma "subcultura móvel de mochileiros internacionais que utilizam uma infraestrutura turística quase inteiramente autónoma, seguindo trilhos próprios

(Westerhausen & Macbeth, 2003: 71). Muitos destes “gringo trails” ou “hippy trails” “pode ser encontrada em todo o mundo, mas particularmente nas regiões em vias de desenvolvimento (Hampton, 2013).

Entre os destinos preferidos pelos *backpackers*, destacam-se os circuitos no sudeste asiático, nomeadamente os que visitam Bangkok, Koh Samui, Koh Phi Phi e Chiang Mai (Tailândia); Luang Prabang, Vang Vieng e Vientiane (Laos); Hanói, Dong Ha e Hué (Vietname); Phnom Penh e Siem Reap / Angkor Wat (Camboja); e Penang, Pangkor e Kuala Lumpur (Malásia) (Backpacker Guides, 2012).

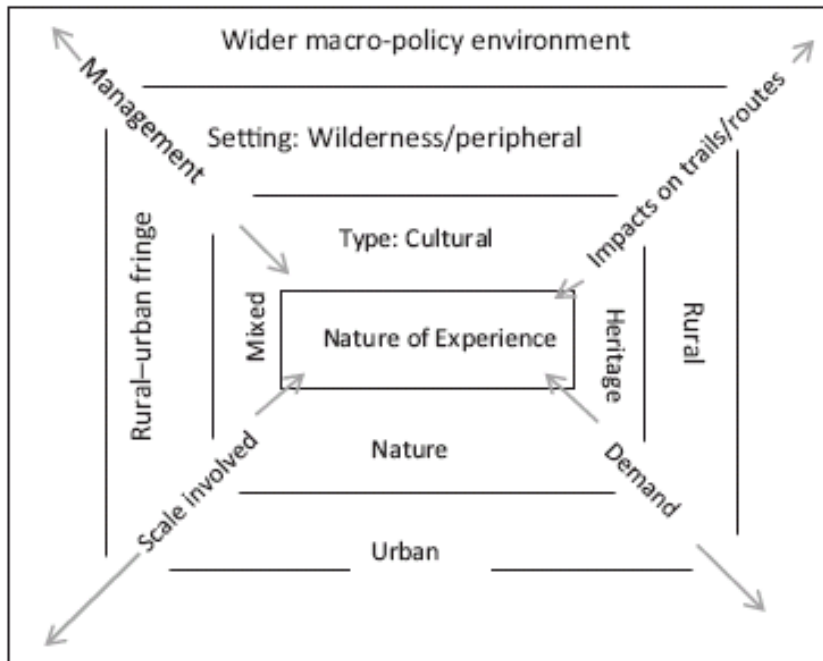
Estes são todos considerados destinos “must-do” nos circuitos para *backpackers* no Sudeste Asiático e incluem uma mistura de cultura, natureza e praias. Da mesma forma, um circuito *drifter/nomad* popular na Austrália é conhecida como o Harvest Trail, onde mochileiros viajam pelo país ao longo de circuitos conhecidos, colhendo frutas e vegetais em temporada em troca de dinheiro, dormida e comida (Cooper et al., 2004).

Neste domínio dos circuitos não oficiais/institucionais, além dos circuitos dos *backpackers*, incluem-se ainda os reconhecidos circuitos turísticos, operacionalizados por empresas de turismo (operadores turísticos) e viajantes individuais numa base regular. Estes podem igualmente assumir muitas formas espaciais (Zillinger, 2007). Muitos deles são baseados em redes ponto-a-ponto envolvendo capitais, e na maioria dos casos ligando locais famosos associados a turismo de massas. Circuitos turísticos comuns na Europa Ocidental incluem visitas a Amesterdão, Bruxelas e Paris em conjunto com Londres e cruzeiros no Rio Reno. A participação na encenação da Paixão de Cristo, que ocorre uma vez por década em Oberammergau, na Alemanha, é normalmente acompanhada por visitas às minas de sal em Berchtesgaden, nas proximidades de Salzburgo, na Áustria.

3.1.2. EXPRESSÃO ATUAL E PONTECIAL DE CRESCIMENTO

Na sua essência o *Touring* tem a cultura e a natureza, enquanto elementos estruturantes da paisagem, como denominadores comuns, estabelecendo-se enquanto elementos basilares da sua génese e prática.

Figura 3 – Modelo conceptual de trilhos e rotas



Fonte: Timothy e Boyd, 2015:15

O conceito de cultura traduz-se num constructo multidimensional, nomeadamente decorrente da relação individuo-território, circunstância que a define enquanto um elemento intrínseco e distintivo de um qualquer universo geográfico. Entende-se, neste sentido, cultura como um universo amplo, o qual encontra expressão no quotidiano de uma qualquer localidade, no seu património construído, mas também no imaterial, como os hábitos, as práticas e os saberes, dos mais recentes aos mais ancestrais.

Figura 4 – Cultura e Turismo: universo conceptual



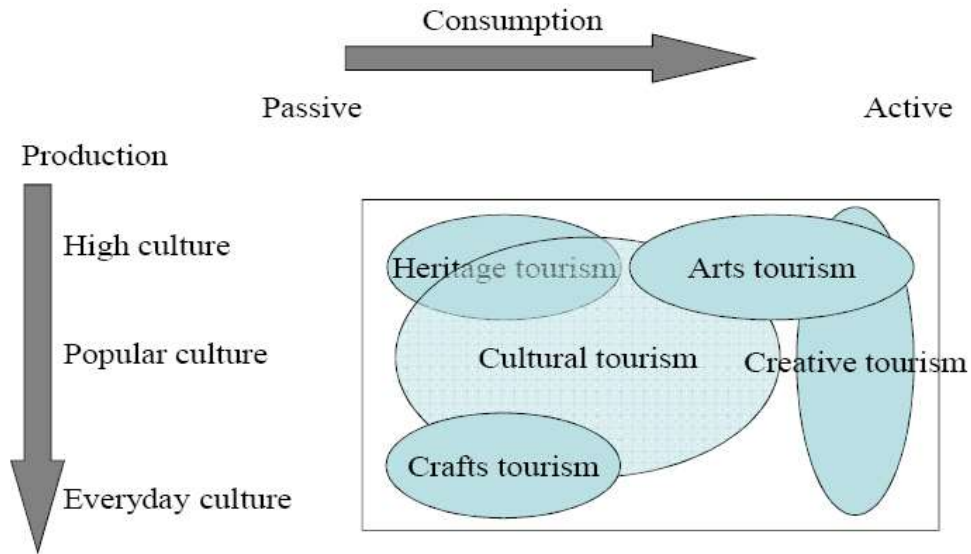
Fonte: Própria

Tal como refere Hofstede (1997):

“culture is the cumulative deposit of knowledge, experience, beliefs, values, attitudes, meanings, hierarchies, religion, notions of time, roles, spatial relations, concepts of the universe, and material objects and possessions acquired by a group of people in the course of generations through individual and group striving” (Hofstede, 1997).

É na singularidade deste legado que se constrói a atratividade de um destino turístico. Entendendo-se cultura neste sentido, todo o turismo é cultural, a montante (na tomada de decisão da deslocação), durante (nas práticas desenvolvidas e na absorção da realidade vivida) e a jusante (na memorização, avaliação e sociabilização da experiência). A cultura está tão inerente ao turismo, como à vida em geral, mesmo na mais massificada estada, na praia com ou sem coqueiros ou no restaurante de *fast food* de qualquer *main street* de estância balnear de suspeitosa qualidade (Moreira, 2008).

Figura 5 – Dos universos cultura aos universos do turismo cultural

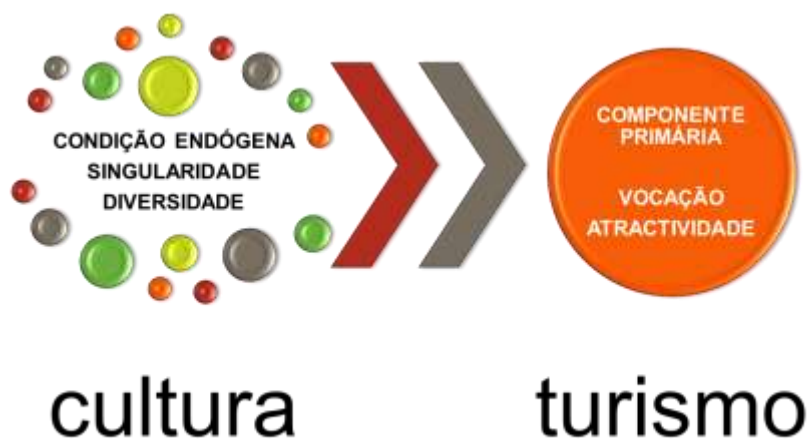


Fonte: Altas in Khovanova-Rubicondo, Council of Europe (2012)

Por outro lado, mesmo numa abordagem mais restritiva, raras são as estadas que não se associam à dimensão do lazer, compreendido no seu mais tradicional significado – por exemplo, o banho, a tomada de sol, o passeio campestre ou urbano – com a simples visita de âmbito estritamente cultural (ao castelo, ao museu, a monumentos ou parques arqueológicos, a espólio religioso) até à experiência mais sofisticada e ativa, incluindo provas ou atividades (provas gastronómicas, vónicas, participação no processo produtivo).

No presente âmbito, e tendo como universo de estudo o *touring* e cultural e paisagístico, tomamos o conceito de cultura no seu sentido mais lato, quer do ponto de vista conceptual, quer do ponto de vista do produto, enquanto compósito, conjugando deslocações ou estadas, cujas efetivações tenham tido na origem motivações de ordem cultural, mas as quais são complementadas com uma outra diversidade de atrativos e práticas, que visam a descoberta e conhecimento da singularidade e a especificidade regional do território em visita. A cultura define-se, neste sentido, como um elemento distintivo da oferta turística de uma região, contribuindo de forma determinante para a sua singularidade e atratividade.

Figura 6 – A cultura como condição endógena e singular da atratividade turística



Fonte: Própria

Neste âmbito, e tendo o universo cultural como elemento fundamental de enquadramento e desenvolvimento do produto, definem-se duas tipologias de *touring*, tal como definido no PENT (2006):

- *Touring* genérico: abrangente e diverso. O *tour*, rota ou circuito são, em si mesmos, a essência do produto. Estima-se que representa cerca de 90% das viagens de *Touring*.
- *Touring* temático: *tours*, rotas ou circuitos focalizados num determinado tema, o qual constitui o núcleo da experiência. Exemplo: rota de castelos medievais. Representa cerca de 10% do total de viagens de *Touring*.

O universo do turismo cultural reinventa-se e ganha dimensão nesta associação com o conceito de *touring*, nomeadamente através da sua hibridação com outros produtos turísticos, circunstância que desde logo confere uma redobrada atratividade aos territórios, na medida em que o conceito de produto tem de organizar-se à luz do ideal de experiência turística. Deste modo o turismo cultural define-se como um *pipeline* para a sistematização do produto turístico de uma região, assumindo-se a cultura como fator distintivo, tendo a combinação com outros recursos como o fator de inovação.

Figura 7 – Turismo Cultural enquanto pipeline para o desenvolvimento do Produto Turístico



Fonte: Própria

3.1.3. PERFIL DO TURISTA DO *TOURING TOURISM*

A Europa é um dos principais destinos de turismo cultural, com um grande número de *atrações singulares*, gerando um forte fluxo de visitantes nacionais e internacionais de motivação cultural.

Estima-se que o turismo cultural represente cerca de 40 % de todo o turismo europeu (incluindo turistas culturais no sentido mais abrangente) (IPK, 2006). Nos últimos anos as viagens culturais na Europa diminuíram como resultado da crise económica. Contudo, este segmento turístico parece ter sido dos menos atingidos. Dados de IPK (2009), indicam uma queda de 5% em viagens de cidade (estritamente relacionadas com o turismo cultural), em comparação com uma quebra de 20% no turismo de lazer e no turismo rural, e uma quebra de 15% em atividades de turismo de montanha e recreação.

O perfil do turista do *touring* cultural e paisagístico traduz-se numa gama de perfis, os quais se organizam num espectro o qual, à semelhança de um arco-íris, apresenta diversos universos motivacionais com limites pouco claros e sobrepostos. Considerando os diferentes interesses e motivações de índole cultural do turista, bem como a sua abordagem e posicionamento perante o território a visitar, podemos definir um conjunto de diferentes perfis do turista cultural:

*“The **purposeful cultural tourist**, comparable to the “specific” cultural tourist introduced by Richards (1996, p. 34), is entirely motivated by culture in visiting a certain destination or cultural attraction, and engages in a deep experience.*

*- The **sightseeing cultural tourist** is chiefly motivated for cultural reasons, too; however, this experience remains more shallow.*

*- The **serendipitous cultural tourist** does not plan to travel for cultural motives, but after participating still ends up having a deep cultural experience.*

*- The **casual cultural tourist** offers only a weak motive for visiting a certain cultural attraction or destination and, as a result, this experience remains shallow.*

*- Finally, the **incidental cultural tourist** does not travel for cultural tourism reasons at all, and when they find themselves engaged in some sort of cultural activities, those typically remain shallow.”*

Figura 8 – Importância do turismo cultural na decisão de visitar um destino



Fonte: Paschinger (2007)

Num contexto de mercado pautado por um perfil de turista cada vez mais heterogéneo e competitivo do ponto de vista da oferta turística, os destinos têm apostado na hibridação do seu produto.

Neste sentido, o turismo cultural tem-se especializado em alternativa ao seu modelo de massas, através de uma crescente gama de nichos de turismo cultural, circunstância com reflexo direto num mercado de *touring* independente em rápida ascensão (em alternativa ao tradicional *touring* eminentemente cultural de grupo). Através da sua relação com aspetos específicos da cultura ou outras particulares de âmbito territorial, que apelam de forma distinta e individual aos turistas, o turismo cultural tem-se reinventado e estabelecido como elemento central de uma forma de turismo que se deseja cada vez mais independente, experiencial, ativa e autêntica (Poon, 1996). Sob o paradigma de visitação do *touring*, o turismo cultural tende a aumentar o seu âmbito e protagonismo no contexto da oferta turística, através da sua hibridação com outros recursos. Neste contexto de produto, as rotas turísticas culturais especializadas tem conquistado uma procura crescente, em particular através de sinergias com domínios e recursos específicos (Khovanova-Rubicondo, Council of Europe, 2012):

- Turismo criativo;
- Turismo educacional;
- Turismo gastronómico;
- Turismo religioso;
- Turismo holístico e espiritual;
- Turismo de SPA e Bem-Estar;

- Turismo de voluntariado cultural;
- Origens do turismo migrante (roots of migrant tourism).

De acordo com o IPK (2006) a procura principal de viagens internacionais de *Touring*, i.e. aquela para a qual este é o principal motivo da viagem, é composta por 44 milhões de viagens de 1 ou mais noites de duração. Este volume representa aproximadamente 18% do total das viagens de lazer realizadas pelos europeus.

Segundo estimativas de profissionais do setor turístico, entrevistados pelo IPK (2006), o mercado de viagens de *Touring* cresce entre 5% e 7%/ano. Os resultados do inquérito do European Travel Monitor confirmam esta estimativa, pois entre os anos 1997 e 2004, as viagens internacionais de *Touring* dos europeus cresceram 7,9%.

3.1.4. ATRAÇÕES, ATIVIDADES E EXPERIÊNCIAS

Num mercado cada vez mais concorrencial e global do ponto de vista da oferta turística, torna-se vital para o sucesso e competitividade dos destinos o desenvolvimento de ofertas integradas, gerando um produto genuíno e distinto pelo somatório das suas diferentes singularidades.

“When tourism businesses are located in close proximity to each other, the synergies allow individual tourist attractions to form coherent destinations or tourism clusters. It is therefore fair to say that competition in the tourism industry does not occur between countries and neither between companies or attractions, but between destinations or clusters” (Porter, 1998:78-80, citado por Ravar, 2013:45).

Pela sua essência, o *touring* cultural e paisagístico assume-se mais do que como um produto, como uma estratégia fulcral na persecução do referido objetivo. Neste sentido, os recursos culturais definem-se como o elemento central de um novo conceito de oferta que, em articulação com outros recursos, garantem novos níveis de atratividade e singularidade para os destinos.

“The emergence of destinations and clusters does not occur automatically. In order to behave in a coordinated matter, individual attractions and businesses must share common or at least similar resources. These resources can be either physical – such as landscape, climate, flora and fauna – or cultural. What most successful destinations have in common is however the cultural background or cultural identity, comprising habits and traditions, social structures and mentalities, local people’s way of life and work” (Adler, 2002:365, citado por Ravar, 2013:45).

Face à referida circunstância de mercado, importa relevar, no contexto português, o peso estratégico do *touring* genérico e do temático no incremento de competitividade do destino, tal como expresso na revisão do PENT:

“reforçar os circuitos turísticos religiosos e culturais, segmentando-os para as vertentes generalista e temática” (PENT, 2013).

Adotando um visão estratégica de desenvolvimento do produto *touring* tendo como referência a dimensão cultural de um destino, podemos sistematizar as atrações em três níveis fundamentais (Ratz, 2011):

- *non-living culture*
- *culture manifested in everyday life*
- *animated culture*

A categoria *non living culture* contempla, por exemplo, edifícios únicos como a Torre Eiffel, estilos arquitetónicos ou períodos históricos, como o European Route of Brick Gothic, peças de arte (ex: Vigeland Statue Park em Oslo) ou as ferramentas e utensílios utilizados na vida quotidiana (como fábricas de vidro e do processo de fabricação de vidro na Marinha Grande, ou de extração do mármore em Estremoz).

Esta categoria estabelece-se como um pano de fundo para os turistas com motivações ou atividades de categoria indiferenciada, influenciando a experiência turística no seu sentido compósito: um café tem outro sabor na esplanada da praça principal de uma pequena cidade renascentista ou numa vila medieval, por relação a um convencional espaço de restauração localizado num comum hotel ou edifício urbano. Por outro lado, a atmosfera e património construído de um destino podem assumir-se como o fator principal de atração para determinado turista com motivações culturais específicas, interessados no panorama, arquitetura e ambiente cultural de uma cidade ou região.

Os recursos da categoria *non living culture* podem ser utilizados em turismo sem contribuição humana, embora, também na sua essência esteja, naturalmente, a dimensão e ação criativa humana. Para a maioria dos turistas a prática de *sightseeing* é dominante na ocupação do seu tempo de viagem, enquanto forma eficiente para o conhecimento do centro histórico, das igrejas, dos fortes, dos castelos, dos museus, etc. Apesar dos horários de funcionamento das atrações e dos programas disponibilizados pelos operadores influenciarem consideravelmente a experiência dos turistas, o ambiente construído, ou seja, as ruas, os edifícios, o mobiliário urbano, com toda a sua atmosfera, são visíveis, habitáveis e vivenciáveis durante as 24 horas do dia.

O conceito *culture manifested in everyday life* inclui, por exemplo, diferentes atividades de lazer, o estilo de vida dos residentes no destino, os seus hábitos

comportamentais e de vestuário, a sua gastronomia ou os seus tempos e práticas de ocupação dos tempos livres e de lazer. Esta é claramente uma das dimensões mais profundas e significativas da cultura de um determinado local, região ou país, assumindo-se igualmente como importante vetor do ponto de vista da singularidade e atratividade turística.

O conceito de *animated culture* abrange, por um lado, as atividades – tais como festivais, *hallmark events* (ex: Carnaval de Veneza), programação cultural, eventos de recreação de acontecimentos históricos ou de animação de época (ex. medieval) – que foram criados principalmente para fins turísticos, a fim de aumentar a atratividade e singularidade de um território, na tentativa de aumentar o número de visitantes para o destino ou local turístico. Por outro lado, esta categoria inclui vários eventos que, para além da sua relevância para o turismo, contribuem para a preservação da identidade cultural da população local (ex: Festival de Cante Alentejano, enquanto património imaterial da UNESCO). Este contexto específico versa, não só a valorização cultural de um território, mas também, num segundo plano, um determinado retorno turístico. Nesta categoria, a dimensão experiencial e imaterial está particularmente patente na medida em que a componente de animação visa precisamente a dinamização e ativação de consumo turístico que tradicionalmente no âmbito cultural é passivo.

A cultura de um destino evidencia-se desta forma enquanto potencial para o desenvolvimento do produto turístico, isto é, um elemento central, estruturante da oferta, o qual pode ser, em complemento com outros recursos, nomeadamente naturais, sistematizada e consumida segundo três possíveis modelos de *touring* em função da dispersão geográfica dos recursos turísticos existentes e envolvidos:

*“From a touristic aspect it is worth looking at the spatial location of cultural attractions in the broader sense, where we can distinguish **linear, nodal or cluster-like attractions**”* (Ratz, 2011:58).

Figura 9 – Modelos conceituais para a operacionalização do *Touring Tourism*



Fonte: Própria

3.2. A OFERTA

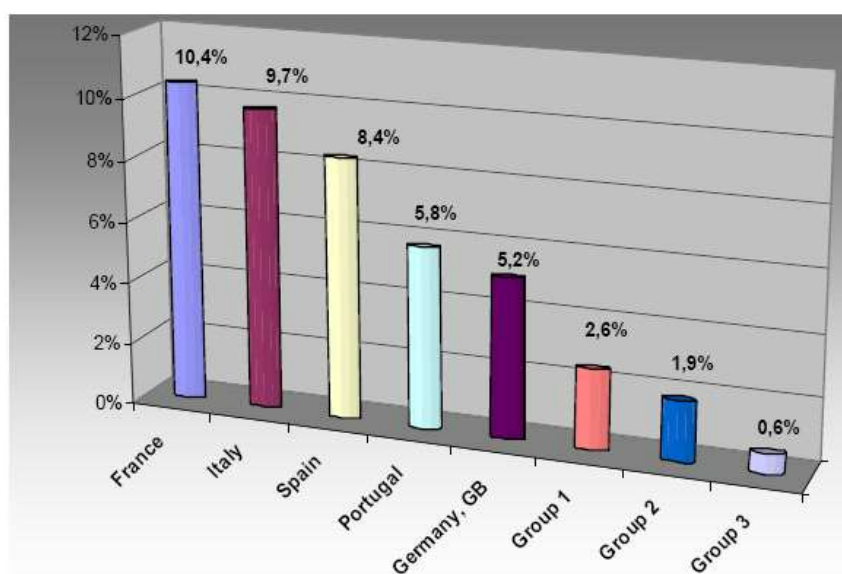
3.2.1. OS TERRITÓRIOS DE REFERÊNCIA INTERNACIONAL PARA A PRÁTICA DE *TOURING TOURISM* - EVOLUÇÃO E EXPRESSÃO GEOGRÁFICA

No âmbito do *touring* cultural e paisagístico, as rotas assumem particular protagonismo, na medida em que, enquanto produto, expressam uma dimensão integrada e livre de fruição do território em questão.

O programa das Rotas Culturais do Conselho da Europa foi criado na sequência de uma resolução da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. O programa foi aprovado em 1987 e, posteriormente, aplicado pelo Conselho para a Cooperação Cultural; a sua visibilidade política foi assegurada por uma declaração realizada em Santiago de Compostela em outubro de 1987 numa reunião com a presença dos Ministros da cultura dos Estados membros do Conselho da Europa.

O referido Programa compreende 29 Rotas certificadas que cobrem 70 países. A análise estatística dos itinerários culturais demonstra uma densidade de redes de itinerários culturais em particular ênfase em França (10,4%), Itália (9,7%), Espanha (8,4%), Portugal (5,8%), Alemanha (5,2%) e Grã-Bretanha (5,2%). Os restantes países compreendem percentagens 2,6% ou menos. Estes países foram agrupados em três grandes grupos, que representam o potencial de desenvolvimento inexplorado do Programa Rotas Culturais na Europa.

Figura 10 – Consumo e Redes Culturais na Europa



Fonte: Khovanova-Rubicondo *et al.*, 2011

Por outro lado, importa considerar no contexto europeu a crescente oferta e competitividade neste domínio específico. Apesar da sua condição de liderança, os destinos mais desenvolvidos da Europa enfrentam hoje uma crescente concorrência por parte dos destinos de leste e recém membros da União Europeia. A elevada atratividade destes destinos decorre, não só da sua condição emergente, com culturas desconhecidas para a generalidade dos turistas internacionais, como também pelo custo mais reduzido disponibilizado pelos serviços turísticos.

Quadro 3 - Nível de Preços em 2013 na Europa - contas transporte, cultura e recreio e hotelaria e restauração, ordenado por média

PAÍS	TRANSPORTES	CULTURA E RECREIO	HOTELARIA E RESTAURAÇÃO	MÉDIA
Noruega	151,5	161,1	188,0	166,9
Dinamarca	135,4	136,5	147,9	139,9
Suécia	126,1	136,3	145,0	135,8
Suíça	115,4	136,6	151,8	134,6
Finlândia	116,6	117,7	127,7	120,7
Islândia	117,4	121,1	121,8	120,1
Irlanda	106,4	113,8	126,7	115,6
Holanda	112,4	104,7	115,5	110,9
Bélgica	102,1	105,3	115,7	107,7
Áustria	103,8	111,0	106,0	106,9
França	102,5	107,0	110,9	106,8
Reino Unido	104,8	105,6	106,8	105,7
Itália	100,1	101,4	110,3	103,9
Luxemburgo	92,5	107,4	107,0	102,3
Euro Area (18)	101,0	103,0	100,7	101,6
Alemanha	103,3	103,4	97,0	101,2
União Europeia (27)	100,0	100,0	100,0	100,0
Espanha	92,5	98,9	90,4	93,9
Chipre	86,3	91,0	96,0	91,1
Grécia	90,0	91,8	86,9	89,6
Malta	90,6	82,6	88,5	87,2
Eslovénia	85,9	88,6	86,1	86,9
Portugal	92,8	89,5	76,4	86,2
Estónia	80,7	82,1	77,8	80,2
Croácia	82,2	71,8	74,0	76,0
Letónia	77,8	73,1	75,0	75,3
Turquia	78,6	68,6	77,3	74,8
Eslováquia	76,7	69,7	67,2	71,2
Lituânia	77,8	63,7	64,8	68,8
Montenegro	72,3	65,3	62,8	66,8
Polónia	72,1	53,5	72,5	66,0
Hungria	81,0	60,1	52,9	64,7

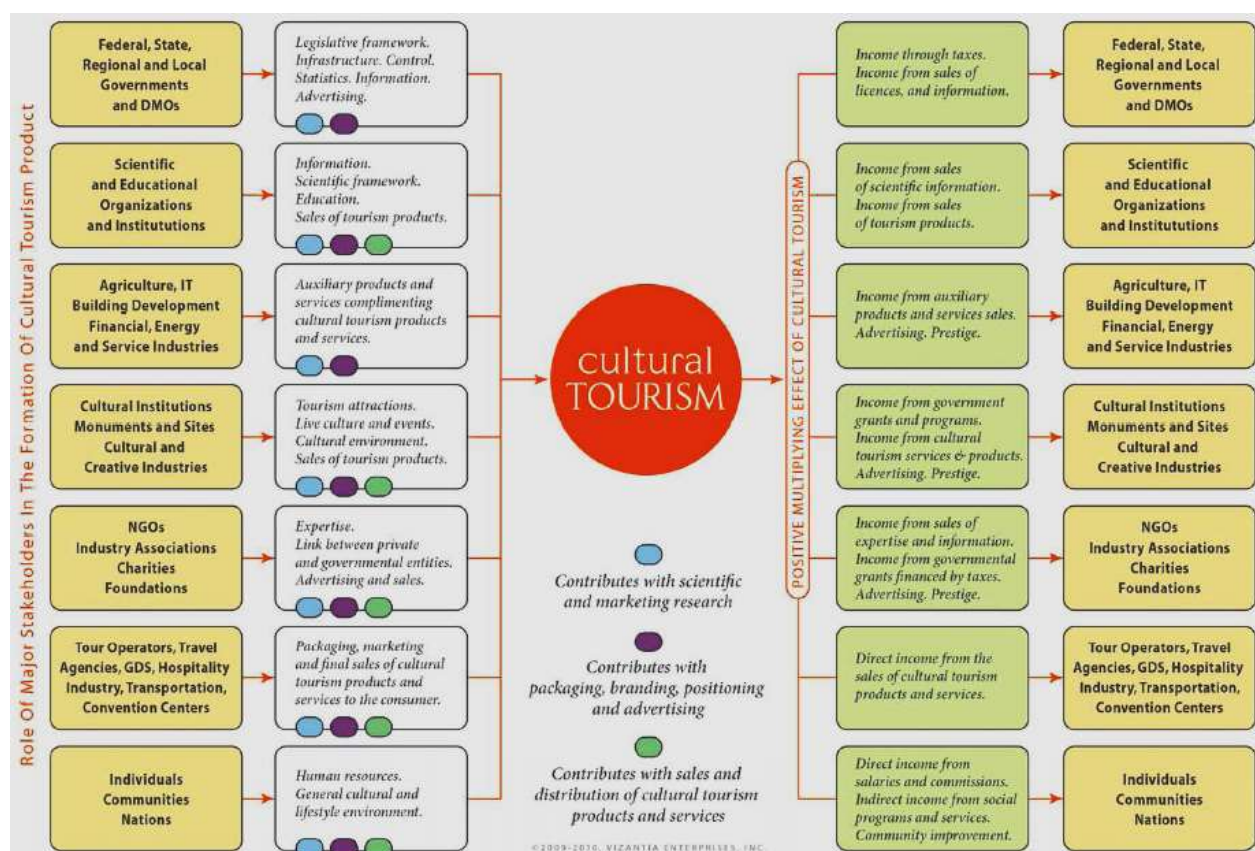
PAÍS	TRANSPORTES	CULTURA E RECREIO	HOTELARIA E RESTAURAÇÃO	MÉDIA
República Checa	71,7	64,4	57,8	64,6
Bósnia Herzegovina	72,9	56,0	58,7	62,5
Sérvia	74,1	57,7	49,4	60,4
Roménia	69,6	49,9	52,1	57,2
Bulgária	66,6	53,4	45,9	55,3
Albânia	65,4	45,6	42,4	51,1
República da Macedónia	59,5	46,5	41,9	49,3

Fonte: Eurostat, *Consumers in Europe, facts and figures*, 2013 (adaptação)

3.2.2. PLAYERS, RECURSOS, FATORES DE SUPORTE E MODELOS DE NEGÓCIO

O *touring* cultural e paisagístico tem implícito, para além da condição endógena da cultura, a natureza multidisciplinar do turismo, circunstância que configura a complexidade do desenvolvimento e da gestão deste produto, na medida em que envolve diretamente diversos *stakeholders* do território em questão, bem como todos os protagonistas do setor turismo.

Figura 11 – O sistema do turismo cultural

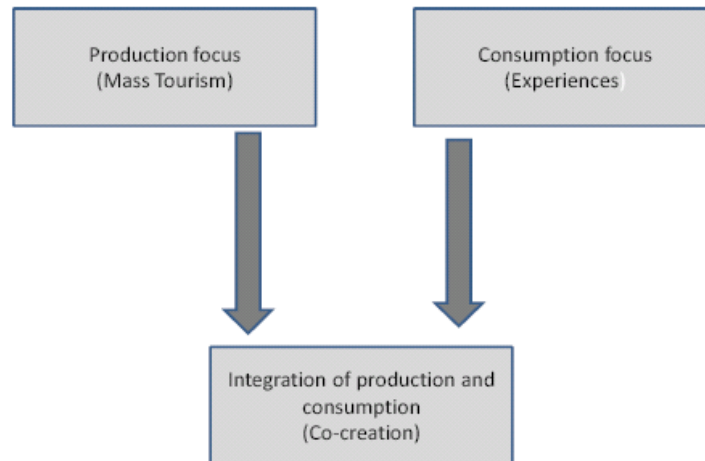


Fonte: in Csapo, 2012

Para tal, torna-se essencial o desenvolvimento de modelos integrados de âmbito regional, de modo a garantir não só a necessária articulação dos agentes envolvidos, como também, o estabelecimento de *clusters* de oferta com um significativo potencial de diferenciação, evidenciando e valorizado as condições endógenas de cada território. Pretende-se com este modelo de rutura criar produtos com valor acrescentado acrescido face às tradicionais ofertas de turismo cultural e paisagístico, as quais estão

essencialmente suportadas em modelos de desenvolvimento em massa e de matriz monoproduto, onde o turista assume um papel meramente passivo ao nível do consumo.

Figura 12 – Do turismo cultural de massas às experiências turísticas culturais e paisagísticas



Fonte: Khovanova-Rubicondo *et al.*, 2011

Para a persecução do referido objetivo a adoção de novos modelos de desenvolvimento deve ser alicerçada em dois princípios basilares:

- **coopetition** (coopetição) – *“which is a well-known concept in business network studies and business to-business marketing, refers to the benefits that firms may have from undertaking both cooperation and competition relationships with actors in the value chain (including competitors) simultaneously (Bengtsson & Kock, 2000; Nalebuff & Brandenburger, 1996). This is a “hybrid behaviour comprising competition and cooperation” which determine a strategic interdependence and, thus, a cooperative system of value creation (Dagnino & Padula, 2002:2). Cooperative relationships are enacted by two types of interactions: hostility due to conflicting interests and ‘friendship’ due to the pursuit of common interests characterise actors’ relationships (Bengtsson & Kock, 2000)” (Pasquinell, 2012:51).*

- **cocreation** (cocriação) – *“There has been a shift from a purely production focus (mass tourism) and a primarily consumption focus (experiences) to the integration of production and consumption (cocreation). In a system of cocreation, the links between actors and organisations become vital, as these facilitate the cocreation process. These linkages depend not just on the form of information flows, but also on the content of the information. Although changes in the form of communication, such as the advent of the Internet, smartphones and social media, have revolutionised the way we communicate and the way we travel. The information also has to be shaped to provide the specific content that people want, such as the storytelling that makes a particular place attractive to travel to, or information on the specific benefits that are being sought from the destination. This means a shift from the simple provision of information and services towards the creative cocreation of experiences, narratives and dreams”* (Khovanova-Rubicondo et al., 2011).

A adoção destes dois conceitos enquanto pressupostos estratégicos, permite deste modo a elevação do conceito de turismo cultural a experiências turísticas culturais e paisagísticas, sendo que na génese desta mutação está um turista cada vez mais heterogéneo, experiente, informado, autónomo, ativo, que vive em rede (*networked*) e *high-tech* que deseja relacionar-se, partilhar e conhecer as vivências do meio que visita através de experiências (Prahalad & Ramaswamy, 2004).

Para a satisfação deste novo perfil de turista é essencial criar modelos de sinergia e, simultaneamente, de competição entre os *players* locais, de modo a gerar uma oferta compósita e integrada, capaz de oferecer no seu conjunto um valor acrescentado único, resultado de um universo alargado de serviços que se complementam e diversificam – *coopetition* (coopetição).

Por outro lado, para além da nova dinâmica intrarregional dos *players*, importa ainda neste modelo de desenvolvimento salvaguardar a nova condição e dimensão “ativa” que caracteriza o perfil do “novo turista”. Essencialmente, importa conceber modelos de comunicação, comercialização e desenvolvimento de produto que garantam o

envolvimento ativo do turista, oferecendo níveis de interação e personalização do produto conducentes com o conceito de “experiência”. Por esta via, assegura-se uma nova ligação mais sustentável do visitante com o destino, desde logo porque os princípios de ação associados ao conceito de cocriação garantem uma dimensão emocional singular. *“The ability of consumers to actively participate in product design and to reinterpret the meaning of products as trademarks redraws the rules of encounter between actors of «supply and demand»”* (Majdoub, 2014:13-14).

Do ponto de vista comercial, esta nova abordagem do negócio das experiências turísticas culturais e paisagísticas sistematiza-se, de acordo com Vargo & Lush (2004) no modelo *S-D logic*, o qual assenta em oito premissas essenciais, indicadas no Quadro seguinte.

Quadro 4 – Premissas do Modelo S-D Logic

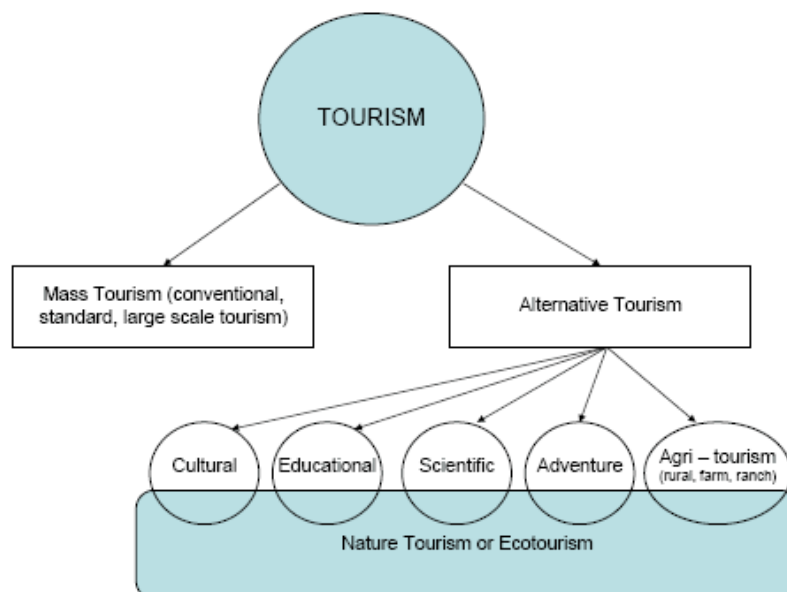
S-D Logic Model Premises
FP1: The Application of Specialized Skills and Knowledge Is the Fundamental Unit of Exchange
FP2: Indirect Exchange Masks the Fundamental Unit of Exchange
FP3: Goods Are Distribution Mechanisms for Service Provision
FP4: Knowledge Is the Fundamental Source of Competitive Advantage
FP5: All Economies Are Services Economies
FP6: The Customer Is Always a Coproducer
FP7: The Enterprise Can Only Make Value Propositions
FP8: A Service-Centered View Is Customer Oriented and Relational

Fonte: Vargo, S. L. & Lusch, R. F. (2004)

3.2.3. TENDÊNCIAS, POLÍTICAS PÚBLICAS E MODELOS DE GESTÃO DOS DESTINOS

A sobrevivência do turismo cultural carece de um processo de reinvenção, na medida em que o seu modelo tradicional, mesmo em contexto de *touring* cultural e paisagístico está essencialmente suportado em modelos de massa, ou seja, com elevada concentração espaço-temporal, em modelos de oferta organizados e controlados por um número reduzido de operadores e com significativos impactes territoriais. A adoção de novos modelos e conceitos de produto torna-se essencial no sentido de garantir desde logo a adequação a um novo perfil de turista mais autónomo, mais heterogéneo, mais experiente, com um capital académico e cultural superior e que busca o contacto direto com as populações e com o seu meio. Por outro lado, esta mudança de paradigma assume-se igualmente como estratégica para os destinos turísticos, na medida em que, perante níveis crescente de concorrência ao nível internacional, torna-se essencial a definição de conceitos próprios capazes de incrementar e garantir a necessária atratividade e singularidade turística do território.

Figura 13 – O turismo cultural enquanto forma de turismo alternativo



Fonte: Mieczkowski (1995:459).

No presente contexto, a presente mudança de referencial deve ser considerada como eixo estratégico para a sustentabilidade dos destinos. A persecução deste objetivo pode ser desde logo garantida através de um modelo alternativo de produto, suportado em conceitos de produto como:

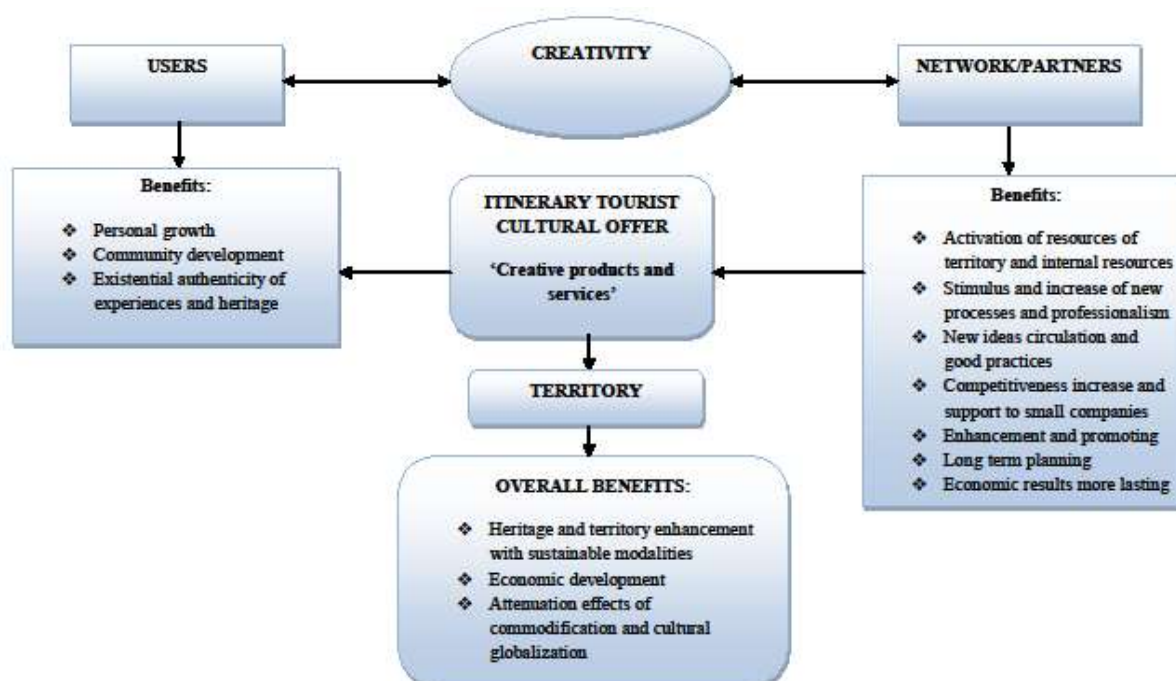
- **Hibridação** – articulação de recursos com diferentes características e associados a diferentes motivações
- **Independente** – um produto conceptualizado para um usufruto turístico autónomo e independente, nomeadamente em modelo de *Fly & Drive*
- **Experiência** – onde o conceito de criatividade é elemento preponderante, fazendo a conversão do modelo tradicional de consumo passivo em consumo ativo.

Na génese do presente modelo, a criatividade assume-se como o fator central e dinamizador para a reinvenção do consumo cultural em contexto turístico. A condição de atividade e interdisciplinaridade inerente ao desígnio da criatividade permite desta forma elevar o conceito de produto cultural a experiência cultural. Para a operacionalização deste novo modelo de consumo torna-se essencial o estabelecimento de num conjunto de premissas:

- desenvolvimento de redes de parceiros de base local incrementando os níveis de oferta do ponto de vista quantitativo e qualitativo, bem como estruturas formais de representação do pequeno e micro tecido empresarial (ex: Conselho Consultivo de PME locais);
- promoção de projetos e iniciativas comunitárias, criando mecanismos públicos de apoio próprios para o efeito;
- políticas públicas promotoras de modelos de planeamento e desenvolvimento turístico participado e integrado;
- desenvolvimento de programas de ação dirigidos às comunidades locais, de modo a fomentar a criação do autoemprego ao nível de serviços turísticos e da produção artística e cultural, ao nível dos residentes;

- Constituição de cooperativas sem fins lucrativos ou outras formas de organizações não-governamentais que apoiem as PME's locais na modernização das suas artes e ofícios, bem como na comercialização destes diretamente aos clientes, eliminando assim intermediários;
- Criação de linhas de financiamento ao nível do microcrédito para as comunidades locais poderem desenvolver as suas atividades e ofícios de base local, nomeadamente para que possam comprar matérias-primas para produzir os seus produtos regionais.

Figura 14 - Modelo de Desenvolvimento para introdução do conceito de Experiências Culturais

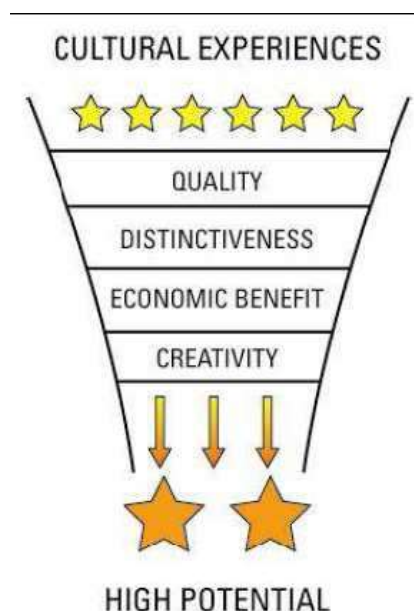


Fonte: Messineo, 2012

A adoção do princípio de experiências culturais assume-se neste âmbito como uma premissa fundamental para a introdução de um novo modelo de produto que, não só garante a sustentabilidade do destino, mas também um maior potencial de atratividade do mesmo, através da maximização e utilização mais racional dos seus recursos. Garante-se, igualmente por esta via, um maior retorno económico, na medida em que estamos perante um modelo de consumo turístico independente, onde o turista busca

um maior nível de experimentação e interação com o território e cultura local, potencializado um gasto médio superior.

Figura 15 – Premissas para a adoção de um modelo de Experiências Culturais no século XXI



Source: Ontario Cultural and Heritage Tourism Product Research Paper, 2009.

Do ponto de vista operacional, o modelo estratégico de desenvolvimento proposto deve ainda ser acompanhado da adoção de um conjunto de medidas complementares, nomeadamente:

- criação de uma política de visitação assente no conceito de rota, desenvolvendo as estruturas essenciais para o referido fim;
- definição de uma estratégia e de produto e comunicação tendo os principais atrativos culturais e cénicos como elemento atração e âncora para uma política e estratégia de descentralização, nomeadamente através da captação de mercados e seu redireccionamento para locais de elevado valor e singularidade com menor notoriedade e reconhecimento;
- criação de estruturas de informação e comercialização de apoio ao turista, controlando os fluxos através de rotas turísticas durante os períodos de pico;

- desenvolver políticas e estratégias conducentes à reabilitação e uniformização do contexto e mobiliário dos centros históricos urbanos e medievais;
- introdução nos meios urbanos e vilas históricas do conceito de transporte de *shuttle*, promovendo a vivência dos espaços pelos visitantes e controlando os seus fluxos;
- Definição de uma política de preços e taxas (ex: preços de visitas a monumentos) efetiva, global e integrada, nomeadamente criando a figura do “*visit pass regional*”, através do qual, com um pagamento único, obtém-se o acesso ao universo alargado de serviços e descontos;
- Definição de uma política de horários global e integrada para a região, considerando a abertura dos museus e a introdução de atividades criativas no período noturno;
- Criação de uma política e estrutura de reserva (antecipadas) para as atrações;
- Descentralização das exposições dos principais centros urbanos e histórico-culturais em favor de locais com potencial cénico e turístico menos reconhecido mas de elevado valor;
- Introdução da tecnologia como elemento do produto cultural e paisagístico, nomeadamente como elemento estratégico de informação e comunicação, garantindo princípios fundamentais como a autonomia e a personalização;
- Desenvolvimento de um código de conduta para os protagonistas do sistema turístico e comunicá-lo de forma ativa.

3.2.4. RECURSOS E TIPOLOGIAS DA OFERTA

Tendo por referência o novo modelo de experiências turísticas culturais e paisagísticas, alarga-se o universo e o nível de consumo a novos domínios, sendo para tal, essencial que os destinos ofereçam um leque de serviços que não se esgota nas atrações e serviços culturais tradicionais e mormente associados ao turismo cultural de massas. Neste sentido, no universo das experiências associadas ao *touring* cultural e paisagístico confluem uma diversidade de recursos os quais podem ser sistematizados em domínios particulares.

Quadro 5 – Universo dos serviços associados às experiências turísticas culturais e paisagísticas

Products	Activities
1. Accommodation services for visitors	1. Accommodation for visitors
2. Food and beverage serving services	2. Food and beverage serving activities
3. Railway passenger transport services	3. Railway passenger transport
4. Road passenger transport services	4. Road passenger transport
5. Water passenger transport services	5. Water passenger transport
6. Air passenger transport services	6. Air passenger transport
7. Transport equipment rental services	7. Transport equipment rental
8. Travel agencies and other reservation services	8. Travel agencies and other reservation services activities
9. Cultural services	9. Cultural activities
10. Sports and recreational services	10. Sports and recreational activities
11. Country-specific tourism characteristic goods	11. Retail trade of country-specific tourism characteristic goods
12. Country-specific tourism characteristic services	12. Other country-specific tourism characteristic activities

Fonte: International Recommendations for Tourism Statistics 2008:42

Por outro lado, a particularidade desta nova abordagem reside não apenas nos recursos em causa, mas essencialmente na condição do turista perante os mesmos. Desde uma motivação mais específica e técnica, a um interesse essencialmente cénico, podemos catalogar e sistematizar as experiências do *touring* cultural e paisagístico num amplo universo de produtos onde os recursos culturais se assumem como elemento central da oferta:

Quadro 6 – Tipologias do *Touring* Cultural e Paisagístico

Tipologias do <i>Touring</i> Cultural e Paisagístico	Turismo, Produtos e Atividade
Heritage Tourism	<ul style="list-style-type: none"> • Material <ul style="list-style-type: none"> - Património construído, - Sítios arqueológicos, - Sítios do património mundial, - Memoriais nacionais e históricos • Imaterial <ul style="list-style-type: none"> - Literatura, - Artes, - Folclore - Práticas e rotinas do quotidiano • Locais de património cultural e artístico <ul style="list-style-type: none"> - Museus, coleções, - Bibliotecas, - Teatros, - Locais de evento, - Locais e memórias ligadas a personalidades
Rotas Culturais Temáticas	Ampla gama de temas e tipos: <ul style="list-style-type: none"> - Espiritual, - Industrial, - Artístico, - Gastronómico, - Arquitetónico, - Linguística, - Vernacular, - Minoria
Circuitos Culturais e Turismo Cultural Urbano	City tourism “clássico” e sightseeing <ul style="list-style-type: none"> • Capitais Culturais da Europa • Cidades enquanto espaços criativos para o turismo cultural
<i>Touring</i> Paisagístico associado ao turismo cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Enquadramento cénicos singulares: <ul style="list-style-type: none"> - Paisagens naturais de elevado valor e interesse cénico - Paisagens culturais de elevado valor e interesse cénico
Turismo religioso, rotas de peregrinação	<ul style="list-style-type: none"> • Visita a locais religiosos e locais com motivação religiosa • Visita a locais religiosos e locais sem motivação religiosa (por motivações decorrentes do enquadramento cénico arquitetónico e cultural) • Rotas de peregrinação
Cultura e Turismo	<ul style="list-style-type: none"> • Associação de atividades culturais de índole tradicional e artística ao consumo turístico <ul style="list-style-type: none"> - Artes performativas, - Artes visuais, - Património cultural e literatura, bem como as indústrias culturais - Obras impressas, - Multimédia, - Imprensa, - Cinema, - Produções audiovisuais e fonográfico - Artesanato, - Design e Turismo Cultural

Fonte: Adaptado de Csapó, 2011

3.2.5. ESTUDO CASO

Num contexto de crescente competitividade turística internacional, quer de índole qualitativa quer quantitativa, os destinos são cada vez mais confrontados com a necessidade equacionar o seu desenvolvimento segundo vetores de referenciação internacional.

Neste contexto, recorreu-se no presente estudo, através da técnica de *benchmarking*, a um diagnóstico dos fatores críticos de sucesso que configuram o território italiano como uma referência no âmbito das atividades do *touring* cultural e paisagístico.

A informação apresentada neste ponto decorreu com base numa ação de campo de *benchmarking* realizada entre os dias 13 e 20 de setembro de 2014 em Itália. Esta ação visou um conjunto de *spots* com ênfase na região de Roma e Toscana.

Figura 16 – Itinerário Ação Benchmarking Itália – Principais Spots



Fonte: Reis, 2014

3.2.5.1. ITÁLIA

3.2.5.1.1. AEROPORTO DE PISA - *Toscany strategical gateway*

Aeroportos regionais e modelo *low-cost*

O aeroporto de Pisa apresenta características de aeroporto regional, desde logo expressas pela sua localização num contexto de uma cidade de segunda linha -de pequena/média dimensão-. Por outro lado, encontramos no seu raio de ação (até 150 km), cidades de média/grande dimensão como por exemplo Florença, Bolonha ou Génova.

As infraestruturas oferecidas, desde a dimensão e características das pistas, à aerogare e serviços de apoio (como por exemplo os serviços de rent-a-car), apresentam igualmente um perfil de serviço mais limitado, essencialmente vocacionado para um cliente em lazer, mais sensível ao preço, contrariamente àquele cliente que voa por motivações *business*.

Figura 17 – Aeroporto de Pisa - Perfil



Fonte: SAT, 2013

As acessibilidades rodoviárias e a rede de transportes públicos por referência ao aeroporto apresentam um nível particularmente elevado, quer em termos qualitativos

quer quantitativos, assumindo-se como um fator crítico de sucesso para o desempenho da infraestrutura e seu contributo para o desenvolvimento regional. “*The airport has direct railway connections with the local town center and with Florence. Additionally, the airport has a bus connection to the Centre of Pisa, Florence, Siena, Lucca, Viareggio/Pietrasanta*” (WYG International, 2010).

As companhias *low-cost* têm desenvolvido uma estratégia assente num posicionamento particularmente ajustado ao cliente de lazer, particularmente sensível ao preço (Mercer, 2002). De todo o modo, importa relevar que o facto de um cliente ser sensível ao preço, em particular do transporte aéreo, não significa necessariamente que o seu perfil face aos demais consumos turísticos tenha necessariamente idêntica condição (Martinez-Garcia & Royo-Vela, 2010; Teichert, Shehu & Wartburg, 2008; Alderighia *et al.*, 2012).

O aeroporto de Pisa, originalmente uma base aérea militar, viu o sucesso da sua reconversão para o transporte aéreo internacional claramente associado ao desenvolvimento do modelo *low-cost* e em particular à companhia Raynair. A estratégia adotada suportou-se num binómio *outgoing traffic (catchment area) vs. incoming traffic* (através da atração de passageiros por motivos essencialmente turísticos).

Figura 18 – Aeroporto de Pisa - Estratégia

- The “reverse marketing” strategy implemented by SAT has the objective of increasing the number of European passengers travelling to Pisa Airport (“incoming traffic”) and not only the number of passengers departing from its catchment area (“outgoing traffic”).



Pisa Airport gateway to Tuscany



- Strategic partnerships with airlines in order to develop traffic by promoting Pisa Airport and Tuscany in the airlines’ markets.



CO-MARKETING AND CONSULTING AGREEMENTS

- SAT carried out marketing activities jointly with various airlines in order to attract more traffic to Pisa
- Minimum levels of passengers, flights and destinations for a certain number of years agreed by SAT and partner airlines

Fonte: SAT, 2013

Como resultado da estratégia adotada por referência ao modelo *low-cost*, o aeroporto de Pisa passou dos 1,25 milhões de passageiros em 2000 para um tráfego total de passageiros de 4,5 milhões em 2012.

Figura 19 – Aeroporto de Pisa – Evolução do Tráfego



Fonte: SAT, 2013

RELEVÂNCIA: FATOR DE ATRATIVIDADE NO TERRITÓRIO ORIGINAL

O aeroporto de Pisa assume um particular e decisivo papel no desenvolvimento económico da cidade e da região, em particular do ponto de vista turístico, definindo-se como uma *gateway* estratégica para a região da Toscana.

Pela grandiosidade de Florença e pela sua limitação aeroportuária face à procura existente, particularmente devido à sua notoriedade e grandiosidade do ponto de vista turístico, o aeroporto de Pisa gera não só um efeito direto relevante na sua área de ação, como contribuiu complementar para o incremento da capacidade aérea de Florença.

Do ponto vista turístico, estrategicamente a região da Toscana tem no aeroporto de Pisa um veículo essencial para a garantia da sua internacionalização, colocando os vários *spots* do destino em contacto com os mercados emissores internacionais, através da articulação do serviço de transporte aéreo com uma rede transportes públicos terrestre devidamente desenvolvida com o referido fim.

GRAU DE ADEQUABILIDADE NO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

O Aeroporto de Pisa vs. O Aeroporto de Beja

O Aeroporto de Beja é um caso muito particular no contexto aeroportuário, pois a sua localização, contexto e infraestruturas não se enquadram nos *standards* tradicionais internacionais de operação civil regular *legacy*, tal como o aeroporto de Pisa.

Efetivamente, o argumento para o desenvolvimento do aeroporto de Beja não decorreu de uma necessidade impelida pela matriz económica e industrial local, mas da vontade e determinação que as entidades políticas e económicas regionais decidiram dar ao elevado investimento realizado na infraestrutura, que se encontrava desaproveitada, consequência da cessação de atividade da Força Área Alemã na Base Aérea de Beja (BA11) (Secretaria de Estado das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, 2012).

Não obstante, a atividade aérea internacional está a aumentar a um ritmo exponencial, estimando-se que em 2029 o número de passageiros transportados, tal como a oferta, expressa em número de aeronaves em avião, duplique (Airbus, 2010). Todavia, apesar do referido crescimento existem algumas áreas geográficas onde a pressão da concorrência é fraca ou ausente. As Autoridades legislativas europeias têm tentado compensar esta falta de concorrência e pressão competitiva por diferentes formas de regulação, nomeadamente permitindo o financiamento (in)direto de novas rotas nos referidos contextos, através de subsídios às companhias aéreas interessadas (European Commission, 2006).

Presentemente, e apesar de algumas tentativas de desenvolvimento da oferta, nomeadamente suportadas no modelo de operação aérea charter (ex: operação Windavia), o aeroporto de Beja continua com um potencial de utilização por explorar de praticamente 100%, permanecendo disponível uma capacidade aeroportuária que urge ver maximizada e rentabilizada (Secretaria de Estado das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, 2012).

MODO DE ADEQUAÇÃO AO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Do ponto de vista da atividade turística importa neste contexto explorar possíveis soluções de mercado de transporte aéreo que possam beneficiar o desenvolvimento do negócio, capitalizando também a infraestrutura aeroportuária existente, contribuindo

para o desenvolvimento da região. O modelo *low-cost*, face às características particulares do aeroporto de Beja avizinha-se como o mais adequado. Esta é uma possível solução que, do ponto de vista turístico para a região do Alentejo e Ribatejo, deverá ser explorada considerando a potencial relevância e impacto para o destino a nível internacional.

A validação do processo, bem como o estudo da sua possível adequação, deverá ser liderado pela Entidade Regional de Turismo do Alentejo junto de potenciais companhias *low-cost* (ex: Ryanair, Easyjet, Transavia, Norwegian).

Sugere-se que o modelo de atração das referidas companhias deverá ser, numa fase inicial, desenvolvido num modelo de *co-Marketing* (ex: *co-branding*) com recurso a financiamento da operação pela Entidade Regional de Turismo do Alentejo, na forma de publicidade. Em termos logísticos deverá ser considerado, ainda nesta fase, a possibilidade de basear uma aeronave no aeroporto de Beja (com publicidade alusiva à região), ou então pelo menos tentar garantir um voo semanal de cada um dos mais relevantes mercados emissores internacionais para a região do Alentejo e Ribatejo, num total de sete (desejavelmente um por cada dia da semana).

GRAU DE INOVAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

O desenvolvimento do aeroporto de Beja poderá assumir uma condição determinante para o desenvolvimento da região do Alentejo e Ribatejo, sobretudo no âmbito turístico. A região não tem no seu domínio e centralidade geográfica qualquer outra infraestrutura deste tipo, a qual é vital para o seu desenvolvimento turístico do ponto de vista internacional.

Por outro lado importa ainda considerar que a oferta aeroportuária mais próxima (Aeroporto de Lisboa) está claramente esgotada, nomeadamente em favor de um modelo de *Hub & Spoke* decorrente da operação da TAP Portugal que, na perspetiva do turismo, é irrelevante para a região do Alentejo e Ribatejo. Acresce que Lisboa *per si* é um pólo de excelência turística, situação que confina a procura do aeroporto de Lisboa à cidade.

3.2.5.1.2. EVIDÊNCIA: ROMA

As dinâmicas da oferta turística da cidade de Roma assentam basicamente em três grandes domínios geradores de atratividade turística, património, religião e comércio, determinados pelas centralidades que esta cidade foi assumindo ao longo da sua história, designadamente no contexto da Península Itálica, do mundo mediterrâneo e da Europa.

Estas centralidades deram origem, por um lado, a uma dimensão económica que permitiu suportar a grandiosidade patente ao longo de toda a história do edificado e, por outro, permitiu igualmente que Roma fosse uma encruzilhada de culturas, assumindo desde sempre como um território cosmopolita, intercultural, cujo resultado se dispersou na inovação ao nível do urbanismo e da arquitetura. Quer a centralidade, quer a sua dimensão económica e demográfica estiveram na origem da sua importância enquanto metrópole comercial, algo que desde o mercado Trajano à Via Venneto está patente aos olhos dos visitantes.

Relativamente ao património é possível evidenciar os períodos românico, renascentista, romântico e modernista os quais, embora com importâncias distintas, coabitam de forma particularmente harmoniosa na cidade.

Também a religião e as práticas religiosas sustentadas pela sua expressão monumental e pela sua dimensão global representam um papel muito significativo na relevância que Roma detém no contexto do mundo ocidental católico, a qual sempre tem originado fortes fluxos de carácter turístico-religioso.

Mas se Roma é tradição e fé também é uma cidade da modernidade. Facto que é atestado pela diversidade, inovação e qualidade do seu aparelho comercial com forte implementação no contexto urbano e significado no turismo comercial que procura áreas e marcas especializadas com grande relevância nos domínios da moda e do *design*.

RELEVÂNCIA: FATOR DE ATRATIVIDADE NO TERRITÓRIO ORIGINAL

O referido anteriormente tem desde logo uma consequência evidente que é o enorme poder atrativo que Roma despoleta sobre as principais bacias emissoras mundiais, facto que tem como resultado uma profunda massificação turística do destino. Esta situação expressa-se não só pela quantidade de turistas que visitam a cidade durante todo o ano,

mas também nas formas e nas práticas de visitação dominantes. Na verdade, salvo a exceção que constitui uma minoria de turistas especializados nos domínios cultural e religioso, bem como os de elevada exigência aquisitiva que procuram o aparelho comercial de topo da cidade, a grande maioria relaciona-se de uma forma estandardizada e superficial com os fatores de atração.

Esta circunstância traduz-se numa dimensão muito positiva (12,6 milhões de turistas em 2013²) do ponto de vista da dinamização económica formal e informal, mas, por outro lado, induz forte pressão territorial, quer sobre a qualidade de vida urbana, quer sobre a sustentabilidade patrimonial, quer ainda sobre os investimentos necessários à gestão efetiva do espaço urbano.

Importa também considerar alguns aspetos menos positivos que entendemos prejudicar a qualidade das experiências turísticas e a atratividade do destino. A debilidade do sistema de informação, designadamente a sinalética turística muito deficitária, a informação turística estática quase inexistente, a qualificação dos recursos humanos na área da informação turística institucional que revela enormes debilidades, quer ao nível técnico, linguístico e das relações humanas.

Num outro plano, mas ainda no âmbito da informação turística, é relevante salientar a importância de sistemas informais muito bem organizados que na prática capturam o turista e condicionam a sua experiência.

Por outro lado, considera-se que a realização de obras de requalificação do património, embora necessárias e enriquecedoras, sem obedecerem a um plano previamente estabelecido, no sentido de evitar a época alta de procura turística, mas igualmente a concentração no espaço e no tempo, prejudicam grandemente a qualidade das experiências turísticas.

GRAU DE ADEQUABILIDADE NO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Desde logo há que referir que não existe um paralelismo direto e evidente entre a realidade turística de Roma e qualquer espaço existente na área de intervenção do Plano Estratégico para o Touring Cultural e Paisagístico. Existem, contudo, seja no domínio do território, seja no domínio dos eixos temáticos, alguns aspetos que podem ser

² Autoridade de Turismo da Região de Lázio

transpostos com as devidas adaptações à realidade da AI, conforme se explana no ponto seguinte.

MODO DE ADEQUAÇÃO AO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

No domínio do território refere-se como elemento singular, o Centro Histórico de Évora, pese embora existam similitudes maiores com Florença e Siena no que diz respeito à dimensão e ao tipo de espaço urbano. No âmbito dos eixos temáticos, são de salientar os seguintes aspetos:

- i) O património monumental, que no caso de Évora expressa-se sobretudo nos períodos paleolítico, paleocristão, romano e árabe;
- ii) O turismo religioso, que em Évora é suportado pela importância das capelas, igrejas, santuários e festas religiosas;
- iii) O comércio especializado, designadamente aquele que se relaciona com o artesanato agroalimentar (azeites, vinhos, doçaria e queijos) e com outros tipos de artesanato com base em produtos locais, como a cortiça, os vimes e a madeira.

GRAU DE INOVAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Em conformidade com o exposto anteriormente podem ser retiradas ilações que relevam para futuros modelos de gestão do destino e dos negócios turísticos.

No primeiro caso importa referir a problemática da gestão de centros históricos com elevados índices de procura turística. Neste pressuposto os problemas existentes em Roma, sendo numa escala obviamente diferenciada, manifestam características em tudo semelhantes ao que podemos encontrar em Évora, sobretudo ao nível das questões de acessibilidades, estacionamento, informação rodoviária, circulação pedestre, informação turística e modelo de avaliação da qualidade do destino e das experiências turísticas. Nesse sentido importa retirar ilações, centradas em boas práticas e aplicá-las ao universo de Évora. Pensamos então num pressuposto de inovação e utilizando referenciais comparativos, ser muito importante:

- Desenvolver modelos otimizados de gestão de acessibilidades e de parqueamentos que melhorem a qualidade da experiência turística, introduzindo propostas complementares de:

- Sistemas de limitação de tráfego ao centro histórico.
- Sistemas de estacionamento periférico ao centro histórico, de modo a ampliar e a qualificar as respostas já existentes.
- Sistema alternativo de acesso ao centro histórico com a introdução de modelos *hop-in/hop-off* movidos a energias alternativas.

- Desenvolver sistemas alternativos de mobilidade urbana, através da criação e da ampliação de:

- Modelos de promoção e desenvolvimento de circulação pedestre.
- Modelos de rede de ciclovias.

- Introduzir sistemas de informação turística, centrados em processos inovadores e promotores do desenvolvimento, alicerçados na capacidade da junção da inovação à tradição, seja pela incorporação de novas funcionalidades e *design* a materiais tradicionais (ex: cortiça, madeira direcionadas ao mobiliário urbano), seja pelo desenho de formas inovadoras de comercialização dos produtos (ex: *marketing, branding*), seja ainda pela introdução de sistemas de sinalética turística, produzida em materiais com origem regional e assumindo um *design* representativo da identidade cultural do Alentejo.

3.2.5.1.3. FRASCATI, ROCCA DI PAPA, NEMI E LAC DE NEMI, CASTEL GANDOLFO

A região de Castelli Romani, encontra-se na periferia da cidade de Roma. Enquadra-se num Parque Natural, com elevada relevância turística devido não só à sua condição geográfica e climática, como também à sua vivência e relação histórica e patrimonial, sobretudo com o Vaticano.

Esta circunstância expressa-se do ponto de vista das atividades de lazer, não só através de um sistema turístico de visitação de *full day* com origem e destino em Roma, complementando subsidiariamente a oferta e o produto desta cidade, mas também como destino de recreio da população local.

Neste quadro, a sua base económica repousa sobretudo nas dinâmicas recreativas que induz e na sua ligação ao turismo que   atraído por Roma.

Trata-se de um espaço natural de elevada beleza, de génese vulcânica, com condições climáticas de refrigério, que ao longo dos tempos foi sendo enriquecida por um património com elevado significado cultural nos domínios da arquitetura de vilegiatura e da arquitetura místico-religiosa.

O universo territorial em questão está centrado na existência de um conjunto de vilas e aldeias de baixa densidade populacional, alcandoradas em montanhas de baixa altitude e, em alguns casos, periféricas a grandes extensões lagunares.

De entre as múltiplas referências, salientam-se: Frascati, Rocca di Papa, Nemi e Castelgandolfo.

Frascati -   uma das mais conhecidas cidades desta região, de ruas estreitas e sinuosas. A cidade prosperou pela reputa o dos seus vinhos, tornando-se num centro de elevada procura enogastronômica. A *porchetta* com ervas aromáticas, os biscoitos de Frascati e o vinho frutado constituem os três v rtices desta procura.

Rocca di Papa –   a segunda cidade mais alta da colina leste, dentro do parque regional de Castelli Romani e está construída num assentamento romano com vista para o lago Albano. Destaca-se pelo facto de ter sido o local da primeira residência papal de

veraneio, facto que origina o seu nome. Possui múltiplos palacetes e é também conhecida por albergar o famoso convento de Palazzolo.

Figura 20 – Roca di Papa



Fonte: Própria

Nemi – possui um importante património romano que advém do facto de ter sido um centro de culto à Deusa Diana e também um local de férias do Imperador Calícula. Deste período destaca-se como atração o museu dos navios romanos que alberga duas réplicas de embarcações cerimoniais que foram retiradas do lago Nemi em 1930 quando este foi drenado.

Alcandorada sobre o lago, a cerca de 200m de altitude sobre a caldeira vulcânica que constitui o lago Nemo, permite uma soberba visualização da paisagem envolvente.

Castel Gandolfo – situado na margem ocidental do Lago Albano, viu a partir do início do séc. XVII um dos mais famosos palácios transformar-se em residência papal de verão. Destaca-se igualmente a igreja de San Tommaso di Villanova e o fontanário, ambos situados na praça principal. Merece igualmente destaque o aparelho comercial centrado na oferta de artesanato e produtos enogastronómicos locais.

Acresce referir que o Lago Nemi e, sobretudo, o Lago Albano, ambos localizados neste território, são importantes centros de atividades náuticas nos domínios da navegação de recreio e de recreio náutico.

Figura 21 – Lago Albano – Castel Gandolfo



Fonte: Própria

RELEVÂNCIA: FATOR DE ATRATIVIDADE NO TERRITÓRIO ORIGINAL

Os fundamentos da atratividade desta área podem ser subdivididos em três grandes eixos:

- i) Proximidade e adicionalidade face a Roma, considerando a maximização da oferta turística de Roma, quer ao nível natural quer cultural.
- ii) Mix de atrações, consubstanciado num património histórico-cultural de elevado relevo, associado às características geográficas e às atividades económicas semelhantes, acaba por produzir um ecossistema turístico particularmente apelativo, cujo resultado final é superior à importância da individualidade.
- iii) Efeito de rede das ofertas locais, que passa por uma coordenação das estratégias dos vários centros urbanos proporcionada pelas características da rede viária facilitadora da deslocação em circuito.

GRAU DE ADEQUABILIDADE NO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Ao nível das dimensões de adequabilidade ao contexto do território Alentejo e Ribatejo podemos encontrar duas linhas de comparabilidade entre os territórios em causa.

1 - Do ponto de vista da fisiografia e das condições naturais existem algumas semelhanças entre a área referida anteriormente e o território da serra de S. Mamede, especialmente o binómio Marvão – Castelo de Vide. A existência de aldeias de pequena dimensão e o potencial histórico-cultural e, sobretudo, o enquadramento natural nelas existente permite referenciar algumas linhas de comparabilidade entre estes dois territórios.

2 – Do ponto de vista da representação histórico-patrimonial, existe também um fator de adequabilidade do ponto de vista da ação turística entre o território de Castelli- Romani e um conjunto de vilas alentejanas (Redondo, Alandroal, Juromenha,...) sobretudo ao nível do importante significado que tem o enquadramento arquitetónico e paisagístico.

MODO DE ADEQUAÇÃO AO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Relativamente ao modo de adequação ao território do Alentejo e Ribatejo, referimo-nos designadamente a:

- dimensão religiosa: a importância observada do património cristão na área de Castelli Romani pode ser transposta, com as devidas adaptações, à especificidade da Serra de São Mamede, seja na vertente do Cristianismo, seja na vertente do Judaísmo (Castelo de Vide e Marvão);
- planos de água: embora no Alentejo e Ribatejo não existam lagos naturais com significado, as atividades balneares e náuticas podem ter como suporte as múltiplas albufeiras das barragens (Alqueva, Póvoa e Meadas, Caia, Montargil, entre outras);
- clima: apesar de Castelli Romani localizar-se numa latitude superior ao Alentejo, o clima da AI, na serra de São Mamede, assemelha-se à área de Castelli Romani, quer ao nível das consequências no coberto vegetal, quer no que diz respeito às condições de refrigério que induz;

- arquitetura tradicional: contrariamente a Castelli Romani, cuja arquitetura de solares, palacetes e mosteiros apresenta uma mais-valia assinalável pela singularidade dos elementos e por um contexto meta simbólico que decorre da sua condição de residência papal (Castel Gandolfo), no Alentejo a dimensão monumental repousa sobretudo numa valia de conjunto assente na especificidade de uma malha urbana muito específica e na arquitetura tradicional, muito embora existam também solares e palacetes de elevado interesse patrimonial;
- artesanato agroalimentar: a região de Castelli Romani é também conhecida como espaço de produção qualificada de produtos agroalimentares, nomeadamente vinho, derivados de laticínio (queijos, iogurtes, etc.), de fumeiro (enchidos, carne fumada - *porchetta*, etc.) e de produtos micológicos (cogumelos *funghi* e *porcine*). Tal volume de oferta de produtos agroalimentares é perfeitamente adaptável ao potencial endógeno representativo desta temática no Alentejo e no Ribatejo. Pensamos todavia que importa, para além de estabelecer certificação de qualidade deste produtos, também desenvolver linhas estratégicas de promoção internacional promotoras de identificação à Região Alentejo;
- no domínio do efeito da rede das ofertas locais verifica-se a existência de um paralelismo remoto com o binómio Castelo de Vide e Marvão, localidades que partilham uma relação locacional e uma identidade simbólica que gera alguma adicionalidade turística.

GRAU DE INOVAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Do que foi referido anteriormente, é possível extrair um conjunto de elementos potenciadores da atividade turística para o Alentejo e Ribatejo, seja através da organização integrada dos produtos turísticos, seja na melhoria dos dispositivos de gestão dos destinos.

Entre outros aspetos considera-se relevante salientar os seguintes pontos:

- Aperfeiçoamento e aprofundamento do efeito rede: possuindo o Alentejo um conjunto de rotas culturais bastante interessantes é, contudo, importante para o desenvolvimento turístico regional que se potencie os fatores de integração

internos (articulação entre o tema central e os temas que lhe são complementares) e externos (articulação entre as redes). Por outro lado, existem nichos temáticos que não se encontram trabalhados do ponto vista turístico e que seguramente poderão originar novos focos de atratividade, bem como novos elementos de ligação entre os diversos territórios (Ex: rota do barro e rota mineira).

- Tal como acontece no caso de Roma (em que esta emite turistas para regiões periféricas, como é o caso de Castelli Romani), importa potenciar as forças centrípetas dos principais centros de receção do Alentejo, ou seja, encontrar formas para que os visitantes que procuram territórios de elevada excelência e procura turística (Ex: Évora) sejam naturalmente induzidos a continuar as suas estadas em territórios de proximidade, o que permitirá aprofundar a qualidade e o domínio vivencial das experiências turísticas.

3.2.5.1.4. MONTEPULCIANO, SAN GIMIGNIANO e VOLTERRA

A Toscânia é uma região de Itália que se estende por uma área total aproximada de 23.000 km², com uma população estimada de cerca 3.7 milhões de habitantes. Localizada no centro do país, distando cerca de 295 km de Veneza e 230 km de Roma, esta região tem do ponto de vista turístico, o património cultural como um dos seus grandes atrativos. Cidades como Florença, Pisa ou Siena são reconhecidas internacionalmente pelo seu singular património material e imaterial. Na paisagem rural destacam-se as vilas medievais, como por exemplo Orvieto, Montefiascone, Montepulciano, San Gimignano e Volterra, pequenas localidades fortificadas onde a história é habilmente preservada, fazendo um apelo único à memória, recriando hábitos, tradições e culturas.

Figura 22 – Orvieto



Fonte: Própria

Figura 23 – Províncias Italianas e principais centros urbanos



Fonte: Mundusvinus

O seu rico legado artístico e a vasta influência da cultura erudita fazem com que esta região seja considerada o verdadeiro berço da Itália Renascentista. Foi na Toscânia onde surgiram algumas das mais influentes personagens da ciência e das artes como Petrarch, Dante, Botticelli, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Galileo Galilei, Americo Vespuccio, Luca Pacioli ou Puccini.

O reconhecimento da singularidade e atratividade da região traduz-se na circunstância de seis localidades toscanas terem sido designadas património mundial, nomeadamente, o centro histórico de Florença (1982); o centro histórico de Siena (1995), a praça da Catedral de Pisa (1987) e o Val d'Orcia (2004). A própria Florença recebe uma média de 10 milhões de turistas por ano, colocando a cidade como uma das mais visitadas do mundo (top 50). Acresce ainda a esta riqueza patrimonial o facto de a Toscânia ter mais de 120 reservas naturais.

A excelência deste património é hoje complementada com um conjunto de boas práticas de planeamento e gestão dos atrativos turísticos, circunstância que contribui decisivamente para a notoriedade internacional deste destino.

Atente-se no caso particular das vilas medievais de Montepulciano (localizada numa colina a 605 metros de altitude, a cerca de 70 km a sudeste de Siena), Volterra e San Gimignano (localizadas a cerca de 60 km a oeste de Siena). Do ponto de vista da gestão e planeamento turístico destacam-se as seguintes soluções/evidências:

i) Tecnologia, informação, consumo e experiência turístico-cultural

De modo a garantir o acesso à informação ao turista, bem como uma dinâmica de visita independente foi implementado o uso da tecnologia *QR Code*. Esta solução, aplicada no espaço público e estrategicamente localizada junto de todas as unidades de referência monumental e de interesse para o turismo, permite garantir ao visitante da vila de Montepulciano, utilizando um *smartphone*, o acesso a uma informação plena e gratuita dos recursos turístico-patrimoniais. A localização dispersa pela vila de painéis de descarga da referida tecnologia, através de um sistema *WiFi*, permite aceder à aplicação informática, a qual, em combinação com um sistema de informação turística, produz elementos motivadores e facilitadores para o sucesso da visitação.

Figura 24 – Montepulciano: Tecnologia Informativa QR Code (Smartphone)



Fonte: Própria

ii) Gestão de Tráfego e Sistemas de transportes público para centros históricos – sistema *hop-on/hop-off*

Considerando as limitações existentes na malha urbana, as entidades locais de regulação optaram pelo seu encerramento à circulação automóvel, com exceção dos casos de emergência, carga e descarga e acesso a veículos de pessoas com mobilidade reduzida.

No sentido de garantir o acesso à circulação e visitação, foi implementado um sistema de transportes públicos de baixa escala (20 pessoas) e emissão de CO₂ (veículos híbridos e elétricos), o qual viabiliza um sistema *hop on-hop off*, a partir de pontos devidamente identificados e com origem e destino no sistema de estacionamento público e gratuito existente na periferia da vila.

Figura 25 – Montepulciano: Sistema de Transporte Hop-on / Hop-Off



Fonte: Própria

iii) Ordenamento urbano: o contributo dos espaços comerciais como parte do produto cultural em centros históricos

Para além da dimensão patrimonial a vitalidade do ecossistema turístico repousa na diversidade e qualidade da oferta comercial. O nível qualitativo e quantitativo dos estabelecimentos turísticos, expressa no *layout* de loja (ex: vitrinismo, o ambiente, arquitetura e *design* interior das lojas, comunicação -toldos, designação das lojas-

fachadas), levam a considerar a existência de uma operação integrada de planeamento dirigida ao tecido comercial tendo em vista uma complementaridade face ao acervo patrimonial existente, reforçando a identidade e singularidade do espaço. Esta operação, que sugere uma ação de urbanismo comercial do PROCOM ou URBCOM, é bem patente na uniformidade ao nível da estética exterior e interior dos espaços comerciais.

Denota-se também a aplicação de instrumentos de reabilitação (conservação e restauração) integrada, incidindo não só sobre o acervo patrimonial histórico, mas também sobre o edificado privado habitacional.

Figura 26 - Espaço Comercial (Layout, Ambiente de Vitrinismo)- Montepulciano



Fonte: Própria

iv) Oferta combinada de produtos gastronómicos, bem como de outros produtos regionais, em contextos de centros históricos.

Encontra-se disponível nos diversos espaços comerciais, em particular naqueles vocacionados para a gastronomia regional, uma estratégia proactiva de contacto com os produtos locais. A título de exemplo refira-se o facto de vários comerciais disponibilizarem ofertas de degustação, disponível nas entradas das lojas, como forma

de apelo ao consumo (ex: pão com azeite, pão com azeitonas, pão com enchidos e/ou queijos locais, provas de vinho).

Figura 27 – Mostra e Prova de Produtos Regionais em Espaços Comerciais - Montepulciano



Fonte: Própria

v) Centros Integrados de Informação, Promoção e Reserva de Serviços Turísticos (Alojamento, Eventos e Atividades de Animação)

Estes centros são um meio essencial não só para a prestação da tradicional informação turística, à imagem dos convencionais postos de turismo, mas também centrais de reservas dos mais variados serviços turísticos. Em termos operacionais estes centros decorrem de uma articulação entre agentes públicos (ex: região de turismo) e privados (empresas hoteleiras, de animação turística), permitindo desde logo a disponibilização de uma oferta turística integrada, nomeadamente *in loco*. Esta circunstância permite a disponibilização de uma oferta alternativa, materializada em diferentes rotas turísticas que visam não só a localidade em questão, mas toda a região turística da Toscana. Por outro lado, estes centros funcionam como um canal de distribuição turística direto, complementar aos tradicionais meios de distribuição da promoção e oferta turística (ex: operadores turísticos).

Figura 28 – Centro de Informações e Reservas da Comunidade de Volterra

Fonte: Própria

RELEVÂNCIA: FATOR DE ATRATIVIDADE NO TERRITÓRIO ORIGINAL

Montepulciano, Volterra e San Gimignano revelam um conjunto de fatores de grande importância para a sustentabilidade turística e para a dinâmica e ordenamento do território.

Efetivamente, estes conjuntos urbanos conseguiram produzir um ecossistema turístico extremamente atrativo e acolhedor tendo por base, não somente a sua monumentalidade, mas sobretudo pela composição inteligente e harmoniosa dos elementos que atrás referenciamos (tecnologia, ordenamento urbano, aparelho comercial, etc.). A integração de todos estes fatores funciona como um elemento diferenciador para estas vilas medievais, face ao universo extremamente competitivo dos centros urbanos da ruralidade da Toscana, atribuindo-lhes condições de singularidade altamente valoradas pela procura turística. Neste sentido, Montepulciano,

Volterra e San Gimignano, não tendo grandes diferenças comparativas com outros locais da região (ex: Montefiascone), conseguiram criar vantagens competitivas, conforme se expôs anteriormente. Muito embora do ponto de vista patrimonial a semelhança entre estes aglomerados seja notória, o não desenvolvimento e integração de todas as soluções de gestão anteriormente identificadas em Montefiascone, fazem desta apenas mais uma vila histórica da Toscana, tal como muitas outras. Montepulciano, Volterra e San Gimignano tratam-se claramente de processos onde a gestão integrada do destino turístico conseguiu produzir um resultado que supera em muito a soma dos diversos fatores básicos de atratividade. A paisagem rural da Toscana com a sua beleza e funcionalidades é também um elemento de forte atratividade turística, a qual se expressa pela forte presença de modalidades de turismo rural, especialmente unidades de agroturismo.

Figura 29 – Unidade de Agroturismo no Vale de Chianti



Fonte: Própria

Todo este processo de desenvolvimento turístico integrado, tem ainda na dimensão do *marketing* de destino, nomeadamente ao nível da comunicação e da distribuição, através do desenvolvimento de um conceito particular de Centros Integrados de Informação, Promoção e Reserva de Serviços Turísticos uma outra vantagem competitiva fundamental para o sucesso da região. Estes Centros garantem uma articulação fundamental da oferta turística, incrementando a sua singularidade e valor acrescentado, decorrente do facto da articulação dos vários produtos e serviços disponíveis, por exemplo na forma de rota turística. Por outro lado, o destino obtém por

esta via um canal de distribuição adicional, autónomo e *in situs*, facto que garante um meio alternativo e próprio de contacto e distribuição turística.

GRAU DE ADEQUABILIDADE NO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Do ponto de vista da fisiografia e das condições naturais existem bastantes semelhanças entre a Toscana e o território do Alentejo, especialmente o norte e o centro alentejano. Embora estejamos perante um caso onde a dimensão florestal tem uma relevância superior à que se verifica no Alentejo e os níveis de pluviosidade sejam igualmente mais elevados, sobretudo no que diz respeito à estrutura agrária, evidenciam-se pontos de contacto que merecem ser relevados.

A estrutura da ocupação fundiária, as práticas económicas locais e os elementos patrimoniais existentes no Alentejo e Ribatejo configuram unidades paisagísticas e funcionais com alguma semelhança às existentes na Toscana.

No que diz respeito ao turismo, também os consumidores dos dois territórios em análise (Alentejo e Toscana) encontram referenciais de interesse idênticos, nomeadamente ao nível da enogastronomia, da paisagem, do alojamento em espaço rural e do potencial patrimonial.

No que concerne ao *marketing* turístico da região, os Centros Integrados de Informação, Promoção e Reserva de Serviços Turísticos são um modelo a adotar nos termos referidos, permitindo, nomeadamente o desenvolvimento de um efeito multiplicador e sinergias de comunicação entre pólos culturais de maior notoriedade internacional (ex: Évora – Património Mundial da Humanidade) e pólos de igual importância, mas de menor notoriedade como Arraiolos, Juromenha, Monsaraz ou Mértola. Por outro lado, estes Centros Integrados de Informação, Promoção e Reserva de Serviços Turísticos são um veículo fundamental para a consolidação da região enquanto produto turístico composto e singular, em especial no conceito de rota turística.

Os eventos culturais no Alentejo tem um peso considerável na realidade social local e representam um papel significativo nas dimensões turísticas e comerciais locais. Importa todavia conferir-lhe um papel mais eficaz no processo de divulgação externa, que potencie uma procura mais elevada ao nível do mercado turístico e sobretudo uma procura mais concentrada ao nível do mercado internacional.

MODO DE ADEQUAÇÃO AO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

O modo de adequação centra-se, na nossa perspetiva, em dois aspetos fundamentais: ao nível dos produtos turísticos, com o aprofundamento e lançamento de alguns produtos inovadores e qualificação de outros já existentes; no âmbito da conceção, adequação e implementação de modelos de gestão aplicados aos destinos turísticos do Alentejo, de modo a ampliar os fatores avançados de competitividade.

Estabelecer indicadores para a criação de uma estratégia autónoma de promoção e distribuição turística integrada, tendo os Centros Integrados de Informação, Promoção e Reserva de Serviços Turísticos como estruturas basilares dinamizados pelos agentes locais públicos e privados, funcionando deste modo como um canal complementar ao tradicional promovido pelos diferentes intermediários turísticos.

O modelo de adequação ao território do Alentejo ao nível dos eventos culturais, decorre de uma estratégia de afirmação dos produtos culturais locais, de modo a garantir níveis de atratividade, geradores e promotores de uma identidade representativa das culturas locais.

GRAU DE INOVAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

Muitas das vilas e cidades do Alentejo e Ribatejo possuem condições para a implementação inovadora de tecnologias de informação turística para sistemas móveis, à semelhança do que foi descrito em Montepulciano. Trata-se de um sistema relativamente simples de implementar e que torna mais profícua a experiência aos visitantes utilizadores de dispositivos móveis do tipo *smartphone*.

Também ao nível do tráfego e sistema de transporte público pensamos ser possível em alguns territórios urbanos de menor escala no Alentejo e Ribatejo, poder adaptar um sistema de transporte que viabilize a acessibilidade e ordenamento rodoviário e a fruição do espaço através de um modelo de circulação realizado por veículos públicos do tipo hop-on/hop-off.

De modo a garantir a vitalidade do ecossistema turístico e a qualidade da oferta comercial, sugere-se nos principais centros turísticos o lançamento de operações de qualificação, uniformização e adaptação ao turismo do aparelho comercial,

eventualmente através de programas de intervenção incidindo nas principais vias urbanas dos territórios turísticos.

Importa, também, reforçar a aplicação de instrumentos de reabilitação integrada (conservação e restauração), incidindo não só sobre o acervo histórico, mas também sobre o edificado habitacional.

É fundamental, igualmente, atuar sobre a vertente da produção e comercialização do artesanato regional, muito especialmente sobre a vertente agroalimentar, a qual, para além de poder potenciar o comércio, é fundamental para a consolidação de um fator que no Alentejo assume uma relevância muito especial - a eno-gastronomia regional. Também o tecido de comercialização deverá adotar modelos de promoção diretivos e pró-ativos, de modo a estimular o consumidor à procura dos referidos produtos e a garantir processos de promoção e de *marketing* atrativos, qualificados e eficazes. A título de exemplo refira-se o processo de ofertas de degustação, nas entradas das lojas, como forma de apelo ao consumo (ex: pão com azeite, pão com azeitonas, pão com enchidos e/ou queijos locais, provas de vinho).

O desenvolvimento de uma estratégia de *Marketing* Territorial (Turístico-Cultural) assente em meios coletivizados de comunicação e distribuição é essencial para garantir à ERT Alentejo e Ribatejo um papel ativo e influente sobre os canais tradicionais de distribuição na comunicação e comercialização da sua oferta cultural, para além de permitir um contacto mais próximo com este perfil de consumidor/turista, com todos os benefícios e níveis de personalização e fidelização daí decorrentes.

A construção de um modelo geral que enquadre os eventos culturais no Alentejo e Ribatejo, é fundamental para otimizar os fatores de atratividade turística. Por essa via, importa definir uma agenda que dimensione a importância dos eventos, criando uma matriz em circulação que fidelize consumidores e os faça percorrer tipologias diferenciadas de eventos.

3.2.5.1.5. EVIDÊNCIA: SIENA, FLORENÇA e VALE de CHIANTI, e PANZANO

A par dos seus centros urbanos singulares, como Siena, Arezzo e Florença, a Toscânia central oferece uma paisagem rural única, dominada pela vinha, pelo olival, por outros campos de cultivo, pelas planícies e pelas colinas. É um território rural único onde a tradição e a cultura rural se cruzam de forma irrepetível. A gastronomia local é igualmente expressão de uma geografia, ruralidade e tradições próprias, destacando-se produtos nobres como o queijo, o presunto, o azeite e o vinho, estes apurados por um clima temperado mediterrânico. No universo vitivinícola são exemplo os afamados Chianti, Brunello di Montalcino, Vino Nobile do Montepulciano e Morellino di Scansano.

i) Oferta de Eventos Culturais

As dinâmicas culturais centradas em processos coletivos de apropriação e difusão dos valores histórico-patrimoniais, ganham maior relevância através da realização de eventos de carácter popular, de grande expressão territorial e representativas dos valores locais.

O papel dos eventos, para além da promoção identitária da autoestima do território, contribui para a consolidação e desenvolvimento económico e para a projeção turística do mesmo.

No caso da Toscânia e em particular no que diz respeito ao eixo territorial Florença-Siena, podemos encontrar práticas culturais locais que se transformaram em produtos turísticos de elevada procura. O caso mais sintomático é o Pálio em Siena que, realizado duas vezes por ano, atrai um número significativo de espectadores (aproximadamente 70.000 na edição de 2014), importando mais-valias económicas e funcionando como o principal fator de promoção local. Estas festas são igualmente relevantes pela sua elevada representatividade junto da diáspora italiana nos Estados Unidos.

A realização de eventos de carácter estruturante, de elevada representação cultural dos territórios e da sociedade local, assume um papel determinante para as comunidades locais, representando uma acrescida valorização económica e funcionando como instrumento privilegiado de promoção turística em contexto extraterritorial.

Os eventos assumem particular importância não só nos grandes centros culturais, mas particularmente no meio rural, em pequenas aldeias ou vilas históricas e medievais. Os eventos são dinamizados com base num conceito de interação entre turistas e comunidade local, conferindo uma dimensão emocional e memorável acrescida ao produto e à região, para além de fomentar o consumo de produtos regionais. Aliás, os produtos regionais são um dos principais motivos para a realização destes eventos, com ênfase particular ao nível da gastronomia, vinicultura, artesanato e celebração de festividades e rituais locais. Atente-se no caso de Panzano, vila histórica localizada no vale de Chianti, onde o seu festival de vinho -*Vino al Vino*- assume particular relevância pelas dinâmicas ativas de envolvimento do turista, desde provas de vinho até visitas a lagares para conhecimento do processo de fabrico. Por outro lado, associam-se a esta temática central todo um outro conjunto de elementos de atração, como por exemplo os espetáculos de Jazz.

Figura 30 – Festival de Vinho em Panzano



Fonte: <http://www.vinoalvinopanzano.com>

ii) Gestão de Turismo Cultural em Territórios massificados

A tendência contemporânea do movimento turístico tem vindo a promover uma gradual e complexa massificação de destinos, que apresentam uma razão direta entre a concentração espacial e a oferta de recursos turísticos. Olhando para cidades como Siena e Florença encontramos vulgarmente parcelas dos territórios com elevados índices de concentração de multidões e de movimento de fluxos.

Essa circunstância representa um impacto direto menos positivo sobre a perceção do destino pelo turista, ampliando os índices de reatividade e promovendo uma desvalorizada fruição da experiência decorrente do consumo.

Para diluir os efeitos da elevada procura turística, foram criados mecanismos de mitigação, tais como:

- A constituição de zonas de tráfego limitado (ZTL), as quais condicionam o acesso a veículos não autorizados, penalizando gravemente os infratores (o conceito de acesso é dinâmico, por exemplo em Roma o acesso é livre aos Domingos).

Figura 31 – Florença: Pormenor do Sistema de Acesso e Controlo a Zona de Tráfego Limitado



Fonte: Própria

- A construção de uma rede de parques de estacionamento, nas periferias das cidades, com tarifas proporcionais à proximidade do centro.

- A política diferenciada de acessos e de estacionamento, sobretudo no contexto das entradas dos espaços urbanos, por veículos automóveis, os quais são condicionados em determinados dias da semana, ou a determinadas horas do dia, sendo o condicionalismo aferido pela idade do automóvel, pelo tipo de combustível que usa e em algumas situações pela própria série numérica da matrícula.

- A criação de um sistema de transporte *hop-on/hop-off*, em muitos dos casos habilitados com um sistema de locomoção à base de energias alternativas (ex: elétricos).

Para além do domínio das acessibilidades são ainda de referir um conjunto de medidas tendentes a tornar mais acolhedor o ecossistema turístico e a qualidade da experiência turística.

- A criação de centrais de reserva para museus, monumentos e espetáculos
- A criação de *city card's* para acessos (diários; semanais)
- Bilheteira eletrónica - *online*

iii) Sistema de Informação de prevenção, emergência e segurança

Acresce à referida informação de natureza turística, um nível de informação fundamental ao nível da prevenção, emergência e segurança. Este âmbito de informação é vital, considerando que estamos perante espaços urbanos com circulação exígua e uma malha urbana complexa e intrincada, frequentados por um público -multidões pouco familiarizado ou desconhecedor do local.

Figura 32 – Pormenor de sinalética de prevenção, emergência e segurança: Montepulciano



Fonte: Própria

Será ainda pertinente o desenvolvimento de um conceito de informação integrado, satisfazendo dois níveis essenciais: consumo e prevenção, emergência e segurança.

Figura 33 – Pormenor sistema integrado de informação prevenção, emergência e segurança



Fonte: Própria

iv) Dinamização do espaço rural com base em ofertas e serviços turístico-culturais

A Toscânia é uma região de forte predominância da economia agrária, onde se atribui um particular relevo à produção vinícola e olivícola. A paisagem incorpora um relevo que integra diferentes núcleos das culturais acima referidas com pomares e campo de cereais, totalmente inseridos em pequenos aglomerados habitacionais ou grandes quintas. Nestes espaços encontramos um património rural, que assenta na existência de múltiplas casas de lavoura de elevado interesse arquitetónico, claramente vocacionado e dirigido à oferta de alojamento turístico classificado.

A Região de Chianti (um enorme triângulo de relevo acentuado que tem por vértices as cidades de Florença, Arezzo e Siena) é conhecida por uma dinâmica económica e promocional que tem como produto central o vinho, a paisagem vitivinícola e o alojamento em espaço rural.

Com um sistema bastante bem organizado de rotas (pedestre, bicicleta e automóvel) e com uma multiplicidade de postos de degustação e venda, que são ao mesmo tempo

espaços museológicos dedicados ao vinho e à região de Chianti, são privilegiados ainda, ao longo do ano, um conjunto de manifestações culturais associadas ao vinho (festas populares, feiras) que ampliam a oferta e a procura turística, baseada no agro turismo e enoturismo.

RELEVÂNCIA: FATOR DE ATRATIVIDADE NO TERRITÓRIO ORIGINAL

A realização de eventos de carácter estruturante, de elevada representação cultural dos territórios e da sociedade local, assume um papel determinante para as comunidades locais, representando uma acrescida valorização económica e funcionando como instrumento privilegiado de promoção turística em contexto extraterritorial. Com efeito os múltiplos eventos de carácter etnográfico associados ao vinho e seu *terroir*, para além de assegurarem os efeitos de reprodução cultural local, fundamental para o garante da genuinidade territorial, são claramente instrumentos de *marketing* de lugares, geradores de mecanismos de atratividade fundamentais para territórios de ruralidade.

GRAU DE ADEQUABILIDADE NO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

A crescente importância da produção vitivinícola no Alentejo e a representação que a mesma tem vindo a granjear nos fóruns internacionais, são fatores fundamentais para o processo de afirmação turística do território e de produtos que lhe podem ser complementares. Nesse sentido, existe uma forte semelhança com o território de potencial comparativo da região de Chianti. Importa então desenvolver estratégias de afirmação do produto em contexto internacional e potenciar modelos de alojamento centrados na componente eno-turística e eno-gastronómica, ampliando a rede de oferta de eventos de carácter cultural. Os eventos culturais no Alentejo têm um peso consideravelmente na realidade social local e representam um papel significativo nas dimensões turísticas e comerciais locais. Importa, todavia, conferir-lhes um papel mais eficaz no processo de divulgação externa, que potencie uma procura mais elevada ao nível do mercado turístico e, sobretudo, uma procura mais concentrada ao nível do mercado internacional.

MODO DE ADEQUAÇÃO AO TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

O modelo de adequação ao território do Alentejo ao nível dos eventos culturais decorre de uma estratégia de afirmação dos produtos culturais locais, de modo a garantir níveis de atratividade geradores e promotores de uma identidade representativa das culturas locais.

As manifestações culturais de forte projeção nesta região Italiana, são claramente paritárias àquelas que podemos encontrar no Alentejo, sendo que, para além dos eventos que nas mesmas se desenrolam, podemos enquadrar estratégias promocionais alavancadas no potencial das culturas agrárias locais e nas tradições rurais.

Importa neste pressuposto estruturar os eventos de carácter cultural, dando-lhes escala, promoção e identidade extraterritorial, desenvolvendo estratégias de afirmação no país e no estrangeiro.

Ao nível da prevenção, emergência e segurança, importa igualmente desenvolver uma matriz transversal a todo o território, considerando as características próprias de vários dos aglomerados histórico-culturais da região do Alentejo e Ribatejo.

GRAU DE INOVAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA ERT ALENTEJO E RIBATEJO

A construção de um modelo geral que enquadre os eventos culturais no Alentejo e Ribatejo, é fundamental para otimizar os fatores de atratividade turística. Por essa via, importa definir uma agenda que dimensione a importância dos eventos, criando uma matriz em circulação que fidelize consumidores e os faça percorrer tipologias diferenciadas de eventos.

Neste contexto associado à dimensão vinho do Alentejo, importa definir um conjunto de eventos promocionais e culturais que complementem e afirmem a marca Alentejo e a promovam no exterior e, simultaneamente, estruturar uma rede de alojamentos de charme de elevada dimensão cultural, que afirme a arquitetura tradicional, a arte e o artesanato locais, como instrumentos de *new-design*, que concebam estratégias de visitação e de animação centrados na utilização e na reinvenção das práticas rurais e das atividades agrárias.

3.2.5.3. CONCLUSÕES

A presente ação de *Benchmarking* tendo por referencial o território italiano de Lázio e Toscana, enquanto destino de referência internacional no domínio do *touring* cultural e paisagístico, permite identificar um conjunto de fatores críticos de sucesso que estão na base do seu desenvolvimento/êxito:

Ordenamento e Urbanismo, adaptado à Procura Turística

Devido à forte pressão do consumo turístico, o modelo de gestão de fluxos e ordenamento urbano das cidades de média dimensão da Toscana teve que encontrar respostas que garantissem a redução dos impactos provocados por índices elevados de visitação:

- Rede de acessibilidades adequadas à tipologia do território cultural, com *design* de uso focado no consumo pedonal.
- Estratégias de limitação e condicionamento de acesso ao trânsito automóvel dentro dos cascos urbanos de elevado interesse histórico, patrimonial e paisagístico.
- Sistema em rede de estacionamento automóvel, honorado na razão direta de custo à proximidade do centro. Quanto mais perto, mais caro! (3 euros, fração de uma hora e com acréscimo de mais 50 cêntimos ao custo base, por cada hora suplementar).
- Estratégias de requalificação urbana (edificado geral, estruturas patrimoniais), de modo a garantir um padrão estético uniforme, quer ao nível das fachadas, quer ao nível dos materiais usados e das cores utilizadas.
- Estratégias de qualificação da componente urbano-comercial, por via da regulação estética de fachadas (cores e materiais usados), por via da padronização/uniformização dos toldos, do *design* de interiores e do trabalho cuidado de vitrinismo.

Sistema de informação turística, prevenção, emergência e segurança.

Ao nível da matriz de consumo de bens culturais, as autoridades turísticas da Toscana, no sentido de responder qualificadamente à massiva procura turística, criaram mecanismos redutores de concentração de públicos e filas nas bilheteiras dos principais monumentos, através da criação de processos de compra eletrónica de bilhetes que permitem o controlo diário (hora a hora dos fluxos de procura turística). Este processo permite no ato de compra fazer a gestão e controlo de público e apurar tempos médios de visitação. Para além da bilheteira *online*, também a introdução de passes semanais e de sistemas audiofones de visitação, têm um efeito de fluidez em todo o sistema de visitação.

Ainda no quadro do sistema de informação turística, importa referir a importância do modelo que as centrais de reserva integrada de cariz público, manifestam na captação do negócio turístico e na fluidez que promovem ao processo de opção de consumo. Com efeito, os gabinetes locais de turismo, desempenham, para lá da condição informativa, um papel fundamental no processo de *booking* de toda a atividade turística local, desde o alojamento à restauração, passando pela animação e pela organização de eventos.

Por último, a componente tecnológica posta ao serviço do turista, possibilita que através de um dispositivo tecnológico digital (*smartphone*) e utilizando uma aplicação *free* (*QR code*) se obtenha um volume de informação sobre o território, o seu património e cultura, bem como sobre as atividades turísticas, económicas e a oferta do tecido comercial, de elevada qualidade e segundo um processo rápido e eficaz.

Todas estas especificidades, enquadradas no processo de gestão da informação turística, promovem condições para a conceção de estratégias de elevado valor acrescentado, porquanto desenvolvem mecanismos de articulação e processos de complementaridades entre os diferentes subsistemas da oferta turística, cruzando património com comércio, gastronomia com artesanato, arte com alojamento, museologia com vinho e com azeite, vilas e paisagens de elevado interesse paisagístico com novas tendências de *design* e de moda.

Paralelamente a todo um sistema de informação de consumo turístico deverá ser ainda considerado um outro vocacionado para a prevenção, emergência e segurança, tendo em conta o perfil específico dos territórios/espacos histórico-culturais.

Sistemas de visitação: estratégias de *touring* cultural

A oferta e a procura turísticas da Toscana está centrada, claramente no mercado do *touring* cultural e paisagístico, não só na perspetiva do consumidor que procura Património (natural e cultural) que o interceta com dimensões temáticas (medievalismo e arte renascentista, gastronomia/vinho, música, religião e tradições, mundo rural e vivências culturais comunitárias), mas que o faz no sentido de, cumprindo um roteiro, poder passar por um conjunto circular de experiências que interagem entre si.

Visitar a Toscana implica uma lógica sequencial que só as rotas generalistas e/ou temáticas podem dar. O processo de contemplação estética do mundo rural só faz sentido porque a ele está associado o princípio da prova e portanto da experiência. É impossível conhecer a Toscana centralizando o território de visitação aos meios urbanos. O seu conhecimento decorre necessariamente da perceção de um todo territorial com uma multiplicidade de saberes sustentados em descobertas que muitas das vezes são ocasionais e dispersas.

Por muito interesse e valor patrimonial que possam ter as cidades e as pequenas vilas (Florença, Siena, S. Gimignano, etc.) focalizar a viagem turística somente nelas, não ilustra aquilo que realmente é a Toscana. Falta o cromático, os cheiros, o relevo e uma dimensão estética única de total cumplicidade e harmonia entre as paisagens naturais, a dimensão cultural e as dinâmicas rurais que os campos apresentam.

Mundo rural e ordenamento turístico-paisagístico

O modelo de desenvolvimento rural da Toscana estabelece claramente linhas de interação entre três fatores de projeção económica: o tipo de paisagem e a produção agrícola local; as dinâmicas culturais locais e o património histórico; e, por último, numa relação simbiótica com os dois últimos a atividade turística. Com efeito, esta última vive essencialmente do processo de afirmação das anteriores, estruturando a gestão turístico-territorial por via da oferta complementar de sistemas de visitação dimensionados em rotas temáticas (paisagem, vinho gastronomia, religião, património urbano, etc.), pela promoção e organização de eventos culturais e pela existência e oferta de uma rede de alojamento em espaço rural de singular enquadramento e qualidade.

Importa então, no quadro conclusivo, olhar para as dimensões de comparação com o Alentejo que possam ser retiradas da observação feita na Toscana. Com efeito existem linhas de comparabilidade entre estes dois territórios, quer ao nível do modelo de perceção e de interpretação da paisagem, quer ao nível da importância e do valor patrimonial (cultural e histórico). Importa, porém, estabelecer e afirmar os modelos de visita, criando condições para a implementação e funcionamento de rotas turísticas, apetrechar o tecido patrimonial com meios tecnológicos facilitadores da visita e ambientalmente sustentáveis e garantir uma estratégia de promoção, desenvolvimento e qualificação do sistema de alojamento que permitam uma maior simbiose entre o território, as suas práticas rurais e culturais e o visitante.

Quadro 7 – Síntese das principais evidência da ação de Benchmarking em Itália e seu modo de adequação ao território da ERT Alentejo e Ribatejo

Evidência	Localização	Relevância: Fator de Atratividade (0 a 10) no Território Original	Grau de Adequabilidade no Território da ERT Alentejo e Ribatejo (0 a 10)	Modo de Adequação ao Território da ERT Alentejo e Ribatejo	Grau de Inovação para o Território da ERT Alentejo e Ribatejo (0 a 10)
Aeroporto <i>Low Cost</i>	Pisa	10	6	A possível conversão do aeroporto de Beja numa <i>gateway</i> estratégica para os mercados internacionais seria vital para o desenvolvimento do turismo na região. A negociação direta da ERT Alentejo e Ribatejo com companhias <i>low-cost</i> deverá ser explorada.	10
Circulação de Tráfego em regime de ZTL, com sistema <i>hop-on/hop-off</i>	Roma, Florença, Siena, Montefiascone, Montepulciano	9	9	A constituição de zonas de tráfego limitado (ZTL), as quais condicionam o acesso a veículos não autorizados, penalizando gravemente os infratores a par da criação de um sistema de transporte <i>hop-on/hop-off</i> , em muitos dos casos habilitados com um sistema de locomoção à base de energias alternativas (ex: elétricos), é um fator vital para a promoção de um ambiente cultural e atrativo singular no contexto dos centros histórico culturais, aumentando significativamente os seus níveis de fruição, atratividade, visita e, conseqüentemente, de consumo.	10
Sistemas Informação Turística suportados em QR Code e tecnologia Wifi	Montepulciano, Siena	8	10	Estas soluções de base tecnológica são vitais para um produto onde o acesso à informação é essencial, para mais perante um turista que quer ser cada vez mais autónomo. Aplicadas no espaço público e estrategicamente localizadas junto a todas as unidades de referência monumental e de interesse para o turismo, permitem garantir ao visitante, utilizando um <i>smartphone</i> , o acesso a uma informação essencial, e a título gratuito, dos recursos turístico-patrimoniais. A localização dispersa pelas vilas de painéis de descarga da referida tecnologia através de um sistema Wi-Fi, permite aceder à aplicação informática, a qual, em combinação com um sistema de informação turística, produz elementos motivadores e facilitadores para o sucesso da visita. Podem ainda ser integradas adicionalmente nestas soluções tecnológicas informações úteis ou sobre serviços turísticos na localidade e/ou região.	8

Evidência	Localização	Relevância: Fator de Atratividade (0 a 10) no Território Original	Grau de Adequabilidade no Território da ERT Alentejo e Ribatejo (0 a 10)	Modo de Adequação ao Território da ERT Alentejo e Ribatejo	Grau de Inovação para o Território da ERT Alentejo e Ribatejo (0 a 10)
Eventos e Animação Cultural em centros urbanos de referência e em pequenos aglomerados locais	Panzano, Siena	9	7	Os eventos deverão ser dinamizados com base num conceito de interação entre visitantes e comunidade local, conferindo uma dimensão emocional e memorável acrescida ao produto e à região, para além de fomentar o consumo de produtos regionais. Aliás, os produtos regionais são um dos principais motivos para a realização destes eventos, com ênfase particular ao nível da gastronomia, vinicultura, artesanato e celebração de festividades e rituais locais. Particular relevância para as dinâmicas ativas de envolvimento do turista, desde provas de vinho até visitas a lagares para conhecimento do processo de fabrico. Por outro lado, associam-se a esta temática central todo um outro conjunto de elementos de atração, como espetáculos de Jazz.	7
Adoção, em centros urbanos e vilas históricas, de políticas integradas ao nível comercial, garantindo um conceito de destino e uma interação ativa com o visitante	Montepulciano	9	9	Para além da dimensão patrimonial, a vitalidade do ecossistema turístico repousa na diversidade e qualidade da oferta comercial. O nível qualitativo e quantitativo dos estabelecimentos turísticos, expressa no <i>layout</i> de loja (ex: vitrinismo, o ambiente, arquitetura e <i>design</i> interior das lojas, comunicação -toldos, designação das lojas-, fachadas), levam a considerar a existência de uma operação integrada de planeamento dirigida ao tecido comercial tendo em vista uma complementaridade face ao acervo patrimonial existente, reforçando a identidade e singularidade do espaço. Acresce ainda o facto das provas de vinho, bem como de outros produtos regionais e sua produção <i>in loco</i> serem práticas permanentes nos espaços comerciais.	9

Evidência	Localização	Relevância: Fator de Atratividade (0 a 10) no Território Original	Grau de Adequabilidade no Território da ERT Alentejo e Ribatejo (0 a 10)	Modo de Adequação ao Território da ERT Alentejo e Ribatejo	Grau de Inovação para o Território da ERT Alentejo e Ribatejo (0 a 10)
Desenvolvimento de centros locais de informação e reserva de serviços turísticos no contexto da ERT Alentejo e Ribatejo	Volterra	7	9	Estes centros são um meio essencial não só para a prestação da tradicional informação turística, à imagem dos convencionais postos de turismo, mas também centrais de reservas dos mais variados serviços turísticos. Em termos operacionais estes centros decorrem de uma articulação entre agentes públicos (ex: entidade regional de turismo) e privados (empresas hoteleiras, de animação turística), permitindo desde logo a disponibilização de uma oferta turística integrada, nomeadamente <i>in loco</i> . Esta circunstância permite a disponibilização de uma oferta alternativa, direta, dinamizando, nomeadamente o conceito de rota turística.	7
Desenvolvimento de uma rede de turismo rural sob uma marca regional	Toscânia	8	8	Esta rede visa mais do que desenvolver uma oferta, a qual até já é algo relevante no Alentejo, promover estratégias de comunicação e desenvolvimento integrado, dando uma qualificação e notoriedade adicional ao destino.	7

Fonte: Própria

4. ÁREA DE INTERVENÇÃO: ALENTEJO E RIBATEJO

4.1. LOCALIZAÇÃO E FIGURA

A Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS) foi instituída pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 34/86, de 26 de março, no seguimento da respetiva criação por parte do Gabinete de Estatísticas da União Europeia (EUROSTAT). Contemplou três níveis – o primeiro (NUTS I) correspondente ao território de Portugal, incluindo o Continente e as Regiões Autónomas; o segundo (NUTS II) formado pelas Regiões Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve, Açores e Madeira; e o terceiro (NUTS III) composto por 27 sub-regiões continentais – fazendo parte da região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT) as sub-regiões Grande Lisboa Norte, Grande Lisboa Sul, Oeste, Lezíria do Tejo e Médio Tejo) – e pelas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira (Conselho de Ministros, 1986).

A área territorial de intervenção do PEDTNAR coincide com a atual região NUTS II Alentejo, que inclui a sub-região Ribatejo. Como as divisões administrativas da NUTS foram alteradas sucessivamente desde a sua criação, importa explicar com rigor as configurações dos limites administrativos do território a que corresponde a área de atuação da Entidade Regional de Turismo do Alentejo, ERT.

O Decreto-Lei n.º 46/89, de 15 de fevereiro, introduziu alterações na configuração territorial da RLVT. Assim, o município de Azambuja passou da sub-região Oeste para a sub-região Lezíria do Tejo; os municípios de Chamusca e de Golegã passaram da sub-região Médio Tejo para a sub-região Lezíria do Tejo; o município de Mação passou da sub-região Médio Tejo para a sub-região Pinhal Interior Sul³ (NUTS II Centro); o município de Ponte de Sor passou da sub-região Médio Tejo para a sub-região Alto Alentejo (Ministério do Planeamento e da Administração do Território, 1989)⁴.

³ Esta nova sub-região, introduzida pelo mencionado Decreto-Lei, resultou da desagregação da sub-região Pinhal Interior que deu origem às sub-regiões Pinhal Interior Norte e Pinhal Interior Sul, passando a existir 28 entidades NUTS III no continente (Ministério do Planeamento e da Administração do Território, 1989).

⁴ Nesta alteração legislativa, as designações das sub-regiões Grande Lisboa Norte e Grande Lisboa Sul passaram a denominar-se Grande Lisboa e Península de Setúbal, respetivamente. Por força das alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 163/99, de 13 de maio, os municípios de Odivelas, Vizela e Trofa, entretanto criados, passaram a pertencer às sub-regiões Grande Lisboa (Odivelas) e Ave (Vizela e Trofa), (Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, 1999).

O Decreto-Lei n.º 317/99, de 11 de agosto, determinou a passagem do município de Gavião para a sub-região Alto Alentejo, deixando, desde então, de pertencer à sub-região Médio Tejo, atendendo à identidade cultural, geográfica e económica que este município evidencia (Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, 1999).

Com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 244/2002, de 5 de novembro, motivadas pela necessidade de adequação das NUTS ao desenvolvimento socioeconómico mais recente das regiões (que colocava em causa a elegibilidade da RLVT para a melhor captação de fundos estruturais da UE, prejudicando as sub-regiões Oeste, Lezíria do Tejo e Médio Tejo), a região de Lisboa – constituída pelas sub-regiões Grande Lisboa (que integra o município de Mafra) e Península de Setúbal – passa a corresponder ao território da Área Metropolitana de Lisboa (AML). No seguimento, as sub-regiões Oeste e Médio Tejo transitaram para a NUTS II Centro e a sub-região Lezíria do Tejo para a NUTS II Alentejo (Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente, 2002). Se, de facto, a RLVT deixou de existir por força desta legislação, na realidade esta designação tem persistido em estudos, estatísticas e demais informação disponibilizada, como o planeamento e a promoção turística.

A recente organização territorial estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 68/2008, de 14 de abril, a partir do estabelecido no Programa para a Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE) e no Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), e de acordo com a vontade dos municípios e das comissões de coordenação e desenvolvimento regional, alterou a anterior divisão administrativa, no sentido de facilitar às associações de municípios e às áreas metropolitanas, a participação em estruturas administrativas do Estado e nas estruturas de governação do QREN⁵.

Com a mesma justificação das alterações efetuadas em 2008, ou seja baseado no perfil socioeconómico comum e no reconhecimento das dinâmicas relacionais existentes entre os municípios, neste caso da NUTS II Alentejo, o Decreto-Lei n.º 85/2009, de 3 de abril,

⁵ Deste Decreto-Lei resulta uma diferente organização territorial, baseada nas NUTS III, mas com as seguintes alterações: i) os municípios de Cabeceiras de Basto e Mondim de Basto da NUTS III Tâmega integram a unidade territorial do Ave; ii) os municípios da Trofa e Santo Tirso da NUTS III Ave passam a integrar a unidade territorial do Douro; iii) o município de Murça da NUTS III Alto-Trás-os-Montes transita para a unidade territorial do Douro; iv) o município de Vila Flor da NUTS III Douro passa para a unidade territorial do Alto-Trás-os-Montes; v) o município de Ribeira de Pena da NUTS III Tâmega integra a unidade territorial do Alto-Trás-os-Montes; vi) o município da Mealhada da NUTS III Baixo Vouga é transferido para a unidade territorial do Baixo Mondego; e vii) o município de Mortágua da NUTS III Dão-Lafões passa para a unidade territorial do Baixo Mondego, (Conselho de Ministros, 2008).

estabelece as seguintes alterações: i) o município de Mora da NUTS III Alto Alentejo integra a unidade territorial do Alentejo Central; e ii) o município de Sousel da NUTS III Alentejo Central passa a integrar a unidade territorial do Alto Alentejo (Conselho de Ministros, 2009)⁶.

No que diz respeito ao território objeto deste Plano, quer a NUTS II Alentejo, quer as NUTS III (Alentejo Litoral, Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo) não sofreram quaisquer alterações.

Na sequência das recentes alterações legislativas que preconizaram a reorganização das Entidades Regionais de Turismo (Lei n.º 33/2013, de 16 de maio), foram estabelecidos os limites administrativos de cada uma das cinco entidades, que correspondem à NUTS II fixadas no Decreto-Lei n.º 46/89, de 15 de fevereiro, alterado pelos Decretos-Lei n.ºs 163/99, de 13 de maio, 317/99, de 11 de agosto, 244/2002, de 5 de novembro, e pela Lei n.º 21/2010, de 23 de agosto.

Pelo exposto, justificou-se o território de intervenção deste Plano, nomeadamente a integração da Lezíria do Tejo no planeamento do *Touring* Cultural e Paisagístico, em conformidade com a área territorial de atuação da Entidade Regional de Turismo do Alentejo, ERT, que é, assim, composta por 58 municípios pertencentes às NUTS III Alentejo Litoral (5), Alto Alentejo (15), Alentejo Central (14), Baixo Alentejo (13) e Lezíria do Tejo (11) (figura seguinte).

Figura 34 – NUTS e território de intervenção do PEDTNAR

⁶ Mais recentemente, a Lei n.º 21/2010, de 23 de agosto, repõe o município de Mação na sub-região Médio Tejo em detrimento da sub-região Pinhal Interior Sul (NUTS II Centro), para onde tinha sido transferido há cerca de duas décadas, por força do Decreto-Lei n.º 46/89, de 15 de fevereiro (Assembleia da República, 2010).



Fonte: Carta Administrativa Oficial de Portugal (DGT) e legislação relativa à NUTS.

Já em 1955, o insigne geógrafo Orlando Ribeiro, na página 2 do tomo V da Geografia de Espanha e Portugal, chamava a atenção para a importância da conjugação entre a ação modeladora do processo histórico e a herança da natureza na configuração - e

permanente reconfiguração - dos espaços geográficos. Adaptando as suas palavras, uma região não é somente um produto da história, nem simplesmente um dom da natureza, mas antes uma combinação original e fecunda de dois elementos, território e civilização.

A área de intervenção apresenta uma configuração esquemática quadrilátera com os lados assentes no litoral atlântico, a Oeste, na fronteira luso-espanhola, a Este, num espaço insinuado irregularmente pelo Rio Tejo, a Norte, e na fronteira com a NUTS II Algarve, a Sul. Trata-se de uma extensão muitíssimo considerável à escala nacional (a maior região territorial do País), com uma área de aproximadamente 31,6 milhares de quilómetros quadrados.

Expressando o segmento centro-sul do território nacional, a área de intervenção assume características fisiográficas que derivam, em boa parte, da sua localização geográfica – latitudinal e longitudinal – no contexto territorial português, peninsular e mundial.

Efetivamente, desta localização aproximada entre os paralelos 37° e 39° N e 6° e 9° O deriva um posicionamento específico no quadro das três grandes influências naturais (sobretudo climáticas e hidrológicas, mas também orográficas e de ordem faunística e florística – já para não referir a demografia e a ocupação humana do território) que nos ajudam a compreender o quadro físico em apreço: i) o contraste Norte Sul, relevante no quadro da integração da AI no contexto dos grandes mecanismos climáticos peninsulares e da Europa Ocidental, nomeadamente face aos percursos habituais dos sistemas de perturbações que se insinuem do Oeste atlântico, e face à morfologia do território nacional e peninsular, no geral com um relevo bastante mais movimentado a Norte do que a Sul do conjunto Cordilheira Central/Montes de Toledo; ii) a dicotómica influência atlântica e mediterrânica, a qual, embora com um domínio significativo do primeiro efeito, sobretudo na deslocação para Norte e para o litoral, não deixa de permitir que se instituem influências mediterrânicas marcantes, como por exemplo a que tem, de certa forma, explicado e marcado o Portugal turístico, a existência de um verão quente e seco; iii) o contraste litoral/interior, importante para compreender a geografia regional dos extremos climáticos e os graus de conforto dos estados de tempo comuns ao longo do ano, mas igualmente a distribuição das grandes unidades geomorfológicas, os regimes pluviométricos e os grandes conjuntos vegetais característicos das sub-regiões.

Globalmente, estas macro influências – eminentemente climáticas –, sublinhadas e especificadas pela natureza e disposição das grandes massas de relevo, permitem compreender a essência da componente natural da AI: uma região contrastada climaticamente, com traços atlânticos em decréscimo de NO para SE, progressivamente seca e excessiva nos rigores climáticos para o Sul e para Este, mas também marcada por traços de alguma monotonia que o relevo aplanado/ondulado (peneplanície) confere e de que a Serra de São Mamede – a Sintra do Alentejo – se distancia como uma das exceções.

Na verdade, uma região que não fora a dimensão e racionais da nacionalidade, mais se identificaria enquanto prolongamento natural das vastidões espanholas a leste do que enquanto continuidade longitudinal do Norte e do Centro do País. Um aspeto que talvez não seja de descurar na estruturação turística deste vasto território que agora se pretende aperfeiçoar e reformatar.

4.2. CARACTERIZAÇÃO BIOFÍSICA SUMÁRIA

A caracterização biofísica da área de intervenção será efetuada, como já se referiu anteriormente, de uma forma extremamente simplificada, tendo como único objetivo evidenciar um quadro facilmente apreensível de referência natural que permita, aos beneficiários deste trabalho, não só traçar o cenário em que as propostas concretas se inserem (a ação), mas também sublinhar aspetos biofísicos que, em parte, as justificam e condicionam (o porquê da ação).

4.2.1. OROGRAFIA E SOLOS

Para compreender a génese das características orográficas que configuram a área de intervenção é necessário remontarmos ao paleozóico peninsular, era geológica em que a orogenia hercínica, durante os períodos do carbónico e do pérmico, origina uma recomposição da estrutura e dos materiais pré-câmbricos e paleozóicos (até ao devónico).

Posteriormente, durante os finais do paleozóico e inícios do mesozóico, estes alinhamentos montanhosos teriam sido arrasados, dando origem a uma vasta superfície de aplanamento na qual se insinuavam um conjunto de cristas quartzíticas com a direção dos antigos alinhamento hercínicos (de ONO-ESE até E-O) que, devido à dureza dos seus materiais, resistiram à ação erosiva inter orogenias.

É sobre esta superfície de aplanamento – composta por rochas sedimentares, eruptivas e metamórficas – que, no início do terciário, vão atuar as forças da geodinâmica interna e dar origem, durante a orogenia alpina, às bases que estruturarão a principal unidade morfoestrutural da península, do território português e, também, da AI: o Maciço Hespérico ou Antigo, ou, ainda, a Meseta Ibérica. Efetivamente, após a orogenia alpina, dois tipos de incidências vão produzir o essencial da configuração das massas de relevo atuais desta unidade morfoestrutural: os impulsos tectónicos tardi-hercínicos, os quais vão originar uma extensa e abundante rede de falhas, através das quais se produziram fenómenos de levantamento ou abatimento de blocos; o estabelecimento, nas áreas mais estáveis, de amplas superfícies de aplanamento as quais vão conferir o essencial da natureza tabular que caracteriza boa parte do território da AI.

Entretanto, tendo por origem extensos sedimentos depositados em bacias/mares periféricos devido à ação orogénica externa pré-alpina, surgem, aquando deste episódio de génese orográfica, cadeias de enrugamento de dimensão média constituídas por rochas predominantemente calcárias – as orlas meso cenozóicas (Oeste e Sul).

Posteriormente, durante o terciário e o quaternário, vastas áreas depressionárias originadas durante o oligoceno, foram sendo preenchidas por materiais sedimentares diversificados de origem continental, transportados, em grande medida, por via fluvial – a bacia terciária do Tejo e Sado.

É, pois, neste quadro genético que se compreende as principais unidades geológicas – e morfológicas – que configuram a AI:

- O Maciço Antigo ou espérico, nomeadamente a zona Centro Ibérica a NE, a zona de Ossa-Morena no centro este da AI (as duas com formações mais antigas e mais deformadas pelas forças tardo-hercínicas) e a zona Sul-Portuguesa a Sul (materiais do paleozóico superior e deformações tardias e menos acentuadas). Aqui predominam as rochas metamórficas, metasedimentares e ígneas, tais como as da família dos xistos e dos granitos, os grauvaques, os quartzitos, entre outras.
- A Orla Sedimentar Mezocenozóica Ocidental (ou Lusitânia), muitíssimo pouco representada na AI (somente de forma marginal no extremo NO da Lezíria do Tejo), constituída por rochas calcárias, argilosas e areníticas onde, esparsamente, se insinuam afloramentos eruptivos.
- As Bacias Sedimentares do Tejo e do Sado, áreas deprimidas face ao Maciço Antigo situadas grosso modo a NO da área de intervenção, constituídas por depósitos paleogénicos, miocénicos e pliocénicos recobertos por depósitos quaternários e aluviões recentes. Ao nível da petrografia predominam as margas, as areias e arenitos, as argilas e alguns calcários.

Decorrente do seu processo de formação e da sua natureza estrutural, o relevo da AI é, na sua generalidade, marcado pelo predomínio das formas de relevo aplanadas e onduladas com altimetrias e declives modestos (mais de 80% do território situa-se em cotas inferiores a 200 m e os declives superiores a 8% registam valores máximos também modestos – máximo de 41% na bacia hidrográfica do Guadiana, devido à tectónica e à erosão diferenciada (cristas quartzíticas).

Como ponto culminante desta paisagem marcada pela sedimentação e pelo aplanamento, onde são visíveis vales, terraços fluviais, planaltos, planícies aluviais (Bacias Sedimentares do Tejo e do Sado) e a peneplanície alentejana, que é mais elevada no Alto Alentejo, com cerca de 300 m de altitude média, do que no Baixo Alentejo, com cerca de 200 m, correspondendo a diferença entre as duas áreas ao degrau tectónico da escarpa de falha da Vidigueira. A peneplanície encontra-se ligeiramente ondulada, formando cabeços arredondados devido ao entalhe da rede hidrográfica em substrato xistento. Para além das extensões planas, surgem isoladamente relevos dos quais se destaca a Serra de São Mamede (um planalto de onde despontam cristas quartzíticas – 1025 metros de altitude máxima), à qual são de associar, entre outras, as seguintes serras: Ossa (642 m); Ficalho (523 m); Adiça (479 m); Portel (424 m); Monforado (424 m); Cercal (341 m) e Grândola (326 m).

Figura 35- Modelo de elevação (TIN) da AI



Fonte: Reis, 2015

Finalmente, pela sua importância na estruturação da paisagem regional e sub-regional, são de destacar os seguintes elementos geomorfológicos:

- A bacia do Tejo, com os seus terraços e planícies de inundação

- A bacia do Sado
- A bacia do Mira
- O vale do Guadiana
- A peneplanície alentejana
- A plataforma litoral associada aos sistemas de praias, dunas, arribas, estuários e lagoas costeiras
- Os relevos litorais das Serras de Grândola e do Cercal.
- Os relevos interiores da Serra da Vigia e o horst de Relíquias (cerca de 300 m)
- As escarpas de falha da Messejana e da Vidigueira-Moura (originadas por deslocamentos tectónicos recentes ao longo de falhas)
- As cristas quartzíticas da serra de São Mamede e Alcaria Ruiva (génese varisca evidenciadas por efeito da erosão diferencial)
- As rochas carbonatadas da Serra de Ficalho (calcários dolomíticos e calcários cristalinos metamorfizados, entre outros)

Sendo a morfologia litoral, em boa medida, o resultado do encontro entre as características orográficas e o nível e as características do plano de água marítimo, importa, igualmente, referenciar que este binómio se traduz na AI, por dois grandes conjuntos litorais: aquele que se estende de Tróia a Sines e o que daí se prolonga para Sul até à Ribeira de Seixe, na delimitação dos distritos de Beja e Faro.

O primeiro é configurado, sobretudo, por uma morfologia de costa baixa, arenosa, encaixada entre o mar e amplos cordões dunares, mas onde, a espaços, se insinuam troços de arriba muito pouco consistentes, devido à natureza sedimentar detrítica dos materiais em que se encaixam.

O segundo assume-se, predominantemente, como uma costa de arriba alta onde se incrustam, especialmente junto à foz dos cursos de água ou em baías, praias de areias e cascalho. Na generalidade, a natureza das arribas neste conjunto é mais consolidada do que no anterior, seja pela natureza mais cimentada das rochas sedimentares, seja pela presença de amplos trechos em que as rochas xistentas predominam.

4.2.2. CLIMA E TEMPO

Como já foi insinuado anteriormente, a génese do clima da AI é compreendida, especialmente, no contexto da sua integração nos conjuntos territoriais de que faz parte, nomeadamente o País, a Península Ibérica e o Atlântico Norte.

Efetivamente, é na ação dos grandes centros de ação da dinâmica atmosférica, conjugada com a posição latitudinal da AI, que se encontra uma parte importante das condicionantes que formatam o clima do território em análise e os tipos de tempo decorrentes.

O País e a AI situam-se a uma latitude de transição entre o limite Sul das perturbações ciclónicas originadas sobre o Oceano Atlântico – transportadas para Leste pelos ventos de Oeste – e as massas de ar anticiclónicas subtropicais.

Este limite, oscilante ao longo do ano, é fortemente influenciado pelos fluxos aéreos de altitude – o *Jet Stream* – o qual vai condicionar o percurso das massas de ar à superfície, nomeadamente as que compõem a frente polar e as células de pressão a ela associadas.

Assim, quando o *Jet Stream* sopra com velocidades superiores a 150 km e assume uma trajetória zonal, a frente polar e as perturbações que normalmente a acompanham adquirem alguma regularidade no seu trajeto, colocando o País e a AI sobre a influência persistente das mesmas durante o inverno, esporádica durante o outono e primavera – e com influência bastante mais frequente a Norte do que a Sul do País – e muito ocasional durante o Estio. Contudo, quando a velocidade do *Jet Stream* se reduz, verifica-se o surgimento de grandes ondulações que conferem à frente polar um trajeto coleante, o qual induz grandes diversidades na sucessão dos estados do tempo e, mesmo, variações apreciáveis das situações meteorológicas ao longo do eixo da longitude.

Para além destas condições gerais associadas à circulação geral da atmosfera em altitude e em superfície – às quais se deverão, em acréscimo, adicionar outras menos frequentes, como por exemplo as situações de bloqueio ou de subdivisão do *Jet* – há ainda que ter em linha de conta que:

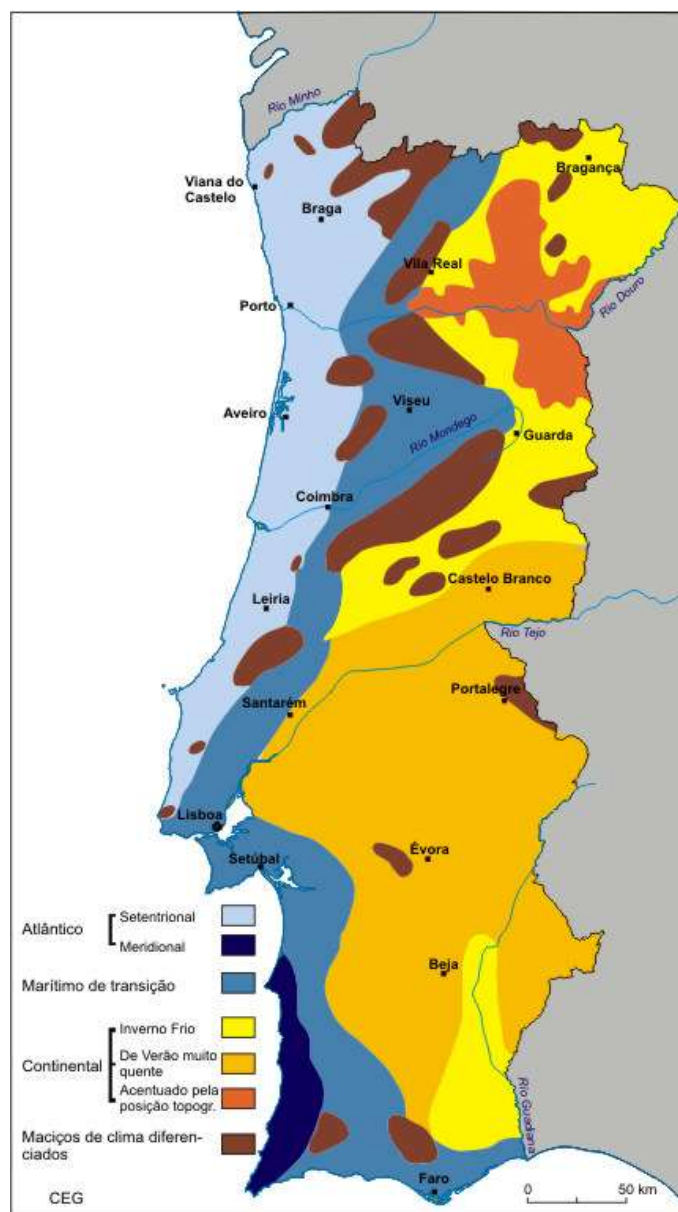
- o fator relevo (expressão em altitude, mas também na direção, concordante ou discordante, dos alinhamentos face à circulação dos ventos dominantes), o qual exerce uma influência mais vincada no Norte do que no Sul do País, nomeadamente através do seu contributo para as disparidades pluviométricas normalmente registadas;

- a influência oceânica que, ao contrário da continentalidade, não só adoça as temperaturas e modera as suas variações ao longo dos ritmos temporais, como também induz um maior potencial genético no domínio da humidade atmosférica e da pluviosidade;
- a maior ou menor proximidade a África e ao Mediterrâneo, de onde provêm ocasionalmente, no primeiro exemplo, massas de ar continentais quentes e secas e, no segundo, influências globais suscetíveis de, nalguns retalhos do território localizados mais a Sul (especialmente SE), contribuir para suplantarem as influências atlânticas significativas no litoral e no Norte do País.

Recorrendo-se à proposta de Susane Daveau⁷ no que diz respeito às regiões climáticas de Portugal, pode-se afirmar que uma parte significativa da AI, compreendendo uma faixa Este do Alentejo Litoral e praticamente todo o Baixo Alentejo, Alentejo Central, Alto Alentejo e, mesmo, um largo sector SE da Lezíria do Tejo, pode ser incluída numa grande região climática marcada pela continentalidade, mais acentuada segundo um gradiente NO-SE. Ainda segundo a mesma autora, o território da AI em que a influência marítima é significativa acantona-se a Oeste, expressando-se por uma estreita faixa litoral (características marítimas de fachada atlântica) e por uma outra, mais extensa e situada entre as duas anteriormente mencionadas, que apresenta características marítimas de transição.

Figura 36 – Regiões climáticas de Portugal Continental

⁷ Daveau, Susane, Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade, Contrastes Térmicos, Centro de Estudo Geográficos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1985.



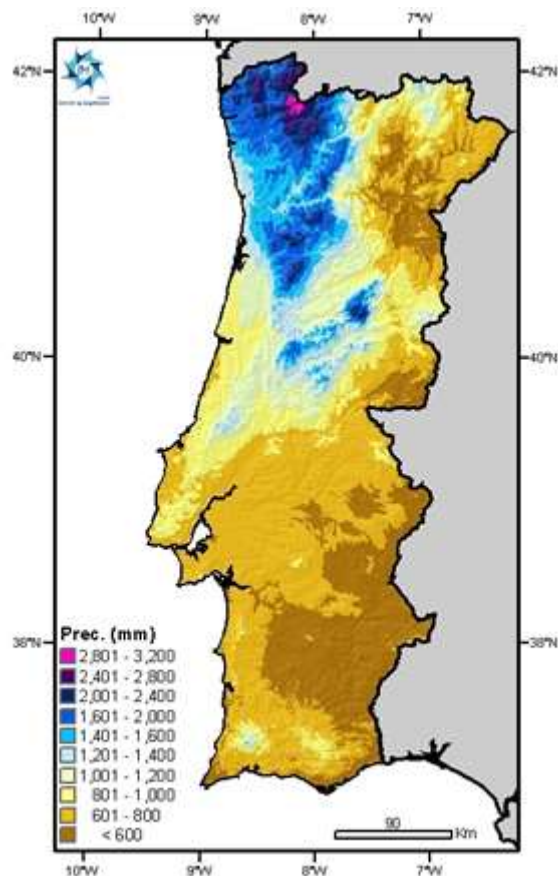
Fonte: Daveau et al. (1985)

Assim, recorrendo à investigação desenvolvida sobre os domínios bioclimáticos em Portugal⁸, o designado mediterrâneo interior, que se estende por todo o Sul do território (e na terra quente duriense), nomeadamente na maior parte do Ribatejo e Alentejo, é marcado pela continentalidade e pelo afastamento das influências moderadoras do oceano, pelo que apresenta as maiores amplitudes térmicas do território, devidas a um verão quente e muito quente, com mais de 100 dias por ano com temperaturas superiores a 25° C e onde as máximas alcançam valores acima dos 35° C. A precipitação anual varia entre 500 e 700 mm, não chovendo em mais de 70% dos dias do ano. A

⁸ Alcoforado *et al.*, Domínios Bioclimáticos em Portugal, Centro de Estudo Geográficos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1982.

secura destas regiões é devida à perda de humidade das massas de ar atlânticas quando deixam o meio oceânico e prosseguem para o interior da Península.

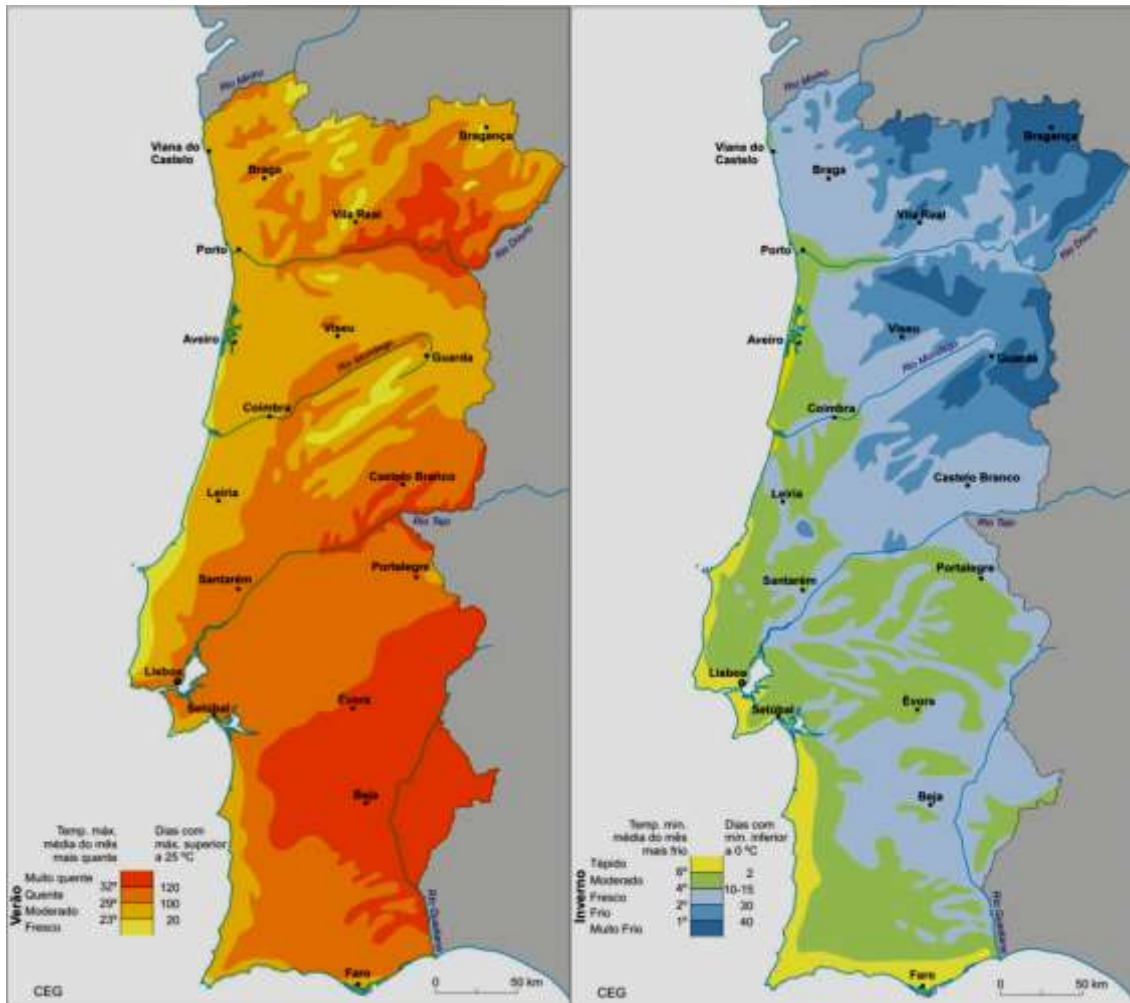
Figura 37 - Precipitação média acumulada anualmente em Portugal Continental



Fonte: IPMA <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/index.jsp?page=clima.pt.xml>

O domínio mediterrâneo litoral, correspondente à faixa litoral desde a península de Lisboa até ao barlavento algarvio, prosseguindo pela serra algarvia, é caracterizado pelas brandas amplitudes térmicas, por uma elevada humidade relativa e frequentes nevoeiros. A influência atenuadora do oceano é evidente ao impedir as elevadas temperaturas estivais e ao permitir invernos tépidos.

Figura 38 – Diferenciação climática de Portugal Continental (verão/inverno)



Fonte: Alcoforado, Maria João & Dias, Maria Helena (1993), Imagens Climáticas da Região de Lisboa, CD do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Passada esta breve análise pelos principais fatores de clima da AI e pela sua diferente tradução territorial, interessa, agora, dar conta de um conjunto de elementos climáticos de referência para as grandes bacias hidrográficas que configuram a AI.

Bacia hidrográfica do Tejo:

- Temperatura média anual variável entre os 7,4° C e 19,6° C (na zona do Estuário)
- Precipitação anual variando entre os 2744 mm e os 524 mm (no litoral)
- Humidade relativa média anual de 87% (no litoral)
- Insolação média anual de 2500 horas de Sol
- Velocidade média do vento variável entre 5 e os 20 km/h (rumo dominante NO).

Bacia Hidrográfica Sado-Mira

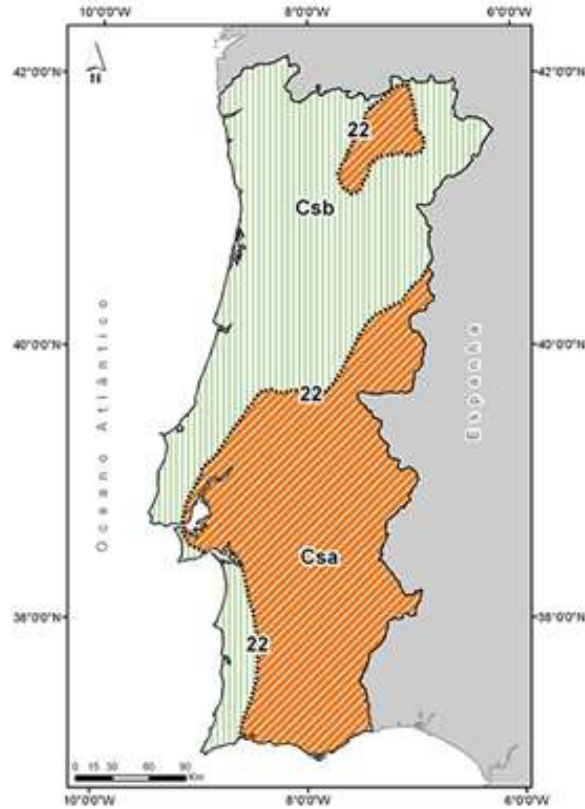
- Temperatura média anual variável entre os 9,7° C e os 21,8° C
- Precipitação média anual (anos médios) variável entre os 400 e os 700 mm
- Humidade relativa média anual de 77,5%
- Insolação média anual variável entre 2189 e 2903 horas de Sol
- Velocidade anual média do vento de 8,1 km/h

Bacia Hidrográfica do Guadiana

- Temperatura média anual variável entre os 10,3° C e os 22,4° C
- Precipitação média anual 566 mm
- Humidade relativa média anual de 74,6%
- Insolação média anual variável entre 2749 e 2923 horas de Sol
- Velocidade anual média do vento de 8,2 Km/h

Tendo em atenção o anteriormente referido e seguindo a classificação climática de Köppen, é possível concluir que toda a AI de Intervenção apresenta um clima temperado (C) com inverno chuvoso e verão seco de tipo mediterrânico (Cs). Na esmagadora maioria do território considerado o clima assume a variedade “a” (Csa) devido às temperaturas elevadas verificadas no verão (superiores a 22° C) e, numa faixa litoral a variedade “b” (Csb), de Verões mais frescos.

Figura 39 – Clima de Portugal Continental, segundo a classificação de Köppen



Fonte: IPMA in <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/index.jsp?page=clima.pt.xml>

4.2.3. HIDROGRAFIA

Como é facilmente apreensível, as características climáticas inerentes aos diversos territórios condicionam fortemente outras características inerentes aos mesmos. Entre estas é de sublinhar a natureza e as especificidades dos recursos hídricos, para as quais também concorrem não só a forma como também a composição dos solos em que se incrustam e/ou fluem.

De uma forma geral, pode-se considerar que os recursos hídricos de uma área ou região são compostos pelo conjunto das águas superficiais e subterrâneas, evidenciando-se entre as primeiras, os rios, os lagos, as águas de transição e águas costeiras e as massas de água artificiais ou fortemente modificadas.

Na presente análise, tendo em atenção o objetivo da mesma, centra-se a atenção nos cursos de água (linhas de água e bacias hidrográficas) e nos grandes lagos artificiais decorrentes do represamento de numerosos rios.

Desde logo, como quadro de base, importa ter presente que as disponibilidades hídricas globais e os caudais médios dos rios mingam de Norte para Sul e de Oeste para Este, variando, portanto, entre um pólo de abundância hídrica relativa a NO e um outro, de escassez, a SE.

Por outro lado, esta disparidade regional de tipo gradativo é, igualmente, acompanhada por uma outra que se expressa através dos regimes fluviais, os quais, em última análise, derivam em boa medida da paleta de características termo-pluviométricas associada ao jogo entre as influências atlânticas e mediterrânicas. Assim, de regimes com características oceânicas a NO (maior regularidade dos caudais ao longo do ano), à medida que nos deslocamos para SE vamo-nos insinuando no domínio dos regimes fluviais de características mediterrânicas, marcados pelos seus contrastes e irregularidades. Este último é, de resto, o domínio em que a relativa abundância dos caudais nos períodos pluviosos é substituído, no estio, por uma escassez que se traduz numa redução dos caudais principais a “fios” de água e ao empoçamento de muitos córregos.

Para além destas matizes, interessa ainda sublinhar a irregularidade dos regimes dos rios ao longo dos anos, as quais se traduzem em variações anuais de caudais muitíssimo significativas ao nível europeu e, mesmo, mundial.

A acrescentar a este panorama fluvial há que adicionar os numerosos planos de água artificiais que foram sendo originados pela ação humana e que, para além das suas funções originais no domínio da rega e do abastecimento de água para o consumo humano, foram ganhando, ao longo do tempo, uma crescente importância enquanto catalisadores de práticas desportivas e recreativas com forte significado turístico.

No caso vertente da AI, do ponto de vista da hidrografia e hidrologia, são de destacar as três grandes bacias que já anteriormente foram mencionadas: a do Tejo, a do Sado-Mira e a do Guadiana que correspondem às Regiões Hidrográficas 5 (Tejo), 6 (Sado e Mira) e 7 (Guadiana).

4.2.4. SOLOS, COBERTO VEGETAL E FAUNA

A repartição da vegetação atualmente existente na AI é explicada, fundamentalmente, à luz de três vertentes fundamentais: o tipo de solo que serve de substrato às variedades de plantas, as características e os contrastes climáticos que condicionam o seu estabelecimento e expansão e a ação transformadora humana desenvolvida, sobretudo, após o mesolítico.

Relativamente aos solos há que referir, em primeiro lugar, a sua natureza predominantemente ácida (tida, na generalidade e não obstante a existência de plantas acidófilas, como desfavorável à agricultura) , excetuando-se aqueles que se desenvolveram a partir de rochas mãe carbonatadas ou de granitos alcalinos. Na AI, os solos básicos distribuem-se em retalhos dispersos e confinados, dos quais são de realçar o que se estende ao longo do vale do Tejo e se insinua para as áreas montanhosas calcárias do Centro, bem como alguns “salpicos” pontuais no Norte Alentejano (Campo Maior, Elvas, Sousel, por exemplo) e na da região de Moura, só para referir alguns.

Seguindo a classificação da FAO (1991) adotada no Atlas do Ambiente⁹ os tipos de solos mais representado na AI são:

- Os Litossolos (solos condicionados pelo relevo), frequentemente assentes sobre xistos, são caracterizados pela sua pequena profundidade (< 30 cm) e propensão para o alagamento. Predominam no Alentejo.
- Os Luvisolos (solos condicionados por depósitos de argilas ou materiais férricos e húmidos), quase sempre originados a partir de uma rocha-mãe granítica, caracterizam-se pela existência, a profundidades variadas, de um horizonte impermeável de argila. Predominam nas áreas aplanadas do Alentejo, entre Beja e Portalegre.
- Os Cambissolos (solos condicionados pela sua juventude), são pouco ou moderadamente desenvolvidos a partir de rochas mãe moderadamente meteorizadas. Na AI, são especialmente relevantes nas terras a norte do vale do Tejo e extremo nordeste alentejano.

⁹ Segundo Ferreira, A. M. P. J.; «Dados Geoquímicos de Base de Sedimentos Fluviais de Amostragem de Baixa Densidade de Portugal Continental: Estudo de Fatores de Variação Regional»; 2000, Aveiro, Dissertação de Doutoramento em Geociências, Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro.

- Os Podzois (solos condicionados por depósitos de argilas ou materiais férricos e húmidos), individualizam-se pela existência de um estrato de acumulação de ferro, alumínio e/ou matéria orgânica lixiviada. Predominam nas áreas arenosas e detríticas do baixo Tejo e Sado.
- Os Fluvisolos (solos condicionados pelo relevo), encontram-se, sobretudo, nas margens do baixo Tejo, correspondendo a depósitos fluviais quaternários.

Repagando a dimensão do clima enquanto fator condicionador da distribuição florística, importa referir, à partida, que de entre os diversos elementos do clima aquele que mais condiciona a distribuição das espécies vegetais prende-se com os regimes de precipitações, nomeadamente a sua escassez sistemática ou relativa (decorrente da irregularidade das mesmas). Este aspeto, importante em todas as longitudes e latitudes, assume especial relevância no ambiente climático mediterrânico já que, aqui, não só a irregularidade das precipitações é um dado comum, como, por outro lado, a estação mais quente – ou seja, quando as plantas apresentam uma evapotranspiração superior e, portanto, uma maior necessidade de reposição de água – coincide com a estação seca por excelência. É assim que, como vimos anteriormente, a maior escassez pluviométrica que se verifica de Norte para Sul e de Oeste para Este (associada aos restantes elementos do clima como a temperatura e humidade relativa) vão originar, também ao longo destes eixos, as características mediterrânicas das formações vegetais.

Finalmente, importa ter presente que o território nacional, em geral, e o da AI, em particular, sofreram alterações profundas derivadas da atividade humana, seja através do arroteamento de terras e do corte de florestas para prover as necessidades do quotidiano humano, seja, já mais recentemente, pela introdução de espécies exóticas, cultivares ou florestais. Sendo assim, o recobrimento florestal da AI deverá ser visto à luz da combinação entre os escassos bosques originais, as áreas de plantas relíquias (povoadas por espécies, como o sobreiro e a azinheira, que, devido ao seu valor económico, são sobreviventes de um processo de eliminação diferencial e seletiva das formações originais) e as áreas de floresta decorrentes de povoamentos subsequentes (como parece ser o caso das florestas de pinheiro bravo e é, seguramente, o ocorrido com os eucaliptais que salpicam a paisagem).

Neste quadro, do ponto de vista fitogeográfico, é de incluir a AI na grande região mediterrânica, na qual, consoante o vigor do ambiente mediterrânico, predominam as plantas com adaptações diversas à secura crónica ou temporária (folhas pequenas, coriáceas e, algumas vezes espinhosas, ou sistemas radiculares sobre desenvolvidos). Entre estas destacam-se, o sobreiro (*Quercus suber*), a azinheira (*Quercus rotundifolia*), o zambujeiro (*Olea Sylvestris*), o carrasco (*Quercus cocifera*), a aroeira (*Pistacia Lentiscus*), o loureiro (*Laurus nobilis*), o medronheiro (*Arbutos unedo*), a palmeira das vassouras (*Chamaerops humilis*) e, em retalhos específicos, sobre terrenos arenosos e litorais, o pinheiro manso (*Pinus pinea*). Posteriormente, decorrente da introdução humana, são, ainda, de crescer o pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), no litoral, e o eucalipto, especialmente a variedade *Eucalyptus globulus*, a qual se encontra distribuída um pouco por toda a AI.

Adicionalmente, tendo em conta o seu interesse paisagístico e económico, interessa chamar a atenção para uma formação vegetal característica do Alentejo, originada, como já se referiu, pela destruição seletiva dos bosques mediterrânicos originais. O montado, seja o de sobre – predominante na zona ocidental da AI, devido à maior exigência em termos de disponibilidades hídricas do sobreiro –, seja o de azinho (predominante na faixa nascente da AI, devido à grande robustez da azinheira face à temperatura e aos recursos hídricos), constituem ecossistemas patrimoniais inestimáveis, a preservar e a valorizar a todo o custo.

Efetivamente, para além das funções económicas associadas à exploração da cortiça, à produção de carne de bovinos, ovinos, suínos e caprinos, à recolção micológica, à colheita de ervas aromáticas, à recolha de mel e à agricultura efetuada sob coberto (culturas forrageiras), o montado contribui decisivamente para a sustentabilidade ambiental (solos, aquíferos e ar) e para a manutenção da biodiversidade regional e identidade local.

Neste último particular é de destacar a sua importância no acolhimento e manutenção de mais de uma centena de espécies, muitas delas ameaçadas ou com elevado valor no domínio da observação de aves. Entre outras – 24 espécies de répteis e anfíbios, 160 espécies de aves e 37 espécies de mamíferos – são de referir a águia-de-bonelli, a águia-imperial-ibérica, a cegonha preta, o abutre preto, a coruja do mato, a cotovia dos bosques, o pisco de peito ruivo, o sapo corredor, o sapo de unha negra, o sapo parteiro, a gineta, o javali, o sardão, a cobra rateira, entre muitos outros exemplos.

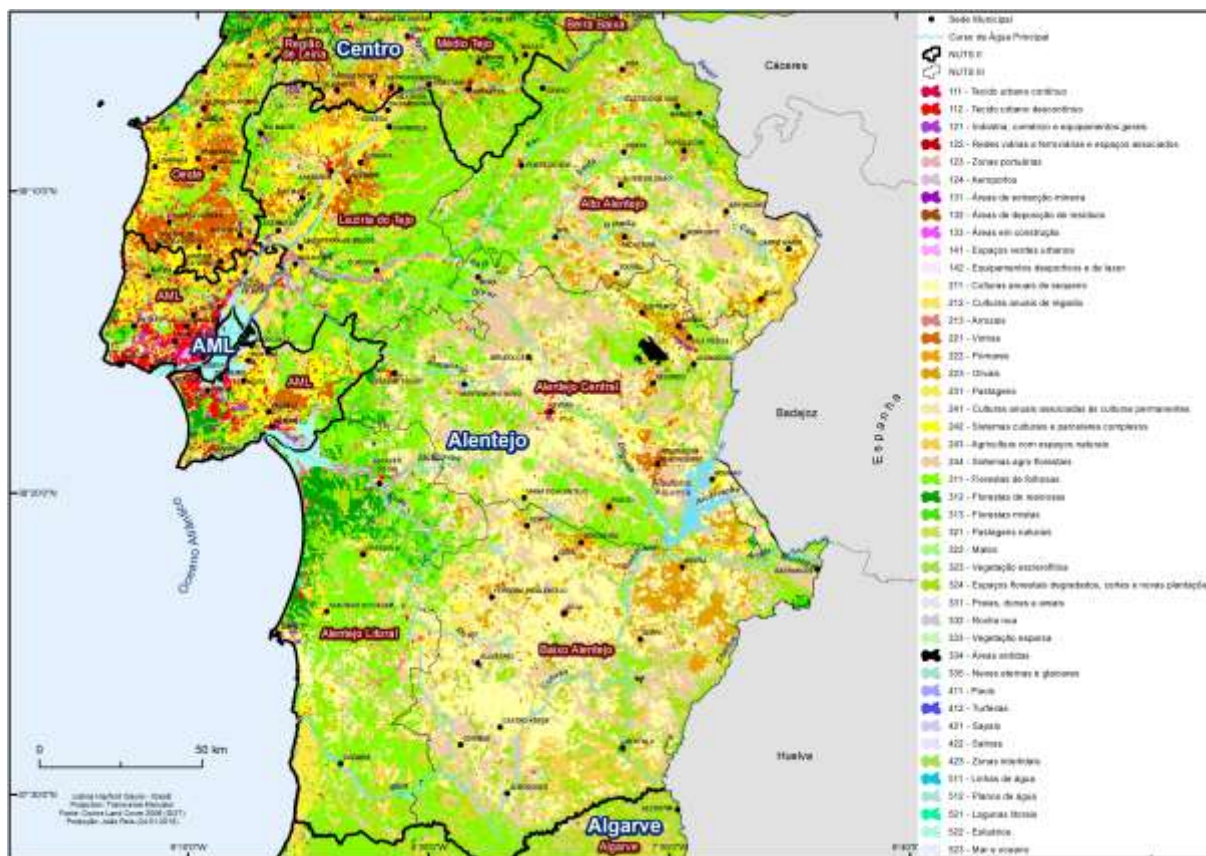
Finalmente, numa ótica de ocupação global do solo, seja por formações florestais, seja por campos de cultivo, seja por pastagens, seja, ainda, por formas mistas, é possível, através da análise do mapa que se segue, concluir que a conjugação dos diversos aspetos genéticos já enunciados produziu uma paisagem vegetal com traços de pulverização e com alguma complexidade (embora menor do que noutras áreas do País, como por exemplo, o Noroeste).

Ainda assim, exercendo um esforço de síntese, é possível identificar dois padrões de uso do solo:

Um, correspondente a um amplo crescente, que se estende desde o norte alentejano até às serranias algarvias, incluindo o vale do Tejo, o litoral alentejano e a faixa de transição entre o Alentejo e o Algarve até, sensivelmente, o meridiano de Faro. Neste crescente, com a convexidade adossada ao litoral, predominam as florestas de resinosas, as florestas folhosas, os espaços florestais degradados e, insinuando-se no seu seio, algumas manchas de agricultura com espaços naturais e sistemas culturais e parcelares complexos (especialmente na Lezíria do Tejo).

Outro, ocupando a concavidade do crescente e estendendo-se até à fronteira com Espanha, coberto, sobretudo, por sistemas agroflorestais, por culturas anuais de sequeiro, por olivais e por uma agricultura em espaços naturais. Neste padrão, inscrevem-se, muitas vezes nas proximidades dos cursos de água, retalhos florestais de folhosas.

Figura 40 – Ocupação/uso do solo (Corine Land Cover) na AI



No território em análise no presente Plano existem áreas protegidas de relevante interesse, não só para a preservação e conservação da Natureza, mas igualmente para o desenvolvimento de muitas atividades económicas, como por exemplo as associadas ao lazer e à recreação.

Com efeito, fazem parte da AI as seguintes áreas protegidas: parte do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina; Parque Natural da Serra de São Mamede; Parque Natural do Vale do Guadiana; parte da Reserva Natural do Estuário do Sado; Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha; para além de inúmeras Zonas de Proteção Especial e Sítios de Importância Comunitária.

Figura 41 – Áreas protegidas na AI



Fonte: Reis, 2015

4.3. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA¹⁰

4.3.1. DEMOGRAFIA

No contexto do território nacional a região do Alentejo apresenta um forte desequilíbrio entre a sua expressão territorial e o seu potencial demográfico e, mesmo, económico.

Na verdade, sendo a maior região do país em extensão – ocupa uma superfície de 31.605km², o que representa 34% do território nacional – é somente a quarta entidade regional do país relativamente ao seu peso demográfico.

De acordo com os Censos 2011, a população residente na região do Alentejo é de 757.302 habitantes, o que significa 7,2% da população do país. É constituída maioritariamente por mulheres (51,6%), ou seja 390.563 residentes, cifrando-se a população masculina em 366.739 indivíduos. Na decorrência do que anteriormente se afirmou, constitui a região do país com menor densidade populacional, apenas 24 habitantes por km², muito longe dos 114,5 hab./km² que configuram a média de Portugal.

Quadro 8 – Número de habitantes por km² – Portugal e Alentejo NUTS II (1960-2011)

Territórios	N.º médio de indivíduos por km ²			
	Anos	1960	1991	2011
Portugal		96,5	112,4	114,5
Continente		93,1	110,8	112,8
Norte		142,8	173,2	173,3
Centro		86,3	83,3	82,5
Lisboa		508,4	898,5	940,0
Alentejo		31,5	24,6	24,0
+ Alentejo Litoral		24,5	18,9	18,4
+ Alto Alentejo		30,1	20,3	18,9
+ Alentejo Central		30,5	24,0	23,1
+ Baixo Alentejo		27,3	15,8	14,8
+ Lezíria do Tejo		52,7	56,4	57,9
Algarve		63,0	79,1	90,3

¹⁰ O presente ponto tem por referência as publicações: “Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Alentejo” e “Proposta de Programa Operacional Regional do Alentejo 2007-2013”

Territórios	N.º médio de indivíduos por km ²			
	Anos	1960	1991	2011
Região Autónoma dos Açores		141,0	104,1	106,3
Região Autónoma da Madeira		342,7	312,2	334,3

Fonte: CENSOS 2011, INE (2012)

Na figura seguinte, é possível identificar os municípios da AI onde a densidade populacional é mais elevada.

Figura 42 - Densidade populacional dos municípios da AI (2011)



Em termos da dinâmica demográfica registada na última década, a população da região do Alentejo diminuiu 2,5%, atingindo em 2001 um total 776.585 habitantes. Dos 58 municípios constitutivos da região, somente treze não perderam população na última década (2001-2011). Por sub-regiões, é de sublinhar que apenas a Lezíria do Tejo ganhou população (+2,7%), resultante do aumento verificado nos municípios de Benavente (24,8%), Salvaterra de Magos (9,9%), Almeirim (6,5%), Azambuja (4,7%), Cartaxo (4,6%) e Rio Maior (0,4%).

Embora a esmagadora maioria da região do Alentejo tenha perdido população ao longo da década de referência, são, neste particular, de assinalar as sub-regiões do Alto Alentejo (-6,8%) e do Baixo Alentejo (-6,2%) como as que registaram um maior empobrecimento demográfico. Dentro de um quadro municipal, foram os municípios de Gavião (-15,4%), Mértola (-16,5%) e Mourão (-17,6%) os que mais regrediram na última década.

Ainda segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), o Alentejo tem vindo a erodir a sua capacidade de auto regenerar a população, não só como consequência das quebras registadas na fecundidade, mas também da expressão irrisória dos seus movimentos migratórios.

Este aspeto, associado à própria estrutura da pirâmide etária regional, tem-se vindo a assumir como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento regional da área de intervenção, pelo que, no particular do turismo – e por acréscimo no do turismo náutico – deverá ser tomado devidamente em consideração.

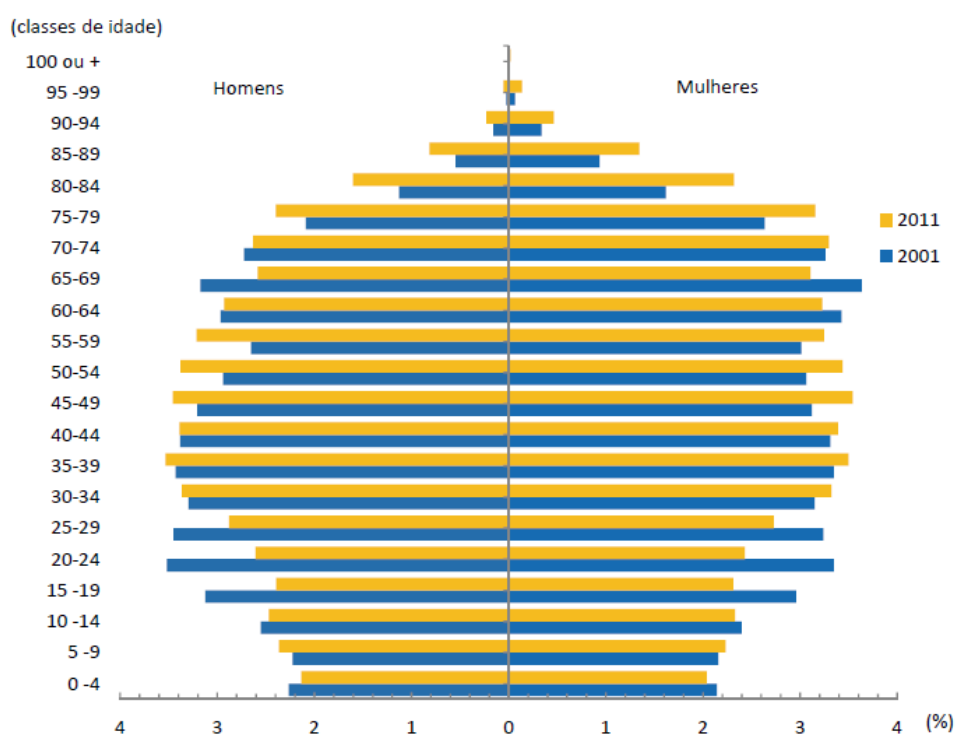
Efetivamente, entre 2001 e 2011 a região do Alentejo, à semelhança do país, não conseguiu inverter o desequilíbrio demográfico que caracteriza a estrutura etária da população, caracterizada pela crescente diminuição da população mais jovem e do aumento da população com idade mais elevada. Este aspeto é tanto mais preocupante quanto as últimas tendências demográficas registadas apontam para uma sangria crescente ao nível da emigração para o exterior do capital humano mais jovem, mais qualificado e mais dinâmico.

O índice de longevidade nacional, que representa o número de pessoas com 75 e mais anos por cada 100 pessoas com 65 e mais anos, aumentou para 48 em 2011, face a 41 em 2001 e 39 em 1991. Em termos regionais, a expressão dos valores registados no Alentejo – mais de 50 – traduz uma realidade em que a maior parte da sua população

idosa tinha 75 ou mais anos, algo que, tendo em conta as características habituais do ciclo de vida, levanta fundadas preocupações quanto ao potencial regional de empreendedorismo e de inovação.

Tanto mais que a região Alentejo tem perdido população, essencialmente, entre os 15 e os 29 anos, senão tenhamos em consideração que em 2001, este grupo etário representava 19,6%, contra somente 15,3% em 2011. Já a população com 65 e mais anos regista na região uma evolução contrária. Em 2001 era de 22,3% e em 2011 chegou aos 24,2%.

Figura 43 – Estrutura etária da população Residente no Alentejo por sexo, 2001 e 2011



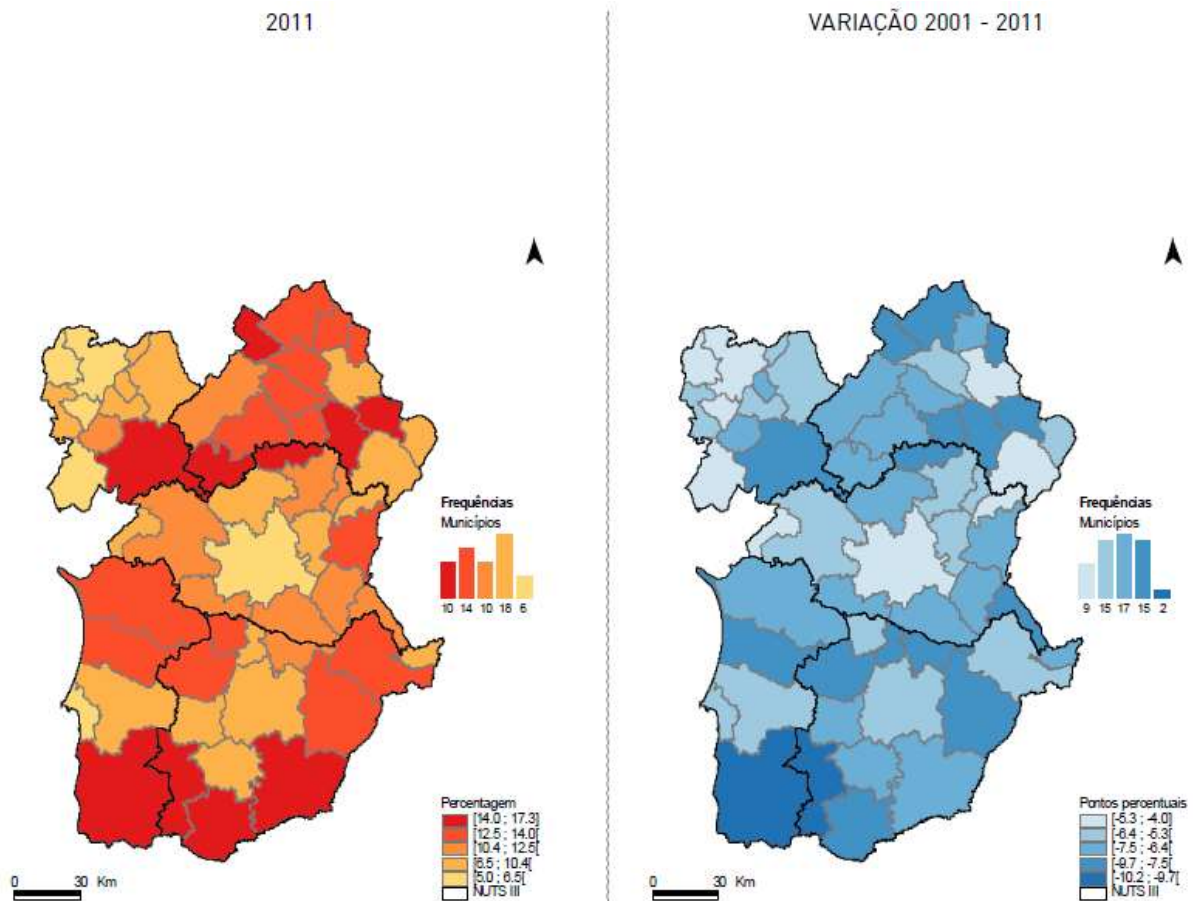
Fonte: CENSOS 2011, INE (2012)

Para além do que já se avançou anteriormente, é, mais uma vez, de reforçar que a estrutura demográfica regional se reflete no potencial de recursos humanos, espelhando-se na capacidade de renovação de gerações, no mercado de trabalho, nas taxas de atividade da região, na propensão ao empreendedorismo e à inovação e, também, no próprio quadro geral de saúde da população onde as patologias geriátricas assumem papel de relevo.

Em termos de níveis de qualificação da população, o Alentejo apresenta, apesar do decréscimo verificado desde 1991, uma taxa de analfabetismo desfavorável (15,86% em

2011) já que esta é superior à considerada para a totalidade do território (9,3%). A qualificação anterior é reforçada pelo facto de em 2003, de acordo com o INE, 7% da população ativa alentejana não ter completado qualquer nível de instrução e 77% não possuir mais que o 3º ciclo como habilitação máxima.

Figura 44 - Taxa de Analfabetismo em 2011 e variação por município no período 2001/2011



Fonte: CENSOS 2011, INE (2012)

4.3.2. ATIVIDADE ECONÓMICA

Como já foi anteriormente afluído, o Alentejo, para além das debilidades demográficas registadas, detém desvantagens comparativas no domínio da qualificação da sua população em idade ativa. Efetivamente, menos de 10% da sua massa populacional em idade ativa possui qualificações ao nível do ensino superior. Este quantitativo revela bem a debilidade da qualificação dos recursos humanos da região, facto que se torna mais gravoso considerando as dificuldades do Alentejo em fixar os jovens que vai formando endogenamente, seja para as grandes áreas metropolitanas do país, seja, mesmo, para o exterior do território nacional.

Por outro lado, verifica-se que a região - de acordo com os resultados dos Censos 2011 - apresenta um índice de rejuvenescimento da população ativa de 84,4, inferior ao observado para o país, 94,3, número esse que, considerado numa ótica dinâmica ajustada aos últimos 10 anos, traduz uma quebra acentuada de 28,0 pontos no índice que, em 2001, era de 112,4.

Esta diminuição do índice de rejuvenescimento da população ativa é um bom reflexo do desequilíbrio demográfico que tem vindo a verificar-se na região e em boa parte dos municípios que a constituem. Na verdade, apenas 7 municípios apresentaram, em 2011, índices de rejuvenescimento iguais ou superiores a 100, o mesmo é dizer com mais pessoas a entrar no mercado de trabalho do que a sair. Nos restantes o índice de rejuvenescimento é sempre inferior a 100. Crato com 54,6 e Nisa com 53,7 registam os valores mais baixos com quantitativos que podem ser considerados dramáticos.

Globalmente, na região Alentejo a população ativa cifra-se em 342.654 indivíduos, dos quais, contrariamente ao que se verificou para a população residente, a maioria são do sexo feminino (53%). A população ativa nesta região - cerca de 52,4% da população residente com 15 anos ou mais - corresponde apenas 6,8% do total da população ativa do país, valor inferior aos 7,2% que corresponde ao “share” da população geral.

Por outro lado, verifica-se que a população empregada na região Alentejo ascende a 298.691 e é constituída maioritariamente por homens, 53,6%, representando as mulheres 46,4%.

É de referir, contudo, que nos últimos anos se tem vindo a registar um aumento da Taxa de Atividade da região, resultado, em boa medida, da integração de mão-de-obra

feminina. Apesar desta dinâmica, em 2011, no Alentejo, a taxa de atividade em sentido restrito (45,2%), apresentou um valor inferior ao registado em termos nacionais (47,6%). A repartição por sexo evidencia uma taxa de atividade mais elevada para os homens com 49,5%, face aos 41,2% para as mulheres.

Numa perspetiva intrarregional, regista-se que as taxas de atividade mais elevadas recaem nas sub-regiões do litoral, nomeadamente na Lezíria do Tejo e no Alentejo Litoral com 46,6% e 46,2%, respetivamente. No plano municipal destacam-se, pela expressividade dos seus números, os municípios de Sines, Benavente, Évora e Santiago do Cacém, os quais registam as taxas mais elevadas, com valores entre os 47,8 e os 50,9%. Em contraste, os valores das taxas de atividade mais desfavoráveis situam-se predominantemente no interior: o Alto Alentejo, com 42,6%, é a sub-região que regista o valor mais baixo enquanto Nisa (35,4%) e Gavião (33,1%) são os municípios com as taxas de atividade mais reduzidas.

Em 2011, a taxa de emprego da população em idade ativa, na região do Alentejo, foi de 45,6%, valor inferior ao verificado no país (48,5%). À semelhança da estrutura nacional, também na região a taxa de emprego nos homens (50,9%) é superior à das mulheres (40,7%).

A Lezíria do Tejo e o Alentejo Litoral são as sub-regiões que registam as taxas de emprego mais elevadas (47,7% e 47,1%, respetivamente), enquanto ao nível dos municípios emergem Sines, Benavente e Évora, não só como os que detêm os valores mais elevados, mas também como os únicos municípios da região que registam taxas de emprego superiores a 50%. No outro extremo, a sub-região do Alto Alentejo e o seu município de Gavião sobressaem pelo valor mínimo que este atinge (29,6%).

Durante a primeira década do presente século (2001-2011), a taxa de emprego na região Alentejo recuou 2,6%, agravando, assim, a sua fragilidade no plano económico e social. Consequentemente, na generalidade dos municípios da região a taxa de emprego também patenteou reduções, tendo os municípios de Borba e de Mourão registado os maiores decréscimos (-8,7% e -12,3%, respetivamente). Por outro lado, apenas 11 dos 58 municípios da região assistiram a um reforço da taxa de emprego na última década, registando Barrancos (2,6%) e Aljustrel (2,1 %) os maiores acréscimos.

Ao analisar-se a distribuição da população empregada nos diversos sectores de atividade, percebe-se que o dos serviços é aquele que mais ocupa a população

empregada residente no Alentejo. Comparativamente à estrutura nacional é de sublinhar uma maior proporção de emprego no sector primário e nos serviços de natureza social a par de uma menor proporção na Indústria. Este facto patenteia, de resto, dois aspetos inelutáveis da natureza da região: a sua vocação, ainda viva, no domínio da agropecuária e o envelhecimento e fragilidade do seu efetivo populacional.

Adicionalmente, é de realçar, ainda, uma forte dependência do sector público, o qual se assume como o mais importante empregador da região e o único em que a proporção de mulheres empregadas é superior à do sexo masculino.

Figura 45 – Emprego e Desemprego por Ramo de Atividade e Género no Alentejo (2011)



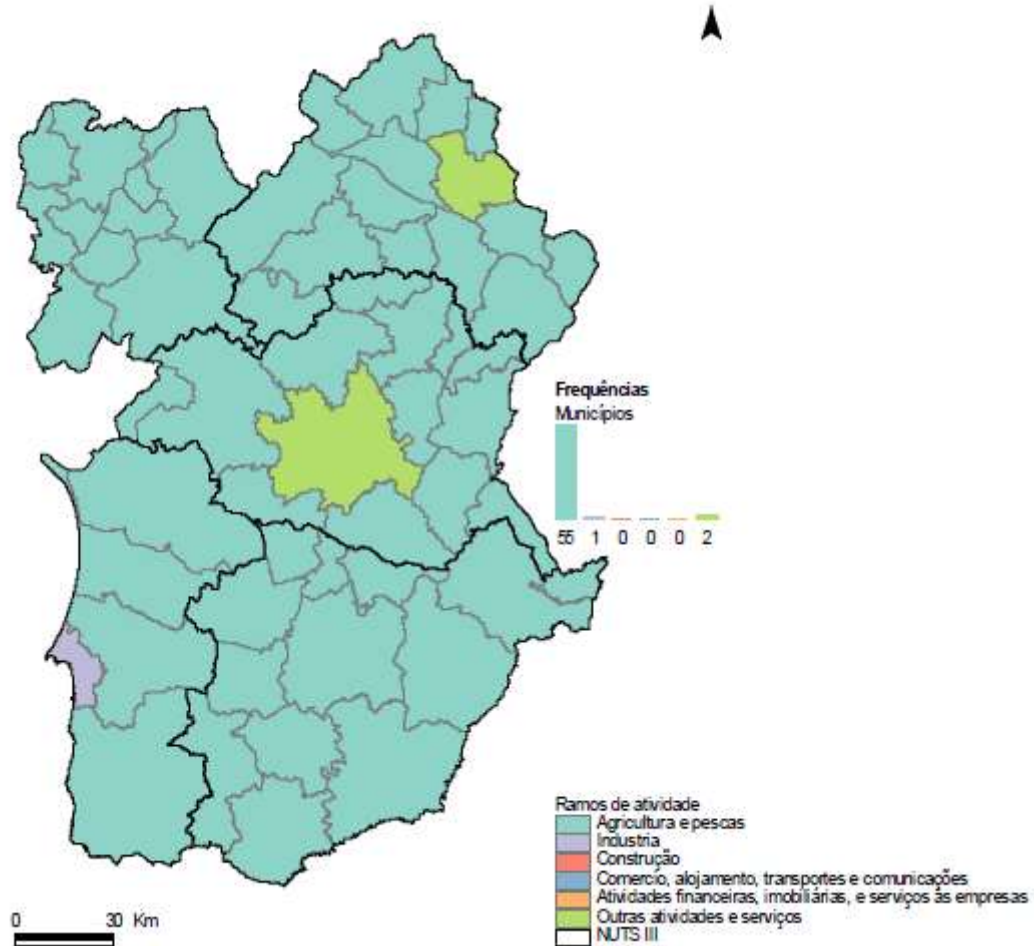
Fonte: CENSOS 2011, INE 2012

No campo da especialização regional verifica-se que a “Agricultura, Silvicultura, Caça e Pesca” se assume como o sector em que recai a especialização da generalidade do Alentejo, estendendo-se esta a 55 dos 58 municípios que a compõem.

Os municípios de Portalegre e Évora sobressaem por apresentarem as “Outras atividades de serviços” como as suas áreas de especialização económica. Sines, como consequência dos investimentos efetuados em torno do seu pólo portuário, é o único

município da região Alentejo a registar como ramo de especialização as atividades económicas ligadas à Indústria.

Figura 46 – Ramo de atividade económica de especialização regional, 2011



Fonte: CENSOS 2011, INE (2012)

Em 2011, o sector de atividade que empregava mais população na região Alentejo era as “Outras atividades de Serviços”, com 32,4%, seguido do “Comércio, alojamento, transportes e comunicações”, com 27,9%, e da “Indústria”, com 14,7%. Face à estrutura nacional, como já se referiu anteriormente, a região sobressai por uma maior representatividade das atividades ligadas à agricultura e à pecuária.

Contudo, relativamente ao início da década - e de forma concomitante e paralela à tendência registada ao nível nacional - assistiu-se a uma terciarização da economia regional, motivada não só por uma erosão do papel da agricultura na economia, mas também pela afirmação de um modelo baseado na sociedade dos serviços.

Finalmente, interessa deixar registo de que os ramos da atividade económica regional mais afetados pelo desemprego são o “Comércio, alojamento, transportes e comunicações”, com 29,4%, seguido das “Outras atividades de Serviços”, com 19,6%, e da “Indústria”, com 15,6%. A taxa de desemprego na agricultura cifrou-se em valores bem menores (média de 12,3%), situando-se, ainda assim, 10% acima do valor registado em termos nacionais.

4.3.3. ESTRUTURA URBANA E CAMPO

Fazendo jus à sua imagem de um grande espaço aberto salpicado, aqui e ali, por alguns centros populacionais esparsamente distribuídos pelo território (onde se concentra boa parte da sua população) e por alguns grandes assentos de lavoura também dispersos – os montes -, os valores registados para a densidade populacional da região são francamente inferiores aos que se verificam no país, sobretudo no Baixo Alentejo, área onde a densidade populacional atinge os 14,8 habitantes por km², e no Alentejo Litoral - 18,9 habitantes por km². No outro extremo, a Lezíria do Tejo, embora não acompanhando os 114,3 hab./km² relativos à densidade populacional de Portugal, apresenta um valor que, pela sua expressividade relativamente ao todo da região de turismo, se distingue bem dos restantes territórios – 57,9 hab./km².

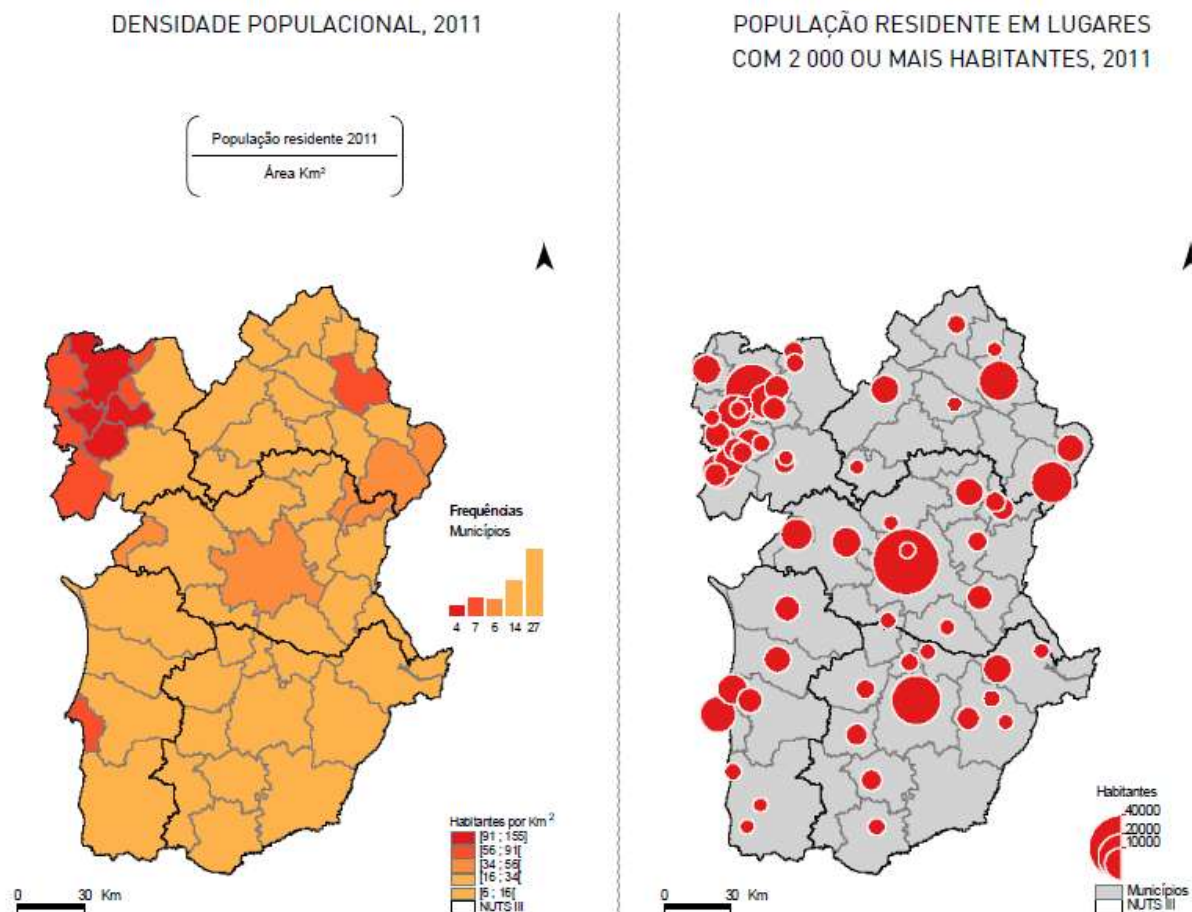
Olhando retrospectivamente para as últimas cinco décadas a região tem sido caracterizada por uma perda demográfica substancial que é essencialmente marcante no Baixo e no Alto Alentejo. Efetivamente, o Baixo Alentejo entre 1960 (232.896 hab.) e 2011 (126.692 hab.) perdeu 106.204, o que correspondeu a uma taxa de variação de - 45,6%. No quadro das NUTS III, apenas a Lezíria do Tejo se aproxima da tendência nacional de crescimento, ainda que a um ritmo claramente inferior.

Paralelamente, no que diz respeito à rede urbana regional, é de realçar a sua falta de coerência estrutural devido à escassez de pólos urbanos de grande e média dimensão, facto que conduz a que a maioria dos seus habitantes residam em lugares até 5.000 habitantes. Efetivamente, para além de Évora (49252 hab.), Santarém (29600 hab.), Beja (23400 hab.), Elvas (16640 hab.) e Portalegre (15184 hab.), todos os restantes aglomerados populacionais podem ser classificados de pequena e muito pequena dimensão (<15000 hab.).

Ainda assim, é de referenciar o crescente afastamento da população dos espaços rurais, nomeadamente das localidades de pequena dimensão dispersas pelo território e distantes, na sua generalidade, várias dezenas de quilómetros das sedes de município. Este êxodo rural, sendo particularmente intenso na população mais jovem, contribui decisivamente para a fisionomia – um pouco desoladora - de muitos dos pequenos aglomerados urbanos da região: áreas em despovoamento acentuado habitadas, sobretudo, por uma população idosa ou, mesmo, muito idosa. Assim, à semelhança de

outras regiões do país, as cidades mais dinâmicas da região que identificámos anteriormente vão assumindo crescentemente, em definitivo e quase em exclusivo, o papel de estruturação e polarização territorial.

Figura 47 - Densidade Populacional e Lugares com mais de 2.000 residentes ou mais no Alentejo (2011)



Fonte: CENSOS 2011, INE (2012)

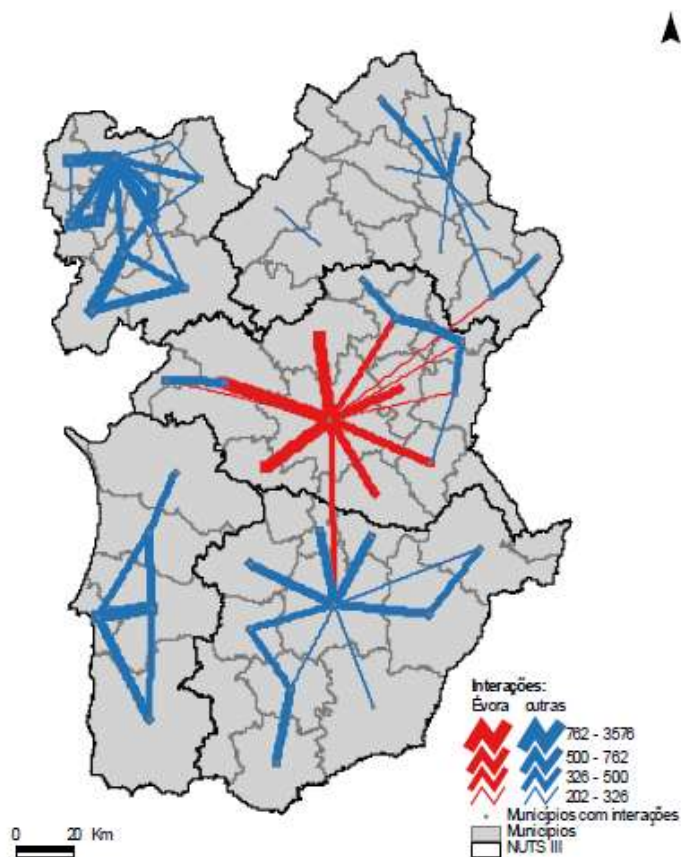
Este quadro, motorizado pela procura de melhores condições de vida e reforçado pela ausência de um sistema mais eficiente de transportes que garanta a necessária capilaridade de rede e a mobilidade entre os locais, tem estimulado o já referido êxodo dos locais de menor dimensão e o conseqüente reforço das cidades sedes de município ou, mesmo, de outras áreas urbanas extra regionais. No quadro destes movimentos migratórios, é de realçar a permanente sangria de população jovem, em idade ativa e com habilitações escolares e/ou profissionais, que, na procura de respostas em termos de empregabilidade, assim como de ocupações adequadas à sua formação académica e melhores remunerações, tem abandonado a região.

4.3.4. REDES DE ARTICULAÇÃO INTERNA E EXTERNA

No final da primeira década do presente século, uma análise entre as interações municipais mais significativas da região permite realçar as que se estabelecem entre as subunidades Alentejo Central e Baixo Alentejo, estruturadas pelos centros de interação de Évora e Beja. Os restantes vetores de articulação não ultrapassam uma expressão sub-regional. Tal é o caso das que se estabelecem tendo origem em Portalegre, Santarém ou Sines.

Apesar dos progressos sentidos em todo o país ao nível das acessibilidades, no caso particular do território que compõe o presente estudo, continuam a manifestar-se alguns constrangimentos cuja natureza merece ser relevada. Desde logo uma configuração da rede de acessibilidades regional que pode ser alvo de reparos por não estabelecer uma tessitura adequada de ligações entre as principais cidades do território, algo que contribui, em parte, para uma deficiente articulação e, sobretudo, integração do sistema urbano regional.

Por outro lado, há que ter em linha de conta que a melhoria registada nos eixos viários não tem sido homogénea. Na verdade, o reforço de investimentos em alguns pólos e eixos estruturantes, seja associado a áreas de maior dinamismo económico, seja a meras lógicas de atravessamento Norte-Sul ou Oeste-Este, não tem sido acompanhado por investimentos equivalentes em áreas mais periféricas, porventura mais carentes dos mesmos tendo em vista a sua integração no tecido económico e social da região e do país. É o caso da rede viária de âmbito municipal, ao nível da qual subsistem bolsas territoriais em que a cobertura é reduzida e deficiente, verificando-se estrangulamentos nos fluxos de tráfego e desarticulações ao nível supramunicipal.

Figura 48 - Movimentos pendulares (interações regionais) no Alentejo, 2011

Fonte: CENSOS 2011, INE (2012)

Tais constrangimentos verificam-se, igualmente, no âmbito do serviço de transportes públicos de passageiros, sendo notório um indesejável agravamento das assimetrias intrarregionais. Na verdade, excetuando as situações que acolhem os centros urbanos de maior dimensão, estes transportes continuam a apresentar insuficiências - sobretudo nas áreas mais afastadas dos eixos principais e dos maiores aglomerados - traduzidas na exiguidade e falta de qualidade dos serviços prestados (quando não, mesmo, total ausência).

E se é certo que os problemas demográficos da região conduzem a insuficiências de massa crítica suscetível de assegurar a sustentabilidade económica de alguns eixos de exploração, é imprescindível encontrar soluções de articulação pública e privada que assegurem sistemas de transportes social e ambientalmente adequados, de modo a garantir a coesão social e territorial através do acesso generalizado aos equipamentos e serviços coletivos disponibilizados numa área de influência razoável.

Em acréscimo, é, ainda, de realçar a falta de intermodalidade nos transportes, seja de passageiros, seja de mercadorias. Efetivamente, registam-se inúmeros problemas de articulação, internamente ao mesmo modo de transporte – sobretudo no rodoviário - e entre diferentes modos de transporte, algo que, em última análise, estimula o uso crescente do transporte individual nas deslocações urbanas e interurbanas.

No domínio das grandes apostas em curso - ou já efetuadas, total ou parcialmente - com reflexos na temática vertente, há que referir os investimentos dirigidos ao porto de Sines e à sua Zona Industrial e Logística. Detendo condições físicas e locacionais únicas ao nível nacional, desde que as acessibilidades de ligação ao seu *hinterland* sejam efetivas, é possível prospetivar uma futura afirmação deste pólo no contexto internacional, algo que, em muito, contribuirá para, finalmente, concretizar o desígnio que presidiu, nos anos 70 do século passado, ao seu lançamento: estruturação de um pólo de desenvolvimento irradiante para a região. Adicionalmente, é, igualmente, de referir a aposta do plano Portugal Logístico, a qual passa pelo estabelecimento de uma plataforma logística fronteiriça em Elvas/Caia, articulada com Badajoz.

Por último - mas muito importante no domínio do turismo, em geral, e do turismo náutico, em particular - merece ser referenciado o sistema aeroportuário regional. Em julho de 2006, o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MOPTC), no âmbito das orientações estratégicas para o sistema aeroportuário nacional, inclui o futuro aeroporto de Beja enquanto peça do mesmo. Esta infraestrutura teria como vocação, ainda de acordo com os estudos do MOPTC, para além do apoio à atividade turística gerada, sobretudo, pela emergência de novos empreendimentos turísticos no litoral e no grande lago do Alqueva, o transporte de carga (designadamente, os produtos agroalimentares derivados do regadio do Alqueva), a manutenção de aeronaves e a criação de um pólo de fabricação aeronáutica.

Já vários anos passaram desde que o aeroporto do Alentejo acolheu, em 2011, o seu voo inaugural. Desde essa data muito se escreveu e se opinou sobre a validade dos mais de 30 milhões de euros aí investidos. E, se é certo que o movimento de passageiros tem sido reduzido (cerca de 5000 nos dois primeiros anos de exploração) e que o encerramento, já em 2014, da linha *charter* entre Beja e Paris (Windavia), não deixam margens a grandes otimismo num horizonte de curto/médio prazo, a sua valia no quadro do futuro da região continua inquestionável e o seu racional inicial perfeitamente válido: a alimentação de turistas para o sector regional, designadamente a abertura da região ao

turismo de negócios e convenções, a viabilização das estadas curtas e muito curtas, o “flash” turismo gastronómico e enológico, o turismo de nicho requerendo equipamento médio e pesado, entre muitos outros desígnios e domínios.

E isto já para não falar na viabilização da produção e do escoamento para os grandes mercados consumidores do Norte da Europa e do Médio Oriente de produtos agrícolas frescos e perecíveis, oriundos das áreas de regadio e de alto valor acrescentado, bem como do seu potencial, enquanto aeroporto escola ou de aplicação, para a viabilização do hipotético recentramento futuro do Instituto Politécnico de Beja no macro *cluster* da aviação e do turismo aéreo.

4.4. O TURISMO E O RECREIO NA ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.4.1. O SIGNIFICADO PARA A ÁREA DE INTERVENÇÃO DAS GRANDES TENDÊNCIAS DO TURISMO

A dinâmica turística existente no quadro de referência territorial em estudo (Alentejo e Ribatejo) tem vindo a ser alvo de uma profunda reflexão, com o objetivo de modelizar as estratégias de criação e de operacionalização de novos produtos turísticos, de afirmação do território e de potenciação de empresas locais, de modo a promover a ativação de uma marca territorial que seja integradora de novos conceitos e promotora de mecanismos de atratividade de novos consumidores.

Ao longo dos tempos, o mercado turístico tem registado um sucessivo crescimento da oferta e da procura turísticas. Esta é uma realidade desde logo evidente quando se referenciam os dados da procura turística internacional.

Se por um lado, em 1950, a procura cifrava-se, de acordo com as séries estatísticas da Organização Mundial de Turismo (OMT), nos 25 milhões de turistas, atualmente (2013) este número atingiu os 1.087 milhões (OMT, 2014). Por outro lado, em linha com as previsões da OMT para 2020, é expectável que o turismo internacional cresça nos próximos anos quase tanto quanto cresceu no período de 1950 a 2010, prevendo-se em 2030 uma procura turística internacional na ordem dos 1,8 mil milhões de turistas (OMT; 2014).

Neste sentido, estamos perante um crescimento da procura turística claramente exponencial, o qual resulta, nomeadamente, do crescente desenvolvimento da economia mundial, em particular de economias emergentes como o Brasil, a Índia e o Dubai e da abertura política de países como a China e a Rússia. Este cenário de crescente globalização da atividade turística é claramente dinamizado por um intenso desenvolvimento da tecnologia, o qual se reflete na crescente acessibilidade a novos destinos, em particular por via do desenvolvimento do transporte aéreo.

No entanto, importa referir que a Europa continuará a ser o grande destino emissor e recetor da procura turística internacional, apesar da sua diminuição percentual no contexto da atividade turística à escala mundial. Por seu lado, os países da Europa de Leste, do Médio Oriente e da Ásia tendem a assumir-se como os grandes destinos

emergentes, tornando a competição entre destinos uma variável central do mercado turístico.

Quadro 9 - Evolução da procura turística internacional por quota de mercado dos destinos turísticos 1950-2010

Rank	1950	Share	1970	Share	1990	Share	2010	Share
1	United States	71%	Italy	43%	France	38%	France	31%
2	Canada		Canada		United States		United States	
3	Italy		France		Spain		China	
4	France		Spain		Italy		Spain	
5	Switzerland		United States		Hungary		Italy	
6	Ireland	17%	Austria	22%	Austria	19%	United Kingdom	14%
7	Austria		Germany		United Kingdom		Turkey	
8	Spain		Switzerland		Mexico		Germany	
9	Germany		Yugoslavia		Germany		Malaysia	
10	United Kingdom		United Kingdom		Canada		Mexico	
11	Norway	9%	Hungary	10%	Switzerland	10%	Austria	10%
12	Argentina		Czechoslovakia		Greece		Ukraine	
13	Mexico		Belgium		Portugal		Hong Kong (China)	
14	Netherlands		Bulgaria		Malaysia		Russia Federation	
15	Denmark		Romania		Croatia		Canada	
	Others	3%	Others	25%	Others	33%	Others	45%
Total	25 million		166 million		441 million		940 million	

Fonte: OMT (vários anos) Elaboração própria, in Gustavo, 2012

Perante esta realidade a procura turística tende para um comportamento de dispersão impar, diminuindo progressivamente a concentração dos fluxos turísticos mundiais. Atente-se no facto dos principais cinco destinos turísticos mundiais, em termos de chegadas de turistas internacionais, em 1950 deterem 71% da referida quota de mercado, enquanto atualmente (2010) esse valor não ultrapassar os 31%. Em contrapartida, os destinos fora do top quinze, já garantem atualmente uma quota de 45%, por oposição aos apenas 3% que registavam em 1950. Num cenário de crescimento global da atividade turística e de uma procura turística cada vez mais heterogénea, consequência de circunstancialismos anteriormente referidos, como as alterações verificadas ao nível da matriz sociodemográfica e a diversificação dos mercados emissores, a oferta turística tem evoluído no sentido de responder aos desafios próprios do momento.

Portugal tem sentido os reflexos da crescente competitividade internacional, não porque o seu número de turistas internacionais tenha diminuído, bem pelo contrário, mas

devido a uma redução drástica da sua cota de mercado, expressa numa queda sucessiva no *ranking* internacional de chegadas de turistas estrangeiros. Atente-se que em 1990 Portugal ocupava o 13.º lugar do *ranking* internacional de chegadas de turistas e em 2013 ocupava apenas o 36.º lugar do referido ranking.

Quadro 10 – Rankings dos principais indicadores de turismo internacional, 2013

Posição	Entradas de turistas internacionais	Receitas do turismo internacional	Despesas em turismo internacional
1º	França	EUA	China
2º	EUA	Espanha	EUA
3º	Espanha	França	Alemanha
4º	China	China	Federação Russa
5º	Itália	Macau (China)	Reino Unido
6º	Turquia	Itália	França
7º	Alemanha	Tailândia	Canadá
8º	Reino Unido	Alemanha	Austrália
9º	Federação Russa	Reino Unido	Itália
10º	Tailândia	Hong Kong (China)	Brasil
...
	Portugal (36º)	Portugal (26º)	Portugal (43º)

Fonte: UNWTO - Barómetro do Turismo Mundial - Abril de 2014

Neste cenário a construção de novos paradigmas de intervenção turística, alicerçada em modelos ativos de consumo e enquadrados pela tese do “Novo Turismo” de Auliana Poon, são elementos fundamentais num cenário de crescente competição internacional. Perceber a importância da introdução de novos produtos turísticos, potenciando os recursos locais, é um fator essencial para garantir novos indicadores de atratividade geradores de novos negócios e mercados.

No seguimento do enquadramento efetuado sobre o turismo à escala mundial, é pertinente, agora, refletir sobre a forma como as grandes tendências que perpassam pela atividade turística poderão influenciar o devir do sector no Alentejo e na Lezíria do Tejo e, de forma muito em especial, no seu segmento relacionado com as atividades aquáticas.

Interessa, contudo, ter em atenção que a paleta das mega tendências identificadas é uma realidade dinâmica, seja no que diz respeito à sua estrutura, seja, sobretudo, no que se prende com as magnitudes e as direções dos efeitos originados pelas suas componentes específicas. Por outro lado, como bem se sabe com cada vez maior nitidez, mega acontecimentos de cariz regional ou mundial podem introduzir modificações

significativas no grande cenário do turismo mundial (pandemias, guerras às escalas regionais ou atentados de grande relevância, só para citar alguns).

Tudo isto, acrescido dos acontecimentos que se inscreverão na tessitura do futuro urdida no plano nacional ou local, aconselham a que o que de seguida se avança seja encarado como um mero exercício prospetivo com relevância exclusivamente no domínio do estabelecimento de parâmetros de orientação gerais e em silhueta.

Adicionalmente, é, também, necessário considerar que a área de intervenção do presente estudo é uma realidade de profunda diversidade e complexidade, não só pelo matizado de territórios e de recursos turísticos – e hídricos – que possui, mas também – e sobretudo – pelo aspeto locacional, ou seja, pela sua posição face ao triângulo de onde recebe grande parte das suas influências estruturantes, seja no domínio dos fluxos materiais, seja no dos imateriais. Na verdade, o trinómio Lisboa, Algarve e Espanha, pelo menos no que ao turismo diz respeito, configura o grande quadro relacional de onde emanam importantes janelas de oportunidade que é necessário identificar e aproveitar, mas também, há que não olvidar, de onde sopram fortes ventos centrípetos e importantes quadros competitivos que importa considerar, incorporar e reverter em prol dos desígnios que são perseguidos pela região de turismo.

Complementarmente, é de sublinhar que as dimensões retidas no quadro da avaliação dos efeitos prováveis das dinâmicas registadas no sector turístico incidentes sobre a área de intervenção, derivam, com uma sistemática específica, de duas grandes fontes: o que foi avançado anteriormente neste relatório sobre o panorama do turismo internacional e os estudos prospetivos desenvolvidos pela Organização Mundial de Turismo sobre estas matérias.

Neste quadro, considera-se pertinente considerar como conjunto de referência o que inclui os seguintes aspetos:

1 – Emissão:

- reforço das disponibilidades temporais e económicas para encetar viagens e concretizar estadas, eventualmente com uma dimensão média superior;
- continuidade da abertura dos países europeus às deslocações de pessoas (migrações), com o conseqüente acréscimo, direto e indireto, de viagens;

2 – Receção:

- aumento significativo da competitividade, consequência da globalização e do alargamento da oferta;
- diversificação e incremento da oferta de atividades de lazer junto às grandes áreas residenciais, com significado direto nas práticas recreativas e nas estadas turísticas de curta e muito curta duração;
- reforço das práticas de salvaguarda ambiental, não só como fonte de *marketing* e aumento da competitividade dos destinos e instituições, mas também como resultado de uma crescente responsabilidade ambiental e social;
- continuação da emergência das preocupações no que diz respeito à adaptação dos destinos e das áreas turísticas em matéria de turismo acessível;
- reforço da abertura de janelas de oportunidades para novas áreas e novos produtos turísticos;
- renovação, retematização e revitalização de complexos/espços turísticos em fase de maturidade avançada;

3 – Comercialização:

- desenvolvimento de operadores turísticos independentes, possibilitado pelas novas tecnologias da informação;
- reforço da iniciativa individual no que diz respeito à organização e à aquisição de componentes constitutivas dos pacotes turísticos individuais (*self taylored*);
- concentração em torno dos grandes *tour-operators*;

4 – Transportes:

- embaratecimento e generalização das deslocações aéreas, derivadas da competitividade entre as companhias tradicionais e da expansão das *low-cost*;
- aprofundamento da estratégia tendente ao estabelecimento de grandes alianças entre companhias aéreas, não só como forma de viabilizar uma estratégia comum, mas também de evitar a asfixia económica;

5 – Informação e divulgação turística:

- renovação das formas de *marketing* turístico decorrentes das novas redes eletrónicas de comunicação;
- aumento da informação exigida e fornecida pelo/ao consumidor;
- incremento da necessidade de segmentação do mercado, tendo em vista a viabilização de produtos específicos (*niche tourism*);

6 – Turista:

- aumento dos gastos turísticos decorrentes da intensificação da propensão para o consumo;
- diversificação extraordinária da procura;
- reforço significativo da procura de destinos beneficiando de imagens associadas de menor artificialização;
- aumento da procura, por parte de uma elite, de destinos remotos e pouco acessíveis;
- consolidação da atitude ativa aquando das estadas turísticas, com conseqüente procura de atividades de animação turística suscetíveis de densificar e aprofundar os atos turísticos;
- crescente associação entre as dimensões lúdicas e culturais (divertir e aprender);
- afirmação de novos domínios de atração, seja enquanto despoletadores centrais de atos turísticos e das escolhas dos destinos, seja enquanto coadjuvantes do quadro de atratividade (turismo de saúde, turismo gastronómico, enoturismo, turismo náutico, turismo comunitário, turismo étnico, entre outros);
- aumento em importância do Turismo mais distante do quadro de lazer, tal como o científico, o de negócios e o de congressos e incentivos;
- acréscimo das exigências e expectativas dos turistas;

- aumento das preocupações éticas e de responsabilidade social na escolha dos destinos e empresas e nas práticas turísticas;
- importância crescente das férias repartidas e das estadas de curta/média duração;

7 – Produtos turísticos:

- explosão em quantidade e diversidade dos produtos turísticos disponíveis no mercado;
- densificação e extensão da cadeia de valor dos produtos turísticos (módulos acopláveis);
- aumento dos produtos dirigidos aos *empty-nesters* e à terceira idade;
- afirmação de alguns produtos completamente artificiais (parques temáticos, estações de inverno em locais insólitos do ponto de vista climático, ...);

8 – Políticas:

- diminuição de restrições às viagens, abertura de novas áreas ao Turismo;
- afirmação da indispensabilidade do planeamento turístico;
- reforço da relação entre Turismo e desenvolvimento, nomeadamente como motor de desenvolvimento e como forma de combate às disparidades territoriais;
- aumento da perceção da necessidade de envolvimento das populações locais no delineamento e implementação das políticas de desenvolvimento turístico;
- aumento da necessidade de cooperação para o desenvolvimento turístico, seja entre o sector público e o privado, seja entre as componentes de cada um deles.

Desta paleta de base será considerado um subconjunto considerado especialmente relevante para a estruturação do presente estudo – o *touring* cultural e paisagístico na região de turismo do Alentejo e Ribatejo.

Quadro 11 – Síntese dos significados das tendências do Turismo para a AI

DIMENSÕES	SIGNIFICADO PARA A AI	TIPO DE SIGNIFICADO	IMPORTÂNCIA POTENCIAL (1 - REDUZIDA; 5 - MUITO RELEVANTE)	OBSERVAÇÕES
Reforço das disponibilidades temporais e económicas para encetar viagens e concretizar estadas, eventualmente com uma dimensão média superior.	Incremento das condições de base para o aumento quantitativo e qualitativo da procura.	Oportunidade	5	Este aspeto poderá ter um efeito reforçado na AI, enquanto local de receção-base, mas também enquanto espaço que poderá ser visitado por turistas cujo alojamento esteja fora da AI (nomeadamente os de atravessamento Lisboa/Algarve e Lisboa/Espanha).
Continuidade da abertura dos países europeus às deslocações de pessoas (migrações), com o consequente acréscimo, direto e indireto, de viagens.	Tendo em conta o caso específico de Portugal (em que a quantidade de emigrantes diminuiu bastante nos últimos anos), os efeitos indutores de visitas nos próximos anos serão despidiendos.	Oportunidade	1	
Aumento significativo da competitividade, consequência da globalização e do alargamento da oferta.	Como todo o aumento da concorrência, introduzirá novos aspetos competitivos a ter em linha de conta.	Ameaça	4	No segmento do turismo náutico é de esperar um reforço da oferta, seja nos países tradicionalmente importantes neste segmento da oferta, seja em novas realidades turísticas emergentes, designadamente nos continentes americano e asiático.
Reforço das práticas de salvaguarda ambiental, não só como fonte de <i>marketing</i> e aumento da competitividade dos destinos e instituições, mas também como resultado de uma crescente responsabilidade ambiental e social.	Impacto na gestão dos espaços naturais e no ordenamento das práticas de lazer nas áreas de maior pressão e maior sensibilidade. O “bom” ambiente enquanto fator de atratividade e de competitividade.	Oportunidade	5	Maior aceitação, por parte dos atores, de políticas de salvaguarda ambiental. O Alentejo – a AI no geral - possui uma imagem extremamente positiva no domínio das boas práticas ambientais.

DIMENSÕES	SIGNIFICADO PARA A AI	TIPO DE SIGNIFICADO	IMPORTÂNCIA POTENCIAL (1 - REDUZIDA; 5 - MUITO RELEVANTE)	OBSERVAÇÕES
Reforço da abertura de janelas de oportunidades para novas áreas e novos produtos turísticos.	Viabilização de novos produtos específicos dirigidos a públicos alvo bem definidos – <i>niche tourism</i>	Oportunidade	5	A área de intervenção possui recursos suscetíveis de alimentar o lançamento de produtos turísticos inovadores bastante competitivos (ex: o enoturismo, o turismo gastronómico, turismo de aventura em meio aquático, ...).
Renovação, retematização e revitalização de complexos/espacos turísticos em fase de maturidade avançada.	Renovação e relançamento de espaços tradicionais em fase de maturidade. Aumento da competitividade relativamente a alguns nichos turísticos.	Ameaça	2	Designadamente no litoral Sul é possível antever algum aumento da competitividade em segmentos da oferta tradicionalmente pouco considerados, tais como o turismo cultural, o turismo gastronómico, o turismo ligado aos desportos radicais e o turismo náutico menos tradicional.
Desenvolvimento de operadores turísticos independentes, possibilitado pelas novas tecnologias da informação.	Possibilidade da informação e venda do destino Alentejo/Ribatejo ter um âmbito mundial.	Oportunidade	4	
Reforço da iniciativa individual no que diz respeito à organização e à aquisição de componentes constitutivas dos pacotes turísticos individuais (<i>self taylorred</i>).	Libertação face aos canais de distribuição tradicionais.	Oportunidade	4	A organização e compra direta através das plataformas informáticas abre novas perspectivas de negócios para iniciativas menos “mainstreaming” e menos acolhidas pelos operadores tradicionais (Algo importante no quadro da AI).
Concentração em torno dos grandes <i>tour-operators</i>.	Pressão sobre as agências de viagens de cariz local. Pressão sobre os preços da hotelaria. Dependência.	Ameaça	2	Tendo em conta a oferta atual existente na AI este aspeto poderá colocar-se somente num horizonte temporal distante e em áreas muito específicas.

DIMENSÕES	SIGNIFICADO PARA A AI	TIPO DE SIGNIFICADO	IMPORTÂNCIA POTENCIAL (1 - REDUZIDA; 5 - MUITO RELEVANTE)	OBSERVAÇÕES
Embaratecimento e generalização das deslocações aéreas, derivadas da competitividade entre as companhias tradicionais e da expansão das <i>low-cost</i>.	Esta dimensão revestir-se-á de aspetos positivos ou negativos consoante a capacidade de afirmação da AI (ex: conhecimento e reconhecimento nos desportos náuticos).	Oportunidade	2	Nomeadamente para áreas com recursos que são praticamente únicos este aspeto pode assumir uma importância relevante (Ex: Alqueva).
Novas formas de <i>marketing</i> turístico decorrentes das novas redes eletrónicas de comunicação.	Possibilidade da informação sobre o destino ter uma difusão mundial e possibilidade de reforçar a imagem de autenticidade e robustez ecológica da AI.	Oportunidade	4	Ligação do destino turístico Alentejo/Ribatejo a elementos chave da região, nomeadamente os recursos reconhecidos como património mundial – o Cante Alentejano e Évora – ou outros com forte impacto em nichos de mercado (águas interiores, recursos piscícolas, montado, artesanato alimentar,..).
Aprofundamento da estratégia tendente ao estabelecimento de grandes alianças entre companhias aéreas, não só como forma de viabilizar uma estratégia comum, mas também de evitar a asfixia económica.	Aguarda-se o resultado da privatização da TAP e os consequentes efeitos no Hub Lisboa/África/América do Sul.	Ameaça	1	
Aumento da informação exigida e fornecida pelo/ao consumidor.	Possibilidade de reforçar a competitividade da AI através de ações concretas na vertente da divulgação e da informação turística de nova geração.	Oportunidade	4	É imperativa uma forte aposta nas novas tecnologias e plataformas de informação e comunicação turística (produtos para telemóveis e laptops, apps, realidade aumentada, informação segregada por idade, formação e áreas de interesses, ...).

DIMENSÕES	SIGNIFICADO PARA A AI	TIPO DE SIGNIFICADO	IMPORTÂNCIA POTENCIAL (1 - REDUZIDA; 5 - MUITO RELEVANTE)	OBSERVAÇÕES
Incremento da necessidade de segmentação do mercado tendo em vista a viabilização de produtos específicos (<i>niche tourism</i>).	Aumento da competitividade da AI através da generalização da receptividade a novos produtos específicos dirigidos a públicos alvo bem definidos – <i>niche tourism</i> .	Oportunidade	5	Neste particular um mundo se abre à AI. Assim exista o capital humano suscetível de despoletar a energia inovadora e criadora necessária.
Aumento dos gastos turísticos decorrentes da intensificação da propensão para o consumo.	Quadro favorável para o comércio e serviços associados, direta ou indiretamente, ao turismo e ao recreio.	Oportunidade	3	Importante no domínio dos gastos complementares ao alojamento e alimentação, designadamente os produtos de animação turística, o artesanato, os produtos agrícolas, ...
Diversificação extraordinária da procura.	Oportunidade para novos produtos e para locais emergentes.	Oportunidade	4	A paleta da procura de produtos turísticos em geral e de produtos náuticos em particular deverá diversificar-se colocando, assim, no mapa turístico locais até hoje pouco considerados.
Reforço significativo da procura por destinos com imagens associadas de menor artificialização.	O Alentejo e o Ribatejo possuem uma imagem ímpar neste particular	Oportunidade	5	É importante continuar a apostar no planeamento e ordenamento do território e numa política de turismo inteligente.
Aumento da procura, por parte de uma elite, de destinos remotos e pouco acessíveis.	Fuga para outros destinos dos turistas com maior capacidade económica.	Ameaça	2	
Consolidação da atitude ativa aquando das estadas turísticas, com conseqüente procura de atividades de animação turística suscetíveis de densificar e aprofundar os atos turísticos.	Neste particular a AI possui condições de base excelentes, seja para o turismo ativo baseado na natureza, seja para o que se apoia no património cultural e humano endógeno.	Oportunidade	5	É fundamental promover e apoiar o empreendedorismo associado à animação turística, algo que, de resto, a demografia regional dificulta

DIMENSÕES	SIGNIFICADO PARA A AI	TIPO DE SIGNIFICADO	IMPORTÂNCIA POTENCIAL (1 - REDUZIDA; 5 - MUITO RELEVANTE)	OBSERVAÇÕES
Crescente associação entre as dimensões lúdicas e culturais (divertir e aprender).	Este aspeto, se bem explorado, poderá ser muito relevante no estabelecimento de complementaridades entre as áreas ribeirinhas aos planos de água e os <i>hinterlands</i> .	Oportunidade	3	Importante sobretudo no litoral e em torno dos principais cursos e planos de água.
Afirmção de novos domínios de atração, seja enquanto despoletadores centrais de atos turísticos e das escolhas dos destinos, seja enquanto coadjuvantes do quadro de atratividade (turismo de saúde, turismo gastronómico, enoturismo, turismo náutico, turismo comunitário, turismo étnico, entre outros).	Globalmente, a AI tem todas as condições de base (recursos primários) necessárias à constituição de produtos turísticos alternativos dirigidos a segmentos específicos do mercado.	Oportunidade	5	É fundamental promover e apoiar o empreendedorismo.
Aumento de importância do Turismo mais distante do quadro de lazer, tal como o científico, o de negócios e o de congressos e incentivos.	A AI possui infraestruturas e instituições que lhe permitem apostar neste segmento de mercado, designadamente no triângulo Santarém, Évora, Portalegre.	Oportunidade	2	Este segmento pode ser desenvolvido procurando complementaridades com empresas e escolas de ensino superior.
Acréscimo das exigências e expectativas dos turistas	Conjuntamente com a diferença, a qualidade percebida e a relação qualidade preço serão elementos fundamentais na estruturação do turismo da região e no do turismo náutico em	Oportunidade / Ameaça	4	Em função da resposta que a região e o sector for capaz de dar.

DIMENSÕES	SIGNIFICADO PARA A AI	TIPO DE SIGNIFICADO	IMPORTÂNCIA POTENCIAL (1 - REDUZIDA; 5 - MUITO RELEVANTE)	OBSERVAÇÕES
Aumento das preocupações éticas e de responsabilidade social na escolha dos destinos e nas práticas turísticas	O turismo responsável afirmar-se-á como um fator de competitividade dos lugares e das empresas.	Oportunidade / Ameaça	3	Tendo em consideração o conhecimento do sector turístico regional este aspeto pode vir a ser uma oportunidade efetiva.
Importância crescente das férias repartidas e das estadas de curta/média duração.	Este aspeto poderá ser relevante ao nível da captação do mercado da AML e de Espanha em estadas de curta e muito curta duração.	Oportunidade	4	As ótimas acessibilidades de que a região dispõe abre muito boas perspectivas neste domínio, muito em especial nas estadas de muito curta duração.
Densificação e extensão da cadeia de valor dos produtos turísticos (módulos acopláveis).	Os produtos bem estruturados e tematicamente coerentes e envolventes tenderão a ser cada vez mais procurados, com os efeitos benéficos, ao nível económico, daí resultantes.	Oportunidade	5	Exige uma articulação forte entre os atores do subsector náutico, mas é uma importante oportunidade.
Aumento dos produtos dirigidos aos <i>empty-nesters</i> e à terceira idade.	A Região poderá assumir-se como uma importante área de receção para o turismo sénior e, mesmo, com os investimentos adequados, para se evidenciar como bacia de acolhimento mais prolongada para reformados.	Oportunidade	3	Carece de investimentos importantes no domínio das infraestruturas e dos serviços de apoio à terceira idade e ao lazer sénior.
Diminuição das restrições às viagens, abertura de novas áreas ao Turismo.	A reorganização do território turístico mundial poderá ter impactos relevantes, indiretamente, na AI.	Ameaça	1	Sobretudo em função da turistificação da margem Sul do Mediterrâneo.

DIMENSÕES	SIGNIFICADO PARA A AI	TIPO DE SIGNIFICADO	IMPORTÂNCIA POTENCIAL (1 - REDUZIDA; 5 - MUITO RELEVANTE)	OBSERVAÇÕES
Afirmação da indispensabilidade e do planeamento turístico.	O turismo e o recreio constituem uma faca de dois gumes. É necessário, portanto, ter uma posição firme e ativa relativamente aos seus desenvolvimentos.	Oportunidade	3	Considera-se este aspeto como oportunidade porque a região tem demonstrado capacidade para se autorregular, comparativamente a outras áreas, de forma muito positiva.
Reforço da relação entre Turismo e desenvolvimento, nomeadamente como motor de desenvolvimento e como forma de combate às disparidades territoriais.	As apostas no Turismo tenderão, ainda mais, a generalizar-se a áreas deprimidas, aumentando, desta forma, a concorrência entre os lugares. Contudo, no caso específico da AI, a consciência e as práticas de desenvolvimento baseado nas potencialidades endógenas têm tido uma tal expansão que este aspeto deverá ser encarado como uma oportunidade.	Oportunidade	3	Turismo comunitário, turismo comunitário de aldeia, turismo rural. Ligação às ADL e aos programas financiados por fundos europeus.
Aumento da perceção da necessidade de envolvimento das populações locais no delineamento e implementação das políticas de desenvolvimento turístico.	Apesar do envelhecimento da população e do seu reduzido potencial, a AI caracteriza-se pelo seu espírito de participação cidadã. Cada vez mais é evidente que o turismo, como atividade de largo espectro, necessita do envolvimento dos atores e da população em geral.	Oportunidade	3	O empenhamento dos atores e da população em geral é um recurso a acarinhar e promover.
Aumento da necessidade de cooperação para o desenvolvimento turístico, seja entre o sector público e o privado, seja entre as componentes de cada um deles.	É fundamental reforçar as plataformas de cooperação e os momentos de encruzilhada entre os atores públicos, os atores privados e os do terceiro sector.	Oportunidade	5	A cooperação intra e extra aos três sectores é muitíssimo relevante. Sobretudo no caso dos protagonistas turísticos dos diversos locais é fundamental que os mesmos se associem e que criem racionalidades próprias no sentido de proporcionar experiências gratificantes e memoráveis.

Fonte: Própria

4.4.2. EXPRESSÃO E SIGNIFICADO ATUAL

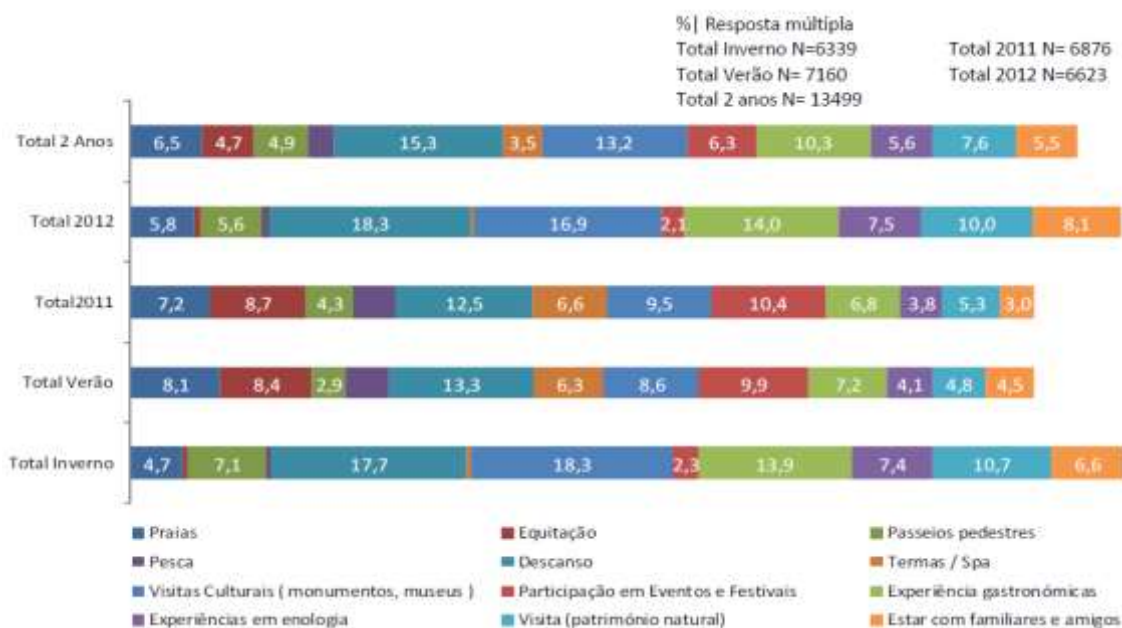
Muito embora, em contexto de mudança, o estado da arte atual, da oferta turística do Alentejo/Ribatejo, privilegia basicamente duas tipologias de produto e duas componentes territoriais:

- O produto património cultural (material e imaterial), como aquele que é o seu mais importante capital turístico das áreas em questão, associado a uma centralização da procura e do consumo em meios urbanos com principal enfoque nas cidades de Évora e de Santarém. Neste contexto, as práticas de *touring* cultural e paisagístico, possuem uma expressão maior em sede de negócio turístico nas regiões em apreço.
- O produto Sol e Mar, como espaço de interceção entre o consumo de dimensão recreativa e de operação turística, existente ao longo da linha de costa entre Tróia e Odeceixe e com elevados indicadores de sazonalidade.

Estamos logicamente a referir as duas dimensões de maior projeção, sem esquecer que, numa dimensão mais minimalista, a oferta de turismo rural, religioso, natureza, ativo e enogastronómico, têm vindo a ganhar alguma consistência no processo de desenvolvimento turístico do território.

De resto, são os próprios estudos do Observatório de Turismo do Alentejo, referenciados no gráfico seguinte, que enquadram os dois referenciais produto/território.

Figura 49 – Perfil do Turista da Região do Alentejo - Motivações



Fonte: Observatório do Turismo do Alentejo, 2013

A região Alentejo¹¹ representa, em 2013, 11,6% do total de alojamento turístico do país¹² (Norte 25,7%; Centro 19,6%; Algarve 16,1%; Lisboa 12,7%; RA Madeira 9,6% e RA Açores 4,6%). Em termos de alojamento hoteleiro, a AI regista 7,3% do total nacional (Algarve 25%; Norte 19,6%; Centro 19,4%; Lisboa 16,0%; RA Madeira 8,3% e RA Açores 4,4%). Na tipologia de alojamento local a região Alentejo detém 9,6% da oferta nacional disponível (Norte 24%; Centro 21,6%; Lisboa 15,4%; Algarve 12,9%; RA Madeira 14,9% e RA Açores 1,5%), enquanto que nos estabelecimentos de turismo em espaço rural e de turismo de habitação representa 23,6% e 15,3%, respetivamente (Norte 36,6% e 46,6%; Centro 15,7% e 23,9%; Lisboa 3,0% e 4,5%; Algarve 5,5% e 0,6%; RA Açores 9,8% e 5,7% e RA Madeira 5,8% e 3,4%).

¹¹ A análise da atividade turística da atual NUTS II Alentejo sustenta-se na informação estatística disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), pelo Turismo de Portugal e pelo Observatório de Turismo do Alentejo, designadamente no que diz respeito à oferta e à procura turísticas e à adequação entre ambas, tendo em consideração os dados mais recentes. Neste sentido, caracteriza-se a oferta de alojamento turístico e a respetiva capacidade de alojamento, comparando o contexto regional com o nacional. No que diz respeito à procura turística, analisam-se as dormidas e as proveniências dos hóspedes na AI, confrontando os resultados obtidos com o total do país. Por último, procede-se à análise da adequação entre a oferta e a procura, através da taxa de ocupação e da estada média, tendo presente o significado destes indicadores no total do país.

¹² Hotelaria (hotéis, apartamentos turísticos, aldeamento turísticos, hotéis-apartamentos, pousadas), alojamento local, turismo no espaço rural e turismo de habitação.

Do total de alojamento turístico da região Alentejo, 27,3% correspondem à hotelaria (hotéis 74,5%¹³; apartamentos turísticos 7,5%; aldeamento turísticos 1,9%; hotéis-apartamentos 7,5%; pousadas 8,5%), 26,0% ao alojamento local, 39,8% ao turismo no espaço rural¹⁴ e 6,9% ao turismo de habitação (Quadro 12).

Quadro 12 – Estabelecimentos, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) - anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo

31-07-2013

Unidade: N°

NUTS	Total do Alojamento Turístico	Total Hotelaria - Anterior enquadramento legislativo (a)	Total Hotelaria - Atual enquadramento legislativo (b)	Hotéis				
				Total	*****	****	***	** / *
PORTUGAL	3 345	2 008	1 462	1 039	90	327	339	283
CONTINENTE	2 869	1 765	1 277	924	75	268	311	270
Norte	860	450	286	258	14	71	80	93
Centro	656	416	284	259	4	52	112	91
Lisboa	425	327	235	208	34	80	52	42
Alentejo	389	147	106	79	4	18	33	24
Algarve	539	425	366	120	19	47	34	20
RA AÇORES	154	80	64	47	1	23	14	9
RA MADEIRA	322	163	121	68	14	36	14	4

NUTS	Apartamentos turísticos	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos			Pousadas	
			Total	*****	****		*** / **
PORTUGAL	192	44	145	8	88	49	35
CONTINENTE	170	43	108	6	67	35	32
Norte	12	1	7	0	3	4	8
Centro	7	2	8	0	5	3	8
Lisboa	5	4	14	2	11	1	4
Alentejo	8	2	8	1	3	4	9
Algarve	138	34	71	3	45	23	3
RA AÇORES	12	0	3	0	2	1	2
RA MADEIRA	10	1	34	2	19	13	1

NUTS	Outros Alojamentos (c)		Alojamento Local - Total (b)
		dos quais: Quintas da Madeira	
PORTUGAL	553	7	1 051
CONTINENTE	488	//	878
Norte	164	//	252
Centro	132	//	227
Lisboa	92	//	162
Alentejo	41	//	101
Algarve	59	//	136
RA AÇORES	16	//	16
RA MADEIRA	49	7	157

NUTS	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER	
PORTUGAL	832	110	393	55	98	176
CONTINENTE	714	106	310	53	85	160
Norte	322	46	129	22	43	82
Centro	145	14	62	12	15	42
Lisboa	28	3	14	2	1	8
Alentejo	182	36	87	13	19	27
Algarve	37	7	18	4	7	1
RA AÇORES	74	1	51	0	12	10
RA MADEIRA	44	3	32	2	1	6

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013

(a) De acordo com a anterior legislação de alojamento turístico.

(b) De acordo com a atual legislação de alojamento turístico.

(c) Inclui Motéis, Estalagens e Pensões considerados na anterior legislação.

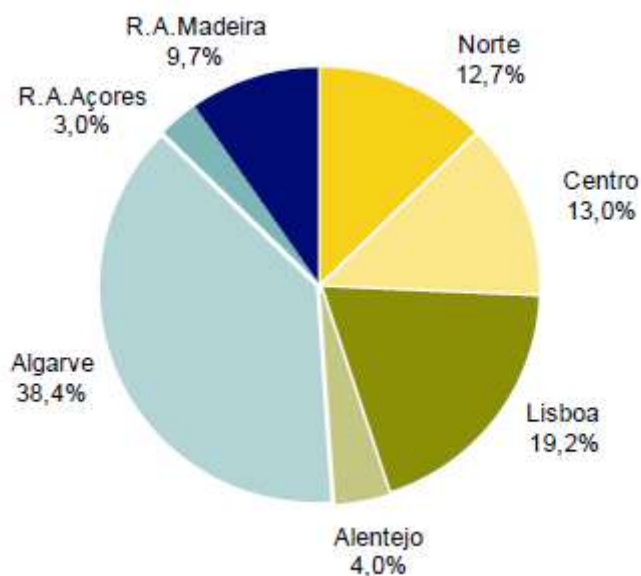
¹³ tipologia de 5* 5,1%, de 4* 22,8%, de 3* 41,8% e de 1 ou 2* 30,3%.

¹⁴ casas de campo 56,1%, agroturismo 23,2%, hotéis rurais 8,4% e outras tipologias 12,3%.

A repartição dos estabelecimentos hoteleiros na AI, por NUTS III, de acordo com a anterior legislação de alojamento turístico (que englobava motéis, estalagens e pensões), revela alguma disparidade que as percentagens seguintes comprovam: Alentejo Litoral 30,6%; Alentejo Central 25,9%; Alto Alentejo 19,7%; Baixo Alentejo 14,3% e Lezíria do Tejo 9,5%. A desagregação destes números em termos municipais acentua as dissemelhanças, uma vez que em alguns municípios não existe oferta de estabelecimentos hoteleiros (Fronteira, Gavião, Alandroal, Mourão, Portel, Sousel, Viana do Alentejo, Cuba, Vidigueira, Alpiarça, Chamusca, Coruche e Salvaterra de Magos) e noutros esta é bem evidente (Alentejo Litoral: Odemira 14 unidades – 9,5% e Grândola 10 – 6,8%; Alentejo Central: Évora 17 – 11,6% e Estremoz 9 – 6,1%; Alto Alentejo: Elvas 7 – 4,8% e Castelo de Vide e Marvão, com 4 unidades cada, ou seja 2,7%; Baixo Alentejo: Beja 7 – 4,8% e Moura 3 – 2%; Lezíria do Tejo: Santarém 5 – 3,4%).

No que concerne à capacidade de alojamento, a região Alentejo representa 5,3% do total de alojamento turístico do país (Algarve 34,2%; Lisboa 18,5%; Norte 15,0%; Centro 14,5%; RA Madeira 9,6% e RA Açores 2,9%). Considerando apenas o alojamento hoteleiro, a AI regista apenas 4,0% da capacidade de alojamento nacional, conforme indicado na figura seguinte.

Figura 50 – Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros, 2013



Fonte: INE (2013)

A tipologia de alojamento local representa na AI 7,7% da capacidade de oferta disponível a nível nacional (Norte 23,4%; Centro 22,8%; Lisboa 18,7%; Algarve 15,0%;

RA Madeira 10,9% e RA Açores 1,5%), enquanto que no conjunto dos estabelecimentos de turismo em espaço rural e de turismo de habitação representa 25,0% (Norte 37,0%; Centro 17,9%; RA Açores 6,7%; RA Madeira 4,4% e Lisboa 3,5%).

Do total da capacidade de alojamento da região Alentejo, 63,1% correspondem à hotelaria (hotéis 58,7¹⁵; apartamentos turísticos 9,8%; aldeamento turístico e hotéis-apartamentos 24,6%; pousadas 6,9%), 18,3% ao alojamento local, 16,6% ao turismo no espaço rural¹⁶ e 2,0% ao turismo de habitação(Quadro 13).

Quadro 13 – Capacidade de alojamento, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) - anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo

31-07-2013

Unidade: Nº

NUTS	Total do Alojamento Turístico	Total Hotelaria - Anterior enquadramento legislativo (a)	Total Hotelaria - Atual enquadramento legislativo (b)	Hotéis				
				Total	*****	****	***	** / *
PORTUGAL	326 187	297 962	272 070	173 802	30 236	76 267	45 269	22 030
CONTINENTE	285 140	259 984	237 562	149 505	24 290	61 998	41 663	21 554
Norte	48 894	41 633	34 478	31 991	3 714	12 241	8 792	7 244
Centro	47 176	41 684	35 451	31 060	872	8 225	15 488	6 475
Lisboa	60 289	56 821	52 124	46 703	10 856	21 717	9 199	4 931
Alentejo	17 284	12 507	10 900	6 397	540	1 938	2 650	1 269
Algarve	111 497	107 339	104 609	33 354	8 308	17 877	5 534	1 635
RA AÇORES	9 579	8 713	8 088	7 140	...	4 733	1 833	...
RA MADEIRA	31 468	29 265	26 420	17 157	...	9 536	1 773	...

NUTS	Apartamentos turísticos	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos				Pousadas
			Total	*****	****	*** / **	
PORTUGAL	35 413	16 858	42 203	3 120	28 699	10 384	3 230
CONTINENTE	34 328	16 432	34 223	2 226	23 678	8 319	3 074
Norte	409	0	442	...	851
Centro	1 144	0	875	...	662
Lisboa	422	929	3 639	...	2 667	...	431
Alentejo	1 071	1 216	523	747
Algarve	31 282	13 641	25 949	1 104	18 478	6 367	383
RA AÇORES	...	0	284	0
RA MADEIRA	...	426	7 696	894

NUTS	Outros Alojamentos (c)		Alojamento Local - Total (b)
		dos quais: Quintas da Madeira	
PORTUGAL	26 456	564	41 243
CONTINENTE	22 422	//	36 137
Norte	7 155	//	9 654
Centro	6 233	//	9 415
Lisboa	4 697	//	7 711
Alentejo	1 607	//	3 168
Algarve	2 730	//	6 189
RA AÇORES	625	//	625
RA MADEIRA	3 409	564	4 481

¹⁵ tipologia de 5* 8,4%, de 4* 30,3%, de 3* 41,4% e de 1 ou 2* 19,8%.

¹⁶ casas de campo 44,9%, agroturismo 22,3%, hotéis rurais 23,2%, outras tipologias 9,6%.

NUTS	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER	
PORTUGAL	12 874	1 834	4 796	2 001	1 648	2 595
CONTINENTE	11 441	1 798	3 909	1 948	1 409	2 377
Norte	4 762	792	1 390	704	615	1 261
Centro	2 310	204	751	383	355	617
Lisboa	454	...	206
Alentejo	3 216	638	1 285	665	276	352
Algarve	699	...	277
RA AÇORES	866	...	481	0	...	146
RA MADEIRA	567	...	406	53	...	72

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013

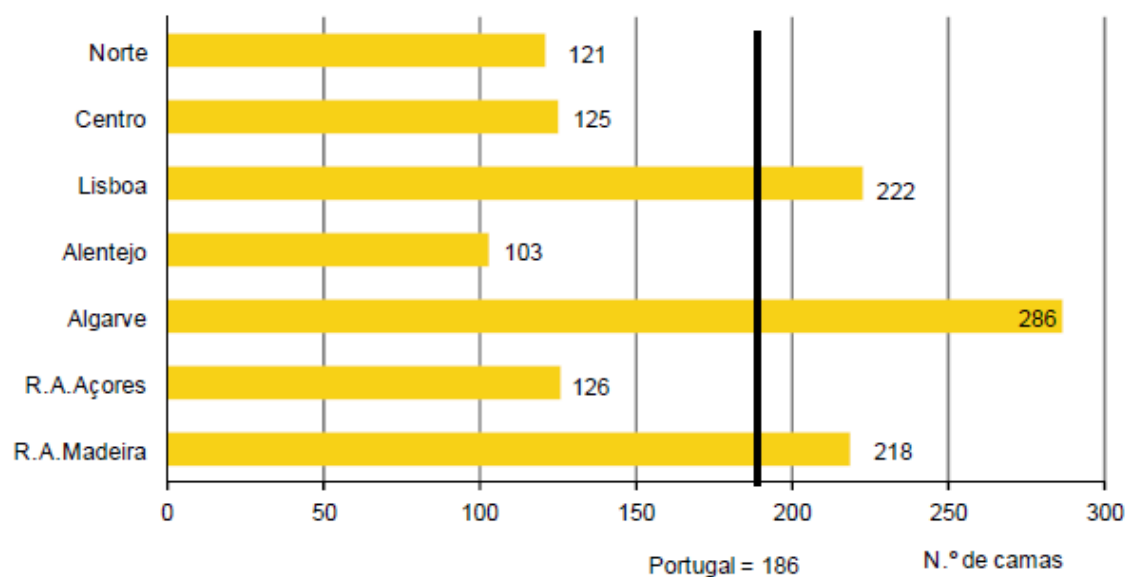
(a) De acordo com a anterior legislação de alojamento turístico.

(b) De acordo com a atual legislação de alojamento turístico.

(c) Inclui Motéis, Estalagens e Pensões considerados na anterior legislação.

A capacidade média de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros da AI é a mais baixa do país, representando as regiões Algarve, Lisboa e RA da Madeira uma capacidade média superior à média nacional (Figura 51).

Figura 51 – Capacidade média de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros, por NUTS II, 2013



Fonte: INE (2013)

A distribuição da capacidade de alojamento na região Alentejo, por NUTS III, de acordo com a anterior legislação de alojamento turístico, manifesta igualmente as assimetrias da AI: Alentejo Litoral 40,7%; Alentejo Central 23,3%; Alto Alentejo 16,0%; Baixo Alentejo 10,8% e Lezíria do Tejo 9,1%. A análise destas percentagens ao nível local, destaca os municípios de Grândola e Évora com 21,1% e 14,6% do total da oferta da região Alentejo, respetivamente. Se aos municípios anteriores se agregarem também os de Alcácer do Sal (5,7%), Beja (5,4%), Elvas (5,1%), Odemira (4,9%), Sines (4,9%),

Santarém (4,6%), Estremoz (4,0%), Castelo de Vide (3,2%), Marvão (1,6%) e Moura (1,2%), a capacidade de alojamento representa 76,3% do total da AI.

A oferta de Parques de Campismo na AI, em 2013, representa 15,5% do total nacional (Centro 36,7%; Norte 22,9%; Lisboa 10,2%; Algarve 9,0%; RA Açores 4,9% e RA Madeira 0,8%), isto é, 38 unidades das 245 existentes no país, correspondendo a 14,2% da capacidade de alojamento do território continental (Centro 35,4%; Lisboa 17,6%; Norte 17,5%; Algarve 15,3%) (Quadro 14).

Quadro 14 – Parques de campismo, área, capacidade de alojamento e pessoal ao serviço, por regiões (NUTS II)

31-07-2013 Unidade: Nº

NUTS	Nº de parques	Área do parque (ha)	Capacidade alojamento (nº campistas)
PORTUGAL	245	x	x
CONTINENTE	231	1 254	182 400
Norte	56	213	31 871
Centro	90	379	64 588
Lisboa	25	210	32 043
Alentejo	38	288	25 885
Algarve	22	165	28 013
REG. AUTÓNOMA AÇORES	12	x	x
REG. AUTÓNOMA MADEIRA	2	2	2 100

Fonte: Turismo de Portugal, IP (informação disponível em maio de 2014)

Quanto à oferta de Colónias de Férias e Pousadas da Juventude, no mesmo ano em análise, a região Alentejo representa apenas 3,9% do total nacional, isto é uma colónia de férias e duas pousadas de juventude (Centro 33,8%; Norte 23,4%; Lisboa 14,3%; Algarve 10,4%; RA Madeira 7,8%; RA Açores 6,5%) e somente 2,9% no que ao número de camas diz respeito (Centro 33,0%; Lisboa 21,0%; Norte 19,7%; Algarve 14,9%; RA Açores 5,2%; RA Madeira 3,4%)(Quadro 15).

Quadro 15 – Colónias de férias e pousadas de juventude, capacidade de alojamento e pessoal ao serviço, por regiões (NUTS II)

31-07-2013

Unidade: N°

NUTS	Colónias de férias e pousadas da juventude		Quartos						Camaratas		Pessoal ao serviço		
			Total		Com casa de banho privativa		Sem casa de banho privativa						
	N°	N° de camas	N°	N° de camas	N°	N° de camas	N°	N° de camas	N°	N° de camas	HM	H	M
PORTUGAL	77	8 302	2 228	4 873	1 742	3 609	486	1 264	621	3 429	1 286	512	774
CONTINENTE	66	7 589	2 161	4 691	1 697	3 536	464	1 155	510	2 898	1 206	480	726
Norte	18	1 635	577	954	351	677	226	277	112	681	185	54	131
Centro	26	2 737	652	1 508	529	1 099	123	409	192	1 229	476	150	326
Lisboa	11	1 741	430	1 189	353	799	77	390	108	552	312	187	125
Alentejo	3	238	90	162	67	117	23	45	17	76	28	7	21
Algarve	8	1 238	412	878	397	844	15	34	81	360	205	82	123
RA AÇORES	5	432	55	160	33	51	22	109	57	272	39	13	26
RA MADEIRA	6	281	12	22	12	22	0	0	54	259	41	19	22

Fonte: INE – Inquérito às Colónias de Férias 2013

Na análise da procura turística, consideram-se as chegadas de hóspedes aos meios de alojamento e as dormidas, sendo que no primeiro caso convém ressaltar, de acordo com Cunha (2013: 60), que:

“hóspede é toda a pessoa que se regista num meio de alojamento, podendo aí passar uma ou mais noites e mudar para outro estabelecimento na mesma zona. Ou seja, um turista pode ser contado uma ou mais vezes como hóspede, durante a mesma viagem, e ter dado origem a várias noites. Em regra, o número de hóspedes é sempre inferior ao número de noites, mas sempre superior ao número de turistas e, portanto, o número de hóspedes não é igual ao número de pessoas que permaneceram num país ou numa determinada localidade”.

Considerando o exposto, o número de hóspedes na região Alentejo representa, em 2013, 5,2% do total de alojamento turístico do país (Lisboa 29,4%; Algarve 21,3%; Norte 19,7%; Centro 14,7%; RA Madeira 7,4% e RA Açores 2,3%). No que ao alojamento hoteleiro diz respeito, a AI regista 4,5% do total nacional (Lisboa 30,4%; Algarve 23,1%; Norte 18,4%; Centro 13,9%; RA Madeira 7,5% e RA Açores 2,3%). Quanto aos hóspedes na tipologia de alojamento local, a região Alentejo representa 6,9% do total nacional (Norte 27,8%; Lisboa 25,8%; Centro 21,2%; Algarve 9,7%; RA Madeira 7,2% e RA

Açores 1,4%), enquanto que nos estabelecimentos de turismo em espaço rural e de turismo de habitação representa 27,6% (Norte 34,6%; Centro 19,0%; Algarve 5,9%; Lisboa 5,1%; RA Madeira 4,3% e RA Açores 3,6%).

Do total de hóspedes no alojamento turístico da região Alentejo, 74,9% correspondem à hotelaria (hotéis 74,5%, dos quais 10,7% respeitam à tipologia de 5*, 32,4% de 4*, 36,7% de 3* e 20,2% de 1 ou 2*; apartamentos turísticos 1,9%; aldeamentos turísticos e hotéis-apartamentos 14,8%; pousadas 8,8%), 13,8% ao alojamento local e 10,4% ao turismo no espaço rural¹⁷ e 0,9% ao turismo de habitação (quadro seguinte).

Quadro 16 – Hóspedes, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) – anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo

2013

 Unidade: 10³

NUTS	Total do Alojamento Turístico	Total Hotelaria - Anterior enquadramento legislativo (a)	Total Hotelaria - Atual enquadramento legislativo (b)	Hotéis				
				Total	*****	****	***	** / *
PORTUGAL	15 209,6	14 372,0	13 301,5	10 443,4	1 772,4	4 601,8	2 677,5	1 391,7
CONTINENTE	13 741,2	12 955,8	11 995,0	9 493,2	1 558,1	4 021,5	2 537,5	1 376,1
Norte	2 996,7	2 777,2	2 444,6	2 308,6	327,6	863,1	599,8	518,1
Centro	2 241,2	2 077,3	1 843,6	1 688,0	44,3	601,3	771,2	271,2
Lisboa	4 469,4	4 318,7	4 044,4	3 762,6	809,2	1 772,3	777,2	403,8
Alentejo	792,5	635,3	593,4	442,0	47,5	143,0	162,2	89,3
Algarve	3 241,4	3 147,2	3 069,0	1 292,2	329,5	641,9	227,1	93,7
RA AÇORES	345,2	333,4	311,7	285,1	...	200,8	73,4	...
RA MADEIRA	1 123,2	1 082,8	994,8	665,1	...	379,5	66,6	...

NUTS	Apartamentos Turísticos	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos				Pousadas
			Total	*****	****	*** / **	
PORTUGAL	742,2	375,3	1 505,0	108,8	1 037,7	358,5	209,3
CONTINENTE	717,9	366,1	1 215,7	71,6	853,3	290,7	202,0
Norte	6,1	0,0	38,7	...	59,7
Centro	19,3	0,0	61,7	...	36,7
Lisboa	14,6	44,6	194,6	...	131,1	...	28,0
Alentejo	11,5	35,7	22,8	52,3
Algarve	666,4	289,7	795,4	31,2	586,2	178,1	25,3
RA AÇORES	...	0,0	11,3	0,0
RA MADEIRA	...	9,1	278,1	37,1

NUTS	Outros Alojamentos (c)		Alojamento Local - Total (b)
		dos quais: Quintas da Madeira	
PORTUGAL	1 096,8	26,3	1 584,0
CONTINENTE	960,8	//	1 447,6
Norte	332,6	//	440,1
Centro	233,7	//	336,0
Lisboa	274,3	//	408,4
Alentejo	42,0	//	109,7
Algarve	78,2	//	153,4
RA AÇORES	21,8	//	21,8
RA MADEIRA	114,2	26,3	114,6

¹⁷ casas de campo 45,8%, hotéis rurais 27,2%, agroturismo 18,0%, outras tipologias 9,0%.

NUTS	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER	
PORTUGAL	324,1	41,3	114,1	82,5	30,6	55,5
CONTINENTE	298,6	40,2	99,5	80,6	26,9	51,4
Norte	112,0	16,6	27,5	32,2	9,7	25,9
Centro	61,6	4,8	21,7	15,5	6,3	13,3
Lisboa	16,6	...	5,5
Alentejo	89,5	14,8	37,7	22,4	7,4	7,2
Algarve	19,0	...	7,1
RA AÇORES	11,8	...	5,7	0,0	...	2,4
RA MADEIRA	13,8	...	9,0	1,7

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013

(a) De acordo com a anterior legislação de alojamento turístico.

(b) De acordo com a atual legislação de alojamento turístico.

(c) Inclui Motéis, Estalagens e Pensões considerados na anterior legislação.

No que diz respeito às origens dos hóspedes na região Alentejo, considerando o total do alojamento turístico, 72% são portugueses e 28% estrangeiros (hotelaria 68% - 31%; hotéis 69% - 31%; apartamentos turísticos 75% - 25%; aldeamentos turísticos e hotéis-apartamentos 82,2% - 17,8%; pousadas 41,3% - 58,7%; turismo em espaço rural e turismo de habitação 77,1% - 22,9%; alojamento local 86,6% - 13,4%, respetivamente).

Dos estrangeiros que visitam a AI, em todos os alojamentos turísticos e de acordo com os dados disponíveis no INE (2013), 74,9% são europeus¹⁸, 18,7% são americanos¹⁹, 4,3% são asiáticos, 1,3% são oriundos da Oceânia e 0,8% são africanos (hotelaria: Europa 72,7%²⁰, América 28,2%²¹, Ásia 6,5%, Oceânia 1,7% e África 1,2%; hotéis: Europa 71,0%²², América 21,8%²³, Ásia 4,9%, Oceânia 1,3% e África 0,9%; apartamentos turísticos: Europa 96,6%²⁴ e América 3,4%²⁵; aldeamentos turísticos e hotéis-apartamentos: Europa 91,0%²⁶, América 3,8%²⁷, Ásia 3,8%, África 1,3% e Oceânia 0,6%;

¹⁸ Espanha 20,7% do total de estrangeiros; França 12,5%; Alemanha 9,6%; Reino Unido 6,9%; Países Baixos 5,8%.

¹⁹ Brasil 9,3% do total de estrangeiros e EUA 5,5%.

²⁰ Espanha 28,5% do total de estrangeiros; França 17,4%; Alemanha 11,9%; Reino Unido 9,0%; Países Baixos 7,0%.

²¹ Brasil 14,5% do total de estrangeiros e EUA 8,3%.

²² Espanha 21,6% do total de estrangeiros; França 13,3%; Alemanha 7,9%; Reino Unido 5,1%; Países Baixos 4,7%.

²³ Brasil 12,7% do total de estrangeiros e EUA 5,4%.

²⁴ Espanha 20,7% do total de estrangeiros; Alemanha 17,2%; França 10,3%; Reino Unido 6,9%; Países Baixos 6,9%.

²⁵ Canadá 3,4% do total de estrangeiros.

²⁶ Espanha 34,6% do total de estrangeiros; França 16,0%; Alemanha 8,3%; Reino Unido 3,8%; Países Baixos 3,2%.

²⁷ Brasil 1,3% do total de estrangeiros e EUA 1,9%.

pousadas: Europa 68,7%²⁸; América 24,4%²⁹; Ásia 4,9%; Oceânia 1,3% e África 0,3%; turismo em espaço rural e turismo de habitação: Europa 90,0%³⁰, América 6,7%³¹, Ásia 1,4%, Oceânia 1,5% e África 0,4%; alojamento local: Europa 81,8%³², América 11,5%³³, Ásia 4,1%, Oceânia 2,0% e África 0,7%).

Relativamente às dormidas, a região Alentejo representa apenas 3,3% do total de alojamento turístico do país (Algarve 34,7%; Lisboa 23,9%; RA Madeira 14,3%; Norte 12,1%; Centro 9,2% e RA Açores 2,5%). Considerando unicamente o alojamento hoteleiro, a AI regista 2,7% das dormidas em todo o país. A tipologia de alojamento local representa na AI 5,3% das dormidas em todo o país (Lisboa 27,5%; Norte 19,6%; Algarve 16,0%; RA Madeira 15,2%; Centro 14,9% e RA Açores 1,5%), enquanto que no conjunto dos estabelecimentos de turismo em espaço rural e de turismo de habitação representa 24,9% (Norte 30,3%; Centro 16,3%; RA Madeira 8,1%; RA Açores 6,6% e Lisboa 4,8%).

Do total das dormidas verificadas na região Alentejo, 73,4% correspondem à hotelaria (hotéis 67,5%³⁴; apartamentos turísticos 3,6%; aldeamento turísticos e hotéis-apartamentos 21,1%; pousadas 7,8%), 13,5% ao alojamento local, 13,1% ao turismo no espaço rural e ao turismo de habitação³⁵ (Quadro 17).

²⁸ Reino Unido 14,3% do total de estrangeiros; Alemanha 11,1%; Espanha 9,4%; França 8,5%; Países Baixos 7,8%.

²⁹ EUA 11,7% do total de estrangeiros e Brasil 6,5%.

³⁰ Alemanha 18,2% do total de estrangeiros; Espanha 18,0%; França 10,9%; Reino Unido 10,7%; Países Baixos 1,6%.

³¹ EUA 2,3% do total de estrangeiros e Brasil 2,2%.

³² Espanha 24,3% do total de estrangeiros; França 12,8%; Alemanha 9,5%; Reino Unido 6,1% e Países Baixos 6,1%.

³³ Brasil 4,1% do total de estrangeiros e EUA 4,1%.

³⁴ tipologia de 5* 11,5%, de 4* 33,7%, de 3* 34,9% e de 1 ou 2* 19,9%.

³⁵ casas de campo 44,6%, hotéis rurais 23,7%, agroturismo 16,5%, outras tipologias TER 8,6% e turismo de habitação 6,7%.

Quadro 17 – Dormidas, segundo o tipo, por regiões (NUTS II) - anterior enquadramento legislativo e atual enquadramento legislativo

2013

 Unidade: 10³

NUTS	Total do Alojamento Turístico	Total Hotelaria - Anterior enquadramento legislativo (a)	Total Hotelaria - Atual enquadramento legislativo (b)	Hotéis				
				Total	*****	****	***	** / *
PORTUGAL	43 533,2	41 569,7	39 179,0	26 100,3	5 087,7	12 569,9	5 862,5	2 580,2
CONTINENTE	36 214,7	34 497,2	32 571,5	21 633,1	1 111,1	9 818,8	5 383,1	2 533,6
Norte	5 276,1	4 865,6	4 344,0	4 062,2	599,5	1 569,0	1 035,6	858,1
Centro	4 022,4	3 735,5	3 360,0	2 989,4	110,5	1 008,9	1 380,9	489,1
Lisboa	10 386,7	10 040,8	9 359,5	8 518,4	1 816,6	4 048,3	1 813,0	840,5
Alentejo	1 416,7	1 113,4	1 039,4	701,5	80,4	236,7	244,8	139,5
Algarve	15 112,7	14 742,0	14 468,6	5 361,7	1 290,6	2 955,9	908,9	206,4
RA AÇORES	1 103,5	1 054,1	999,8	897,9	...	658,4	206,2	...
RA MADEIRA	6 214,9	6 018,4	5 607,7	3 569,3	...	2 092,7	273,1	...

NUTS	Apartamentos Turísticos	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos				Pousadas
			Total	*****	****	*** / **	
PORTUGAL	4 061,3	1 942,6	6 541,5	489,0	4 530,3	1 522,1	383,4
CONTINENTE	3 911,6	1 879,7	4 779,7	255,0	3 355,4	1 169,4	367,4
Norte	19,3	0,0	77,1	...	106,9
Centro	80,9	0,0	102,7	...	68,7
Lisboa	53,8	131,8	601,6	...	451,3	...	53,9
Alentejo	37,8	109,8	44,9	81,0
Algarve	3 719,8	1 632,8	3 697,5	142,4	2 614,5	940,6	56,9
RA AÇORES	...	0,0	35,4	0,0
RA MADEIRA	...	62,9	1 726,3	234,0

NUTS	Outros Alojamentos (c)		Alojamento Local - Total (b)
		dos quais: Quintas da Madeira	
PORTUGAL	2 540,7	149,9	3 609,6
CONTINENTE	1 925,8	//	3 008,1
Norte	521,6	//	706,3
Centro	375,5	//	541,4
Lisboa	681,3	//	991,8
Alentejo	74,0	//	191,7
Algarve	273,3	//	576,8
RA AÇORES	54,3	//	54,3
RA MADEIRA	560,6	149,9	547,2

NUTS	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER	
PORTUGAL	744,6	89,6	290,1	169,9	76,8	118,2
CONTINENTE	635,1	85,0	223,5	158,6	63,1	104,8
Norte	225,8	32,8	60,7	55,3	22,3	54,7
Centro	121,0	9,1	41,5	33,1	13,1	24,2
Lisboa	35,4	...	13,7
12	185,6	30,7	82,7	43,9	15,9	12,4
Algarve	67,3	...	25,0
RA AÇORES	49,4	...	28,1	0,0	...	7,7
RA MADEIRA	60,1	...	38,4	5,8

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013

(a) De acordo com a anterior legislação de alojamento turístico.

(b) De acordo com a atual legislação de alojamento turístico.

(c) Inclui Motéis, Estalagens e Pensões considerados na anterior legislação.

Considerando as dormidas na região Alentejo, verifica-se que, para o total do alojamento turístico, 70,3% são residentes e 29,7% são estrangeiros (hotelaria 67,3 - 32,7%; hotéis 67,6% - 32,4%; apartamentos turísticos 66,1% - 33,9%; aldeamentos turísticos e hotéis-apartamentos 75,3% - 24,7%; pousadas 42,6% - 57,4%; turismo em espaço rural e turismo de habitação 71,5% - 28,5%; alojamento local 85,6% - 14,4%, respetivamente).

Das dormidas de estrangeiros registadas na AI, em todos os alojamentos turísticos e de acordo com os dados disponíveis no INE (2013), 78,0% são de cidadãos europeus³⁶, 16,4% de americanos³⁷, 3,2% de asiáticos, 1,2% da Oceânia e 1,1% de africanos (hotelaria: Europa 75,5%³⁸, América 18,7%³⁹, Ásia 3,4%, África 1,3% e Oceânia 1,1%; hotéis: Europa 71,1%⁴⁰, América 22,2%⁴¹, Ásia 3,9%, África 1,5% e Oceânia 1,2%; apartamentos turísticos: Europa 94,5%⁴², América 1,6%⁴³, África 1,6% e Oceânia 0,8%; aldeamentos turísticos e hotéis-apartamentos: Europa 93,5%⁴⁴, América 3,7%⁴⁵, Ásia 1,5%, África 1,1% e Oceânia 0,2%; pousadas: Europa 70,8%⁴⁶; América 23,7%⁴⁷; Ásia 3,9%; Oceânia 1,5% e África 0,2%; turismo em espaço rural e turismo de habitação: Europa 92,5%⁴⁸, América 4,4%⁴⁹, Ásia 1,3%, Oceânia 1,3% e África 0,4%; alojamento local: Europa 81,9%⁵⁰, América 10,5%⁵¹, Ásia 4,3%, Oceânia 2,9% e África 0,4%).

Os campistas registados na região Alentejo, em 2013 em conformidade com os dados do INE, correspondem a 18,2% do total do país (Centro 25,4%; Lisboa 21,9%; Algarve

³⁶ Espanha 20,4% do total de dormidas de não residentes; França 12,5%; Alemanha 10,5%; Reino Unido 7,4%; Países Baixos 6,7%.

³⁷ Brasil 8,5% do total de dormidas de não residentes e EUA 4,9%.

³⁸ Espanha 21,0% do total de dormidas de não residentes; França 13,2%; Alemanha 8,2%; Reino Unido 7,2%; Países Baixos 4,9%.

³⁹ Brasil 10,0% do total de dormidas de não residentes e EUA 5,5%.

⁴⁰ Espanha 20,8% do total de dormidas de não residentes; França 12,3%; Alemanha 7,8%; Reino Unido 5,9%; Países Baixos 4,8%.

⁴¹ Brasil 13,6% do total de dormidas de não residentes e EUA 5,4%.

⁴² Espanha 15,6% do total de dormidas de não residentes; Alemanha 9,4%; França 5,5%; Países Baixos 6,3% e Reino Unido 3,9%.

⁴³ Canadá 0,8% do total de dormidas de não residentes.

⁴⁴ Espanha 32,7% do total de dormidas de não residentes; França 22,1%; Alemanha 7,7%; Reino Unido 4,4%; Países Baixos 2,6%.

⁴⁵ EUA 1,8% do total de dormidas de não residentes e Brasil 0,7%.

⁴⁶ Reino Unido 17,6% do total de dormidas de não residentes; Alemanha 10,3%; Espanha 9,9%; França 8,8%; Países Baixos 7,5%.

⁴⁷ EUA 11,6% do total de dormidas de não residentes e Brasil 6,5%.

⁴⁸ Alemanha 25,9% do total de dormidas de não residentes; Países Baixos 15,7%; Espanha 13,8%; Reino Unido 9,5%; França 9,0%.

⁴⁹ EUA 1,8% do total de dormidas de não residentes e Brasil 1,3%.

⁵⁰ Espanha 25,0% do total de dormidas de não residentes; Países Baixos 11,2%; França 10,9%; Alemanha 9,4%; Reino Unido 5,8%.

⁵¹ EUA 4,0% do total de dormidas de não residentes e Brasil 2,9%.

18,0%; Norte 15,6%; e regiões autónomas dos Açores e da Madeira 0,9%), sendo que 79% residem no país e 21% no estrangeiro (Centro 78,3% - 21,7%; Lisboa 79,9% - 20,1%; Algarve 42,6% - 57,4%; Norte 66,5% - 33,5%; e regiões autónomas dos Açores e da Madeira 81,9% - 18,1%, respetivamente). Dos campistas que procuraram a região Alentejo, 96,0% são cidadãos europeus⁵², 2,4% americanos⁵³, 1,0% da Oceânia, 0,4% africanos e 0,2% asiáticos. No que respeita às dormidas dos campistas a AI equivale a 15,9% do total do país (Algarve 25,4%; Lisboa 24,0%; Centro 21,7%; Norte 12,5%; e regiões autónomas dos Açores e da Madeira 0,6%), sendo que 83,7% residem no país e 16,3% no estrangeiro (Algarve 47,0% - 53,0%; Lisboa 83,7% - 16,3%; Centro 80,7% - 19,3%; Norte 67,9% - 32,1%; e regiões autónomas dos Açores e da Madeira 80,1% - 19,9%, respetivamente). Das dormidas dos campistas que correspondem à região Alentejo, 97,2% são referentes a cidadãos europeus⁵⁴, 1,6% a americanos⁵⁵, 0,7% a oriundos da Oceânia, 0,4% a africanos e 0,1% a asiáticos (Quadro 18).

Quadro 18 – Dormidas de campistas, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual

2013										Unidade: Nº
Países de residência	Total	Continente	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira	
TOTAL	5 611 886	5 578 163	699 263	1 215 311	1 345 103	891 713	1 426 773	
PORTUGAL	4 026 338	3 999 330	474 894	980 556	1 125 841	747 052	670 987	
ESTRANGEIRO	1 585 548	1 578 833	224 369	234 755	219 262	144 661	755 786	
EUROPA	1 556 081	1 549 567	221 253	230 246	211 666	140 654	745 748	
UNIÃO EUROPEIA	1 516 376	1 510 057	216 700	225 873	204 581	136 884	726 019	
Alemanha	195 558	194 043	21 783	23 655	27 780	20 362	100 463	
Áustria	10 526	10 458	1 270	1 115	2 752	854	4 467	
Bélgica	54 578	54 197	7 985	11 242	5 774	5 287	23 909	
Dinamarca	12 374	12 345	1 742	2 414	2 209	996	4 984	
Espanha	261 017	260 651	51 137	35 622	48 737	24 706	100 449	
Finlândia	8 494	8 494	189	429	359	2 604	4 913	
França	379 627	376 597	84 595	73 816	60 914	25 921	131 351	
Grécia	1 717	1 715	16	5	1 372	14	308	
Irlanda	18 212	18 211	2 963	1 991	1 846	991	10 420	
Itália	28 908	28 681	5 299	4 414	8 540	2 151	8 277	
Luxemburgo	2 052	2 052	248	424	298	189	893	
Países Baixos	255 256	254 987	25 513	49 508	19 637	31 035	129 294	
Reino Unido	244 886	244 825	10 455	15 965	16 491	18 136	183 778	
Suécia	17 342	17 323	1 094	785	1 634	851	12 959	
ÁFRICA	2 651	2 651	169	485	695	535	767	
AMÉRICA	14 163	13 970	1 656	2 117	3 352	2 350	4 495	
Brasil	5 580	5 573	502	480	1 376	781	2 434	
Canadá	3 437	3 360	387	760	744	716	753	
EUA	2 712	2 604	322	514	590	577	601	
ÁSIA	3 089	3 086	170	374	1 051	172	1 319	
Japão	192	192	40	38	58	26	30	
OCEÂNIA	9 564	9 559	1 121	1 533	2 498	950	3 457	

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Campistas em Parques de Campismo 2013.

⁵² França 21,9% do total de campistas na AI; Espanha 19,4%; Países Baixos 15,6%; Alemanha 14,7%; Reino Unido 9,5%.

⁵³ Brasil 0,8% do total de campistas na AI e EUA 0,7%.

⁵⁴ Países Baixos 21,5% do total de dormidas de campistas na AI; França 17,9%; Espanha 17,1%; Alemanha 14,1%; Reino Unido 12,5%.

⁵⁵ Brasil 0,5% do total de dormidas de campistas na AI e EUA 0,3%.

A sazonalidade é bem vincada em todas as regiões do país e, tal como acontece nas dormidas em todos os alojamentos turísticos, também nos parques de campismo é patente, com os meses de verão a concentrarem o maior número de dormidas (66,2%), designadamente em agosto (36,9%), em conformidade com os dados disponibilizados pelo INE.

Os hóspedes registados nas colónias de férias e pousadas de juventude na AI, em 2013, segundo o INE, correspondem a 1,9% do total do país (Lisboa 30,4%; Centro 27,0%; Norte 25,0%; Algarve 11,2%; RA Açores 3,2% e RA Madeira 1,2%), dos quais 86,9% residem no país e 13,1% no estrangeiro (Lisboa 85,8% - 14,2%; Centro 90,4% - 9,6%; Norte 71,0% - 29,0%; Algarve 63,2% - 36,8%; RA Açores 62,1% - 37,9% e RA Madeira 70,8% - 29,2%, respetivamente). Destes cidadãos hospedados nas colónias de férias e pousadas de juventude que demandaram a região Alentejo, 93,0% são cidadãos europeus⁵⁶, 4,9% americanos⁵⁷, 1,6% da Oceânia e 0,5% asiáticos. Quanto às dormidas originadas pelos hóspedes nas colónias de férias e pousadas de juventude na região Alentejo, representam 2,1% do total do país (Algarve 17,6%; Lisboa 26,7%; Centro 29,2%; Norte 18,9%; RA Açores 3,9% e RA Madeira 1,6%), dos quais 91,2% residem no país e 8,8% no estrangeiro (Algarve 77,4% - 22,6%; Lisboa 82,0% - 18,0%; Centro 92,3% - 7,4%; Norte 72,9% - 27,1%; RA Açores 59,4% - 40,6% e RA Madeira 76,7% - 23,3%, respetivamente). Das dormidas dos hóspedes que correspondem à região Alentejo, 94,4% são referentes a cidadãos europeus⁵⁸, 4,0% a americanos⁵⁹, 1,3% a oriundos da Oceânia e 0,3% a asiáticos (Quadro 19).

⁵⁶ Alemanha 28,2% do total de hóspedes na AI; França 19,5%; Espanha 15,2%; Reino Unido 8,7%; Itália 5,9%.

⁵⁷ Brasil 2,3% do total de hóspedes na AI e EUA 0,9%.

⁵⁸ Alemanha 26,8% do total de dormidas na AI; Espanha 20,5%; França 20,4%; Reino Unido 6,0%; Itália 5,8%.

⁵⁹ Brasil 1,9% do total de dormidas na AI e EUA 0,8%.

Quadro 19 – Dormidas nas colónias de férias e pousadas de juventude, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual

2013

Unidade: Nº

Países de residência	Total	Continente	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira
TOTAL	815 830	770 884	154 263	238 585	217 522	16 750	143 764	32 076	12 870
PORTUGAL	667 249	638 334	112 523	220 868	178 372	15 271	111 300	19 047	9 868
ESTRANGEIRO	148 581	132 550	41 740	17 717	39 150	1 479	32 464	13 029	3 002
EUROPA	121 919	107 239	32 003	13 252	32 201	1 396	28 387	11 783	2 897
UNIÃO EUROPEIA	115 452	101 480	29 912	12 344	30 195	1 372	27 657	11 140	2 832
Alemanha	18 381	15 233	2 436	1 402	5 312	397	5 686	2 602	546
Áustria	1 403	1 097	92	168	309	3	525	224	82
Bélgica	3 521	2 794	720	383	547	59	1 085	626	101
Dinamarca	917	788	144	166	208	9	261	100	29
Espanha	26 003	24 504	11 182	3 354	6 569	303	3 096	1 218	281
Finlândia	1 010	446	36	187	86	3	134	474	90
França	27 652	23 649	5 824	2 750	10 029	301	4 745	3 061	942
Grécia	334	321	65	39	147	0	70	8	5
Irlanda	877	742	82	101	89	19	451	79	56
Itália	5 820	4 734	715	971	1 361	86	1 601	962	124
Luxemburgo	131	99	13	8	26	0	52	19	13
Países Baixos	7 419	6 899	3 221	564	2 058	10	1 046	468	52
Reino Unido	10 730	10 292	741	651	1 526	89	7 285	220	218
Suécia	1 064	892	33	142	416	32	269	164	8
ÁFRICA	3 205	3 201	592	1 661	763	0	185	3	1
AMÉRICA	17 177	16 044	7 122	1 670	4 926	59	2 267	1 054	79
Brasil	10 966	10 813	5 898	1 151	3 003	28	733	118	35
Canadá	2 539	2 012	411	131	657	12	801	508	19
EUA	2 230	1 840	334	231	735	10	530	367	23
ÁSIA	4 225	4 076	1 581	1 044	1 038	5	408	137	12
Japão	613	580	104	58	334	1	83	32	1
OCEÂNIA	2 055	1 990	442	90	222	19	1 217	52	13

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Colonos em Colónias de Férias 2013.

A análise da procura turística por parte dos residentes no país revela que 15,7% das viagens (com duração de pelo menos uma noite) têm como destino a região Alentejo (Centro 26,4%; Norte 23,5%; Lisboa 19,2%; Algarve 13,0%; RA Açores 1,2% e RA Madeira 0,9%). Considerando as viagens com duração de quatro ou mais noites, a AI é destino de 11,2% das viagens dos residentes (Centro 24,5%; Norte 19,1%; Lisboa 12,2%; Algarve 29,7%; RA Açores 1,7% e RA Madeira 1,5%). A repartição das viagens na região Alentejo, com duração de pelo menos uma noite por motivo de lazer, recreio ou férias representa 13,9%, enquanto que por motivo de visita a familiares ou amigos equivale a 18,0%, por deslocação profissional ou de negócios 13,6%, por motivo religioso 9,3% e por outras motivações 10,8%⁶⁰. A distribuição das viagens na AI, com duração de quatro ou mais noites por motivo de lazer, recreio ou férias representa 10,7%, enquanto que por motivo de visita a familiares ou amigos corresponde a 11,8%,

⁶⁰ Em termos nacionais, as viagens por motivo de lazer, recreio ou férias representam 41,2%, enquanto que por motivo de visita a familiares ou amigos equivalem a 48,4%, por deslocação profissional ou de negócios 5,9%, por motivo religioso 1,2%, por motivo de saúde 0,3% e por outras motivações 3,1%.

por deslocação profissional ou de negócios 16,7%, por motivo religioso 6,5% e por outras motivações 8,0%⁶¹ (Quadro 20).

Quadro 20 – Viagens em Portugal, segundo o motivo e duração (NUTS II de destino)

2013 Unidade: 10³

NUTS II de destino	Destino Portugal, com duração de pelo menos uma noite						
	Total	Lazer, recreio ou férias	Visita a familiares ou amigos	Profissionais ou negócios	Saúde	Religião	Outros motivos
Total	16 370,9	6 742,0	7 925,1	969,2	45,1	188,3	501,2
Norte	3 855,0	1 434,4	2 005,1	248,5	11,1	32,5	123,4
Centro	4 326,3	1 575,9	2 234,4	233,7	8,4	124,7	149,2
Lisboa	3 147,6	1 136,0	1 597,2	254,0	21,7	2,5	136,2
Alentejo	2 565,3	935,9	1 426,2	131,6	0,0	17,5	54,1
Algarve	2 129,1	1 534,8	508,9	66,0	2,5	2,1	14,8
RA Açores	193,2	49,3	102,6	15,5	0,8	5,0	20,0
RA Madeira	154,4	75,7	50,7	19,9	0,6	4,0	3,5

NUTS II de destino	Destino Portugal, com duração de quatro ou mais noites						
	Total	Lazer, recreio ou férias	Visita a familiares ou amigos	Profissionais ou negócios	Saúde	Religião	Outros motivos
Total	4 091,5	2 616,0	1 008,8	285,6	21,3	30,8	129,0
Norte	779,8	392,3	266,7	68,8	7,3	9,5	35,2
Centro	1 004,2	522,0	346,6	83,7	5,6	16,2	30,1
Lisboa	500,8	240,3	152,3	70,2	6,3	0,6	31,1
Alentejo	457,6	278,8	118,9	47,6	0,0	2,0	10,3
Algarve	1 216,9	1 119,2	80,3	7,2	1,0	0,4	8,8
RA Açores	69,0	18,7	27,9	7,9	0,5	2,1	11,9
RA Madeira	63,2	44,7	16,1	0,2	0,6	0,0	1,6

Fonte: INE – Inquérito às Deslocações dos Residentes 2013.

Ainda considerando a procura turística por parte dos residentes no país, a região Alentejo é procurada para lazer, recreio ou férias, em viagens com duração de pelo menos uma noite, sobretudo por residentes em Lisboa que representam 81,4% (Alentejo 9,0%; Centro 4,3%; Norte 3,7% e Algarve 1,6%), enquanto que em viagens com duração de quatro ou mais noites e pelo mesmo motivo os residentes em Lisboa também predominam com 81,1% (Centro 6,8%; Alentejo 6,3%; Norte 4,7% e Algarve 1,0%). Para as viagens com motivação de visita a familiares ou amigos, com duração de pelo menos uma noite, sobressaem igualmente os residentes em Lisboa com 71,7% (Alentejo 20,4%; Centro 3,4% e Algarve 4,5%), tal como para as viagens com duração de quatro ou mais noites, cujos residentes em Lisboa representam 89,7% da procura pela AI (Alentejo 4,9%; Centro 2,7% e Algarve 2,7%) (Quadro 21).

⁶¹ Em termos nacionais, as viagens por motivo de lazer, recreio ou férias representam 63,9%, enquanto que por motivo de visita a familiares ou amigos correspondem a 24,7%, por deslocação profissional ou de negócios 7,0%, por motivo religioso 0,8%, por motivo de saúde 0,5% e por outras motivações 3,2%.

Quadro 21 – Matriz origem/destino (NUTS II) das viagens realizadas em Portugal, segundo os principais motivos e duração

2013 Unidade: 10³

Origem	Destino	Lazer, recreio ou férias, com duração de pelo menos uma noite							
		Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	RA Açores	RA Madeira
Total		6 742,0	1 434,4	1 575,9	1 136,0	935,9	1 534,8	49,3	75,7
Norte		1 865,7	1 161,6	193,1	112,5	34,9	348,0	0,0	15,6
Centro		975,5	81,4	546,5	99,5	39,9	191,6	5,7	10,9
Lisboa		3 202,2	157,1	742,7	817,9	762,0	699,3	2,7	20,5
Alentejo		436,9	21,2	80,8	81,0	84,2	168,0	0,0	1,7
Algarve		175,7	7,2	10,3	14,9	14,9	126,2	0,2	2,0
RA Açores		56,1	4,1	0,3	8,9	0,0	0,4	40,7	1,7
RA Madeira		29,9	1,8	2,2	1,3	0,0	1,3	0,0	23,3

Origem	Destino	Lazer, recreio ou férias com duração de quatro ou mais noites							
		Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	RA Açores	RA Madeira
Total		2 616,0	392,3	522,0	240,3	278,8	1 119,2	18,7	44,7
Norte		711,6	266,4	62,1	34,0	13,2	322,8	0,0	13,1
Centro		336,0	17,7	88,5	35,9	18,9	168,3	1,0	5,7
Lisboa		1 336,9	96,3	338,4	141,2	226,2	516,4	2,7	15,7
Alentejo		165,0	4,7	26,5	20,2	17,6	96,0	0,0	0,0
Algarve		27,5	2,4	4,0	2,2	2,9	14,0	0,0	2,0
RA Açores		26,6	3,5	0,3	6,3	0,0	0,4	15,0	1,1
RA Madeira		12,4	1,3	2,2	0,5	0,0	1,3	0,0	7,1

Origem	Destino	Visita a familiares ou amigos, com duração de pelo menos uma noite							
		Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	RA Açores	RA Madeira
Total		7 925,1	2 005,1	2 234,4	1 597,2	1 426,2	508,9	102,6	50,7
Norte		2 077,8	1 505,3	366,8	182,5	0,0	17,5	2,7	3,0
Centro		1 285,5	245,4	617,0	294,7	48,5	72,0	3,8	4,1
Lisboa		3 365,9	214,6	1 008,4	888,1	1 022,6	210,2	13,6	8,4
Alentejo		706,2	26,6	201,9	147,6	290,6	38,2	0,0	1,3
Algarve		341,0	5,8	34,2	65,6	64,5	170,9	0,0	0,0
RA Açores		95,0	2,6	3,1	10,0	0,0	0,1	79,2	0,0
RA Madeira		53,7	4,8	3,0	8,7	0,0	0,0	3,3	33,9

Origem	Destino	Visita a familiares ou amigos, com duração de quatro ou mais noites							
		Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	RA Açores	RA Madeira
Total		1 008,8	266,7	346,6	152,3	118,9	80,3	27,9	16,1
Norte		219,5	114,2	58,1	32,8	0,0	8,7	2,7	3,0
Centro		148,7	27,2	50,8	40,0	3,2	21,3	2,1	4,1
Lisboa		512,3	101,8	201,6	45,4	106,7	39,8	10,8	6,2
Alentejo		49,3	13,6	11,0	12,1	5,8	6,4	0,0	0,4
Algarve		36,9	4,0	19,4	6,3	3,2	4,0	0,0	0,0
RA Açores		23,3	2,6	3,1	8,5	0,0	0,1	9,0	0,0
RA Madeira		18,8	3,3	2,6	7,2	0,0	0,0	3,3	2,4

Fonte: INE – Inquérito às Deslocações dos Residentes 2013.

A taxa de ocupação-cama registada em todos os alojamentos turísticos foi em 2013 de 39,7%, mas na AI foi de apenas 24,1%, ou seja a mais baixa do país (RA Madeira, Algarve e Lisboa posicionaram-se acima da média do país). No que se refere à hotelaria nacional, a taxa de ocupação-cama foi de 42,6%, ficando a região Alentejo muito aquém da média do país com 27,9% (RA Madeira, Lisboa e Algarve acima da média nacional), tal aconteceu nas restantes tipologias de alojamento (TER, Turismo de habitação e alojamento local). Na AI destacam-se as seguintes tipologias de alojamento turístico em função das menores taxas de ocupação-cama: apartamentos turísticos (10,1%) e turismo de habitação (11,2%). Por seu lado, em função das maiores taxas de ocupação-cama, realçam-se os hotéis de 5*, com 50,5% (Quadro 22).

Quadro 22 – Taxa líquida de ocupação-cama, segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II)

2013 Unidade: %

NUTS	Total dos Alojamentos Turísticos	Total Hotelaria	Hotéis					Apartamentos turísticos
			Total	*****	****	***	** / *	
PORTUGAL	39,7	42,6	43,4	49,1	47,7	37,3	33,9	37,0
CONTINENTE	37,9	40,7	41,8	46,6	45,8	37,1	34,0	36,9
Norte	31,0	35,2	35,5	44,1	36,1	33,1	32,8	14,9
Centro	24,8	27,2	27,7	36,8	33,6	26,0	22,4	20,7
Lisboa	48,2	49,9	50,7	47,6	51,4	53,1	49,7	38,5
Alentejo	24,1	27,9	31,3	50,5	36,0	25,5	30,0	10,1
Algarve	43,3	44,0	51,1	47,3	53,0	53,6	41,7	38,9
RA AÇORES	34,1	35,6	36,2	...	40,0	32,9
RA MADEIRA	57,0	61,5	61,3	...	64,0	47,2

NUTS	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos				Pousadas	Quintas da Madeira
		Total	*****	****	*** / **		
PORTUGAL	34,0	46,9	43,9	48,2	44,3	34,8	72,5
CONTINENTE	33,8	43,0	32,4	43,9	43,5	34,9	//
Norte	//	48,7	...	35,8	//
Centro	//	33,7	...	30,9	//
Lisboa	38,7	45,7	...	46,4	...	34,3	//
Alentejo	30,6	25,2	32,3	//
Algarve	36,0	45,1	37,2	44,7	47,6	45,9	//
RA AÇORES	//	34,2	//	//
RA MADEIRA	40,5	63,1	71,7	72,5

NUTS	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis rurais	Outros TER		
PORTUGAL	18,9	16,9	20,2	23,8	16,0	15,4	26,4
CONTINENTE	18,0	16,4	18,5	23,1	15,2	14,9	25,3
Norte	16,3	15,3	15,3	21,4	13,9	15,4	21,4
Centro	16,2	14,8	16,7	24,4	12,1	12,7	17,6
Lisboa	24,7	...	21,1	37,7
Alentejo	17,8	15,9	19,8	19,7	15,8	11,2	17,2
Algarve	31,5	...	32,2	...	25,4	...	32,8
RA AÇORES	23,2	...	25,8	0,0	...	18,9	25,5
RA MADEIRA	32,3	...	30,9	24,7	34,3

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013.

A estada média em todos os alojamentos turísticos foi em 2013 de 2,86 noites, com a região Alentejo a registar 1,79 noites (RA Madeira 5,53; Algarve 4,66; RA Açores 3,20; Lisboa 2,32; Centro 1,79 e Norte 1,76). Quanto à estada média nos alojamentos hoteleiros a AI verificou 1,75 noites, igualmente abaixo da média nacional que foi de 2,95 noites (RA Madeira 5,64; Algarve 4,71; RA Açores 3,21; Lisboa 2,31; Centro 1,82 e Norte 1,78). Nas restantes tipologias de alojamento (TER, Turismo de habitação e alojamento local) a região Alentejo também ficou aquém da média nacional. Na AI destacam-se com menor estada média os hotéis de 3* (1,51 noites) e com estada média mais elevada os apartamentos turísticos (3,28 noites)(Quadro 23).

Quadro 23 – Estada média, segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II)

2013 Unidade: Nº de noites

NUTS	Total dos Alojamentos Turísticos	Total Hotelaria	Hotéis					Apartamentos turísticos
			Total	****	***	**	*/*	
PORTUGAL	2,86	2,95	2,50	2,87	2,73	2,19	1,85	5,47
CONTINENTE	2,64	2,72	2,28	2,50	2,44	2,12	1,84	5,45
Norte	1,76	1,78	1,76	1,83	1,83	1,73	1,66	3,15
Centro	1,79	1,82	1,77	2,49	2,49	1,79	1,84	4,20
Lisboa	2,32	2,31	2,26	2,24	2,24	2,33	2,08	3,68
Alentejo	1,79	1,75	1,59	1,69	1,69	1,51	1,56	3,28
Algarve	4,66	4,71	4,15	3,92	3,92	4,00	2,20	5,58
RA AÇORES	3,20	3,21	3,15	...	3,28	2,81
RA MADEIRA	5,53	5,64	5,37	...	5,51	4,10

NUTS	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos				Pousadas	Quintas da Madeira
		Total	****	***	** / *		
PORTUGAL	5,18	4,35	4,50	4,37	4,25	1,83	5,69
CONTINENTE	5,13	3,93	3,56	3,56	4,02	1,82	//
Norte	//	1,99	...	1,79	//
Centro	3,50	...	//	1,67	...	1,87	//
Lisboa	2,95	3,09	...	4,37	...	1,92	//
Alentejo	1,96	1,97	1,55	//
Algarve	5,64	4,65	4,57	4,57	5,28	2,25	//
RA AÇORES	//	3,15	//	//
RA MADEIRA	6,88	6,21	6,31	5,69

NUTS	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER		
PORTUGAL	2,30	2,17	2,54	2,06	2,51	2,13	2,28
CONTINENTE	2,13	2,12	2,25	1,97	2,35	2,04	2,08
Norte	2,02	1,97	2,20	1,72	2,30	2,11	1,60
Centro	1,96	1,91	1,91	2,13	2,08	1,82	1,61
Lisboa	2,14	...	2,50	2,43
Alentejo	2,07	2,07	2,19	1,96	2,15	1,73	1,75
Algarve	3,54	...	3,51	3,76
RA AÇORES	4,20	...	4,96	0,0	...	3,24	2,49
RA MADEIRA	4,36	...	4,29	3,36	4,78

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013.

Considerando a estada média na região Alentejo, por países de residência habitual e no que à hotelaria diz respeito, os residentes no país pernoveram em média 1,72 noites e os não residentes 1,83 noites (média da tipologia de alojamento 1,75), sendo que os países com estadas médias superiores foram: Angola (3,70); Suécia (3,11); Finlândia (2,80); Dinamarca (2,56); República Checa (2,15) e Reino Unido (2,0). Quanto à tipologia TER, os residentes no país pernoveram em média 1,92 noites e os não residentes 2,59 noites (média da tipologia 2,07), sendo que os países com estadas médias superiores foram: Angola (5,92); Alemanha (3,69); Países Baixos (3,58); Dinamarca (3,24); Bélgica (2,61) e Polónia (2,61). Relativamente à tipologia alojamento local, os residentes no país pernoveram em média 1,73 noites e os não residentes 1,87 noites (média da tipologia 1,75), sendo que os países com estadas médias superiores foram: China (6,54); Países Baixos (3,38); República Checa (2,56); Finlândia (2,25); Canadá (1,95); Bélgica (1,91); EUA (1,84) e Alemanha (1,83).

Quadro 24 – Estada média, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual

2013 Unidade: Nº de noites

NUTS e Países de Residência	Total	Continente	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira
HOTELARIA									
TOTAL	2,95	2,72	1,78	1,82	2,31	1,75	4,71	3,21	5,64
PORTUGAL	2,05	2,01	1,52	1,67	1,74	1,72	3,68	2,29	3,16
ESTRANGEIRO	3,55	3,23	2,09	2,07	2,58	1,83	5,15	4,04	6,18
EUROPA	3,86	3,50	2,10	2,24	2,68	1,90	5,23	4,18	6,24
UNIÃO EUROPEIA	3,88	3,54	2,10	2,23	2,66	1,89	5,24	4,21	6,25
Alemanha	4,54	3,88	2,19	2,42	2,86	1,73	5,68	4,00	6,88
Áustria	3,56	2,88	2,02	2,07	2,63	1,56	4,67	3,23	6,23
Bélgica	3,58	3,20	2,37	2,46	2,94	1,98	4,69	3,33	6,13
Dinamarca	4,49	3,75	2,41	2,89	3,24	2,56	5,59	5,71	6,51
Espanha	2,47	2,36	1,92	2,14	2,43	1,86	3,11	4,32	4,99
Finlândia	4,68	3,38	2,25	3,73	3,14	2,80	4,16	5,76	6,49
França	3,10	2,73	2,20	2,09	2,56	1,90	5,11	3,32	5,19
Irlanda	5,06	5,04	2,27	3,83	3,21	1,96	5,61	3,37	6,05
Itália	2,45	2,31	1,95	1,78	2,53	1,52	3,39	3,22	5,54
Países Baixos	4,91	4,83	2,24	2,23	3,00	1,72	6,43	4,46	5,95
Polónia	3,74	3,10	2,30	2,34	2,41	1,91	4,88	5,19	6,27
Reino Unido	5,02	4,74	2,32	2,96	2,56	2,00	5,44	3,43	6,69
Rep. Checa	3,80	3,11	2,47	2,61	2,46	2,15	4,77	3,19	5,73
Suécia	4,25	3,78	2,13	3,85	3,21	3,11	5,33	5,47	5,86
ÁFRICA	3,08	3,07	2,43	2,49	3,19	2,71	3,89	2,63	4,58
Angola	3,32	3,32	2,06	2,68	3,64	3,70	2,88	2,17	2,85
AMÉRICA	2,35	2,30	2,07	1,71	2,39	1,67	3,53	3,30	4,05
Brasil	2,30	2,28	2,15	1,59	2,49	1,74	2,63	3,17	3,55
Canadá	2,81	2,73	1,97	1,83	2,35	1,49	5,19	3,51	4,83
EUA	2,27	2,20	1,94	1,89	2,23	1,66	2,91	3,24	4,10
ÁSIA	1,91	1,88	1,88	1,33	2,00	1,33	2,79	2,61	3,37
China	1,87	1,84	1,90	2,31	1,86	1,16	1,76	3,10	4,26
Japão	1,84	1,82	1,71	1,24	1,99	1,61	2,74	2,77	3,14
OCEÂNIA / n.e.	2,35	2,32	1,91	1,57	2,24	1,62	3,41	3,05	5,00
TURISMO NO ESPAÇO RURAL									
TOTAL	2,30	2,13	2,02	1,96	2,14	2,07	3,54	4,20	4,36
PORTUGAL	1,92	1,89	1,77	1,84	1,76	1,92	2,96	4,26	1,98
ESTRANGEIRO	2,98	2,64	2,52	2,26	2,46	2,59	4,01	4,18	4,74
EUROPA	3,09	2,75	2,64	2,33	2,56	2,66	4,08	4,07	4,77
UNIÃO EUROPEIA	3,13	2,78	2,67	2,35	2,60	2,69	4,10	4,16	4,86
Alemanha	4,03	3,18	2,55	2,37	2,96	3,69	4,61	4,41	6,04
Áustria	2,72	2,09	1,96	1,95	1,93	1,81	3,15	3,47	4,51
Bélgica	3,47	3,46	2,89	2,84	2,85	2,61	5,82	3,68	3,30
Dinamarca	2,88	2,56	2,39	2,28	2,61	3,24	3,20	5,64	3,23
Espanha	2,34	2,28	2,25	2,28	2,61	1,98	3,01	3,91	3,52
Finlândia	2,20	2,06	2,11	1,51	2,96	1,76	2,55	2,50	4,64
França	2,64	2,48	2,57	2,25	2,65	2,15	3,23	3,34	3,19
Irlanda	2,61	2,57	3,41	1,66	1,95	2,07	3,59	3,83	4,62
Itália	2,22	1,82	1,96	1,58	1,71	1,59	2,74	3,73	3,47
Países Baixos	3,69	3,32	3,01	2,56	2,80	3,58	5,06	5,05	5,10
Polónia	2,42	2,18	2,07	1,97	1,84	2,61	3,50	3,92	3,81
Reino Unido	3,14	2,99	3,71	2,42	2,69	2,30	3,12	4,64	4,71
Rep. Checa	2,51	1,84	1,60	2,23	2,00	1,34	1,95	2,82	4,82
Suécia	2,26	2,19	2,11	2,36	2,08	2,15	2,54	2,73	3,07
ÁFRICA	3,39	3,24	1,82	5,13	2,71	2,36	1,65	10,67	2,05
Angola	5,84	5,84	1,72	6,53	4,67	5,92	//	//	//
AMÉRICA	2,08	1,86	1,94	1,73	1,81	1,72	2,40	5,76	3,93
Brasil	1,82	1,80	1,88	1,86	1,41	1,52	2,46	4,06	2,57
Canadá	1,97	1,80	1,94	1,63	1,81	1,41	2,23	4,13	3,44
EUA	2,34	1,96	2,01	1,70	2,04	2,01	2,36	6,31	4,65
ÁSIA	1,93	1,86	1,67	1,55	1,82	2,57	2,03	3,20	2,61
China	1,79	1,58	1,17	1,38	1,83	1,59	2,17	6,83	4,50
Japão	1,83	1,77	1,56	1,98	1,78	1,78	2,00	2,17	13,00
OCEÂNIA / n.e.	2,38	2,33	2,09	1,78	2,37	2,26	4,22	4,05	3,10

ALOJAMENTO LOCAL									
TOTAL	2,28	2,08	1,60	1,61	2,43	1,75	3,76	2,49	4,78
PORTUGAL	1,70	1,65	1,43	1,53	1,88	1,73	2,68	2,42	3,03
ESTRANGEIRO	3,20	2,85	2,24	1,88	2,83	1,87	4,44	2,65	5,26
EUROPA	3,30	2,89	2,20	1,90	2,77	1,87	4,65	2,56	5,28
UNIÃO EUROPEIA	3,31	2,90	2,19	1,91	2,76	1,89	4,68	2,56	5,28
Alemanha	4,09	3,14	2,27	1,68	2,78	1,83	5,11	2,45	6,37
Áustria	3,28	2,57	2,05	1,41	2,66	1,60	4,06	2,26	5,89
Bélgica	3,00	2,75	2,31	1,70	2,83	1,91	4,15	2,42	4,27
Dinamarca	3,57	3,07	2,25	1,57	3,13	1,40	4,41	3,03	5,32
Espanha	2,38	2,30	1,95	2,15	2,46	1,93	2,86	2,51	4,69
Finlândia	4,09	3,00	2,58	1,95	3,10	2,25	3,74	4,34	6,22
França	2,80	2,38	2,20	1,56	2,75	1,53	3,02	2,33	4,10
Irlanda	4,03	4,04	2,06	3,42	2,96	1,63	5,28	2,49	3,98
Itália	2,50	2,42	2,03	1,52	2,77	1,61	2,84	2,41	4,65
Países Baixos	3,91	3,76	2,34	1,91	3,00	3,38	5,90	2,59	4,91
Polónia	2,86	2,59	2,24	1,99	2,67	1,48	3,55	3,41	4,78
Reino Unido	4,83	4,51	2,97	1,79	2,87	1,72	5,63	3,41	6,03
Rep. Checa	3,75	3,15	2,69	5,31	2,76	2,56	2,83	3,40	4,60
Suécia	3,45	2,95	2,36	1,63	2,98	1,75	3,57	2,97	5,82
ÁFRICA	4,82	4,83	4,81	1,96	5,21	1,52	2,72	2,47	5,24
Angola	5,72	5,72	3,74	2,34	6,01	1,50	2,41	1,83	4,67
AMÉRICA	2,42	2,33	2,37	1,79	2,49	1,68	2,40	3,38	4,93
Brasil	2,40	2,32	2,56	1,68	2,51	1,37	2,23	3,43	5,17
Canadá	2,57	2,49	2,26	2,22	2,40	1,95	3,24	2,80	4,32
EUA	2,36	2,26	2,20	1,85	2,47	1,84	2,10	3,84	4,26
ÁSIA	2,28	2,24	1,97	1,78	2,44	2,09	2,28	2,59	3,45
China	2,11	2,08	1,66	2,88	2,03	6,54	1,93	2,43	2,78
Japão	2,09	2,05	1,83	1,38	2,34	1,26	2,62	1,56	3,80
OCEÂNIA / n.e.	2,61	2,55	2,28	1,77	2,64	2,88	2,79	1,82	6,75

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013.

A estada média relativa ao campismo na AI registou 3,05 noites (Algarve 4,91; Lisboa 3,82; Centro 2,97 e Norte 2,79), pernoitando 3,24 noites em média os residentes no país e 2,36 noites os não residentes, enquanto a média nacional foi de 3,49 noites. Os campistas com estadas médias superiores na AI foram os da Finlândia (5,97), Países Baixos (3,24), Reino Unido (3,13), Luxemburgo (2,59) e Bélgica (2,49)(Quadro 25).

Quadro 25 – Estada média de campistas, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual

2013									
Países de residência	Total	Continente	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Unidade: Nº de noites	
								Açores	Madeira
TOTAL	3,49	3,50	2,79	2,97	3,82	3,05	4,91
PORTUGAL	3,55	3,56	2,85	3,07	4,00	3,24	5,43
ESTRANGEIRO	3,34	3,35	2,67	2,65	3,09	2,36	4,53
EUROPA	3,37	3,37	2,68	2,66	3,12	2,39	4,55
UNIÃO EUROPEIA	3,37	3,38	2,69	2,68	3,11	2,41	4,55
Alemanha	3,16	3,16	2,21	2,21	3,00	2,27	4,43
Áustria	2,49	2,49	1,88	1,74	3,12	1,37	3,26
Bélgica	3,35	3,36	2,58	2,97	2,97	2,49	4,61
Dinamarca	3,38	3,39	2,93	3,00	4,42	2,21	3,85
Espanha	2,80	2,80	3,14	2,57	2,93	2,08	2,91
Finlândia	5,24	5,24	1,73	2,17	2,83	5,97	6,54
França	2,97	2,97	2,61	2,43	3,07	1,93	4,26
Irlanda	5,22	5,22	5,59	4,25	6,45	2,14	5,98
Itália	2,36	2,36	1,98	2,07	2,63	1,64	2,94
Luxemburgo	3,30	3,30	2,76	2,99	3,77	2,59	3,75
Países Baixos	4,36	4,37	3,05	3,78	3,37	3,24	6,01
Reino Unido	4,73	4,73	2,44	2,87	4,12	3,13	5,72
Suécia	5,36	5,36	2,86	2,08	4,39	2,15	7,61
ÁFRICA	2,78	2,78	1,82	3,88	2,92	2,20	3,00
AMÉRICA	2,32	2,32	2,11	2,19	2,29	1,59	3,39
Brasil	2,58	2,58	2,07	1,61	2,09	1,65	4,99
Canadá	2,32	2,32	1,95	3,05	2,75	1,81	2,24
EUA	1,91	1,89	2,04	1,92	2,24	1,31	2,43
ÁSIA	3,33	3,34	1,57	1,55	3,57	1,31	8,79
Japão	2,29	2,29	3,33	1,52	3,87	1,53	2,00
OCEÂNIA	2,36	2,37	1,71	1,73	2,60	1,58	3,69

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Campistas em Parques de Campismo 2013.

A estada média relativamente às colónias de férias e às pousadas de juventude representou na AI 2,33 noites (Algarve 3,45; RA Madeira 2,79; RA Açores 2,67; Centro 2,37; Lisboa 1,92 e Norte 1,66), enquanto a média nacional foi de 2,19 noites. Na região Alentejo os residentes no país pernoveram em média 2,44 noites e os não residentes 1,57 noites e a origem dos hóspedes com estadas médias superiores foi a seguinte: Espanha (2,12); Irlanda (1,90); Países Baixos (1,67); França (1,64) e Itália (1,56) (Quadro 26).

Quadro 26 – Estada média nas colónias de férias e pousadas de juventude, segundo as regiões (NUTS II), por países de residência habitual

2013		Unidade: Nº de noites							
Países de residência	Portugal	Continente	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira
TOTAL	2,19	2,16	1,66	2,37	1,92	2,33	3,45	2,67	2,79
PORTUGAL	2,24	2,22	1,70	2,42	1,83	2,44	4,22	2,56	3,02
ESTRANGEIRO	1,98	1,92	1,54	1,83	2,42	1,57	2,11	2,86	2,22
EUROPA	2,00	1,93	1,49	1,78	2,47	1,60	2,20	2,85	2,23
UNIÃO EUROPEIA	1,98	1,91	1,46	1,77	2,44	1,60	2,23	2,86	2,22
Alemanha	1,79	1,64	1,22	1,62	2,35	1,50	1,46	3,30	2,66
Áustria	1,66	1,50	1,08	2,02	2,07	1,50	1,27	2,41	4,10
Bélgica	1,70	1,61	1,19	1,51	2,19	1,16	1,88	2,16	2,30
Dinamarca	2,20	2,14	1,40	2,16	2,85	1,29	2,39	2,63	2,90
Espanha	1,62	1,58	1,27	1,65	2,33	2,12	1,75	2,98	2,10
Finlândia	2,51	2,06	2,12	3,46	1,43	1,00	1,63	3,04	3,00
França	1,98	1,91	1,40	1,65	2,22	1,64	2,50	2,89	1,82
Grécia	2,07	2,04	2,83	1,30	2,88	0,00	1,32	4,00	2,50
Irlanda	2,67	2,54	1,15	2,02	1,56	1,90	4,34	4,16	3,11
Itália	2,17	2,08	1,38	2,40	2,86	1,56	1,96	2,66	2,38
Luxemburgo	1,82	1,77	1,18	1,60	1,73	0,00	2,08	1,73	2,60
Países Baixos	3,19	3,29	3,75	1,71	4,79	1,67	2,22	2,26	2,60
Reino Unido	3,68	3,69	1,27	2,09	3,21	1,09	5,46	2,82	4,11
Suécia	2,30	2,25	1,27	2,49	2,46	1,45	2,20	2,56	4,00
Outros UE	1,92	1,86	1,69	1,93	2,69	2,35	1,76	2,85	1,77
Outros Europa	2,36	2,33	2,39	1,95	3,08	1,26	1,57	2,67	2,41
ÁFRICA	2,29	2,29	1,40	2,51	3,23	0,00	2,47	1,50	1,00
AMÉRICA	1,94	1,90	1,85	1,66	2,21	1,28	1,71	3,01	2,14
Brasil	2,03	2,02	2,03	1,77	2,20	1,27	1,87	2,57	1,84
Canadá	1,90	1,68	1,19	1,68	2,20	1,71	1,71	3,79	3,17
EUA	1,77	1,67	1,19	1,17	2,69	1,25	1,54	2,48	2,30
Outros América	1,73	1,70	1,54	1,96	1,84	1,00	1,69	2,77	1,00
ÁSIA	1,77	1,74	1,57	1,99	1,89	1,00	1,59	3,04	1,71
Japão	1,64	1,62	1,05	1,57	1,87	1,00	1,93	2,46	1,00
Outros Ásia	1,79	1,76	1,63	2,02	1,90	1,00	1,53	3,28	1,83
OCEÂNIA	1,48	1,46	1,30	1,43	1,87	1,27	1,47	2,74	3,25

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Colonos em Colónias de Férias 2013.

Analisando os proveitos totais obtidos por todos os meios de alojamento turístico na região Alentejo, verifica-se que em 2013 apenas a RA Açores ficou aquém dos valores alcançados pela AI. Com efeito, foram obtidos os seguintes proveitos totais: Algarve 30,7%; Lisboa 29,6%; RA Madeira 13,7%; Norte 11,8%; Centro 8,5%; Alentejo 3,3% e RA Açores 2,3%. Decompondo os proveitos totais obtidos a nível nacional pelas tipologias de alojamento turístico, foram apurados os seguintes resultados: hotelaria 92,3%, turismo em espaço rural e turismo de habitação 1,8% e alojamento local 5,9%.

Para a região Alentejo os proveitos totais obtidos foram os seguintes: hotelaria 76,4%, turismo em espaço rural e turismo de habitação 13,7% e alojamento local 9,9%. Considerando apenas a hotelaria na AI, os proveitos totais obtidos foram os seguintes: hotéis 61,8%; aldeamentos e hotéis-apartamentos 23,1%; pousadas 10,8% e apartamentos turísticos 4,3%. Noutra perspetiva de análise, os proveitos totais obtidos pela hotelaria da região Alentejo representam apenas 2,8% do total nacional (Algarve 32,2%; Lisboa 30,4%; Norte 11,1%; RA Madeira 13,6%; Centro 7,8%; RA Açores 2,3%), enquanto que o turismo no espaço rural e o turismo de habitação representam 25,0% do total nacional (Norte 30,5%; Centro 17,2%; Algarve 8,5%; Lisboa 8,4%; RA Madeira 5,6%; RA Açores 4,9%) e o alojamento local representa 5,6% do total nacional (Lisboa 24,2%; RA Madeira 18,3%; Norte 18,1%; Centro 16,9%; Algarve 15,2%; RA Açores 1,7%)(Quadro 27).

Quadro 27 – Proveitos totais, segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II)

2013 Unidade: 10³ euros

NUTS	Total dos Alojamentos Turísticos	Total Hotelaria	Hotéis					Apartamentos turísticos
			Total	*****	****	***	** / *	
PORTUGAL	2 023 940	1 867 296	1 413 949	509 425	616 587	208 485	79 452	98 924
CONTINENTE	1 700 371	1 571 586	1 198 653	423 696	504 134	192 930	77 894	94 773
Norte	239 770	206 843	191 548	53 563	78 957	35 016	24 012	658
Centro	171 796	145 221	128 055	8 337	51 921	52 235	15 561	2 752
Lisboa	599 217	567 212	520 945	215 346	212 673	65 229	27 698	2 597
Alentejo	67 694	51 715	31 952	5 429	13 342	8 186	4 995	2 237
Algarve	621 894	600 595	326 154	141 021	147 241	32 264	5 629	86 529
RA AÇORES	46 487	42 599	38 641	...	29 366	8 096
RA MADEIRA	277 082	253 110	176 655	...	83 088	7 459

NUTS	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos				Pousadas	Quintas da Madeira
		Total	*****	****	*** / **		
PORTUGAL	79 813	231 208	27 317	164 178	39 713	31 790	11 612
CONTINENTE	77 529	169 876	20 212	117 782	31 882	30 754	//
Norte	0	3 191	...	9 334	//
Centro	0	4 103	...	5 083	//
Lisboa	6 210	30 798	...	21 834	...	6 663	//
Alentejo	5 008	1 618	5 584	//
Algarve	66 969	116 852	11 106	83 646	22 100	4 091	//
RA AÇORES	0	1 477	0	//
RA MADEIRA	2 283	59 856	7 105	11 612

NUTS	Total TER e TH ^(a)	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER		
PORTUGAL	37 062	4 080	10 088	15 703	2 579	4 612	119 582
CONTINENTE	33 173	3 826	8 013	15 284	2 026	4 024	95 611
Norte	11 291	1 432	1 729	5 303	666	2 161	21 637
Centro	6 363	530	1 389	3 198	398	847	20 212
Lisboa	3 101	...	794	28 903
Alentejo	9 253	1 387	2 991	4 026	435	413	6 726
Algarve	3 167	...	1 109	18 132
RA AÇORES	1 814	...	811	0	...	450	2 073
RA MADEIRA	2 074	...	1 265	138	21 898

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013

(a) No Continente, os proveitos dos estabelecimentos TER e TH referem-se apenas a estabelecimentos com 10 ou mais camas.

O rendimento médio por quarto disponível (RevPAR), considerando todos os alojamentos turísticos do país, no ano em análise, foi de 28,9€, enquanto que na região Alentejo foi de 17,6€ (Lisboa 42,3€; RA Madeira 33,3€; Algarve 32,7€; Norte 20,9€; Centro 15,0€; RA Açores 22,2€). Em termos de hotelaria, o rendimento médio por quarto disponível da AI (21,0€) fica aquém da média nacional (31,8€), com Lisboa, RA Madeira e Algarve com os rendimentos mais elevados, conforme se pode observar no quadro seguinte. O RevPAR no turismo em espaço rural, na AI (15,3€), é superior à média nacional para esta tipologia de alojamento (14,5€), devido aos resultados obtidos pelas casas de campo e pelos hotéis rurais, sobretudo por estes últimos (25,8€).

Quadro 28 – Rendimento por quarto disponível (RevPar), segundo o tipo dos estabelecimentos, por regiões (NUTS II)

2013		Unidade: Euros						
NUTS	Total dos Alojamentos Turísticos	Total Hotelaria	Hotéis					Apartamentos turísticos
			Total	*****	****	***	** / *	
PORTUGAL	28,9	31,8	33,3	61,0	33,7	21,4	18,1	20,4
CONTINENTE	28,6	31,6	33,2	63,4	34,2	21,5	18,1	20,3
Norte	20,9	24,9	24,6	47,5	47,5	18,3	16,5	9,4
Centro	15,0	16,5	16,5	36,7	36,7	14,2	11,3	13,0
Lisboa	42,3	44,9	45,1	69,6	69,6	35,0	29,6	40,7
Alentejo	17,6	21,0	19,5	36,5	36,5	13,8	16,5	10,9
Algarve	32,7	33,6	44,0	66,9	66,9	28,7	21,3	21,0
RA AÇORES	22,2	23,1	22,9	...	25,5	20,4
RA MADEIRA	33,3	36,0	38,9	...	34,0	20,3

NUTS	Aldeamentos Turísticos	Hotéis-Apartamentos				Pousadas	Quintas da Madeira
		Total	*****	****	*** / **		
PORTUGAL	26,7	32,5	37,5	34,8	24,6	41,2	80,0
CONTINENTE	27,1	33,9	41,6	41,6	28,3	42,2	//
Norte	//	42,5	...	45,3	//
Centro	//	22,8	...	30,2	//
Lisboa	37,4	42,2	53,2	53,2	...	55,7	//
Alentejo	36,5	24,9	35,4	//
Algarve	29,3	33,3	40,3	40,3	27,9	50,6	//
RA AÇORES	//	40,0	//	//
RA MADEIRA	17,1	28,2	28,6	80,0

NUTS	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
		Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER		
PORTUGAL	14,5	13,5	13,9	23,5	9,7	10,9	14,5
CONTINENTE	14,0	13,0	13,2	23,3	8,7	10,3	13,8
Norte	11,0	11,1	8,3	17,2	7,1	11,0	10,1
Centro	13,2	15,2	10,9	31,6	5,8	6,7	9,0
Lisboa	21,2	...	25,0	23,7
Alentejo	15,3	12,5	14,8	25,8	8,6	8,0	8,5
Algarve	26,6	...	29,6	19,1
RA AÇORES	16,6	...	15,4	0,0	...	19,6	15,3
RA MADEIRA	20,4	...	18,8	12,9	19,1

Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos 2013.

4.4.3. O TURISMO CULTURAL ENQUANTO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E LOCAL

As dinâmicas turísticas internacionais, alicerçaram a sua operacionalização de maior relevância, sobretudo no pós-segunda guerra mundial, em dois eixos temático-territoriais:

- O eixo dos territórios litorais, para as temáticas do turismo balnear;
- O eixo dos territórios urbanos para as temáticas do turismo cultural.

Todavia com a emergência conceptual e operativa, decorrente da solidificação teórica do chamada tese do *Novo Turismo* (Poon) temos vindo a assistir, numa escala de progressão exponencial; à universalização das práticas de consumo de turismo cultural, para territórios de vinculação rural, com fortes conteúdos de oferta, quer nos domínios físicos do património cultural e histórico-patrimonial, quer nos domínios imateriais das tradições, artes, lendas e ofícios locais.

Neste contexto de procura, onde o ato da experimentação turística ganha particular relevância, a valorização dos patrimónios locais, impõe novas sinergias e novas iniciativas às comunidades locais, promovendo processos de revitalização de práticas socioculturais, perdidas no tempo ou já em desuso.

A existência de acontecimentos históricos de relevância nacional (batalhas, momentos de glória, catástrofes, etc.), bem como a referenciação a personagens locais de grande notoriedade, são fatores de indução que, associados aos traços de identidade cultural local, potenciam as práticas de turismo cultural.

O turismo cultural assume então uma multiplicidade de funções no quadro das dinâmicas de desenvolvimento local. Desde logo, a promoção de atitudes de enquadramento e perceção das potencialidades locais, pela comunidade de acolhimento. Em muitas circunstâncias as comunidades locais, minorizam ou desvalorizam as suas próprias raízes identitárias e o seu património material e imaterial e, é o turismo que de algum modo, promove e estimula a alerta sobre a importância destes conteúdos.

A revitalização do património local (material e imaterial), para uso turístico, elabora um discurso de autoestima, e de autovalorização das comunidades locais, promovendo a figura de um sistema de afirmação socio cultural.

Este modelo de afirmação, faz corresponder e interagir estratégias não somente clássicas de visibilidade e visitação do património existente, como também de projeção por via da utilização de novos sistemas e suportes tecnológicos (audio-guias, Qrcode, etc.) de apoio à atividade turística, mas sobretudo à capacidade da comunidade local, de alavancar novas dinâmicas de empreendedorismo, no sentido de potenciar a geração de emprego e a fixação empresarial e comunitária no contexto territorial de intervenção.

Nesse contexto, o turismo cultural assume-se então como instrumento de solidificação das culturas e identidades locais, promovendo o emprego e a fixação das populações e das empresas.

Um modelo orgânico de turismo cultural em territórios economicamente menos sustentados, permite recentrar a comunidade na importância da preservação da autenticidade e da qualidade do produto patrimonial, preservando e protegendo os recursos e ao mesmo tempo, estruturando-o em produto que possuam tangibilidade económica.

A criação de territórios criativos, que articulem Tecnologia, Tolerância e Talento, concorrem também para ampliar exponencialmente a atividade turística no seio de sociedades economicamente instáveis, desenvolvendo novos conteúdos, quer de *marketing*, quer de *merchandising*, que potenciem as dinâmicas de oferta cultural.

Juntar o tradicional e o tecnológico parece poder vir a ser neste contexto um processo determinante de valorização do património existente.


5. O *TOURING* CULTURAL E PAISAGÍSTICO NA REGIÃO DO ALENTEJO E RIBATEJO

Tendo em vista a caracterização e avaliação do potencial do território do Alentejo e Ribatejo do ponto de vista do *Touring* Cultural e Paisagístico, para além do recurso a um conjunto de fontes diversas, nomeadamente, estudos técnicos, literatura de viagens, bibliografia especializada, realizou-se também um conjunto de visitas técnicas –trabalho de campo-, acompanhadas por Técnicos Superiores da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo e dos municípios da AI.

A seleção dos municípios foi inicialmente realizada em articulação com a Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo e visou garantir a representatividade regional e temática das diferentes NUTS III da região Alentejo, bem como os spots de maior interesse turístico. De modo a garantir uma análise e processo de seleção mais sistematizado e objetivo, procedeu-se previamente à aplicação de um inquérito aos 58 municípios, os quais foram preenchidos pelos respetivos Técnicos Superiores e Direções de Turismo. Neste contexto obteve-se uma taxa de resposta de 100%, sendo os mesmos parte integrante do presente relatório (como anexo).

O referido inquérito por questionário foi organizado com base na matriz constante no quadro seguinte.

Quadro 29 – Matriz do questionário sobre os Points of Interest (POI's) aplicado aos municípios do Alentejo

PLANO ESTRATÉGICO PARA O <i>TOURING</i> CULTURAL E PAISAGÍSTICO DO ALENTEJO E RIBATEJO				
CONCELHO		DISTRITO		
<i>POI - Points of Interest</i>				
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações	
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitetónico			
	Industrial			
	Natural			
	Rural			
	Simbólico-Cultural			
POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações	
ROTAS	Designação	Localização	Observações	
Outras Observações:				

Fonte: Própria

Do total dos 58 municípios que compõem a NUTS II Alentejo foram visitados 36 municípios no período de 25 de janeiro a 21 de abril 2015, conforme indicado no Quadro seguinte.

Quadro 30 – Municípios do Alentejo visitados no âmbito do trabalho de campo realizado

MUNICÍPIO	DATA DA VISITA TÉCNICA
Santarém	25 de janeiro
Benavente	
Rio Maior	26 de janeiro
Golegã	
Azambuja	27 de janeiro
Coruche	
Estremoz	01 de fevereiro
Borba	
Vila Viçosa	02 de fevereiro
Redondo	
Alandroal	
Portel	03 de fevereiro
Alter do Chão	04 de fevereiro
Nisa	
Portalegre	
Ponte de Sor	05 de fevereiro
Gavião	
Castelo de Vide	01 de março
Marvão	
Monforte	
Mértola	02 de março
Serpa	
Sines	03 de março
Santiago do Cacém	
Alcácer do Sal	
Évora e Elvas (reunião técnica com a equipa responsável pelo plano operacional do Património da Humanidade)	16 de março
Évora	22 de março
Vidigueira	23 de março
Beja	
Castro Verde	24 de março
Odemira	
Montemor-o-Novo	25 de março
Viana do Alentejo	20 de abril
Reguengos de Monsaraz	
Arraiolos	21 de abril
Grândola	

Fonte: Própria

5.1. DISTRIBUIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO *TOURING* CULTURAL E PAISAGÍSTICO NO ALENTEJO E RIBATEJO

5.1.1. LEZÍRIA DO TEJO

A Lezíria do Tejo é constituída por um conjunto de 11 municípios – Alpiarça, Almeirim, Azambuja, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Coruche, Golegã, Rio Maior, Salvaterra de Magos e Santarém – a maior parte banhados por um Tejo aberto, adquirindo a feição lezíria que se estenderá até ao estuário. Área pouco acidentada, mas fertilíssima, com solos de aluvião inundados pelas águas transtaganas que sempre foram o fundamento e sustentáculo da economia destas terras, onde pontuam os mouchões de terras úberes e alagadiças, justificando uma agricultura onde predominam os cereais, as vinhas e as pastagens, determinantes para a pecuária (bovinos e equinos). O povoamento desta sub-região revela-se heterogéneo. Se na margem norte se apresenta mais disperso, por vezes difuso ao longo das principais vias de comunicação, a sul predomina um povoamento mais concentrado, ainda que nesta área os efetivos populacionais sejam menores.

No quadro seguinte, arrolam-se os recursos e eventos visitados e/ou abordados aquando da visita técnica à sub-região Lezíria do Tejo.

Quadro 31 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à sub-região Lezíria do Tejo

LEZÍRIA DO TEJO		
Recurso	Município	Localidade
Casa dos Patudos - Museu de Alpiarça (José Relvas)	Alpiarça	Alpiarça
Vila Museu do Vinho - Centro de Interpretação (ÁVINHO-Festa do Vinho e das Adegas em abril)	Azambuja	Aveiras de Cima
Feira de maio (Tauromaquia e gastronomia)	Azambuja	Azambuja
Palácio/Igreja Pina Manique	Azambuja	Manique do Intendente
Casa Colombo – a Centro de Interpretação (Museu Municipal Sebastião Mateus Arenque)	Azambuja	Vale do Paraíso
Castro de Vila Nova de São Pedro	Azambuja	Vila Nova de São Pedro
Núcleo Museológico Agrícola de Benavente	Benavente	Benavente
Museu Municipal de Benavente (alfaia agrícola, traje, fotografia, cerâmica e ofícios tradicionais)	Benavente	Benavente
Herdade da ADEMA	Benavente	Samora Correia
Companhia das Lezírias (maior exploração agropecuária e florestal do país)	Benavente	Samora Correia
Palácio do Infantado (espaço cultural com Biblioteca, auditório, galerias de exposição, etc...)	Benavente	Samora Correia
Herdade da Torrinha (Ribeiro Telles)	Coruche	Biscaíño
Núcleo Rural de Coruche (projeto futuro da CMC)	Coruche	Coruche
Ermida de Nossa Senhora do Castelo (Miradouro)	Coruche	Coruche

Recurso	Município	Localidade
Núcleo Tauromáquico de Coruche	Coruche	Coruche
Museu Municipal de Coruche	Coruche	Coruche
Observatório do Sobreiro e da Cortiça	Coruche	Monte da Barca
Escola Museu Salgueiro Maia	Coruche	S. Torcato
Casa-Estúdio Carlos Relvas	Golegã	Golegã
Reserva Natural do Paúl do Boquilobo	Golegã	Golegã
Picadeiro Lusitanus - Feira Nacional do Cavalo (NOV)	Golegã	Golegã
Expoégua	Golegã	Golegã
Museu da Máquina de Escrever	Golegã	Golegã
Mendes & Gonçalves	Golegã	Golegã
Casa-Estúdio Carlos Relvas	Golegã	Golegã
Equuspolis - Museu Municipal Martins Correia	Golegã	Golegã
Cooperativa de Terra Chã (Viver a Natureza)	Rio Maior	Alcobertas
Roteiro Cultural Ruy Belo	Rio Maior	Aldeia de São João da Ribeira
Salinas de Rio Maior	Rio Maior	Rio Maior
Villa Romana de Rio Maior	Rio Maior	Rio Maior
Tasquinhas de Rio Maior (FEV/MAR)	Rio Maior	Rio Maior
Dólmen de Alcobertas	Rio Maior	Alcobertas
Museu Rural e Etnográfico de S. João da Ribeira	Rio Maior	S. João da Ribeira
Estátua de Salgueiro Maia (Jardim dos cravos)	Santarém	Santarém
Busto de Alexandre Herculano (Avenida José Saramago)	Santarém	Santarém
Quinta de Vale de Lobos (Alexandre Herculano - Azóia de Baixo)	Santarém	Santarém
Estátua Marquês Sá da Bandeira (Largo do Seminário)	Santarém	Santarém
Casa-Museu Anselmo Braamcamp Freire	Santarém	Santarém
Busto Braamcamp Freire (Rua Braamcamp Freire)	Santarém	Santarém
Estátua Passos Manuel (Largo do Carmo)	Santarém	Santarém
Casa Museu Passos Canavarro (Fundação Passos Canavarro)	Santarém	Santarém
Jardim das Portas do Sol	Santarém	Santarém
Centro de Interpretação subterrâneo da Gruta do Algar do Pena	Santarém	Santarém
Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Sé Catedral)	Santarém	Santarém
Museu Diocesano de Santarém	Santarém	Santarém
Igreja de Santa Maria de Alcáçova	Santarém	Santarém
Igreja de Santa Maria de Marvila	Santarém	Santarém
Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Marvila	Santarém	Santarém
Igreja de Santo Estevão (do Santo Milagre)	Santarém	Santarém
Mosteiro de São Francisco (Património + eventos)	Santarém	Santarém
Igreja de N. Sr.ª da Graça (Sepultura de Pedro Álvares Cabral)	Santarém	Santarém
Igreja de Santa Clara	Santarém	Santarém
Igreja de S. João do Alporão (Núcleo Museológico de Arte e Arqueologia)	Santarém	Santarém
Torre das Cabaças / Torre do Relógio (Núcleo Museológico do Tempo)	Santarém	Santarém
Urbi Scallabis - Centro de Interpretação (Núcleo Museológico)	Santarém	Santarém

Fonte: Própria

A Golegã assume o seu carácter ribatejano, destacando-se as suas feiras dedicadas às ganadarias e às coudelarias, essenciais à tourada, que aqui toma ares de verdadeiro culto. As ganadarias do touro de lide e as coudelarias de Lusitanos e Alter, para os cavalos de lide, equilibram-se neste jogo puramente ribatejano, a que a presença do campino nutre uma identidade específica, traduzida na indumentária (jaqueta vermelha, camisa branca e barrete verde) e no fandango (dança do desafio e da destreza e cenografia dos pés), sem esquecer o vestuário específico de ganadeiros e ganadeiras por ocasião da Feira Nacional do Cavalo, em dia de S. Martinho (novembro). O cavalo granjeou à Golegã o título, não usurpado, de capital mundial do cavalo. Cavalo, touro e tourada cimentam a trilogia ribatejana ancestral, e que todos os anos se revitaliza, promovendo corridas de grande renome, onde cavaleiros, forcados e toureiros, se digladiam e se defrontam num espetáculo de grande beleza, a Festa Brava. O Equuspolis é um espaço museal evocativo da condição e relevância do cavalo e cultura associada na Golegã. O edifício em questão acolhe ainda o Museu Municipal Martins Correia.

Figura 52 – Equuspolis - Golegã



Fonte: Própria

Deste modo, touro e cavalo apresentam-se transversais e peões inquestionáveis da cultura e da história da lezíria do Tejo e da arte da tauromaquia. Tejo e agricultura fornecem o essencial dos ingredientes da gastronomia ribatejana: o sável, a que está ligada à cultura avieira - em preparação a candidatura a património nacional e imaterial da UNESCO - e a arte varina do sável, a fataça, o arroz carolino, o tomate, o melão de

Almeirim, o pão com as suas coloridas designações (o Saloio Ribatejano e a Caralhota de Almeirim) ou a Sopa da Pedra de Almeirim. Não deixa de ser notável o facto de Alexandre Herculano ter produzido um premiado azeite, o Azeite Herculano, na Quinta de Vale de Lobos (Santarém), sendo possível visitar o seu quarto, para além de ter introduzido a cultura da beterraba.

Figura 53 – Porto da Aldeia do Escaroupim



Fonte: Própria

A extração de sal, numa região longe do Atlântico, é justificada pela mina de sal-gema por onde corre o rio subterrâneo que alimenta as Salinas Naturais, ou Salinas da Fonte da Bica de Rio Maior, também designadas por Marinhas de Sal de Rio Maior, de grande qualidade e pureza, cuja origem remonta ao séc. XII e aos Templários.

Figura 54 – Salinas da Fonte da Bica – Rio Maior



Fonte: Própria

Sendo uma região eminentemente agrícola, não faltam ao visitante espaços naturais a visitar. O Paúl do Boquilobo (Golegã), reserva natural, o Centro de Interpretação Subterrâneo da Gruta do Algar do Pena (Alcanede - Santarém) integrante do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC), a Companhia das Lezírias (Samora Correia - Benavente), onde se destaca o projeto EVOA e a Herdade da ADEMA, espaço vocacionado para o entendimento do modo de vida ribatejano.

Figura 55 - Museu Municipal de Benavente



Fonte: Própria

A diversidade do acervo museal da Lezíria ribatejana espelha a especificidade desta região.

Figura 56 - Museu Municipal de Coruche



Fonte: Própria

As diferentes estruturas museológicas podem ser agrupadas segundo as áreas onde incidem: agrícolas e etnográficas (Museu Municipal de Benavente e o seu mais recente Núcleo Museológico Agrícola, instalado no antigo Matadouro Municipal, privilegiando a relação entre o património industrial e a agricultura, o Museu Municipal de Coruche, destacando-se a exposição 'Coruche: o Céu, a Terra e os Homens' e o Núcleo Rural de Coruche, em projeto, ou o Museu Rural e Etnográfico de S. João da Ribeira, em Rio Maior); de especialização como o Observatório do Sobreiro e da Cortiça, em Coruche, num patamar de investigação e divulgação, ou a Vila Museu do Vinho, em Aveiras de Cima (Azambuja), ou ainda a Cooperativa Terra Chã (Alcobertas – Rio Maior), com um trabalho de colaboração com a comunidade.

Figura 57 – Observatório do Sobreiro e da Cortiça - Coruche



Fonte: Própria

Os museus de Arte apresentam-se em maior número: a Casa dos Patudos (Alpiarça), detentora de um espólio excepcional devido ao republicano José Relvas, o Museu Municipal Martins Correia, homenageando este insigne escultor da Golegã, o Museu Diocesano de Santarém explorando o recheio artístico do Seminário, a Igreja de S. João do Alporão (Núcleo Museológico de Arte e Arqueologia), a Casa-Museu Anselmo Braamcamp Freire ou a Casa Museu Passos Canavarro (Fundação Passos Canavarro). Ligado aos caminhos de ferro destaca-se o Espaço Museológico de Santarém da CP, que integra o raro exemplar do comboio real oitocentista. A Casa-Museu de Carlos Relvas (Golegã), verdadeiro estúdio fotográfico oitocentista, peça quase única no panorama da prática fotográfica europeia desse período, assume um protagonismo tecnológico e

técnico único na Península Ibérica. O Museu da Máquina de Escrever (Golegã) e o Núcleo Museológico do Tempo (Torre das Cabaças / Torre do Relógio, em Santarém), tal como a Escola Museu Salgueiro Maia (S. Torcato – Coruche), representam situações específicas, enquanto o Núcleo Tauromáquico de Coruche verbaliza a Festa Brava. A *Urbi Scallabis* - Centro de Interpretação (USCI; Núcleo Museológico), localizada nas Portas do Sol, apresenta-se como espaço interativo da história de Santarém. Os Descobrimientos portugueses completam-se em dois espaços: a Casa Colombo - Centro de Interpretação (Museu Municipal Sebastião Mateus Arenque), em Vale do Paraíso (Azambuja), e a Casa do Brasil - Casa de Cabral (Santarém).

Figura 58 – Casa-Museu Carlos Relvas – Golegã



Fonte: Própria

A atividade mercantil, motivada por esta riqueza agrária, proporcionou a emergência de núcleos urbanos de diferentes dimensões, tendo como capital centrípeta a cidade de Santarém. Cidade de remotas origens, viu a sua importância consolidar-se no período romano, crescendo durante o domínio muçulmano e validada durante a primeira dinastia. A sua pujança económica é testemunhada pela presença massiva de estruturas monásticas, evidências desse crescimento económico, manifestando esta dimensão urbana. A divisão da cidade em Alta e Baixa determinou o seu crescimento e

relacionamento com o *hinterland* e o rio adjacente. A Alta, ou acrópole, atesta a permanência urbana romana pelo *podium* de um templo situado às Portas do Sol, em contraponto à agrícola Villa Romana de Rio Maior, com excelente espólio exposto na galeria municipal. O período muçulmano, para além da toponímia abundante (Alfanga, Atamarma, Alporão,...), ficou marcado pela atividade de curtumes na zona do Castelo, próximo do USCI, e no invulgar espólio pétreo no Núcleo Museológico de Arte e Arqueologia Medievais, na Igreja de S. João de Alporão. A sedimentação do novo reino encontrou eco na reconstrução das muralhas defensivas da Alcáçova, atualmente Jardim das Portas do Sol, com excelente panorâmica sobre o Tejo e a Lezíria, como a descreveu Almeida Garrett nas Viagens à Minha Terra, a partir da casa do seu amigo Passos Manuel, aí localizada.

A renovação urbana dos sécs. XII-XIII vai possibilitar a Santarém ser designada, no séc. XX, de 'capital do Gótico', com uma massa arquitetónica de templos e conventos mendicantes (S. Francisco, S. Clara, do desaparecido das Donas, da Graça), continuadas no paço real outrora situado no atual edifício do Seminário, que obedeciam à nova estética gótica, coincidente com a concretização da reconquista cristã em território nacional e com a renovação urbana. Desde o experimentalismo na igreja de S. João de Alporão, ligada aos Hospitalários, de uma nave única abobadada de influência românica, terminando em cabeceira poligonal nitidamente gótica, em perfeita sintonia com os dois conventos mendicantes franciscanos de S. Clara (o maior do país) e de S. Francisco, continuando nas Igrejas de Santa Cruz e da Graça, terminando na emblemática Fonte das Figueiras, sem esquecer a singular Torre sineira das Cabaças, ou Cabaceiro. Do segundo, as campanhas de reabilitação, respeitando a traça e elementos marcantes da sua arquitetura, definiram um espaço multifuncional ao dispor da autarquia. Dos conventos mendicantes dominicanos resta a sua memória. A Igreja da Graça, devido à ligação próxima do seu mecenas, Pedro de Meneses, a D. João I, emula o Mosteiro da Batalha na decoração da fachada e no túmulo que mandou construir a sua mulher, Beatriz Coutinho. Em Almoester, destaque para o mosteiro cisterciense feminino, ostentando um gótico discreto.

O visitante encontra no tardo-gótico/manuelino e no primeiro Renascimento diversas obras, maioritariamente religiosas, onde se destaca, em Santarém, a igreja de Marvila, com uma capela-mor de excelente teto artesoadado, a Capela de N.^a Sr.^a do Monte, de

matriz gótica mas acrescentos renascença, como a elegante alpendrada. Na Igreja do Santo Milagre, espaço de particular devoção, destacam-se os 3 arcos com excelente decoração renascença que antecedem a capela-mor. Descendo ao longo da encosta, encontramos a trecentista Igreja de S. Cruz com um excecional púlpito renascença e, na Ribeira de Santarém, a Igreja de S. Iria, onde pontua um excecional Cristo na Cruz. Destes modelos escalabitanos nasceram outros exemplos, como a Igreja de Nossa Senhora das Virtudes, importante centro de peregrinação mariano, onde coexistem elementos góticos e tardo-góticos, a Igreja Matriz da Chamusca, de delicado portal manuelino, o púlpito e o grupo escultórico que integram a Igreja de S. Pedro de Coruche, terminando na excecional Matriz da Golegã, de portal densamente decorado e interior manuelino, onde sobressai a abóbada artesoadada da capela-mor. Como memória da preferência de D. Manuel por esta região resta o pórtico do Paço dos Negros, localizado em Almeirim, não esquecendo o pelourinho manuelino do Cartaxo, símbolo do poder e da justiça. Os túmulos de Fernão Rodrigues Redondo e de João Afonso, na Igreja de S. Nicolau, recordam, no segundo, o mecenas do primeiro hospital de Santarém.

Período mais extenso engloba o Maneirismo e o Barroco, onde encontramos excelentes exemplares, destacando-se, em Santarém, a Igreja da Misericórdia, igreja-salão da melhor arquitetura maneirista, com interior quadrangular e decoração de brutescos cobrindo as colunas toscanas que suportam a abóbada de nervuras cruzadas. O seminário, ou Sé Catedral de Santarém, destaca-se pela exuberante fachada maneirista e por um interior onde sobressaem os embrechados e os frescos no altar-mor, o excecional teto pintado invocando as 4 partes do Mundo descobertas pelos portugueses e os diferentes altares laterais, como o do Sr. da Boa Morte. A Igreja do Hospital de Jesus Cristo encerra um conjunto importante de frescos. Próximo, a Igreja de N.^a Sr.^a da Piedade recorda as guerras da Restauração. Percorrendo o leito do Tejo, outros templos e edifícios recordam a força destas duas correntes estéticas, que irá perdurar até aos fins do séc. XVIII: a Matriz da Azambuja, maneirista, onde se destaca a excelente talha e duas telas de André Reinoso e Simão Rodrigues, a Capela do antigo Paço Real de Salvaterra de Magos, preciosa escultura arquitetónica, demonstrativa da qualidade estética que este paço deteria. O período barroco está associado a um certo desafogo económico. Como exemplar civil, destacamos a Casa Senhorial d'El-Rei D. Miguel/Casa da Cultura João Ferreira da Maia, típica casa senhorial do alto Ribatejo (Rio Maior).

Figura 59 – Sé Catedral de Santarém

Fonte: Própria

Os revestimentos azulejares, caracteristicamente lusos, de padrão, de registos individuais e historiados povoam a maioria dos templos desta sub-região, destacando-se a Igreja de Marvila - catedral do azulejo -; o Mosteiro de Santa Maria de Almoester; as Matrizes da Azambuja, de Vila Nova da Rainha (local do suposto casamento de D. Nuno Álvares Pereira com D. Leonor de Alvim), de Samora Correia, do Cartaxo, da Golegã, Misericórdia da Chamusca; S. Pedro e S. António de Coruche; capela da Misericórdia e N.ª Sr.ª da Conceição, de Salvaterra de Magos, tal como a talha dourada, que os acompanha.

O Neoclássico apresenta dois exemplares localizados em Manique do Intendente, erigidos por iniciativa do Intendente Geral da Polícia, D. Diogo Inácio de Pina Manique: a Igreja/Palácio, único exemplar nacional com estas características, e a Casa de Câmara. O Palácio das Obras Novas, ou Paço da Rainha, servia como estalagem de apoio às Obras Novas efetuadas pela Companhia de Valas da Azambuja (rede de canais e de enxugo dos campos de Azambuja e Santarém), testemunho do empenho real na defesa da agricultura ribatejana. O século XIX não vê grandes construções, mas, a partir da 2ª metade, proliferam as estações de caminhos de ferro, acompanhando o progresso deste novo modo de transporte. A casa-estúdio de Carlos Relvas, na Golegã, constitui um marco na arquitetura técnica oitocentista, pois foi propósito do seu proprietário criar um estúdio fotográfico ao nível do que melhor se fazia em Paris, cidade onde se tinha

deslocado, enquanto sócio da Sociedade Francesa de Fotografia, para melhor conhecer este tipo específico de construção. A Ponte de D. Luís, ligando Santarém a Almeirim, deteve durante largos anos o título de maior ponte de Portugal.

O século XX assiste a um período de crescimento da cidade de Santarém, onde as soluções arquitetónicas Arte Nova e Art Déco predominam, como é visível no Teatro Rosa Damasceno ou no Mercado Municipal, de Cassiano Branco. O Estado Novo traz algumas construções, como o edifício dos Correios ou o Palácio da Justiça, o mesmo se passando nos restantes municípios da Lezíria. A arquitetura contemporânea não encontrou terreno fértil na Lezíria ribatejana, mas relembramos o recente projeto do Centro Cultural do Cartaxo, de Cristina Veríssimo e Diogo Burnay.

Considerando que a singularidade e atratividade desta sub-região não se esgota na simples dicotomia: 'Festa Brava' / 'Capital do Gótico', importa potenciar a força centrípeta de Santarém, território de elevada excelência turística, para alargar o motivo da visita à vasta Lezíria do Tejo. Esta pode e deve oferecer ao visitante as suas múltiplas facetas, ancoradas na dimensionalidade das povoações e atividades que o Tejo determinou. As rotas, integrando o património natural e cultural, permitirão aprofundar a qualidade e o domínio vivencial da experiência turística, prolongando a estada.

A Lezíria está ainda vinculada às origens da democracia em Portugal, através de diversas personalidades, acontecimentos e património associados a este marco da vida política e social portuguesa, nomeadamente a Escola Prática de Cavalaria de Santarém, local de onde Salgueiro Maia partiu em direção a Lisboa para a Revolução dos Cravos.

Figura 60 – Escola Prática de Cavalaria de Santarém



Fonte: Própria

Todavia, a tradição de luta pela liberdade remota já à primeira metade do século XIX, tendo por figuras ilustres ligadas à região, Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Também no período da revolução republicana se destaca a figura de José Relvas, personalidade hoje eternizada na Casa dos Patudos.

5.1.2. ALENTEJO LITORAL

O Alentejo Litoral é composto por cinco concelhos: Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira.

Figura 61 – Litoral Alentejano



Fonte: Própria

No quadro seguinte, listam-se os recursos e eventos visitados e/ou abordados aquando da visita técnica à sub-região Litoral Alentejano.

Quadro 32 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à região do Litoral Alentejano

ALENTEJO LITORAL		
Recurso	Município	Localidade
Igreja Matriz - Igreja de Santa Maria do Castelo	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Convento de Santo António, Igreja e Capela das Onze Mil Virgens	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Igreja de Santiago	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Santuário do Senhor dos Mártires	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Fórum Romano	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Castelo (Pousada D. Afonso II)	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Museu Municipal de Arqueologia Pedro Nunes (requalificação)	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal
Cabanas de Colmo da Carrasqueira	Alcácer do Sal	Carrasqueira
Cais Palafítico da Carrasqueira	Alcácer do Sal	Carrasqueira
Passeios no Sado (Embarcações Amendoeira e Pinto Luísa)	Alcácer do Sal	Diversas
Visita a fábricas de transformação do pinhão, produtores de sal e de cortiça	Alcácer do Sal	Diversas
Visitas a adegas (ex: A Adega - Herdade da Comporta)	Alcácer do Sal	Diversas

Recurso	Município	Localidade
Feitoria Fenícia e Olaria romana de Abul	Alcácer do Sal	Herdade do Monte Novo de Palma
Museu Etnográfico de Torrão (ciclo do pão)	Alcácer do Sal	Torrão
Casa Manuel Chainho	Grândola	Aldeia de Santa Maria da Serra
Casa Frayões Metello	Grândola	Grândola
Museu de Arte Sacra de Grândola (Igreja de S. Sebastião)	Grândola	Grândola
Museu do Arroz	Grândola	Comporta
Igreja Matriz (Igreja de Nossa Senhora da Assunção)	Grândola	Grândola
Museu Mineiro do Lousal – Centro de Ciência Viva	Grândola	Lousal
Ruínas Romanas de Troia (oficinas de salga, termas, mausoléu, necrópole, núcleo residencial e basílica paleocristã)	Grândola	Troia
Dólmen da Pedra Branca	Grândola	Vale de Figueira
Museu do Trabalho Rural de Abela	Santiago do Cacém	Abela
Alvalade Medieval (SET)	Santiago do Cacém	Alvalade
Moinho de vento da Quintinha	Santiago do Cacém	Cumeadas
Recriação histórica dos Banhos de São Romão (AGO)	Santiago do Cacém	Praia
Museu da Farinha	Santiago do Cacém	S. Domingos
Igreja Matriz de Santiago	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Ruínas Romanas de Miróbriga (Centro de Acolhimento e interpretação)	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Castelo de Santiago do Cacém	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Santiago - Feira Agropecuária e do Cavalo (MAI)	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Feira do Monte (SET) - artesanato, ofícios, tradições, animação	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Festival da Enguia (JAN)	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Museu Municipal de Santiago do Cacém (numismática, etnografia, arqueologia, artes decorativas, cerâmica, ...)	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Tesouro da Colegiada de Santiago	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Auditório Municipal António Chainho	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Biblioteca Municipal Manuel da Fonseca	Santiago do Cacém	Santiago do Cacém
Festival Músicas do Mundo (JUL)	Sines	Diversos
Sítios arqueológicos: Centro urbano de Sines, Monte Chãos e zona do Pessegueiro	Sines	Diversos
Porto Covo (joia da arquitetura popular portuguesa)	Sines	Porto Covo
Igreja de Nossa Senhora das Salas (Tesouro)	Sines	Sines
Festas de Nossa Senhora das Salas (AGO)	Sines	Sines
Castelo e Museu de Sines	Sines	Sines
Tasquinhas de Sines (JUL)	Sines	Sines
Casa onde nasceu Vasco da Gama (particular sem visitas)	Sines	Sines
Estátua de Vasco da Gama	Sines	Sines
Centro de Artes de Sines (biblioteca, auditório, galeria de exposições e arquivo histórico)	Sines	Sines
Litoral (praias S. Torpes, Morgavel, Vale Figueiros, Porto Covo, Ilha do Pessegueiro)	Sines	Sines
Porto de Recreio (Administração do Porto de Sines)	Sines	Sines
Centro Histórico de Sines	Sines	Sines
Carnaval de Sines	Sines	Sines
Forte de S. Clemente (residência particular - imóvel de interesse público)	Odemira	Vila Nova de Milfontes
Cerro dos Moinhos	Odemira	Odemira
Fábrica de Moagem Miranda (degradado)	Odemira	Vila Nova de Milfontes
Necrópole do Pardieiro	Odemira	S. Martinho das Amoreiras

Fonte: Própria

A humanização das paisagens, fruto da relação secular entre o Homem, as atividades que desenvolve e a natureza, modelou este território que se estende da paisagem serrana (Grândola, Cercal), a nascente, até à paisagem costeira, atlântica, a poente. A costa inicia-se no estuário do Sado, a Norte, estendendo-se para Sul até à Ribeira de Seixe, na fronteira com o Algarve englobando uma área do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, correspondendo a parte dos concelhos de Sines e Odemira.

A singularidade e atratividade desta sub-região fundamenta-se na sua extensa faixa costeira e nessa ligação com o interior. Com efeito, a imensa linha de costa constituiu um ponto de passagem e de fixação de vários povos ao longo da história, o que lhe conferiu uma grande diversidade de temáticas patrimoniais. Temáticas estas, se devidamente aproveitadas, contribuem para ampliar a oferta turística de uma forma sustentável e para reduzir a sazonalidade, tornando-se um fator importante de diferenciação turística do Litoral Alentejano.

O património cultural em questão pode ser organizado em dois grandes eixos temáticos: património ligado ao mar, património vinculado à terra, ambos relacionados com as atividades primárias que desde tempos ancestrais caracterizam esta sub-região e que se tornaram a base da subsistência e da alimentação: salicultura, piscicultura, agricultura (orizicultura, cereais, vinha e azeite) e pecuária.

O mar, ligado à atividade piscatória, incluindo a transformação do pescado e o sal, permite acompanhar a evolução das comunidades e das suas vivências ao longo dos séculos. São ainda visíveis as ruínas romanas de Troia (Grândola), estruturas de salga de peixe do terreiro do castelo de Sines – atualmente tapadas – e o conjunto da Ilha do Pessegueiro (Sines), enquanto vestígios da ocupação e labuta da época romana da transformação do pescado. Peixe salgado e produtos transformados, como o garum, eram enviados através do Mediterrâneo exigindo o desenvolvimento do vasilhame cerâmico. Na Herdade do Pinheiro (Alcácer do Sal), encontram-se fornos que fizeram parte de uma importante indústria de olaria que ali prosperou entre os séculos I e IV d.C. Na olaria de Abul, Herdade do Monte Novo de Palma (Alcácer do Sal), que funcionou dos séculos I a III d.C., foram fabricadas ânforas de vários tipos.

Figura 62 – Ruínas Romanas de Troia

Fonte: Própria

O Porto Palafítico da Carrasqueira (Comporta – Alcácer do Sal), símbolo de um tempo passado mas ainda atual, mostra-nos o engenho dos pescadores na resolução do problema do acesso aos barcos durante a maré baixa. O porto de pesca, de construção tradicional em palafita, construído pela comunidade piscatória da aldeia da Carrasqueira, em pleno estuário do Sado, ao longo de várias décadas, cria um emaranhado de passadiços em madeira sobre uma considerável área de sapal integrado na Reserva Natural do Estuário do Sado. É ainda na aldeia da Carrasqueira que persistem o maior número de antigas cabanas de colmo. Feitas em madeira, caniço e “bacejo” ou “estorno” outrora usadas como habitações. Anteriormente refúgio dos pobres, o que era um poiso tornou-se num sítio para dormir. Desde meados do século dezanove que famílias oriundas da Praia da Vieira de Leiria vieram à procura de sustento nas águas do Sado, tal como nas do Tejo. Alves Redol chamou-lhes “avieiros”, os “ciganos do rio”, que faziam dos barcos a sua casa, aí concentrando toda a sua vida.

Figura 63 – Porto Palafítico da Carrasqueira

Fonte: Própria

O Sado assumiu, até ao final do século XVIII, a dianteira nacional na produção de sal, o ‘ouro branco’, originando uma intensa construção de marinhas. No século XX, sobretudo a partir da década de 70, assiste-se ao abandono desta atividade, restando as duas salinas da Batalha e Bocas de Palma (Alcácer do Sal), como testemunho da outrora indústria florescente, e os Galeões do Sal (Alcácer do Sal), onde atualmente se pode embarcar para observar golfinhos e flamingos. O ‘Amendoeira’ e o ‘Pinto Luísa’, embarcações tradicionais pertencentes à autarquia, são testemunhos singulares de um passado em que o Sado era o principal “motor” económico da região, repleto de embarcações que transportavam mercadorias e gentes. Os dois galeões recordam também a importância do sal na história de Alcácer, batizada de *Salácia Urbs Imperatoria* pelos romanos. As primeiras embarcações de carga terão resultado da conversão de pequenos barcos de pesca em galeões de transporte de sal. Este tipo de transporte fluvial manteve-se até aos anos 70 do século passado, dada a localização das salinas e a inexistência de vias alternativas terrestres.

A importância das artes ligadas ao mar, nomeadamente, a pesca, mais a sul, comprova-se, igualmente, pelos quatro portos: Portinho do Canal, Lapa das Pombas, Entrada da Barca e Azenha do Mar (concelho de Odemira), onde ainda predomina um sistema artesanal de pesca.

Os produtos do mar e do rio estão presentes na gastronomia com uma grande variedade de marisco e peixe, como o achigã, confecionado de diversas formas, a sopa de corvina (Alcácer do Sal), o ensopado de enguias, o pitéu de enguias, a moreia dos almocreves, a

massa de ovas (Grândola), a açorda de marisco, a feijoada de búzios, o peixe grelhado (Sines), o achigã no forno, a caldeirada de peixe do rio, a caldeirada de sardinhas, a cataplana de marisco, o ensopado de safio, a tainha no forno e o peixe de água doce de coentrada (Odemira).

O mar, enquanto espaço de celebração, agradecimento e devoção deu origem a procissões que ainda perduram. Destaca-se a procissão de Nossa Senhora das Salas (Sines) que se celebra no centro histórico e no mar, em homenagem à padroeira dos pescadores. No rio Sado, mais recentemente, existe a Romaria do Sado (Alcácer do Sal), uma procissão fluvial noturna e, mais a sul, a procissão de Nossa Senhora da Graça, que se realiza no rio Mira, em Vila Nova de Milfontes (Odemira).

Figura 64 – Rio Mira (Vila Nova de Milfontes)



Fonte: Própria

A terra, ligada aos cereais - trigo, cevada, aveia -, aos arrozais, ao azeite, à vinha, à cortiça e ao pinhão, permite uma incursão no património museal. O Museu Etnográfico do Torrão (Alcácer do Sal), instalado num edifício, datado de finais do século XVIII / inícios do século XIX, que funcionou como lagar de azeite, compreende uma unidade museológica integrada no local mas, ao mesmo tempo, complementada com visitas e percursos pela freguesia e pelo concelho. “O Ciclo do Pão” assenta em dois tipos de espólio: os artefactos e equipamentos resultantes da recolha material e, por outro lado, os testemunhos orais e escritos e informação complementar (fotografias, documentos

escritos) que apresentam este ciclo ao longo dos tempos. O Museu da Farinha de S. Domingos (Santiago do Cacém), resultado de um projeto de revitalização da antiga fábrica de moagem de S. Domingos da Serra, bem como o Museu do Trabalho Rural da Abela, no mesmo concelho, os moinhos de vento (Odemira, Longueira), de maré (Moinho da Asneira) e de água (Moinho Velho) no concelho de Odemira, que transformavam o grão em farinha, completam o ciclo. Por outro lado, o cultivo do arroz, o seu valor económico, social e gastronómico está documentado no Museu do Arroz da Comporta (Grândola).

Figura 65 – Museu do Trabalho Rural da Abela



Fonte: Própria

Da transformação da farinha resulta o pão, alimento muito presente na mesa alentejana, que se desdobra, mediante uma confeção engenhosa e imaginativa, em açordas, migas, ensopados e sopas: açorda de coelho frito (Alcácer do Sal), açorda de bacalhau, açorda de tomate, açorda de lebre (Santiago do Cacém), açorda de poejo, açorda alentejana raiada (Grândola). Acrescente-se a sopa de tomate e o ensopado de borrego (Alcácer do Sal, Grândola), o gaspacho e o cozido de grão (Santiago do Cacém), o porco à alentejana, a perdiz com feijão, o arroz de bucho de porco (Grândola) e o cardápio está quase completo. Os doces, em terra de conventos e pinheiros mansos, fazem dos ovos, do pinhão e do mel os ingredientes básicos: rebuçados de ovo, bolo de mel, tarte de pinhão, pinhoadas, bolo real, queijadas, salatinos, pastéis de feijão e amêndoa, são algumas

especialidades de Alcácer; alcomonias e rebuçados de pinhão (Grândola); argolinhas de massa frita, filhós e popias caiadas, bolo da massa do pão, alcôncoras e cachamorras (Santiago do Cacém); areias, queijadas e vasquinhos (Sines).

A transformação dos produtos provindos da terra permite uma incursão direta no património industrial com a moagem dos cereais nas Cumeadas (Santiago do Cacém), a moagem e descasque de arroz em Odemira, a transformação do pinhão em Alcácer do Sal, bem como os museus atrás enunciados. O sobro, “a riqueza da serra” (João Madeira), abundante no concelho de Grândola, Santiago e Odemira foi muito valorizado, sobretudo a partir do século XIX, sendo um produto de excelência para exportação, através do porto de Sines. No Museu desta cidade é possível perceber a importância económica e social que a indústria corticeira deteve na região.

O Museu de Arqueologia Industrial Mineira do Lousal (Grândola) foi inaugurado em 2001, treze anos após a desativação da mina de pirites de cobre explorada desde finais do séc. XIX. Esta mina pertence à Faixa Piritosa Ibérica, onde se situam as minas de Canal Caveira, Aljustrel, Neves Corvo e São Domingos. A aldeia do Lousal foi sujeita a um laborioso processo de reabilitação e reúne aspetos fundamentais para compreender a ‘Vida Mineira’ incluindo, além do Museu, um Centro de Ciência Viva.

Terra, fonte de subsistência, tem sido habitada, organizada e moldada pelo Homem desde tempos remotos. A edificação e organização dos espaços habitacionais, comerciais, administrativos e de lazer assumem novas tipologias que se vão adaptando às diferentes funções e constituem, ainda hoje, um atrativo de visita. O estuário do Sado abrigou uma feitoria fenícia (séc. VII e VI a.C.) que copiou as estruturas dos modelos dos palácios da região da Palestina e Líbano, associando aos espaços habitacionais, zonas de comércio (Abul – Alcácer do Sal). Antes disso, encontramos também vestígios da idade do Ferro, atualmente com grande destaque na Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal.

Figura 66 – Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal

Fonte: Própria

Os Cartagineses, que introduziram a conservação dos alimentos através do sal, foram igualmente atraídos para esta região, como se comprova através do Tesouro do Gaio, datado do séc. VII a.C (Museu de Sines) e do porto púnico (Ilha do Pessegueiro – Sines). A civilização romana está bem documentada nas antigas cidades com as *villae*, *forum*, termas (Miróbriga – Santiago do Cacém), oficinas de salga de peixe (*garum*) exportado para todo o Império Romano (Troia – Grândola; terreiro do castelo de Sines, Ilha do Pessegueiro – Sines), fórum e área residencial (interior do Castelo de Alcácer do Sal).

Figura 67 – Ilha do Pessegueiro

Fonte: Própria

A cultura muçulmana é simbolizada pelo castelo de Alcácer do Sal apresentando, ainda, algumas das estruturas muçulmanas, como torres e panos de muralha construídos em taipa militar. Está igualmente muito presente na toponímia: Alcácer, Cacém, Alvalade e Odemira, por exemplo.

A organização do espaço na época Medieval é ainda visível no casco histórico de Alcácer do Sal, povoado de velhos bairros medievais, debruçado em anfiteatro sobre o rio Sado. Ruelas, ladeiras, escadinhas, vielas povoam a Rua Direita e costa do castelo.

A defesa, povoamento e reorganização do território durante a Reconquista e a consolidação da monarquia nacional estão, nesta região, indissolivelmente ligadas à Ordem de Santiago e Espada - séc. XIII até ao anos 80 do séc. XV -, cuja sede conventual do ramo português - a sede-mãe era em Cáceres - se situou em Alcácer do Sal - Castelo, atual Pousada D. Afonso II e, depois de independente, se estabeleceu em Palmela. A Ordem, favorecida pelos primeiros reis como forma de recompensa pelo auxílio militar prestado, vai marcar indelevelmente o património cultural desta região, internacionalizando-a pela ligação com Santiago de Compostela. Os monges guerreiros ocupam-se da reconstrução dos bastiões defensivos que estão nos seus domínios como é o caso, para além de Alcácer do Sal, do castelo de Santiago do Cacém e de Sines. Favorecendo a expansão da fé (re)constróem edifícios religiosos: Igreja de Santiago (Alcácer do Sal), Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), Igreja Matriz de Santiago do Cacém e de Grândola e Igreja da Santa Casa da Misericórdia (Santiago do Cacém).

Membro da Ordem de Santiago, Vasco da Gama habitou no Castelo de Sines. A Casa Vasco da Gama na Torre de Menagem (atual Museu) permite acompanhar o século XVI através da vida do Navegador e imergir, de um modo interativo, na época dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa. Provavelmente, como retribuição do sucesso da chegada à Índia, Vasco da Gama, contra a vontade da Ordem de Santiago, manda reedificar a Igreja de Nossa Senhora das Salas (Sines). As oferendas feitas à Virgem permitiram criar o núcleo do tesouro da Igreja das Salas.

Um vice-rei da Índia, D. Pedro de Mascarenhas, mandou construir para seu sepulcro e relicário pessoal, a Capela das Onze Mil Virgens (Alcácer do Sal). Joia da arquitetura renascentista em Portugal situa-se dentro do Convento de Santo António, fundado em

1524. A cúpula é coberta por um jaspe translúcido que deixa penetrar os raios do sol, fazendo-os desdobrar em jogos de cor na geometria das formas esculpidas.

O forte de Nossa Senhora das Salas ou do Revelim (Sines) faz parte de um conjunto defensivo, que se estende para sul, testemunho da preocupação de defesa da costa durante o domínio filipino. Este conjunto defensivo engloba os fortes da Herdade do Pessegueiro (Sines), do século XVI – XVII, ilha do Pessegueiro (Sines), da autoria de Filipe Terzi, tendo os trabalhos sido continuados por Alexandre Massay.

O acesso à Ilha do Pessegueiro, lembrada pela música Porto Covo de Rui Veloso (1987), faz-se através do porto de pesca do lugar de Porto Covo (Sines). Porto Covo apresenta um traçado urbanístico baseado no modelo pombalino da Baixa Lisboa, de clara inspiração iluminista, que se define pela “regularidade geométrica dos seus limites e da malha reticulada dos arruamentos paralelos e perpendiculares” (António Quaresma). A povoação, centro de forte atração turística, ainda conserva muitas das características arquitetónicas setecentistas.

Atualmente, os métodos construtivos da arquitetura tradicional rural ainda são visíveis na Aldeia de Santa Margarida da Serra, na Aldeia de Melides, ambas no concelho de Grândola e na aldeia de Santa Susana (Alcácer do Sal). Esta última remonta, pelo menos, ao século XVI. No século XX, dois proprietários agrícolas construíram uma série de casas para os seus empregados. Mais tarde, estes começaram a comprar as casas que habitavam, dando mais estabilidade habitacional a esta aldeia, que tem como principal atividade a agricultura. Das suas características ressalta a esquadria das suas ruas e a brancura das casas debruadas a azul forte. Dos tradicionais Montes, espaços importantes enquanto sede de produção agrícola, o destaque, no concelho de Odemira, vai para o Monte do Reguengo, situado na estrada que liga Odemira a S. Luís, devido ao interesse arqueológico que tem (sepulturas). Destaca-se também o Monte das Pretas em S. Martinho das Amoreiras (Odemira).

Como exemplo de vila rural, abastada, temos o Torrão (Alcácer do Sal), também conhecida como a vila dos sete brasões, dadas as inúmeras casas apalaçadas e brasonadas. Esta vila rural constitui um dos mais belos conjuntos de arquitetura popular do Concelho de Alcácer, com as suas casas caiadas de branco e ruas sinuosas e calcetadas, que encantaram e inspiraram o escritor Bernardim Ribeiro.

O Alentejo Litoral é, a par da tradição, uma região de modernidade. Acontecimentos políticos pautaram o desenrolar de ideais progressistas logo no «final do séc. XIX e inícios do séc. XX. Foi palco de múltiplas intervenções republicanas, pugnando pela independência e espírito democrático, sobretudo em Santiago do Cacém, Grândola (Dr. Jacinto Nunes) e Sines. Nestas localidades o 5 de outubro de 1910 foi preparado precoce e empenhadamente, contrariando a ideia de uma República ‘implantada por telégrafo a partir de Lisboa’».

A tomada de posição em defesa dos valores democráticos no antes e pós 25 de abril ficará eternizada na literatura neorrealista, como por exemplo Cerromaior, de Manuel da Fonseca (Santiago do Cacém) e pela Grândola, Vila Morena imortalizada na voz de Zeca Afonso.

O Festival de Músicas do Mundo (Sines) foi criado em 1999 com o objetivo de mostrar a diversidade das expressões musicais do mundo, remetendo para os contactos interculturais que as viagens dos navegadores proporcionaram. Atualmente, o festival, ultrapassa muito esta fundamentação histórico/cultural e acolhe um leque muito variado de géneros musicais e, conseqüentemente, um público muito heterógeno, que está sensibilizado para a descoberta.

Descoberta essa extensível a toda uma região que, como ficou demonstrado pela variedade, diversidade e abrangência patrimoniais que possui, detém um enorme potencial no sentido de proporcionar uma forte atratividade turística ao longo de todo o ano. Urge dar visibilidade e facilitar o acesso a esta riqueza e singularidade patrimonial, através da conexão de diferentes tipologias de produtos turísticos materializadas, por exemplo, em rotas integradas nas características ambientais, paisagísticas e culturais.

5.1.3. ALTO ALENTEJO

O Alto Alentejo é composto por quinze concelhos: Alter do Chão, Arronches, Avis, Campo Maior, Castelo de Vide, Crato, Elvas, Fronteira, Gavião, Marvão, Monforte, Nisa, Ponte de Sor, Portalegre e Sousel. Limitado a norte pela Beira Baixa, a noroeste pelo Médio Tejo, a oeste pela Lezíria do Tejo, a sul pelo Alentejo Central e a leste por Espanha (províncias de Cáceres e Badajoz).

Os recursos e eventos visitados e/ou abordados nas visitas técnicas à sub-região Alto Alentejo encontram-se descritos no quadro seguinte:

Quadro 33 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à sub-região do Alto Alentejo

ALTO ALENTEJO		
Recurso	Município	Localidade
Casa e Jardim do Álamo – Casa Museu e Museu do Território	Alter do Chão	Alter do Chão
Núcleo arqueológico Villa Romana Casa de Medusa	Alter do Chão	Alter do Chão
Estação Arqueológica de Alter do Chão - Ferragial d'El Rei	Alter do Chão	Alter do Chão
Castelo de Alter do Chão	Alter do Chão	Alter do Chão
Ruínas do Castelo de Alter Pedroso	Alter do Chão	Alter Pedroso
Museu do Cavalo da Fundação Alter Real	Alter do Chão	Tapada do Arneiro
Oficina-Museu Mestre Carolino (oficina de ferreiro)	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Busto de Salgueiro Maia	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Casa onde nasceu Salgueiro Maia	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Casa da Cidadania Salgueiro Maia	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Núcleo Museológico da Sinagoga de Castelo de Vide	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Centro de Interpretação do Megalitismo	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Semana Santa	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Museu de Arte Sacra Cónego Albano Vaz Pinto	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Castelo	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Mercado Medieval (SET – Praça D. Pedro V)	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Porta do Parque - Centro de Interpretação	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Núcleo Museológico de História e Arquitetura Militares de Castelo de Vide	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Garcia de Horta - futuro Centro de Interpretação	Castelo de Vide	Castelo de Vide
Menir da Meada	Castelo de Vide	Tapada do Cilindro - Santa Maria da Devesa
Festival Andanças (Barragem de Póvoa e Meadas)	Castelo de Vide	Póvoa e Meadas
Núcleo Museológico das Mantas e Tapeçarias de Belver	Gavião	Belver
Fornos Comunitários (ex: Vale Pedro Dias)	Gavião	Belver
PR1 "Arribas do Tejo"	Gavião	Belver
Castelo de Belver	Gavião	Belver
PR2 "Rota dos Moinhos"	Gavião	Atalaia

Recurso	Município	Localidade
Observatório de Avifauna do Outeiro	Gavião	Belver
Museu do Sabão	Gavião	Belver
Anta do Penedo Gordo	Gavião	Belver
Feira Medieval de Belver (JUN)	Gavião	Belver
Museu de Domingos da Vinha (Pão e Vinho)	Gavião	Domingos da Vinha - Belver
Centro Integrado de Lazer do Alamal	Gavião	Gavião
Mostra de Artesanato e Gastronomia (JUL)	Gavião	Gavião
Feira dos Cereais (OUT)	Gavião	Gavião
Mostra de Artesanato e Gastronomia (JUL)	Gavião	Gavião
Fornos de cal	Marvão	Diversas
Antas e Menires	Marvão	Diversas
Chafurdões e Choças	Marvão	Diversas
Castelo de Marvão	Marvão	Marvão
Museu Municipal - Centro de Interpretação do Concelho de Marvão (antiga Igreja de Santa Maria)	Marvão	Marvão
Casa da Cultura de Marvão (Câmara Velha)	Marvão	Marvão
Moinho da Cova - Centro de Interpretação Cultural e Ambiental (Praia fluvial do rio Sever)	Marvão	Portagem
Cidade Romana de Ammaia	Marvão	São Salvador da Aramenha
Rota Internacional do Contrabando do Café	Marvão	Galegos
Coudelarias e Ganadarias (visitas organizadas pelo Turismo)	Monforte	Diversas
Visitas Enogastrómicas (Adegas e Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Alentejana)	Monforte	Herdade da Coutada Real - Assumar
Miradouro de Monforte	Monforte	Monforte
Igreja Matriz (Capela dos Ossos)	Monforte	Monforte
Ruínas Romanas de Torre de Palma	Monforte	Monforte
Castelo de Monforte (vestígios)	Monforte	Monforte
Centro de Reprodução do Rafeiro do Alentejo	Monforte	Monforte
Igreja de Santa Maria Madalena - Museu Municipal	Monforte	Monforte
Ruínas da Igreja da Ordem terceira (Biblioteca da CMM)	Monforte	Monforte
Centro Interpretativo Tauromáquico em Monforte (projeto CMF)	Monforte	Monforte
Museu Regional do Barro e Bordado (polinucleado)	Nisa	Nisa
Termas da Fadagosa de Nisa	Nisa	Arez
Castelo de Amieira do Tejo	Nisa	Amieira do Tejo
Percurso Pedestres (ex. Caminho de Santiago, Trilhos do Conhal, Rota dos Açudes,...)	Nisa	Diversas
Capela da Santa Casa da Misericórdia de Galveias	Ponte de Sor	Gouveias
Albufeira de Montargil	Ponte de Sor	Montargil
Frente Ribeirinha de Ponte de Sor	Ponte de Sor	Ponte de Sor
Centro de Artes e Cultura	Ponte de Sor	Ponte de Sor
Moinhos de Rodízio	Ponte de Sor	Tramaga
Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino	Portalegre	Portalegre
Casa Museu José Régio	Portalegre	Portalegre
Casas Brasonadas (num total de 16)	Portalegre	Portalegre
Sé Catedral de Portalegre	Portalegre	Portalegre
Museu Municipal de Portalegre	Portalegre	Portalegre

Recurso	Município	Localidade
Espaço Robinson (Núcleo museológico da Igreja do Convento de São Francisco e Núcleo museológico da Fábrica Robinson)	Portalegre	Portalegre
Rebuçados de Ovos	Portalegre	Portalegre

Fonte: Própria

A região raiana possui um rico património cultural e patrimonial que possibilita o desenvolvimento turístico sustentável orientado para turistas com motivações muito diferenciadas. A atratividade desta sub-região alentejana assenta em vários eixos que facilmente se articulam: os espaços de vivência e convivência desde a Pré – História, passando pela ocupação romana, pela Reconquista – testemunhada pelas Ordens Religioso-militares e pelas fortalezas, castelos e conventos, tendo Elvas sido elevada a Património Mundial – e respetiva definição de fronteiras – com as batalhas e Convenções; pela presença judaica, pelas marcas da atualidade visíveis nos abundantes traços de ruralidade e nos conjuntos urbanos marcados, igualmente, pela arte contemporânea; pelas riquezas naturais – barro, granito, mármore e cal; pelos produtos agrícolas, cuja base assenta na trilogia mediterrânica – azeite, vinho e cereais – podendo ser apreendidos em centros de produção e interpretação espalhados um pouco por toda a região; pelas artes do fio – tapeçarias e bordados (Portalegre, Belver e Nisa) e pela gastronomia. Deste modo, a riqueza, variedade e diversidade do património cultural complementam-se com os produtos oriundos da terra.

O Alto Alentejo foi, pois, moldado pela presença de vários povos que, ao longo dos séculos, se instalaram nas suas terras e as modelaram com a sua cultura e tradições. A região é muito rica do ponto de vista arqueológico denunciando uma realidade bastante complexa e diversa. As gravuras rupestres (Nisa) e as pinturas rupestres (Arronches) testemunham ocupação muito antiga. A cultura megalítica, de onde se destacam os menires e as antas, pontuam sistematicamente a paisagem. Muitas antas, classificadas como Monumento Nacional em 1910, encontram-se bastante documentadas *in situ*: antas da Espadaneira, do Vale d’Anta, do Couto dos Enchares, Grande do Tapadão, dos Penedos de São Miguel, da Tapada dos Canchos, do Crato (Crato); anta do Penedo Gordo (Gavião); antas da Cabeça Gorda, de D. Miguel, da Barbacena (Elvas); antas da Casa de Galhardos, da Coutada de Alcogulo, da Fonte do Mouratão, da nave do Grou, (Castelo de Vide); anta da Vila (Nisa); necrópole Megalítica da Herdade Grande (Fronteira); anta de xisto (Sousel); conjunto megalítico das antas do concelho de Monforte; conjunto

megalítico da Ordem (Avis). Em Castelo de Vide, além das antas, encontramos o Menir da Meada e o Centro de Interpretação do Megalitismo. O Povoado Pré-Histórico de Santa Vitória (Campo Maior), ocupado durante a primeira metade do III^o milénio a.C., testemunha a armazenagem de alimentos, a transformação de cereais e a existência de tecelagem.

Dispersos por toda a região encontram-se os vestígios da ocupação romana: no eixo Marvão – Alter do Chão – Monforte, existe a cidade de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão); a ponte de Vila Formosa (estrada Alter do Chão – Ponte de Sor); a villa de Torre de Palma (estrada Monforte); o Núcleo Museológico da Igreja da Madalena (Monforte) e o Núcleo Museológico da Villa Romana da Casa da Medusa (Alter do Chão).

Acompanhar a Reconquista, a delimitação de fronteiras com a vizinha Castela e a consolidação da nacionalidade, é percorrer uma sucessão de praças fortes: os castelos com as suas vigilantes Torres de Menagem, fortes, atalhias e vilas fortificadas, edificadas em zonas elevadas, inacessíveis e com uma grande capacidade de domínio sobre as vastas planícies que daí se avistam. Perdido o carácter defensivo para o qual foram edificadas, perpetuam-se as magníficas e únicas paisagens: os castelos de primeira linha que constituíam o primeiro obstáculo ao invasor e marcavam a linha de fronteira com Castela – Castelo Vide, Marvão, Arronches, Ouguela (Campo Maior), Campo Maior e Elvas –; os castelos defensivos de segunda linha de apoio – Nisa, Alpalhão, Crato, Alegrete (Portalegre), Assumar (Monforte) e Monforte–. A paisagem acastelada marca, deste modo, a linha de fronteira entre os dois países, cujos limites foram duramente defendidos durante séculos em estreita colaboração entre os reis e as ordens militares.

Figura 68 – Castelo de Alter do Chão



Fonte: Própria

A Ordem de Calatrava / Ordem Portuguesa de Avis – primeira sede em Évora e depois em Avis – e a Ordem dos Hospitalários (Crato), atual Ordem de Malta, cuja sede se situou no Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa – atual Pousada, após reconversão, da autoria do arquiteto Carrilho da Graça –, contribuíram decisivamente, através das armas e do povoamento, para a manutenção do território que tinham à sua guarda. Pelas construções defensivo-militares que empreenderam e pelas inovações introduzidas deixaram marcas profundas na paisagem rural, ainda hoje perfeitamente observáveis. O Centro Interpretativo da Ordem de Avis, instalado no Mosteiro de S. Bento (Avis), recentemente inaugurado, destina-se ao estudo do património histórico e artístico afeto à Ordem de Avis, assim como a salvaguarda, a promoção e a divulgação do património material e imaterial relativo à mesma. A luta pela independência ficou, igualmente marcada, nas suas diversas fases pelas batalhas contra os castelhanos, que ocorreram nesta região: Atoleiros (Fronteira, 1384) ganha por Nuno Álvares Pereira, possuindo um Centro de Interpretação – da autoria do arquiteto Gonçalo Byrne – que ajuda a compreender o contexto e consequências da batalha; Linhas de Elvas (1659) durante a Restauração contra os objetivos de (re)conquista filipina.

Elvas, cidade fronteiriça estrategicamente situada, justamente apelidada de cidade-quartel, foi considerada, em 2012, Património Mundial da UNESCO. Foram classificadas as Muralhas Seiscentistas, os Fortes da Graça e de Santa Luzia, os Fortins de São Mamede, São Domingos e São Pedro, o Aqueduto da Amoreira, Cercas Medievais, edifícios militares e o Centro Histórico da antiga praça-forte. A existência de conventos em Elvas (S. Domingos, N.ª Sr.ª da Consolação, N.ª Sr.ª dos Mártires) marcou a sua gastronomia: sericaia e ameixas. Acrescente-se o bacalhau dourado.

Como a cidade não vive só do passado, apresenta equipamentos culturais que permitem compreender o presente: o Museu de Arte Contemporânea de Elvas, o Museu Militar de Elvas, o Museu Militar do Forte de Santa Luzia, o Museu Municipal da Fotografia – João Carpinteiro – e o Centro Interpretativo do Património.

Património, este, enriquecido com a vinda, nos finais do séc. XV, de judeus oriundos de Espanha que se refugiaram na zona raiana. Os Reis Católicos, Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, declararam o édito de expulsão a todos os que não se queriam converter ao Cristianismo, motivando a fuga para o país vizinho. Elvas, Campo Maior, Fronteira, Sousel, Crato, Portalegre, Marvão, Castelo de Vide e Nisa foram alguns

concelhos onde esta comunidade se fixou, dedicando-se aos ofícios e ao comércio. Elvas, pela quantidade de judeus que albergou e a sua importância social e económica, integra, juntamente com Castelo de Vide, a Rede de Judiarias de Portugal. Em Castelo de Vide os judeus construíram a Sinagoga e a Judiaria, modificando a fisionomia da vila, como é claramente perceptível ainda hoje.

Se a herança judaica é admirável, o legado cristão em todo o Alto Alentejo é riquíssimo com a construção de conventos e mosteiros: S. Francisco e Santa Clara (Portalegre – capital do barroco do Alto Alentejo), S. Bento (Avis), S. Domingos, N.ª Sr.ª da Consolação, N.ª Sr.ª dos Mártires (Elvas) e Flor da Rosa (Crato). O barroco mostra o seu esplendor na Igreja de S. João Batista (Campo Maior) e na Igreja e Santuário do Sr. Jesus da Piedade (Elvas), na Catedral de Portalegre, na Igreja do Convento de Santo António e na Igreja do Senhor Jesus do Outeiro (Alter do Chão), Monforte. No Museu dos Cristos (Sousel) e na Casa–Museu José Régio (Portalegre), podem admirar-se exemplares únicos testemunhos da devoção local e do espírito colecionista de particulares que se tornaram acessíveis ao público por doação ou por aquisição. O Museu de Arte Sacra (Campo Maior), propriedade da Fábrica da Igreja da Freguesia de São João Batista, propõe aos visitantes um percurso com base numa coleção de pinturas, imagens, peças de mobiliário e de ourivesaria, recolhidas em várias igrejas do concelho que constituem uma ilustração da religiosidade dos Campomaiorenses entre os séculos XVI e XX.

Figura 69 – Convento de Santa Clara - Portalegre



Fonte: Própria

O valor patrimonial e cultural dos centros urbanos de Portalegre, Elvas, Marvão, Castelo de Vide e Avis, com as suas casas requintadas a conviver com as mais simples, é complementado pelas marcas da ruralidade que são, indubitavelmente, uma realidade transversal a toda a paisagem. Abundam as aldeias históricas: Ouguela (Campo Maior), Amieira do Tejo, Arez, Pé da Serra (Nisa), Assumar, Vaiamonte, Santo Aleixo (Monforte), Flor da Rosa (Crato), Cabeço de Vide e Alter Pedroso (Alter do Chão). Em Marvão, Castelo de Vide, bem como em toda a Raia, as numerosas habitações rurais são complementadas pelas choças e pelos chafurdões, construções maioritariamente de planta circular e quadrangular – só raramente retangulares –, usadas atualmente como apoio agrícola, mas cuja função inicial ainda divide a opinião dos especialistas.

Figura 70 – Paisagem a partir das ruínas do castelo de Alter Pedroso



Fonte: Própria

Os ‘montes’ e as aldeias deslumbram com a inconfundível traça da arquitetura rural: casas baixas, chaminés altas, poucas aberturas, paredes grossas e caiadas, ostentando coloridas molduras, predominando o azul e o ocre. Fornos de cal podem ser ainda vistos na Serra de S. Miguel (Sousel) como testemunho de uma indústria que entrou em declínio depois do 25 de abril de 1974, mas que tem muito valor, como importante salvaguarda do imaginário coletivo da região.

Nos espaços rurais, a agricultura, a pastorícia e o trabalho no montado de sobreiros e azinheiras, elementos profundamente modeladores deste território, ditavam o ritmo dos dias e foram durante muito tempo as principais atividades a que se dedicava a população e que garantiam a sua subsistência. Inúmeros museus etnográficos, núcleos museográficos e Centros de Interpretação homenageiam a memória da vida nas aldeias, seus costumes e tradições. O montado associado ao universo fabril está presente na Fábrica Robinson, Portalegre, que foi, entre 1840 e 2009, espaço por excelência de transformação da cortiça. O Museu do Campo Alentejano (Avis), dedicado à temática do campo agrícola e do montado, permite uma incursão neste modo de vida. O Azeite (Templo do Azeite – Sousel, Centro Interpretativo da Identidade Local – Arronches, Lagar Visconde Olivã – Campo Maior), os cereais (Núcleo Museológico do Pão e do Vinho em Domingos da Vinha – Belver, Gavião) e o vinho (Portalegre, Avis, Campo Maior, Monforte, Sousel e Arronches – Rota de S. Mamede), são os produtos por excelência cultivados nesta região e constituem a base da alimentação numa diversidade em que o ‘requite’ das ervas de cheiro – orégãos, coentros, poejos, hortelã da ribeira, segurelha, tomilho, louro, etc. – e a imaginação fértil dos cozinheiros fazem verdadeiros prodígios. A variedade é tanta que se apresenta aqui apenas uma parte da ementa onde se aproveita tudo o que a natureza dá. Nos peixes destaca-se a lampreia do Tejo (Nisa e Gavião), alhada de sardinha, alhada de cação (Marvão), sopa de peixe do rio, beldroegas com bacalhau e ovos escalfados (Alter do Chão), achigã grelhado, sopa de cação (Avis). As migas, açordas e sopas são imprescindíveis em todo o Alentejo: migas de tomate (Alter do Chão), migas com entrecosto frito, sopa de tomate (Arronches), migas de miolos com carne de alguidar, migas de batata (Marvão), cozido de grão (Avis), sopa de entulho, sopa de sarapatel (Castelo de Vide), gaspacho, açorda (Crato); sopa de batata, sopa de poejo, sopas de tomate, açorda (Elvas); cachola à alentejana (Sousel – onde existe uma Confraria Gastronómica). Nas carnes o destaque vai para o porco aproveitado na sua totalidade, podendo ser consumido salgado, transformado em enchidos – existem produtores em Portalegre, Elvas, Arronches, Fronteira, Sousel – ou fresco: cachola de porco (Portalegre, Avis); sopa da panela e sarrabulho (Avis); gravaçada (Campo Maior), arroz de bucho (Gavião). O borrego é outro prato de eleição: ensopado ou assado no forno (Fronteira); chibo de cachafrito (Marvão). A caça também abunda: javali de molho ou ensopado (Gavião); pombo bravo estufado (Avis); lebre frita.

Terra de conventos é terra de doces de ovos, açúcar e amêndoa: boleimas de maçã (Castelo de Vide); sericaia com ameixas (Elvas); rebuçados de ovos e pastéis de Santa Clara (Portalegre); mimosos (Crato); cavacas (Avis). Existem ainda produtos com denominação de origem protegida (DOP): queijo (Nisa), azeitona de conserva (Elvas e Campo Maior), ameixas de Elvas, castanhas de Marvão, azeite do Norte Alentejano (Sousel, Santo Amaro, Borba, Redondo e Reguengos de Monsaraz – abrange parte do Alentejo Central).

Ao terminar a refeição nada melhor que um café. Atividade industrial a que se dedica a população de Campo Maior e cujo processo, do grão à chávena, pode ser acompanhado no Centro da Ciência do Café, inaugurado em 2014, nesta vila.

Café que foi um produto de contrabando por excelência. As gentes da raia complementavam os magros proventos vindos da terra com a atividade do contrabando, cuja memória se preserva através da tradição oral e das rotas – Nisa, Marvão, Castelo de Vide, Campo Maior – que qualquer viajante pode fazer e que são, evidentemente, transfronteiriças. A literatura immortalizou esta arriscada e audaciosa ‘profissão’. Branquinho da Fonseca, um dos presenciistas que morou no Alto Alentejo (Marvão) –, tal como Francisco Bugalho (Castelo de Vide), Mário Saa (Ervedal – Avis) e José Régio (Portalegre) –, dedica-lhe algumas páginas do seu conto ‘O Conspirador’ (1938), permitindo fazer o percurso entre Marvão e Valência de Alcântara, acompanhando os temores, os riscos e também os obstáculos naturais com que se deparava esta gente que, para sobreviver, comprometia, a cada momento, a própria vida.

Os intervalos das tarefas agrícolas foram ainda ocupadas no fabrico de objetos que se transformaram em verdadeiras obras de arte e que adquiriram, com o tempo, projeção internacional. A terra fornece a matéria-prima básica como é o caso das ‘barreiras’ da Flor da Rosa e dos barros de Nisa, decorados com quartzo recolhido na Serra de S. Miguel (Museu do Bordado e do Barro de Nisa). Os bordados de Nisa são conhecidos pela variedade de desenho, técnicas de execução e possibilidades de aplicação. O linho, algodão e a lã são os materiais utilizados nos alinhavados, bilros, frioleiras, xailes, cobrejões ou cobertores bordados, aplicações em feltro, entre outros. Com a lã de ovelha branca e negra fazem-se, nos teares, as mantas (Núcleo Museológico de tecelagem e mantas de Belver, Gavião), que decoram paredes, cobrem camas e servem de tapetes.

A lã, nas suas múltiplas paletas de cores, é a base da sofisticada tapeçaria de Portalegre (Manufatura de Guy Fino), nascida nos anos 20 do século passado, que permite a reprodução fiel de obras de grandes nomes da pintura e cujas obras-primas se encontram um pouco por todo o mundo.

O Alto Alentejo é, incontestavelmente, uma zona de amplos e heterogéneos recursos culturais e patrimoniais. Faculta, por isso mesmo, uma oferta turística bastante diversificada capaz de abranger o interesse de diferentes públicos-alvo, o que constitui uma mais-valia de suporte à atração do visitante, permitindo a dinamização de atividades conexas. A atratividade territorial passará, igualmente, por uma maior e mais eficaz preservação/proteção, recuperação, valorização, promoção e desenvolvimento dos recursos patrimoniais/culturais, por uma dinamização das atividades culturais e otimização da interação entre estes recursos, atividades e o património natural.

5.1.4. ALENTEJO CENTRAL

O Alentejo Central é constituído por 14 municípios (Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Mora, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa), onde Évora, cidade que atravessou mais de dois milénios, detém uma posição centrípeta neste vasto território.

No quadro seguinte, inventariam-se os recursos e eventos visitados e/ou abordados durante as visitas técnicas à sub-região Alentejo Central.

Quadro 34 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à sub-região do Alentejo Central

ALENTEJO CENTRAL		
Recurso	Município	Localidade
Castelo do Alandroal	Alandroal	Alandroal
Fortaleza de Juromenha	Alandroal	Juromenha
Santuário de Nossa Senhora da Assunção da Boa Nova	Alandroal	Terena
Santuário Endovénico Rocha da Mina	Alandroal	S. Miguel da Mota - Terena
Castelo de Terena	Alandroal	Terena
Castelo de Arraiolos	Arraiolos	Arraiolos
Pousada Convento de Arraiolos - Nossa Sra. da Assunção	Arraiolos	Arraiolos
Igreja da Misericórdia	Arraiolos	Arraiolos
Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos	Arraiolos	Arraiolos
Pousada Convento de Arraiolos – Nossa Sra. da Assunção	Arraiolos	Arraiolos
FRACCOOP - Fraternidade Cooperativa de Artesanato de Tapetes de Arraiolos	Arraiolos	Arraiolos
Centro interpretativo do Mundo Rural	Arraiolos	Vimeiro
Aldeia da Terra – Jardim de esculturas	Arraiolos	Quinta das Canas Verdes, Estrada das Hortas
Fornos de cal	Borba	Barro Branco
Passos Processionais (Estações da Via Sacra: 4 capelas de inspiração Barroca)	Borba	Borba
Festa da Vinha e do Vinho (NOV)	Borba	Borba
Adegas e Tascas	Borba	Borba
Convento das Servas de Cristo	Borba	Borba
Igreja de São Bartolomeu	Borba	Borba
Capela do Senhor Jesus dos Aflitos	Borba	Borba
Fonte das Bicas	Borba	Borba
Parque Temático do Mármore (Jardim Municipal)	Borba	Borba
Forno Comunitário	Borba	Orada
Padrão da Batalha de Montes Claros	Borba	Rio de Moinhos
Ermida Nossa Senhora da Vitória (Padrão Comemorativo da Batalha de Montes Claros)	Borba	Rio de Moinhos
Museu Municipal de Estremoz Professor Joaquim Vermelho	Estremoz	Estremoz
Museu Rural de Estremoz	Estremoz	Centro Cultural e Associativo Dr. José Lourenço Marques Crespo

Recurso	Município	Localidade
Igreja de São Francisco (Capela de D. Fradique de Portugal no interior)	Estremoz	Estremoz
Convento de São João da Penitência ou Convento das Maltezas (claustro)	Estremoz	Estremoz
Conjunto Monumental da Alcáçova de Estremoz - Capela da Rainha Santa Isabel	Estremoz	Estremoz
Convento dos Congregados (Convento de N.ª Sr.ª da Conceição dos Congregados do Oratório de S. Filipe Nery)	Estremoz	Estremoz
Igreja de Santa Maria	Estremoz	Estremoz
Conjunto Monumental da Alcáçova de Estremoz - Castelo (Pousada Rainha Santa Isabel)	Estremoz	Estremoz
Conjunto Monumental da Alcáçova de Estremoz - Muralhas Medievais - Porta da Frandina	Estremoz	Estremoz
Conjunto Monumental da Alcáçova de Estremoz - Muralhas Medievais - Porta de Santarém	Estremoz	Estremoz
Conjunto Monumental da Alcáçova de Estremoz - Torres da Couraça	Estremoz	Estremoz
Portas e baluartes da 2.ª linha de fortificações - Porta de Évora	Estremoz	Estremoz
Portas e baluartes da 2.ª linha de fortificações - Porta de Santa Catarina	Estremoz	Estremoz
Portas e baluartes da 2.ª linha de fortificações - Porta de Santo António	Estremoz	Estremoz
Portas e baluartes da 2.ª linha de fortificações - Porta dos Currais	Estremoz	Estremoz
Centro de Ciência Viva de Estremoz	Estremoz	Estremoz
Galeria Municipal D. Dinis (Artes Plásticas)	Estremoz	Estremoz
Castelo de Évoramonte	Estremoz	Évora Monte
Casa da Convenção de Évoramonte	Estremoz	Évora Monte
Villa Romana de Santa Vitória do Ameixial	Estremoz	Santa Vitória do Ameixial
Padrão da Batalha do Ameixial	Estremoz	Santa Vitória do Ameixial
Antas da Serra d'Ossa (várias)	Estremoz	Serra d'Ossa
Museu Casa Agrícola José M. Matos Cortes	Estremoz	Vieiros
Castelo de Vieiros (particular; Imóvel de Interesse Público)	Estremoz	Vieiros
Acrópole (Templo Romano, Catedral, Igreja e Convento dos Lóios – Pousada Convento de Évora)	Évora	Évora
Igreja de S. Francisco - Capela dos Ossos, Palácio D. Manuel (Galeria de Arte)	Évora	Évora
Muralha Romana/Árabe	Évora	Évora
Arco D. Isabel	Évora	Évora
Praça de Giraldo e artérias adjacentes	Évora	Évora
Aqueduto da Água da Prata	Évora	Évora
Museu das Carruagens	Évora	Évora
Torre de Alconchel	Évora	Évora
Universidade de Évora (Colégio/Igreja do Espírito Santo)	Évora	Évora
Recinto Megalítico dos Almendres	Évora	Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe
Anta Grande do Zambujeiro	Évora	Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe
Ermida Nossa Senhora da Visitação	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo
Feira do Pão e Doçaria de Montemor-o-Novo (MAI)	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo
Convento de São Domingos - Núcleo Museológico do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo
Núcleo do Castelo de Montemor-o-Novo (Castelo e Centro Interpretativo na Igreja de São Tiago)	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo
Núcleo do Castelo de Montemor-o-Novo (Igreja de São Tiago)	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo
Centro Interpretativo da Gruta do Escoural	Montemor-o-Novo	Santiago do Escoural
Núcleo do Castelo de Montemor-o-Novo (incluindo Convento N.ª Sr.ª da Saudação)	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo

Recurso	Município	Localidade
Núcleo de Interpretação Ambiental do Sítio de Cabrela e Monfurado	Montemor-o-Novo	EN 253 (Montemor-o-Novo - Alcácer do Sal)
Megalitismo – Antas, menires, Tholos	Montemor-o-Novo	Diversas
Castelo de Portel	Portel	Portel
A Bolota - Pavilhão Temático	Portel	Portel
Feira do Montado (NOV)	Portel	Portel
Festival Internacional do Folclore (AGO)	Portel	Portel
Congresso das Açordas (MAR)	Portel	Portel
Feira Medieval de Portel (SET/OUT)	Portel	Portel
Ermida de São Brás	Portel	Portel
Igreja de S. Pedro de Vera Cruz	Portel	Vera Cruz de Marmelar
Antas (Vidigueira, Candieira, Dessouras, Tessouras)	Redondo	Redondo
Convento de São Paulo – Hotel Museu	Redondo	Serra d’Ossa
Castelo do Redondo - Prédio militar n.º 1, constituído por restos de muralha e torre de menagem	Redondo	Redondo
Museu Regional do Vinho de Redondo	Redondo	Redondo
Olarias do Redondo	Redondo	Redondo
Museu do Barro de Redondo	Redondo	Redondo
Ecomuseu de Redondo	Redondo	Estrada Nacional 524
Cromeleque do Xerez	Reguengos de Monsaraz	Monsaraz
Antas do Olival das Pegas	Reguengos de Monsaraz	Monsaraz
Castelo de Monsaraz	Reguengos de Monsaraz	Monsaraz
Castelo de Monsaraz - Museu do Fresco	Reguengos de Monsaraz	Monsaraz
Castelo de Monsaraz - Casa da Inquisição	Reguengos de Monsaraz	Monsaraz
Castelo de Monsaraz - Judiaria	Reguengos de Monsaraz	Monsaraz
Olarias de São Pedro do Corval	Reguengos de Monsaraz	São Pedro do Corval
Olaria Patalim (com núcleo Museológico)	Reguengos de Monsaraz	São Pedro do Corval
Rocha dos Namorados (afloramento de granito)	Reguengos de Monsaraz	São Pedro do Corval
Museu do Chocalho	Viana do Alentejo	Alcáçovas
Paço dos Henriques	Viana do Alentejo	Alcáçovas
Jardim e Capela das Conchas (Igreja de Nossa Senhora da Conceição)	Viana do Alentejo	Alcáçovas
Centro de Cante e do Saber de Viana do Alentejo	Viana do Alentejo	Viana do Alentejo
Igreja Matriz de N.ª Sr.ª da Anunciação (Castelo)	Viana do Alentejo	Viana do Alentejo
Castelo de Viana do Alentejo	Viana do Alentejo	Viana do Alentejo
Santuário de Nossa Senhora de Aires	Viana do Alentejo	Viana do Alentejo (a 3 km)
Tapada do Castelo de Vila Viçosa	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Igreja de Nossa Senhora da Conceição	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Paço Ducal de Vila Viçosa	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Castelo de Vila Viçosa	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Palácio Matos Azambujo	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Igreja e Convento dos Agostinhos	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Floribela Espanca	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Casa Museu Bento de Jesus Caraça	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Museu Agrícola e Etnográfico de Vila Viçosa	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Museu do Mármore de Vila Viçosa	Vila Viçosa	Vila Viçosa

Recurso	Município	Localidade
Museu Biblioteca da Casa de Bragança	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Museu da Caça (Castelo)	Vila Viçosa	Vila Viçosa
Museu de Arqueologia (Castelo)	Vila Viçosa	Vila Viçosa

Fonte: Própria

Sub-região do Alentejo caracterizada pela sua planura, numa horizontalidade apreciada por fotógrafos e pintores, encontra-se enquadrada pelo Alto Alentejo, a norte, pelo Alentejo Litoral e pela Área Metropolitana de Lisboa, a oeste, pelo Baixo Alentejo, a sul e pela província raiana de Badajoz, a leste.

A serra d'Ossa, localizada entre os municípios de Estremoz e Redondo (orientação NO-SE), representa a mais importante elevação deste vasto território. O clima seco e quente, com a exceção da Serra D'Ossa, que alimenta o montado de sobro e azinho, marca uma vasta área de pastagem e de sequeiro, onde se associam rebanhos de ovelhas, searas e a mancha amarela dos campos de girassóis, banhados pelo rio Xarrama e pela ribeira das Alcáçovas, entre outros cursos de água. Povoamento esparsa, de pequena dimensão e fortemente concentrado equilibra-se com as grandes herdades/montes. O grande lago artificial do Alqueva veio alterar a fisionomia agrícola e urbana, criando novas valências e oportunidades para o turismo cultural e ambiental.

Évora, cidade centrípeta, marca uma crescente urbanidade, com forte implantação industrial, determinante de um crescimento de novas subúrbes a ela ligadas. A crescente importância ao longo do tempo permite-lhe oferecer ao visitante um percurso que se inicia na pré-história, caminhando lenta mas seguramente até à contemporaneidade, justificando, assim, a sua classificação como Património da Humanidade pela UNESCO em 1986.

A permanência humana em Évora remonta à Pré-História, o que transforma esta cidade numa unidade urbana com forte identidade, visível no seu crescimento e nas diferentes manifestações arquitetónicas e culturais. Évora pode gabar-se da sua história urbana e arquitetónica, única no país, fazendo dela um perfeito deleite para o visitante, pois as ofertas são múltiplas e referenciais, e únicas em muitos casos. O visitante, ao deambular pela cidade e suas cercanias, dispõe de vários itinerários temáticos, dos quais destacamos o megalítico, nas proximidades de Évora (cromeleque dos Almendres e Anta do Zambujeiro), o romano (templo, termas, museu), o medieval (S. Francisco – espécime

único no território nacional –, Palácio do Conde de Basto, Palácio Cadaval, Sé Catedral), o tardo-gótico (palácio de D. Manuel, Portas de Moura), o renascentista e maneirista (Igreja da Graça, o Colégio e Igreja do Espírito Santo – que constituíam a universidade jesuíta desde o séc. XVI –, as Casas Pintadas, o Convento do Bom Jesus de Valverde, a Igreja de S. Antão), o barroco religioso (conventos do Carmo, do Calvário, de Santa Clara, da Cartuxa, a Capela dos Ossos na Igreja de S. Francisco), o séc. XIX com os seus restauros e renovações urbanas, sem descurar o séc. XX (Carlos Ramos – Tribunal; Siza Vieira – Bairro da Malagueira; Hestnes Ferreira – Museu). Estes itinerários entrecruzam-se com os mais especializados, destacando-se os da talha dourada ou do azulejo; o primeiro presente na maioria dos espaços religiosos da cidade, o segundo transversal a esses espaços e aos novos espaços civis. Não devemos esquecer os inúmeros locais que propõem uma gastronomia local alicerçada na carne de porco e de borrego, no azeite, no pão, nos produtos da horta e nas ervas aromáticas, devidamente regados pelos excelentes e premiados vinhos alentejanos, oriundos de zonas como o Redondo, Alandroal ou Borba, e na doçaria de origem conventual, maioritariamente. A apreciação do património urbano não nos deve fazer esquecer a importância que esta cidade teve nas letras e na música. Garcia de Resende (restam as janelas da casa onde morou e o seu túmulo no Convento do Espinheiro), Frei Manuel do Cenáculo, um dos mais prestigiados colecionadores e arqueólogos setecentistas e que deu o seu nome à Biblioteca Pública, rica em documentação, desde a medieval à contemporânea, e os festivais de música erudita. Ao visitante resta explorar todas estas possibilidades, lembrando que a cidade oferece alguns espaços expositivos de rara sensibilidade, como o antigo Real Celeiro Comum e o Museu de Évora, desdobrado em Museu de Arte Sacra, por Carrilho da Graça. O Alentejo Central apresenta atualmente uma dinâmica cultural e turística alicerçada nos seus elementos mais singulares e identitários. Tendo como denominador comum a terra, e tudo o que ela produz, será este o vetor que enformará a perceção patrimonial desta região.

As atividades performativas, com forte interação com a população local, têm encontrado nos municípios desta sub-região bom acolhimento, destacando-se O Espaço do Tempo, projeto de artes performativas de Rui Horta, e consequente ligação à comunidade, localizado no Convento da Saudação (Montemor-o-Novo). Em Viana do Alentejo, a autarquia promove o Almoço dos Ganhões e a Oficina do Feltro, como forma de integrar

o visitante em práticas ancestrais locais. E recuperou, com a autarquia da Moita, a romaria a cavalo que liga a igreja de N.ª Sr.ª da Boa Viagem, neste município, ao Santuário de N.ª Sr.ª de Aires, nas proximidades de Viana do Alentejo.

A História relacionada com a terra remete para antigas práticas religiosas, onde o Homem procura entender forças que não domina. As pinturas parietais da gruta do Escoural (explicadas no Centro de Interpretação, Santiago do Escoural) e os vários megálitos que se erguem neste território atestam essa procura, respondendo a diferentes tipologias. Desde as Antas-Capela de S. Dinis, em Pavia, e de S. Brissos, em Santiago do Escoural, exemplos de cristianização de espaços pagãos, às múltiplas antas e menires nos municípios de Montemor-o-Novo (Antas do Paço, Anta grande da Herdade da Comenda da Igreja, Anta do Estanque, Tholos do Escoural, entre outras), Évora (Anta Grande do Zambujeiro, a maior da Península Ibérica, Cromeleque e Menir dos Almendres, salientando-se o Centro Interpretativo Megalithica Eborá do Convento dos Remédios), Alandroal (Anta de Santiago Maior), Redondo (Anta da Vidigueira, Anta da Herdade das Dessouras, Anta da Herdade da Candieira) e Monsaraz (conjunto megalítico da Herdade do Xarez, do Olival da Pega, Menires do Outeiro e da Abelhoa, Cromeleque dos Perdigões – Museu Arqueológico do Complexo dos Perdigões –, Museu Megalítico José Maria da Fonseca), estas manifestações são a resposta do Homem às forças telúricas que o rodeiam e um desafio à sua interpretação.

Figura 71 – Anta do Conjunto Megalítico de Olival da Pega (Monsaraz)



Fonte: Própria

Esta relação íntima entre a terra e o Homem tem sido entendida pelas autarquias como um meio de perdurar a memória de práticas ancestrais e contemporâneas do saber fazer. A dimensão do trabalho rural e das tecnologias com ele relacionadas motivaram a criação de vários espaços museais cujo intuito, para além de preservação, é a da integração da população nestes projetos.

Figura 72 – Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos



Fonte: Própria

O Centro Interpretativo do Mundo Rural de Arraiolos, o Museu Casa Agrícola José M. Matos Cortes e o Museu Escola de Veiros (Estremoz), o Lagar-Museu de Borba, o Museu Agrícola Etnográfico de Vila Viçosa, o Museu da Luz, na nova Aldeia da Luz (Mourão), ou o Ecomuseu do Redondo mostram o caminho trilhado em novos conceitos museológicos. Integrando estes projetos, mas numa vertente mais especializada, o Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos defende a identidade única deste bordado de lã, tal como outros espaços defendem e valorizam a olaria e a sua especificidade local, onde destacamos o Mundo Rural e o Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho, de Estremoz – a preservação e divulgação dos bonecos de Estremoz, que caracterizam a sociedade e a economia locais –, o Museu do Barro do Redondo, as olarias de Viana do Alentejo e a Casa do Barro em S. Pedro do Corval (Reguengos de Monsaraz).

Figura 73 – O Oleiro e a olaria – São Pedro do Corval

Fonte: Própria

A paisagem natural tem sido alvo de preocupações ambientais e da sua preservação, configurando novas abordagens de carácter ecológico. Cabrela e Monfurado (Montemor-o-Novo) dispõem de um Núcleo Interpretativo Ambiental, com passeios pedestres que permitem a descoberta do seu património natural. O Parque Ecológico do Gameiro, com o seu Centro Interpretativo Ambiental, onde se integra o Fluviário de Mora e a Pista Internacional de Pesca Desportiva de Mora (Campeonatos do Mundo de Pesca Desportiva de Veteranos e Deficientes em 2014), o Centro de Ciência Viva de Estremoz, o Roteiro do Alqueva (moinhos de abóbada e de telhado), o Ecomuseu e os percursos ambientais do Redondo, apontam para as novas valências ecológicas e ambientais que o Alentejo Central tem vindo a desenvolver.

A oferta de novas atividades, direcionadas para um nicho de mercado cultural em crescimento, motivou, em Lavre (Montemor-o-Novo, localidade onde decorre a ação de Levantado do Chão, de José Saramago, a apresentação de um roteiro triangular, baseado nesta obra, entre Montemor-o-Novo, Lavre e Vendas Novas. Casas-Museu têm vindo a surgir enquadrando-se nesta oferta, destacando-se a de Manuel Ribeiro de Pavia (Pavia - Mora), pintor neorrealista e a de Bento de Jesus Caraça, matemático e político (Vila Viçosa). Este enfoque em novas áreas não impediu o surgimento de novos museus, procurando alertar para espólios pouco conhecidos. Destacaremos o renovado Museu de

Évora, o Pólo Museológico Azinhal Abelho, que estuda e divulga os Bonecos da Orada (Borba), na linha da tradição do teatro de Bonecos de Santo Aleixo, ou os Núcleos Museológicos do Paço de Vila Viçosa, bem como o mármore, com o respetivo Museu nesta vila, e o Cevalor - Centro Tecnológico da Pedra Natural de Portugal, em Borba.

Figura 74 – Paço Ducal – Vila Viçosa



Fonte: Própria

A religiosidade alentejana mereceu a construção de um conjunto significativo de Santuários. Localizado em Brotas (Mora), o Santuário de N.^a Sr.^a, revestido por invulgar coleção de azulejos do séc. XVII, integra os Santuários Marianos do Alentejo: N.^a Sr.^a de Aires (Viana do Alentejo), que relançou a romaria a cavalo já aludida antes, que se realiza no quarto fim de semana de abril, e onde a Virgem é transportada na romaria; N.^a Sr.^a da Boa Nova, em Terena (Alandroal), única igreja-fortaleza do séc. XIV; N.^a Sr.^a da Conceição, Rainha e Padroeira de Portugal, e N.^a Sr.^a da Lapa, em Vila Viçosa; N.^a Sr.^a de Entre Águas, em Benavila (Avis); N.^a Sr.^a da Visitação, em Montemor-o-Novo e o Sr. Jesus da Piedade, em Elvas. N.^a Sr.^a do Castelo, em Coruche, e Santo Cristo dos Mártires, em Alcácer do Sal, também se enquadram nestes Santuários.

Território de transição na Idade Média, sujeito a ataques, quer de muçulmanos, quer de castelhanos, mereceu dos reis a estruturação de uma linha defensiva que se estendeu pelos sécs. XVII e XVIII. O trecentista Castelo de Montemor-o-Novo (que resistiu às investidas de Junot durante as Guerras Peninsulares), o Castelo e Alcáçova de Estremoz, conjunto monumental onde sobressai a alta torre de menagem de 1260, e uma das

praças-fortes do Alentejo durante a Guerra da Restauração, o Castelo de Borba, perto do qual se travou a Batalha de Montes Claros, em 1665, o Castelo Artilheiro de Vila Viçosa, cujo modelo terá sido definido por Leonardo da Vinci e aqui aplicado, de acordo com as então mais recentes técnicas de pirobalística, por Benedetto da Ravenna, mais tarde adaptado ao modelo abaluartado por Schomberg, o Castelo de Alandroal e a porta do Castelo de Redondo proporcionam uma leitura dos modelos defensivos adotados ao longo dos séculos.

Figura 75 – Vista Panorâmica da Torre de Menagem de Estremoz



Fonte: Própria

O complexo Castelo de Monsaraz, de raiz medieval e subsequente modernização seiscentista, segundo modelo abaluartado de Vauban, ou o Castelo de Mourão, apresentam-se como exemplos das estruturas abaluartadas de que Elvas será o expoente máximo. O Castelo de Portel, inovador ao se inspirar no Castelo de Angers, apresenta uma planta heptagonal e o mais simples Castelo de Viana do Alentejo, são exemplos de estruturas defensivas que, por todo o Alentejo Central, se encarregavam de organizar e ancorar a defesa deste vasto território, tal como, em menor escala, os castelos de Juromenha e de Terena (Alandroal), de Valongo e de Évora (Évora) e de Veiros (Estremoz). A tardo-gótica Torre das Águias (Brotas), construção habitacional, afirma-se como uma estrutura de afirmação da ascensão social de uma nobreza fronteira, tal como as torres dos Coelheiros (Évora), do Esporão (Reguengos de

Monsaraz), de Val-Boim (Portel) e da Vidigueira (Reguengos de Monsaraz), sem esquecer o Castelo de Azinhalinho (Reguengos de Monsaraz), futuros paços senhoriais.

Figura 76 – Vista parcial do Castelo de Viana do Alentejo



Fonte: Própria

O Alentejo Central foi produtor de trigo. A descoberta de estruturas moageiras localizadas em cursos de água são motivo para passeios pedestres à descoberta dos moinhos e azenhas nas Ribeiras de Seda, de Raia ou de Tera, ou descobrir os centenários moinhos submersíveis de abóbada e de telhado ao longo do Guadiana/Alqueva, nas proximidades de Monsaraz. A industrialização oitocentista irá assistir ao aparecimento de grandes estruturas moageiras, como a fábrica dos Leões em Évora, entretanto recuperada pelos arquitetos Inês Lobo e Ventura Trindade para aí se instalar o Departamento de Artes Visuais, Escultura, Multimédia, Pintura e Design e o Curso de Arquitetura da Universidade de Évora.

A riqueza que este Alentejo soube construir é testemunhada pelas diferentes estruturas religiosas erigidas nos principais aglomerados urbanos. As igrejas matrizes assumem uma evidente presença física exterior, corroborada por interiores sumptuosos, onde o azulejo e a talha reinam. A sua grande maioria foi edificada depois do Concílio de Trento, determinando uma nova postura da Igreja, mais decorada e apelativa para o fiel. Grande número de conventos está forrado de azulejos, destacando-se os do séc. XVII do Santuário de N.^a Sr.^a de Brotas (Mora) e do Convento de S. Domingos, em Montemor-o-

Velho. O séc. XVIII, onde o azulejo historiado domina, está bem representado pelo Convento de S. Paulo da Serra d'Ossa, no Redondo, e no Convento dos Congregados, em Estremoz. Évora detém um grupo bem ilustrativo, destacando-se a Igreja da Misericórdia, o Colégio do Espírito Santo, a Igreja de S. João Evangelista e o Convento do Espinheiro. Entre outros exemplares, destacamos a Igreja de N.^a Sr.^a da Assunção, de Arraiolos, o Paço Ducal e o Convento das Chagas, de Vila Viçosa.

Se o revestimento azulejar é comum, já o fresco tem vindo a ser repensado como uma forma de decoração inovadora, porque atualizável consoante os programas religiosos dominantes. O Alentejo Central apresenta um conjunto invulgar de pequenos templos decorados, de que salientamos o Santuário de N.^a Sr.^a de Brotas, o Convento das Servas, de Borba, o Palácio Ducal de Vila Viçosa, o célebre fresco do Bom e do mau Juiz, em Monsaraz, as Ermidas de S. Brás e de S. Farausto de Oriola, em Portel, e a Igreja Matriz e a Ermida de N.^a Sr.^a da Piedade, em Viana do Alentejo.

Não deixa de ser sintomática a importância que se tem dado à recuperação e transformação de antigos conventos em unidades hoteleiras, recorrendo a arquitetos de renome. Desde o Convento/Pousada dos Loios (Rui Ângelo do Couto) e o Convento do Espinheiro (Gonçalo Byrne), em Évora, o Convento/Pousada de N.^a Sr.^a da Assunção em Arraiolos (José Paulo dos Santos), o Convento de S. Paulo da Serra d'Ossa (Redondo), o Convento/Pousada D. João IV (João de Almeida, Pedro Ferreira Pinto), em Vila Viçosa, ou a Pousada Rainha Santa Isabel, em Estremoz.

Figura 77 – Pousada/Convento Nossa Senhora da Assunção - Arraiolos



Fonte: Própria

As diferentes correntes arquitetónicas encontram, no Alentejo Central, palco para a criação de obras únicas. Em Portel, a Igreja de Vera Cruz de Marmelar encerra elementos decorativos moçárabes. A Sé de Évora apresenta uma invulgar estrutura interna, devidamente realçada pelo claustro. O Paço das Audiências, na Alcáçova de Estremoz, é exemplo de uma arquitetura civil gótica de poder. As capelas do Esporão (renascentista), das Relíquias e do Santíssimo Sacramento, de excepcional talha setecentista, recordam a importância da Sé de Évora para a nobreza local. O tardo-gótico, ou manuelino, apresenta excelentes exemplares, como a Matriz e o Castelo de Viana do Alentejo, sem esquecer o Palácio de D. Manuel, em Évora. A igreja do Bom Jesus de Valverde, próximo de Évora, é uma joia do maneirismo, a que podemos associar as Igrejas de St.^a Maria, Estremoz e de St.^o Antão, Évora. O Barroco, que se estende por largo período, produziu inúmeros exemplares, patentes em Borba, Redondo e Estremoz. Mas é a capela-mor da Sé de Évora que se destaca como ex-libris do barroco de Ludovice, arquiteto de Mafra. O séc. XIX não foi pródigo em novos projetos, antes se encarregou de reformar e restaurar edifícios religiosos e espaços. O séc. XX, em contrapartida, apresenta uma renovação urbana e arquitetónica determinante. Os caminhos de ferro apostam na decoração azulejar das várias estações. Se a arquitetura Português Suave do Estado Novo se manifesta parcamente, é a partir da 2^a metade do séc. XX que se iniciam as reabilitações urbanas dos centros históricos, conjugando modernidade e historicidade. Nomes como Siza Vieira (Bairro da Malagueira), Inês Lobo e Ventura Trindade (Complexo das Artes), Gonçalo Byrne (vários edifícios de habitação), Vítor Figueiredo (Escola Superior de Agronomia e Convento de N.^a Sr.^a dos Remédios), Carrilho da Graça (Museu de Arte Sacra e zona monumental de Évora), Hestnes Ferreira (Museu de Évora), na cidade de Évora, Atelier Promontório (Fluviário de Mora), Nuno Ribeiro Lopes (Mercado de Vendas Novas) e Michele Cannatá e Fátima Fernandes (Museu O Mundo Rural, Vimieiro – Arraiolos).

A gastronomia alentejana mantém uma relação próxima e simples com os produtos da terra. A elaboração de uma Carta Gastronómica do Alentejo permitiu a definição de receituários quanto às matérias-primas e à confeção. A simplicidade dos ingredientes determina receitas complexas, onde os diferentes sabores se interligam, mas respeitando-se as suas identidades próprias. É a arte de fazer melhor com menos. Ingredientes como o porco, o borrego ou a caça constituem parte integrante das carnes utilizadas. O azeite, o pão, o vinho e o peixe integram obrigatoriamente esta

gastronomia. O consumo de legumes, ervas aromáticas e de especiarias, algumas de origem romana e muçulmana, temperando e acompanhando carnes e peixes, devidamente sazoados com o azeite, são o exemplo dessa dieta mediterrânica tão apreciada, configurando confeções culinárias que remontam aos idos medievais.

As diferentes preparações da carne de porco alentejano, os enchidos, o fumeiro, elucidam-nos das capacidades de imaginação e tempero das gentes alentejanas. O pão ilustra a simplicidade de conjugar ervas aromáticas, especiarias e alho, com um fio de azeite, a que se podem acrescentar peixes ou bacalhau, para confecionar as açordas, ou com o pingo de unto da carne de porco frita, espargos bravos ou bacalhau, originando as migas. A massa de pimentão e a massa de pão são ingredientes que participam na elaboração de salgados e doces, respetivamente. As receitas não têm fronteiras entre as sub-regiões alentejanas. Encontramos pratos e bolos (bolos folhados, pupias, escarapiadas, bolos de torresmos, bolos de massa finta) com títulos semelhantes em diversos locais, mas há aqueles que se destacam nos respetivos concelhos. Assim, entre a doçaria, realçamos as queijadas do Alandroal, os pastéis de toucinho, as fatias paridas e a encharcada de Arraiolos, a sericá de Borba, o toucinho da madre abadessa e os bolos fintos de Estremoz, o morgado e as queijadas de Évora, as cernelhas e o pão de ló de Montemor-o-Novo, a lampreia de Mourão, os bolos de mel, rançoso e folhado de Portel, as filhoses e as farófias de Vendas Novas, os fritos de erva-doce e as sardinhas de Viana do Alentejo, e as filhós enroladas e a sericá ou sericaia de Vila Viçosa. Na gastronomia temos os pezinhos de coentrada de Arraiolos, as migas gatas de Borba, a sopa de tomate, a lebre estufada com nabos e a rechina de Estremoz, as perdizes de escabeche e em sopa seca, as burras assadas e as catacuzes de Évora, as sopas de beldroegas e de tomate de Montemor-o-Novo, a caldeirada e o ensopado de borrego, a sopa da panela de Portel, o cação limado e o cabrito assado no forno do Redondo, a sopa de grão com carne e o gaspacho de Reguengos de Monsaraz, a sopa alentejana e as bifanas de Vendas Novas, o feijão adubado e a mioleira de porco de Viana do Alentejo e a sopa de hortelã de Vila Viçosa.

As Mostras Gastronómicas da Caça e do Vinho Novo, de Cabeção (Mora), são um exemplo da divulgação deste património imaterial e imemorial.

O património imaterial não configura unicamente a gastronomia, englobando o Cante Alentejano, ligado às práticas agrárias, e o teatro de bonecos da Orada, na linha dos de Santo Aleixo, em perfeita sintonia com os pequenos povoados onde eram apresentados.

O Alentejo Central, no seu todo, apresenta um equilíbrio, quer natural, quer humano que se deteta nas suas múltiplas manifestações culturais, atribuindo-lhes condições de singularidade e unicidade indutoras de uma procura turística diferenciada.

5.1.5. BAIXO ALENTEJO

O Baixo Alentejo é composto por treze concelhos: Alvito, Aljustrel, Almodôvar, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Ourique, Serpa e Vidigueira.

Limitado a norte pelo Alentejo Central, a sul pelo Algarve, a oeste pelo Alentejo Litoral e a leste por Espanha (província de Huelva).

No quadro seguinte, identificam-se os recursos e eventos visitados e/ou abordados durante as visitas técnicas à sub-região Baixo Alentejo.

Quadro 35 – Recursos e Eventos visitados e/ou abordados na visita técnica à região do Baixo Alentejo

BAIXO ALENTEJO		
Recurso	Município	Localidade
PR1 – Na rota de Santa Águeda	Alvito	Alvito
Casa de Cante Papa Borregos	Alvito	Alvito
Portais Manuelino (20)	Alvito	Alvito
Castelo de Alvito	Alvito	Alvito
Semana Gastronómica “As Ervas da Baronia” (FEV e JUN)	Alvito	Alvito
Ermida de São Sebastião	Alvito	Alvito
De Prado Portugal	Beja	Baleizão
Rota do Pão (PR2)	Beja	Salvada
Caminhos da Cal (PR6)	Beja	Trigaches
Castelo de Beja	Beja	Beja
Museu Regional de Beja	Beja	Beja
Núcleo Museológico da Rua do Sembrano	Beja	Beja
Museu Regional de Beja - Núcleo Visigótico	Beja	Beja
Museu Jorge Vieira/Casa das Artes	Beja	Beja
Doces conventuais Porquinho Doce e Maltesinhos	Beja	Beja
Mariana Alcoforada - Casa onde nasceu	Beja	Beja
Mariana Alcoforada - Convento Nossa Senhora da Conceição	Beja	Beja
Herdade Monte Novo e Figueirinha	Beja	São Brissos
Villa Romana de Pisões	Beja	EN 18 - Penedo Gordo
Antigo Hospital da Misericórdia	Beja	Beja
Capela de Nossa Senhora da Piedade	Beja	Beja
Museu Episcopal de Beja (Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres)	Beja	Beja
Museu Botânico (Escola Superior Agrária de Beja)	Beja	Beja
Igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz	Beja	Beja
Igreja da Misericórdia	Beja	Beja
Museu do Seminário de Beja	Beja	Beja
Espaço Produção de Artesanato - Centro de Promoção do Património e do Turismo	Castro Verde	Castro Verde

Recurso	Município	Localidade
Espaço de ensaio do Cante - Centro de Promoção do Património e do Turismo	Castro Verde	Castro Verde
Basílica Real	Castro Verde	Castro Verde
Museu da Ruralidade	Castro Verde	Entradas
Igreja das Chagas do Salvador ou da Nossa Senhora dos Remédios	Castro Verde	Castro Verde
Moinho de Vento	Castro Verde	Castro Verde
Centro de Educação Ambiental da Liga para a Proteção da Natureza	Castro Verde	Herdade do Vale Gonçalves
Museu da Lucerna	Castro Verde	Castro Verde
Ermida de Nossa Sr. ^a de Aracelis	Castro Verde	Monte do Salto - São Marcos da Atabueira
Núcleo Etnográfico do Monte das Oliveiras	Castro Verde	Castro Verde
Centro Cultural Fialho de Almeida	Cuba	Cuba
Museu de Arte Sacra e Arqueologia da Santa Casa da Misericórdia de Vila Alva	Cuba	Vila Alva
Tesouro da Igreja Matriz de S. Vicente de Cuba	Cuba	Cuba
Insectozoo "Cappas"	Cuba	Vila Ruiva
Museu de Mértola - Núcleo Museológico do Mosteiro	Mértola	Amendoeira da Serra
Museu de Mértola - Núcleo de Tecelagem	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Forja do Ferreiro	Mértola	Mértola
Feira do Mel, Queijo e Pão (ABR)	Mértola	Mértola
Festival do Peixe do Rio (MAR)	Mértola	Mértola
Feira da Caça de Mértola (OUT)	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Núcleo da Basílica Paleocristã	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Núcleo da Achada de São Sebastião	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Núcleo Romano	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Núcleo Islâmico	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Núcleo da Arte Sacra	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Núcleo do Castelo	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Casa de Mértola (Posto de Turismo)	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Alcáçova	Mértola	Mértola
Igreja Matriz (antiga Mesquita)	Mértola	Mértola
Núcleo Museológico do Hotel Museu	Mértola	Mértola
Festival Islâmico (MAI 2 em 2 anos)	Mértola	Mértola
Residenciais artísticas - Convento de São Francisco	Mértola	Mértola
Museu da Água - Convento de São Francisco	Mértola	Mértola
Torre da Couraça (Rio)	Mértola	Mértola
Hamman e Casa Branca (Banhos e Chá em obra)	Mértola	Mértola
Azenhas do Guadiana	Mértola	Mértola
Museu de Mértola - Casa do Mineiro	Mértola	Mina de São Domingos
Praia Fluvial da Mina de São Domingos	Mértola	Mina de São Domingos
Mina de São Domingos	Mértola	Mina de São Domingos
Pulo do Lobo (Guadiana)	Mértola	Pulo do Lobo
Museu do Contrabando	Mértola	Santana de Cambas
Rouparias - Produção de Queijo	Serpa	Diversas
Rio Guadiana e Serra de Ficalho	Serpa	Diversos
Moinhos e Azenhas (ex: Moinho da Misericórdia em Serpa)	Serpa	Diversos

Recurso	Município	Localidade
Posto de São Marcos - Centro de Lazer e Educação Ambiental com Observatório Astronómico e da Natureza	Serpa	São Marcos
Casa do cante Alentejano	Serpa	Serpa
Feira do Queijo do Alentejo (FEV)	Serpa	Serpa
Museu Municipal de Arqueologia	Serpa	Serpa
Museu Etnográfico de Serpa	Serpa	Serpa
Museu do Relógio António Tavares d'Almeida	Serpa	Serpa
Palácio dos Condes de Ficalho (Monumento Nacional)	Serpa	Serpa
Igreja de Santa Maria	Serpa	Serpa
Castelo de Serpa	Serpa	Serpa
Musibéria - Centro Internacional de Músicas e Danças do Mundo Ibérico	Serpa	Serpa
Centro Histórico de Serpa (classificado como Conjunto de Interesse Público)	Serpa	Serpa
Jardim Municipal Eng.º Pulido Garcia (Jardim Botânico)	Serpa	Serpa
Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe	Serpa	Alto de São Gens
Festas de Nossa Senhora de Guadalupe (Páscoa) com Cortejo Histórico e Etnográfico	Serpa	Serpa
Feira Histórica (AGO)	Serpa	Serpa
Serpa Equestre (SET)	Serpa	Serpa
Festivais de verão (Serpa e Pias)	Serpa	Serpa e Pias
Museu de Vila Verde de Ficalho (arqueologia, etnografia e arte sacra)	Serpa	Vila Verde de Ficalho
Serra do Mendro	Vidigueira	Alcaria da Serra
Museu Municipal da Vidigueira	Vidigueira	Vidigueira
Padarias da Vidigueira	Vidigueira	Vidigueira
Adegas e Tabernas	Vidigueira	Vidigueira
Feira do Vinho e do Cante (ABR)	Vidigueira	Vidigueira
Ruínas Romanas de São Cucufate	Vidigueira	Vila de Frades
Escola Fialho de Almeida	Vidigueira	Vila de Frades
Casa Fialho de Almeida	Vidigueira	Vila de Frades
Museu Casa do Arco	Vidigueira	Vila de Frades

Fonte: própria

A cidade de Beja, sua capital, para além do crescimento populacional, relacionado com as atividades comercial e de serviços, tem assumido uma posição de liderança quer interterritorial, quer transfronteiriça. A agricultura assume uma dimensão quase idêntica à da indústria, sendo de destacar a área do olival. A este facto não é estranha a sua identidade cultural, alicerçada em vários investimentos em equipamentos e serviços culturais, com forte impacto na população residente e visitante.

Esta oferta de serviços e equipamentos, traduzida em diversos museus e espaços culturais com atividades diversificadas, tem contribuído para o aumento da capacidade hoteleira.

De facto, Beja é uma cidade que convida a percorrer o seu centro histórico, parte do qual foi irremediavelmente destruído no séc. XIX. Apesar desse desiderato, restam muitos motivos de visita e de descoberta de uma arquitetura vernácula ou erudita, determinada pelas cores que envolvem as paredes caiadas de branco, que se vai perfilando pelas ruas relativamente estreitas, cheias de encanto e de recantos. Este centro histórico oferece ao turista a possibilidade de escolher entre monumentos emblemáticos, como o castelo e a sua torre de menagem, a mais alta do país com cerca de 40 m de altura. De complexas abóbadas nervuradas nos seus três pisos, do seu topo avista-se um panorama completo da cidade. Muito perto encontramos o núcleo visigótico do Museu Regional, na antiga igreja de S. Amaro, que alberga excecional coleção de peças visigóticas e moçárabes. Prosseguindo para a rua da Moeda, onde escavações arqueológicas têm permitido reconstituir a história da cidade desde a idade do Ferro até uma Casa da Moeda do séc. XVI, passando por um dos maiores templos romanos em território nacional, continuamos em direção ao convento da Conceição, sede do Museu Rainha D. Leonor, com uma belíssima coleção de azulejos, desde os hispano-árabes ao séc. XVIII, sem esquecer os espólios de arqueologia e de pintura. Perto, o núcleo museológico da Rua de Sembrano, recentemente aberto, mostra vestígios desde a idade do Ferro até à contemporaneidade. A permanência romana é atestada pelo arco, denominado Porta de Évora, e essa memória é festejada pelo Festival Beja Romana. Perto é possível visitar a Villa de Pisões. A cidade ainda oferece o Museu do Seminário de Beja, o Museu Episcopal, que integra a Rede Museológica Diocesana, e o museu do escultor local Jorge Vieira, fruto da doação de parte da sua obra.

Entre os edifícios religiosos mais emblemáticos, realçaremos a igreja de St.^a M.^a da Feira, antecedida de elegante galilé de três arcos ogivais, a excelente talha das igrejas de S. Salvador, dos Prazeres e da Conceição. A igreja de S. Tiago Maior/Sé concentra revestimento azulejar setecentista enquadrado por retábulos de talha dourada. A pequena ermida de S. André constitui um notável exemplar de arquitetura tardo gótica de influência mudéjar e assume-se como contraponto à igreja da Misericórdia, verdadeira loggia maneirista projetada por Diogo Torralva para açougue municipal. A sua beleza e equilíbrio levaram o príncipe D. Luís a doá-la à Misericórdia em 1550. Esta instituição teve origem no Hospital Grande de N.^a Sr.^a da Piedade, erigido por ordem de D. Manuel, então duque de Beja.

O convento de S. Francisco constitui um exemplo de adaptação de um antigo convento a Pousada, da autoria dos arquitetos Maia Rebelo e José Alves, tendo o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles sido encarregue dos jardins circundantes. Esta intervenção preservou a quatrocentista Capela dos Túmulos ou panteão familiar dos Freire de Andrade.

Os exemplares de arquitetura civil numa cidade definem o seu perfil económico, social e político. A chegada do comboio levou à construção da estação onde se destaca o notável revestimento azulejar de carácter historicista por Jorge Colaço. A Casa das Arcadas, restaurada em 1982, integra-se, na Praça da República, num conjunto de imóveis quinhentistas. Na freguesia de Salvador, o Palácio dos Albuquerque ou dos Maldonados acolhe uma residência estudantil, tendo de notável um conjunto de pinturas de teto setecentistas. O revivalismo arquitetónico encontra eco no Palácio do Governo Civil, cujo Salão Nobre foi projetado por Raul Lino. O Liceu Nacional de Beja, de Cristino da Silva integra-se na arquitetura modernista dos anos 30 do século passado.

Nos últimos 20 anos, a arquitetura tem marcado a cidade de Beja. O Teatro Bejense, ou Cineteatro Pax Julia, pólo cultural para a região, foi alvo de recuperação em 2003 pela arquiteta Francisca Romão. Mais recentemente, a Casa da Cultura, ou Casa da Juventude, projeto de Hestnes Ferreira, estabelece uma relação com a arquitetura mediterrânica de matriz árabe. Chorão Ramalho é o autor do Hospital Distrital. O campus do Instituto Politécnico recorreu a arquitetos de renome, para a construção da residência estudantil, com projeto de José Soalheiro, Teresa Castro e Ana Paula Calheiros, e para a Escola Superior Agrária foi convidado o arquiteto João Paciência.

Mas nem só de arquitetura se “alimenta” o turista. Beja conta com excelente doçaria, sendo de realçar os porquinhos de chocolate, as trouxas de ovos, os queijinhos de hóstias, as queijadas de requeijão, tosquiados, queijo de amêndoa, geladinhos do Convento da Conceição, pastéis de toucinho e de Santa Clara (estas receitas vindas do Convento da Esperança), ou as fatias da China. A gastronomia local socorre-se do borrego (à pastora, com cogumelos) e do porco (pezinhos), dos ensopados, das migas e açordas, com incursões nas sopas (fervida, de toucinho) e na caça.

O rico património cultural desta região, encabeçada por Beja, possibilita o desenvolvimento turístico sustentável orientado para turistas com motivações muito diferenciadas. A sua atratividade assenta em quatro eixos que facilmente se articulam:

os espaços de vivência e convivência desde a Pré – História, passando pela ocupação romana, a época Paleocristã, Visigótica, Islâmica, Reconquista, Descobertas, terminando nas marcas da atualidade visível nos abundantes traços de ruralidade e nos conjuntos urbanos marcados, igualmente, pela arte contemporânea; o património imaterial (se bem que toda a imaterialidade tem uma materialidade) – gastronomia, cante, touradas, dialeto barranquenho, festas populares, etc.; os produtos agrícolas assentes na trilogia mediterrânica – azeite, vinho e cereais –, base da gastronomia, podendo ser entendidos em centros de produção e interpretação dispersos um pouco por todo o território desta sub-região; as minas – Aljustrel, S. Domingos (Mértola), Apariz e Minancos (Barrancos). Destaca-se, deste modo, a riqueza, variedade e diversidade do património cultural, quer material, quer imaterial.

A paisagem urbana e rural do Baixo Alentejo tem sido marcada pela presença de vários povos que, ao longo dos séculos, aqui se instalaram e a modelaram com a sua cultura e tradições. A região é muito rica do ponto de vista do património arqueológico denunciando uma realidade bastante complexa e diversa, como o atesta o Campo Arqueológico de Mértola e, igualmente, os objetivos que nortearam a criação do Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão (Ourique): a inventariação, o estudo, a conservação e a divulgação do património cultural, designadamente, do Depósito Votivo de Garvão. Neste município destaca-se, ainda, o Circuito Arqueológico do Castro da Cola (Ourique) – que possui um Centro de Acolhimento e Interpretação –, devidamente sinalizado, com mais de 15 sítios arqueológicos; monumentos megalíticos, povoados, necrópoles e restos de fortificação árabe - medieval. O sítio Arqueológico das Mesas do Castelinho (Almodôvar), povoado fortificado, apresenta ocupação desde a Idade do Ferro, com períodos de abandono nos finais do séc. I d.C, nova reocupação no séc. IX / X e definitivamente abandonado no séc. XII tendo, pela sua importância, sido classificado como Imóvel de Interesse Público.

Da ocupação romana restam numerosos testemunhos desde a indústria mineira, às pontes, às importantes villae e à cerâmica. O grande exemplo é a Villa de S. Cucufate (perto de Vila de Frades, Vidigueira), Monumento Nacional, cuja leitura é complementada pelo Núcleo Museológico da Casa do Arco (Vila de Frades, Vidigueira), que funciona como Centro de Interpretação daquelas ruínas. O Núcleo de Exposições de Marmelar do Museu Municipal de Vidigueira, inaugurado em setembro de 2014,

testemunha a ocupação do território de Marmelar (Vidigueira) desde a época Romana. Relativamente perto, localiza-se a ponte de Vila Ruiva, sobre a ribeira de Odivelas – classificada como Monumento Nacional – e a represa romana (Vila Ruiva, Cuba), construída para aproveitamento das águas pluviais e das nascentes vizinhas para irrigação dos campos, fazendo parte das estruturas de apoio de uma villa romana situada a NE. Em direção ao sul, o Museu de Ferreira do Alentejo permite acompanhar a evolução histórica do concelho ao longo do tempo, distribuído por dois núcleos, albergando o património móvel encontrado no Monte da Chaminé (Ferreira do Alentejo), estrutura de uma villa romana, visitável. A villa de Pisões (estrada Beja – Aljustrel), com a pars urbana a descoberto, o Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos, o Museu da Lucerna (Castro Verde) e o Núcleo Museológico Romano (Mértola), completam esta etapa.

A herança e vivência árabes estão bem evidenciadas nas mourarias de Moura – onde existe o poço árabe –, nas Chaminés da Conceição (Ourique) e em Mértola.

Esta pequena vila, na margem direita do Guadiana, é o exemplo de um projeto de sustentabilidade cultural alicerçado nos diferentes patrimónios que têm sido postos a descoberto pelo Campo Arqueológico de Mértola, sob a direção de Cláudio Torres, há quase 40 anos. Do resultado deste projeto nasceu um Museu polinucleado, ancorado nos resultados postos a descoberto pelas campanhas arqueológicas metodicamente aí levadas a cabo. Atualmente com 13 núcleos, o Museu de Mértola propõe ao visitante um panorama, cientificamente sustentado, da história desta vila desde o período romano ao contemporâneo. Destes núcleos, devidamente sinalizados, destacamos seis que atestam a permanência humana ao longo da história da vila: o Romano, o da Achada de S. Sebastião, o da Basílica Paleocristã, o Islâmico, o do Castelo, e o circuito de Visitas da Alcáçova, que estabelece uma ligação com os núcleos atrás mencionados. O Núcleo de Arte Sacra mostra as alfaias litúrgicas e estatuária pertencentes a igrejas que renunciavam abandono. Mas a musealização da vida mertolenga inclui a caracterização de práticas tradicionais, tendo originado o núcleo da Tecelagem e a Forja do Ferreiro.

Figura 78 – Museu de Mértola – Oficina de Tecelagem

Fonte: Própria

A habitação mereceu dos estudiosos a recriação de uma Casa de Mértola, e em Alcaria dos Javazes e Mosteiro nasceram dois outros núcleos, próximos da vila, que completam a compreensão da habitação local. O centro histórico integra a única mesquita, atualmente matriz, que, apesar de adaptada ao culto cristão, manteve a sua estrutura original. Obras recentes puseram a descoberto o mihrab e as portas de arco em ferradura que a rodeavam. Perto, ergue-se o notável cruzeiro manuelino. A torre do relógio fica próxima do castelo e da alcáçova, musealizados. Junto ao rio, a imponente ruína da Torre do Rio, ou Porto de Mértola, indicia a existência de um cais de acostagem, tardo-romano ou muçulmano, segundo os especialistas.

Uma das atividades ancestrais desta zona foi a moagem de cereal, patente no número de moinhos e azenhas. Daqueles destacam-se os Moinhos do Alferes, de Corte Gafo de Cima e dos Canais, a que está ligado o Centro de Interpretação da Paisagem da Amendoeira da Serra. Estas estruturas moageiras têm sido alvo de recuperação de espaços de memória da região, onde se insere a rota dos aromas. O mesmo se aplica às azenhas do Guadiana, nomeadamente as terras de Pulo do Lobo, espaço cénico de lazer e de memória de tradições que remontam ao séc. XV.

Figura 79 – Pulo do Lobo

Fonte: Própria

Com o objetivo de complementar o magro salário provindo das atividades agrícolas a população da raia recorria ao contrabando. Em Santana de Cambas (Mértola), o Museu do Contrabando está instalado num dos postos da extinta Guarda Fiscal, pretendendo homenagear quem, arriscando a vida, transportava, sobretudo, café. Está delineada a rota entre esta aldeia e a Mina de S. Domingos, bem como mais a norte, de Sobral da Adiça à fronteira e de Barrancos a Encinasola.

Mértola, como “vila” museu, encontrou outras formas de divulgar e vivenciar memórias e presenças. O Festival do Peixe de Rio, em março, a Feira do Pão, Queijo e Mel, em abril, o Festival Islâmico, em maio e a Feira da Caça, em outubro constituem eventos que promovem memórias, identidades e práticas, atraindo o visitante para novas experiências culturais, nas quais a Gastronomia tem papel de destaque com a tomatada, o feijão de azeite, a caldeirada de muge do Guadiana, a lampreia com arroz, o ensopado de borrego, a açorda de perdiz, as sopas de toucinho, a manja, a moleja de porco, a sopa de lebre, o bolo de S. Romão e a água-mel.

Mértola constitui o corolário de uma experiência cultural única, sem paralelo no país, alvo de estudos científicos, que promoveu uma vila em declínio, transformando-a em vila viva.

O Complexo Mineiro de S. Domingos mereceu a intervenção museal do Campo Arqueológico de Mértola, através do estabelecimento de um pólo permanente, dividido em duas realidades: a Casa do Mineiro, recriação do espaço de vivência de uma família mineira, e o Centro de Documentação, espaço de recolha da memória da atividade mineira ao longo de mais de 100 anos. A exploração de pirite desde os romanos, foi entregue à sociedade inglesa Mason & Barry, Ltd., e permitiu a fundação de um importante núcleo urbano, onde as diferentes construções espelhavam as hierarquias mineiras e as duas comunidades: inglesa e portuguesa. A casa do proprietário, as casas dos engenheiros e capatazes, e a aldeia dos trabalhadores estendem-se por uma vasta área próxima da mina. Autossuficiente, dispunha de um caminho de ferro que unia a Mina ao porto fluvial do Pomarão, onde navios de grande tonelagem carregavam o minério, descendo o rio até à foz. A visita ao espaço onde outrora fervilhava uma intensa atividade mineira e onde atualmente pontuam ruínas de várias das suas estruturas, permite ao visitante, ainda assim, aperceber-se da sua então dimensão económica e social, sendo um inestimável testemunho do património industrial. A antiga represa foi transformada na praia fluvial da Tapada Grande. A casa do proprietário foi adaptada a hotel. Esta mina localiza-se no Parque Natural do Vale do Guadiana e integra a rota da pirite, em território português e espanhol. As Minas de Aljustrel fazem, igualmente, parte da extensa faixa piritosa alentejana e foram exploradas desde o período romano. Atualmente, devido ao trabalho realizado, podemos conhecer o espólio da Mina no Museu Municipal e fazer o Percurso Mineiro, balizado por vários pontos de interesse, como a Central de Compressores, as Pedras Brancas, a Área Industrial de Algares, o Malacate, Vipasca, a Chaminé de Transtagana.

A Reconquista cristã desenvolveu-se por toda a raia com o objetivo de definir, ampliando, e defender as fronteiras com o território muçulmano e castelhano. No atual distrito de Beja, e ao longo da margem esquerda do Guadiana, dominaram as ordens militares dos Hospitalários e de Santiago. Este domínio sustentou-se na edificação de uma rede de castelos de primeira e segunda linha: Beja, Moura, Noudar (Barrancos), Serpa, Mértola e Alvito (atualmente Pousada).

Nesta última vila vivenciámos, igualmente, um período bem mais pacífico da nossa história: a época manuelina, eternizada no pelourinho, no Paço acastelado, adaptado a pousada por Manuel Bagulho e onde sobressaem os jardins recuperados por Gonçalo

Ribeiro Telles, no portal da Igreja Matriz, na ermida de S. Sebastião e, ainda, ao longo das suas ruas.

Outros centros históricos se destacam: Serpa, Almodôvar e Mértola, a par do casario antigo de lugares emblemáticos como a Aldeia de Peroguarda (Ferreira do Alentejo), reconhecida em 1940 como a aldeia mais tradicional do Baixo Alentejo, Vila Alva (Cuba), Casével e Aivados (Castro Verde), Messejana (Aljustrel), Santo Aleixo da Restauração (Moura) e Aldeia da Estrela – Póvoa de S. Miguel (Moura).

Os usos e costumes rurais que povoam todo o Baixo Alentejo estão bastante documentados e investigados nos Museus Locais. Destaca-se o Espaço Museológico Feliciano Carvalho (Vila Nova da Baronia – Alvito), o Museu Municipal da Vidigueira, o Museu Etnográfico, em Serpa, com a exposição permanente “Ofícios da Terra”, o Museu Municipal de Aljustrel/Núcleo Rural de Ervidel, composto por três núcleos – reconstituição de uma casa rural, ciclo do mel e ciclo do trigo – o Museu da Ruralidade (Entradas - Castro Verde) e o Museu Etnográfico e Arqueológico em Santa Clara-a-Nova (Almodôvar), que oferece uma recriação, com figuras em tamanho natural, de cenas do quotidiano da aldeia. Espaços de vivências camponesas onde a subsistência dependia, maioritariamente, do que a terra dava: cereais (pão), azeite e vinho (dieta mediterrânica, reconhecida em 2013 como Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO) eram a base da alimentação e o trio representa até hoje os produtos básicos da agricultura da região.

Figura 80 – Padaria Tradicional - Vidigueira



Fonte: Própria

Os moinhos de água e vento dispersos pelo Baixo Alentejo (Barrancos, Castro Verde, Mértola, só para citar alguns exemplos) mostram a importância da transformação do cereal. Em “Terras de pão, gentes de paz”, como é conhecida a Vidigueira, persiste a amassadura manual e a cozedura do pão em fornos de lenha. No princípio do séc. XX havia 18 forneiras em Alvito e, atualmente, Almodôvar é a ‘capital’ do pão alentejano. Serpa reconvertiu a antiga fábrica de moagem de cereais, datada de inícios do séc. XX, no Musibéria – Centro Internacional de Músicas e Danças do Mundo Ibérico. Pão e azeite combinam-se numa variedade de pratos consumidos diariamente. Na zona de Moura, Barrancos, Serpa e Vila Verde Ficalho produz-se o denominado Azeite de Moura (DOP), conhecido internacionalmente. No Lagar de Varas do Fojo (Moura), aberto ao público em 2012, exemplo raro na Península Ibérica, exemplifica-se o fabrico deste precioso líquido por processo manual. O Azeite do Alentejo Interior (Portel, Vidigueira, Ferreira do Alentejo, Torrão) é igualmente de denominação de origem protegida (DOP) e Ferreira do Alentejo já integra a Rota dos Lagares. Neste local, no lagar da Oliveira da Serra, do arquiteto Ricardo Bak Gordon, é possível acompanhar todas as fases da produção do azeite. Em Alvito (UCASUL - Vale Lameiros) possibilita-se a visita a fábricas de azeite.

A acompanhar o pão e o azeite, temos o vinho. A história do vinho e da vinha no Baixo Alentejo é muito antiga e sabe-se que no período da romanização a sua cultura e consumo já estavam arraigados nas populações locais. Os romanos deixaram a sua marca com a utilização das talhas de barro para fermentação e posterior armazenagem de vinho, que ainda constitui prática corrente. Com períodos de decadência em que a filoxera e os arranques coercivos de vinha determinaram quase a sua morte, sobreviveu e, atualmente, constitui um produto de grande consumo, quer nacional, quer internacional. A criação da Rota das Tabernas Alentejanas pretende salvaguardar, valorizar e revitalizar as tabernas dos concelhos de Almodôvar, Beja, Castro Verde, Mértola, Ourique e Serpa. Em Ervidel (Aljustrel), Beja, Santa Vitória e Albernoa (Beja) podem-se provar vinhos sob o lema “Venha o copo, venha a pinga”. Em Cuba, na Vidigueira e em Vila de Frades (Vidigueira) existe o Roteiro das Tabernas e das Adegas. Ainda nesta localidade pode fazer-se o Circuito Turístico Cultural do Vinho e da Vinha de S. Cucufate. Nascido nesta povoação, o escritor Fialho de Almeida escreveu O País das Uvas (1893) onde, no conto “A vindima”, retrata a labuta que, desde tempos imemoriais, ocupa as gentes desta região.

A gastronomia incorpora a dieta mediterrânica numa variedade que só encontra limite na infundável imaginação humana. Congregando uma variedade de ervas aromáticas, receitas, aparentemente similares, proporcionam sabores e aromas completamente distintos. Predominam a sopa de beldroegas, feijão com catacuzes (Alvito), migas de batata, migas gatas, carne de borrego assada no forno, feijões com coirinhos (Vidigueira), açorda de verão, ervilhas de azeite com ovos escalfados, feijão com carrasquinhas ou cardos, sopas limadas de cação, sopas de tomate com bacalhau (Cuba), migas, açorda, gaspacho, carne de touro frita com tomate, sopa picadilha/vinagrada, jantar de ossos de suã (Barrancos), masmárrias, guisado à pastora, lebre com nabos, caldo de cação, caldo mexido, caldo de peixe da ribeira, aljaramolho, gaspacho, sopa de hortelã, caldo de toucinho, arroz de cachola, cabeça de borrego assada, migas gatas, migas canhas, açorda alentejana, surrabura, molhinhos no forno e molhinhos guisados (Serpa), sopa da panela, ensopado de borrego com poejos, açorda de bacalhau com poejos, açorda de beldroegas, migas de espargos com carne em vinha de alhos, pezinhos de coentrada, chicharos com carrasquinhas, veado estufado, feijão branco com carrasquinhas e bacalhau, sopa de feijão com safio (Ferreira do Alentejo), migas com mioleira, feijão branco com sardinhas, sopas de tomate com beldroegas, papas de farinha com tengarrinhas, sopas frias, migas no tacho, sopas de poejo, sopa de lebre, feijão branco com lebre (Aljustrel), tomatada, feijão de azeite, sopas de toucinho com poejos, moleja, cabeça de xara, miolos de porco à alentejana (Castro Verde), sopa de beldroegas com queijo fresco, molhinhos, açorda do pingo da carne (Ourique), ensopado de borrego, canja rica de perdiz vermelha, medalhões de javali, migas de coentros e collis de gamboa, caldeirada de borrego (Almodôvar), açorda com bacalhau e amêijoas, gaspacho, entrecosto malandro, ervilhas com ovos e paio (Moura). Relativamente à doçaria pode apreciar-se o bolo podre, cavacas, pastéis de grão, borrachos (Vidigueira), popias (Cuba), pinhonate/nógado, borrachos (Barrancos), bolos folhados, bolo da amassadura, queijadas de requeijão (Serpa), bolos ferreirenses, popias de azeite, bolo da massa do pão (Ferreira do Alentejo), filhoses lêvedas (Aljustrel), nogado, bolinhos de bolota (Castro Verde), bolo de chibo (Almodôvar), doce de manjar, pão de rala e bolo de mel (Moura). O Queijo de Serpa (DOP), produzido na zona de Serpa e Mértola, utiliza leite de ovelha, e é feito segundo um método semelhante ao da Serra da Estrela. Distingue-se pelo sabor mais intenso, devido ao clima e aos solos onde os rebanhos pastam. O presunto de Barrancos, igualmente DOP, feito do pernil de porco alimentado

com bolota, também merece um lugar de destaque pela qualidade e sabor inconfundíveis.

Um ano depois da Dieta Mediterrânica ser considerada património cultural imaterial da humanidade pela UNESCO, chegou a vez do Cante Alentejano, Canto às Vozes ou simplesmente Cante (2014). Trata-se de um canto coletivo, responsorial, que não se apoia em instrumentos musicais, cantado sem separação de género ou de grupos etários. É transversal a todo o Baixo Alentejo, sendo cantado tradicionalmente enquanto se executavam os trabalhos da lavoura. Sérgio Tréfaut filmou o documentário de candidatura do Cante apresentada à UNESCO “Alentejo, Alentejo”. O Musibéria – Centro Internacional de Músicas e Danças do Mundo Ibérico, sediada em Serpa, conforme aludido antes, constituiu-se como centro de formação, investigação e divulgação aliando tradições e expressões culturais associadas ao Cante Alentejano com as novas tendências das músicas de origem luso-espanhola. Alguns cantes de improviso no Alentejo, que surgiam em festas, romarias e nas tabernas, eram acompanhados pela viola campaniça, instrumento em vias de extinção, mas recentemente recuperado por uma nova geração empenhada em preservar a música e as tradições desta região. Tradições estas, onde se inclui a tourada de Barrancos, considerada, pela respetiva Câmara Municipal, em 2012, como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal, “por entender que esta, nas suas mais diversas manifestações, engloba um conjunto de tradições e expressões orais de artes do espetáculo, de práticas sociais, rituais e eventos festivos, de conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e de aptidões ligadas ao artesanato tradicional que se encontram, desde há séculos, presentes e vivos no Município de Barrancos”, como se pode ler no *site* do Município. Igualmente classificado como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal foi, em 2008, o dialeto barranquenho, um misto de influência portuguesa e espanhola, que só se mantém na oralidade.

Em Almodôvar, o Museu da Escrita do Sudoeste permite uma incursão no mais antigo sistema de escrita da Península Ibérica que permanece indecifrável até à atualidade. Esta escrita remonta à Idade do Ferro (séc. VIII – V a.C), e foi desenvolvida pelos Tartessos, povo que habitava o território das atuais regiões da Andaluzia, Estremadura espanhola, Baixo Alentejo e Algarve.

O reconhecimento da singularidade e atratividade da região traduz-se no facto de deter património imaterial considerado património cultural imaterial da humanidade pela UNESCO: Dieta Mediterrânica e Cante Alentejano. Acrescente-se a excelência e diversidade patrimonial de Beja e Mértola. Seria importante potenciar estas duas forças centrípetas do Baixo Alentejo de forma a que os visitantes que procuram territórios de grande diversidade e qualidade patrimonial, sejam motivados a continuar a sua estada em territórios adjacentes, permitindo aprofundar a qualidade e o domínio vivencial das experiências turísticas. A excelência deste património merecia uma maior divulgação com a implementação de boas práticas de planeamento e gestão turística que contribuíssem para lhe dar a notoriedade que merecem.

5.2. ROTAS, ROTEIROS E RECURSOS: PROPOSTAS PRELIMINARES PARA O TOURING CULTURAL E PAISAGÍSTICO NO ALENTEJO

Considerando a informação apresentada no final da fase diagnóstico, identificam-se um conjunto de possíveis rotas no domínio do *touring* cultural e paisagístico, as quais configuram uma primeira tentativa de operacionalização deste produto. Acresce que esta fase sendo preambular, assume uma condição estrutural para o desenvolvimento deste produto, sendo posteriormente alavancada com conjunto adicional de propostas ao nível da comunicação e *marketing* territorial.

5.2.1. ROTA VICENTINA

- Caminho Histórico

Odeceixe

São Teotónio

Odemira

São Luís

Cercal do Alentejo (possibilidade de ligação a Porto Covo etapa final do Trilho do Pescadores)

Vale Seco

Santiago Cacém

- Trilho dos Pescadores

Odeceixe

Zambujeira do Mar

Almograve

Vila Nova de Milfontes

Porto Covo

5.2.2. ROTA DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Rota 1 - Rota da arquitetura: Cartaxo_- Centro Cultural (Cristina Veríssimo e Diogo Burnay); Santarém - Mercado Municipal (Cassiano Branco);

Rota 2 - Rota da arquitetura: Évora - Malagueira (Siza Vieira), Remodelação do Museu de Évora (Hestnes Ferreira); Remodelação do Colégio dos Moços da Sé de Évora – Museu de Arte Sacra de Évora (Carrilho da Graça); Fluviário de Mora (Atelier Promontório Arquitetos); Avis - Agência da Caixa Geral de Depósitos (Hestnes Ferreira); Fronteira - Centro de Interpretação Batalha dos Atoleiros (Gonçalo Byrne); Campo Maior - Adega Mayor (Siza Vieira); Portalegre - Igreja de Santo António e Centro Paroquial (Carrilho da Graça); Portalegre - Centro Regional de Segurança Social (Carrilho da Graça, Gonçalo Byrne e João Paciência); Portalegre (Korrodi); Quinta da Bela Vista – Castelo de Vide (Cassiano Branco); Marvão – posto fronteiriço de Galegos (Cassiano Branco); Flor da Rosa – Pousada do Crato (Carrilho da Graça); Alter do Chão - Complexo de Habitação Social (Carrilho da Graça e Artur Pires Martins).

Rota 3 - Rota da arquitetura: Sines - Centro das Artes e Biblioteca (Atelier Aires Mateus); Cuba - Adega da Herdade de Rocim (Carlos Vitorino); Beja – Casa da Cultura da Juventude, Unidade Habitacional João Barbeiro (Hestnes Ferreira); Museu da Aldeia da Luz (Pedro Pacheco e Marie Clément)

Rota 4 - Rota da pintura/escultura: Museu Municipal Mestre Martins Correia (Golegã); Casa-Museu Manuel Ribeiro Pavia (Pavia); Museu de Arte Contemporânea (Elvas); [ligação ao Museu de Arte Contemporânea – Badajoz]; José Cutileiro (Évora); Museu Jorge Vieira / Casa das Artes (Beja); Museu Municipal Severo Portela (Almodôvar).

5.2.3. ROTA VIAJAR COM OS ESCRITORES

Autores que caracterizam uma localidade específica:

Branquinho da Fonseca (Marvão) – o conto O Conspirador (1938), permite fazer uma rota urbana (Marvão) e a rota do Contrabando transfronteiriça que começa em Marvão e termina em Valência de Alcântara (ambas estão feitas e foram testadas, a C.M.M vai materializá-las)

Cláudia de Campos (Sines) - a obra Elle (1899) permite fazer uma rota de paisagem urbana (Sines o) e uma rota de paisagem rural (Ermidas-Sado até à entrada em Sines) (estão feitas)

Al-berto (Sines) - Sines pós esventramento feito pelo Porto “Sines, ao longe, cercada pela refinaria e petroquímica iluminadas.” (está parcialmente feito)

José Régio (Portalegre)

Florbela Espanca (Vila Viçosa)

Almeida Garrett (Santarém, Vale de Santarém)

José Luís Peixoto (Galveias, Ponte de Sor)

Eça de Queiroz (Évora)

Mário Ventura Henrique (Évora)

Brito Camacho (Aljustrel e Baixo Alentejo no geral)

Mariana Alcoforado (Beja)

Ruy Belo (S. João da Ribeira, Rio Maior)

Alves Redol (Avieiros - Tejo)

Autores que caracterizam o Alentejo no geral ou uma zona:

Urbano Tavares Rodrigues (Alentejo)

Antunes da Silva (Évora e um pouco do resto do Alentejo)

Fernando Namora (Alentejo)

Vergílio Ferreira (Alentejo)

Miguel Torga (Portugal - Alentejo)

José Saramago (Viagem a Portugal - Alentejo e Lezíria Ribatejana - Levantados do Chão - Alentejo) Roteiro Levantado do Chão – projeto do Município com a Fundação José Saramago a implementar em 2015

Cardoso Pires (O Hóspede de Job)

Almeida Faria (Trilogia Lusitana)

Mário de Carvalho

Manuel da Fonseca (Cerromaior)

Rota das Casas dos Escritores

Rota 1 - José Régio (Portalegre), Branquinho da Fonseca (casa onde viveu em Marvão), Francisco Bugalho (Casa Quinta das Palmeiras - Castelo de Vide), Mário Saa (Monte de Pero Viegas - Avis);

Rota 2 - Saul Dias (Casa da Quinta da Saragoça - Évora); Ruben A. (Monte dos Pensamentos - Estremoz); Florbela Espanca (Vila Viçosa); António Sardinha (Casa da Quinta do Bispo - Elvas);

Rota 3 - Fialho de Almeida (Casas de Cuba e Vila de Frades); Mariana Alcoforado (Convento de Beja / Museu Regional); Brito Camacho (Casa do Largo – Aljustrel); Conde de Ficalho (Palácio Marqueses de Ficalho - Serpa);

Rota 4 - Manuel da Fonseca (Casa das Romeirinhas - Santiago do Cacém); Al-Berto (Sines contemporânea); Cláudia de Campos (Sines finais séc.XIX)

Rota dos Presencistas

Alto Alentejo: José Régio (Portalegre); Branquinho da Fonseca (Marvão); Francisco Bugalho (Castelo de Vide); Mário Saa (Avis). (Já está delineada)

Roteiro do poeta Ruy Belo: entre S. João da Ribeira e Rio Maior (Já está delineada)

5.2.4. ROTEIROS DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA

1 – Rotas da Liberdade:

Golegã (José Relvas); Santarém (Roteiro Republicano), Aljustrel (Brito Camacho), Azambuja (Quinta da Torre Bela), Évora Republicana (Roteiro Republicano), Castelo de Vide (naturalidade de Salgueiro Maia), Portalegre (Roteiro Republicano), Alcáçovas (Monte do Sobral), Baleizão (Catarina Eufémia), Beja (Roteiro Republicano), Grândola (Roteiro Republicano), Santiago do Cacém (ver texto João Madeira) Sines (Museu Municipal, toponímia)

2 – Rota do Liberalismo e das Guerras Liberais:

Alexandre Herculano (Quinta de Vale de Lobos – Santarém); Almeida Garrett (Vale de Santarém; Casa-Museu Passos Canavarro); Passos Manuel (Santarém); Marquês de Sá da Bandeira (Santarém); Oliveira Marreca (Santarém); Almoester (Batalha de Almoester - Santarém); Batalha de Pernes (Santarém); Batalha de Barrosinha (Alcácer do Sal); Convenção de Évoramonte (Estremoz).

5.2.5. ROTAS GASTRONÓMICAS

Rota dos Sabores dos Ganhões

Açorda (Monforte -Santo Aleixo-; Mora-Cabeção; Mora; Alandroal-Nossa Senhora da Conceição-; Alandroal-São Brás dos Matos-; Redondo-Montoito; Barrancos)

Açorda de Peixe da Ribeira (Mourão-Granja)

Açorda de Peixe do Rio (Mourão-Luz; Portel-Amieira)

Açorda da Aceifa -salsa e cebola- (Portel-Santana)

Açorda de Beldroegas (Mourão-Granja; Portel-Alqueva; Portel-São Bartolomeu de Outeiro-; Ferreira do Alentejo-Peroguarda)

Açorda de Tomate (Portel-Santana)

Açorda de Batatas (Portel-São Bartolomeu do Outeiro)

Açorda de Alho (Redondo-Montoito; Vila Nova de Milfontes; Santiago do Cacém-Cercal)

Sopa da Pedra (Almeirim)

Sopa de Tomate (Elvas-São Vicente e Ventosa)

Sopa de Peixe do Rio (Alter do Chão-Seda; Alandroal-Aldeia de Pias-; Reguengos-São Pedro do Corval-)

Sopa de Beldroegas (Nisa - N.^a Sr.^a da Graça; Montemor-o-Novo-Cabrela; Vendas Novas – Landeiras-; Beja-Trigaches)

Sopa de Cação (Fronteira-Cabeço de Vide-; Gavião; Mora-Brotas; Mora; Arraiolos -Santa Justa-; Beja-Baleizão)

Sopa de Feijão (Nisa - Montalvão-;Nisa-São Simão-; Reguengos de Monsaraz-Campo; Vendas Novas; Vila Viçosa-Conceição)

Migas (Nisa-Alpalhão; Barrancos; Mértola-São Sebastião dos Carros-; Redondo-Montoito; Reguengos de Monsaraz-Monsaraz)

Gaspacho (Nisa; Crato-Gáfete; Elvas Vila Fernando; Alandroal-São Brás dos Matos-; Évora-Nossa Senhora da Graça do Divor-; Montemor-o-Novo-Cabrela; Reguengos de

Monsaraz-Monsaraz; Barrancos; Serpa-Vila Verde de Ficalho-; Santiago do Cacém-Cercal do Alentejo-)

Rota dos Sabores Conventuais

Alcácer do Sal (pinhoadas e filhós com mel)

Montemor-o-Novo (cernelhas e o pão de ló)

Évora (queijadas, encharcada, pão de rala, bolo de mel)

Monforte (broas, anéis e toucinho rançoso)

Avis (cavacas)

Crato (mimosos)

Castelo de Vide (boleimas)

Portalegre (rebuçados de ovos, bolo podre, sopa dourada e toucinho do céu de Santa Clara)

Vila Viçosa (tibornas, filhós enroladas)

Elvas (sericaia e as ameixas em calda)

Viana do Alentejo (as sardinhas)

Vidigueira (bolo de amêndoa)

Cuba (fitas, bolos folhados, cavacas e bolo podre)

Beja (trouxas de ovos e os porquinhos de chocolate, queijinhos de hóstia, queijadas de requeijão, tosquiados, queijo de amêndoa, geladinhos do convento da Conceição, pastéis de toucinho e de Santa Clara, cujas receitas vêm do convento de N.^a Sr.^a da Esperança)

Serpa (queijadas de requeijão)

Mértola (beijinhos)

Castro Verde (bolos folhados de gila)

Rota dos Sabores Tradicionais (Produtos de Denominação de Origem Protegida)

Ameixa d'Elvas (Elvas, Borba e Estremoz – ex: Fábrica de Luís Silveirinha Conceição - Elvas)

Azeite de Moura (existem produtores em Moura, Serpa e Vila Verde Ficalho)

Azeite do Alentejo Interior (existem produtores em Portel, Vidigueira e Torrão)

Azeites do Norte Alentejano (existem produtores em Sousel, Santo Amaro, Borba, Redondo e Reguengos de Monsaraz)

Azeitona de Conserva (Elvas e Campo Maior)

Carne da Charneca

Carne de Bravo do Ribatejo

Carne de Porco Alentejano

Carne Mertolenga

Carnealentejana (ex: Herdade da Malhadinha Nova, Albernoa-Beja; Agroturismo N.ª Sr.ª do Carmo, Portalegre)

Castanha de Marvão (Portalegre)

Cereja de São Julião (Portalegre)

Mel do Alentejo (Évora)

Presunto de Barrancos (Barrancos)

Presunto do Alentejo e Paleta do Alentejo (produtores em Campo Maior, Elvas, Santana da Serra (Ourique)

Queijo de Évora (existem produtores Évora, Arraiolos, Alcáçovas, Aldeias de Montoito (Redondo), Rio de Moinhos (Borba) e Sousel)

Queijo de Nisa (existem produtores em Nisa, Monte Claro, Gáfete, Tolosa, Alpalhão, Vaiamonte e Monforte)

Queijo de Serpa (existem produtores em Beja (Santa Clara do Louredo e Penedo Gordo), Moura, Pias, Serpa e Mértola (Corvos e Corte da Velha)

Vinho DOC – Alentejo, vinhos com Denominação de Origem Controlada (existem produtores em Portalegre, Borba, Redondo, Reguengos, Vidigueira, Évora, Granja/Amareleja e Moura)

Salsicharia (painho, chouriço, morcela, cacholeira banca, lombo enguitado, farinheira, etc.) com a classificação com sigla IGP (existem produtores em Portalegre, Póvoa e Meadas, Elvas, Arronches, Fronteira, Sousel, Cano, Estremoz e Borba)

Lagar de Varas do Fojo (Museu do Azeite) em Moura

Lagar-Museu do Palácio Visconde d'Olivã (Campo Maior)

Escola Agrícola D. Carlos I em Vendas Novas (o Horto Experimental das Plantas Silvestres Alimentares do Ecomuseu de Recursos Florestais, integrado na Quinta do Pessegueiro, atualmente propriedade da Casa de Bragança, ontem parte integrante de terras reais que incluíam um couto de caça muito frequentado por el-Rei D. Carlos I. Visitar também o lagar, recuperado, interpretado com painéis que lhe mostram o ciclo do azeite e as grandes potencialidades do montado)

5.2.6. ROTA DO MONTADO

Coruche (Observatório do Sobreiro e da Cortiça)

Ponte de Sor (Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor)

Moura (Paisagem de Montado)

Vendas Novas (Paisagem de Montado e Escola Agrícola D. Carlos que oferece um lugar, recuperado, interpretado com painéis que mostram o ciclo do azeite e as grandes potencialidades do montado)

Montemor-o-Novo (Paisagem de Montado)

Évora (Ecorkhotel)

Évora (Paisagem de Montado)

Azaruja (Fábricas)

Redondo (Fábricas)

Reguengos de Monsaraz (Paisagem de Montado)

Vidigueira (Museu Municipal – ofícios)

Portel (Museu da Bolota, Feira do Montado)

Sines (Museu municipal de Sines)

Santiago de Cacém (Paisagem de Montado)

Grândola (Paisagem de Montado)

5.2.7. ROTA DOS MINEIROS, MINÉRIOS E MINERAIS

Rota Faixa Piritosa: Grândola (Mina da Caveira e do Lousal); Santiago do Cacém (Mina do Cercal); Castro Verde (Sociedade Mineira de Neves-Corvo); Aljustrel (Mina de Aljustrel); São Domingos (Minas de São Domingos – Mértola) com possibilidade de ligar a Herrerias e Rio Tinto (Espanha)

Rota dos mármore: Estremoz (Marmoris Hotel, Pedreira de Mármore de Estremoz – junto ao cemitério, centro urbano de Estremoz); Vila Viçosa (Paço Ducal, Mina de Pardais, Mina, Fábrica Marbrito, Rota Tons de Mármore – Spira –, Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz -Pedreira dos Mourcos - CECHAP); Borba (Pedreiras de Mármore, CEVALOR Centro de Valorização - Parque Temático do Mármore - Jardim Municipal -, Fornos da Cal -sito em Barro Branco-)

Sousel (Forno da Cal)

Alandroal (Fábricas de Transformação)

Monsaraz (Rota das escritas de pedra e cal)

Mina da Orada (Serpa)

Barrancos (Minas de Aparis – abandonada)

5.2.8. ROTA DA FOTOGRAFIA E DAS PAISAGENS CÉNICAS

Rio Maior (Terra Chã)
 Benavente (Museu Municipal)
 Golegã (Casa-Estúdio Carlos Relvas)
 Santarém (Portas do Sol – Paisagem)
 Gavião (Castelo de Belver - Paisagem)
 Elvas (Museu da Fotografia de João Carpinteiro)
 Montemor-o-Novo (Ermida N.ª Sr.ª da Visitação)
 Évora (Roteiro fotográfico oitocentista)
 Évoramonte (Castelo – Paisagem)
 Convento de São Paulo (Serra d’Ossa)
 Juromenha (Castelo – Paisagem)
 Marvão (Castelo – Paisagem)
 Portel (Castelo - Paisagem)
 Mértola (Castelo – Paisagem)
 Monsaraz (Castelo - Paisagem)
 Castro Verde (LPN – Paisagem)
 Beja (Castelo – Paisagem)
 Alter do Chão (Aldeia de Alter Pedroso - Paisagem)
 Alcácer do Sal (Castelo – Paisagem)
 Vila Nova de Milfontes (Forte e Farol – Paisagem)
 Zambujeira do Mar (Paisagem)
 Almogrove (Paisagem)
 Cabo Sardão (Paisagem)
 Odeceixe (Paisagem)

5.2.9. ROTA DO SAGRADO

Rota 1. Megalitismo:

- a. Alto Alentejo: Castelo de Vide - Menir das Meadas (Centro de interpretação do Megalitismo), Crato (Anta da Espadaneira, Vale d'Anta, Anta do Couto dos Enchares, Anta Grande do Tapadão, Anta dos Penedos de São Miguel, Anta da Tapada dos Canchos, Anta do Crato, Anta da Coutada), Monsaraz (Cromeleque do Xarez, menir do Outeiro, menir da Bulhõa, anta de Olival da Pega), Mora (museu do megalitismo/estação CP), Pavia (anta)
- b. Alentejo Central e Baixo Alentejo: Évora (Anta do Silval, Portela de Mogos-Graça do Divor; Cromeleque e Menir dos Almendres; Anta Grande do Zambujeiro; zona de Valverde: antas da Mitra, Álamo e Barrocal - 17), Montemor-o-Novo (Anta Grande da Comenda da Igreja, menir dos Perdigões), Arraiolos, Fronteira, Avis, Vidigueira e Estremoz.
- c. Portalegre/Abrigos rituais: Lapa dos Gaivões, Lapa dos Louções, Igreja do Mouro, abrigo Pinho Monteiro
- d. Montemor-o-Novo: Gruta do Escoural

Rota 2. Cultos Romanos:

Alentejo Litoral – Miróbriga (Santiago do Cacém), Cripta Arqueológica do Castelo (Alcácer do Sal), Troia (Grândola).

Alentejo Central - Évora (templo), Endovélico: Alandroal (S. Miguel da Mota-festival).

Alto Alentejo - Torre da Palma (Monforte), Ammaia (S. Salvador de Aramenha/Marvão),

Baixo Alentejo - S. Cucufate/Vidigueira (templo), Villa de Pisões (Aljustrel), Núcleo museológico romano (Mértola), Beja (templo).

Rota 3. Paleocristão e visigótico:

Alentejo Central – Vera Cruz de Marmelar (Portel).

Baixo Alentejo - Mértola (2 comunidades/2 batistérios), Monte da Cegonha e S. Cucufate (Vidigueira), Beja (Museu).

Alto Alentejo - S. Salvador (Castelo de Vide), Torre da Palma (Monforte).

Alentejo Litoral – Sines (museu).

Rota 4. Islâmico

Rota Islâmica (em construção).

Centro histórico de Mértola: Mesquita, Alcáçova, Núcleo Museológico de Arte Islâmica; Centro de Estudos Islâmicos. Mértola integrada numa rota focalizada na herança árabe do território: já existe o levantamento da rota de Lisboa ao Algarve. Encontram-se na fase de realização de parcerias.

Rota 5. Mendicante:

Lezíria do Tejo - Santarém (S. Francisco e S. Clara).

Alentejo Central - Évora (N.^a Sr.^a do Paraíso, S. Francisco, S. Catarina de Sena, S. Clara, Salvador, S. Domingos), Estremoz (S. Francisco, S. Clara, S. António), Montemor-o-Novo (N.^a Sr.^a da Saudação, S. Francisco), Viana do Alentejo (N.^a Sr.^a da Piedade), Alcáçovas (Dominicano-Romaria do Espírito Santo – Convento de N.^a Sr.^a da Esperança), Vila Viçosa (N.^a Sr.^a da Piedade), Borba (N.^a Sr.^a da Consolação do Bosque), Vila Viçosa (Chagas).

Baixo Alentejo - Beja (N.^a Sr.^a da Conceição, S. Francisco, S. Clara), Moura (N.^a Sr.^a da Assumpção, S. Clara), Serpa (S. António), Alvito (N.^a Sr.^a dos Mártires), Odemira (S. António).

Alto Alentejo - Portalegre (Convento de S. Clara), Elvas (S. Domingos, N.^a Sr.^a da Consolação, N.^a Sr.^a dos Mártires).

Alentejo Litoral - Alcácer do Sal (S. António), Sines (S. António), Santiago do Cacém (N.^a Sr.^a do Loreto).

Rota 6. Contra-Reforma:

Maneirismo:

Lezíria do Tejo - Santarém (Misericórdia).

Alentejo Central - Évora (S. Antão, Espírito Santo, Graça), Vila Viçosa (St.^a Maria), Estremoz (S. Maria), Veiros (Matriz), Monsaraz (Matriz), Alcáçovas (Matriz), Brotas (Santuário de N.^a Sr.^a).

Alto Alentejo - Portalegre (Sé).

Baixo Alentejo - Beja (N.^a Sr.^a Prazeres, Santiago, Misericórdia), Almodôvar (Matriz), Safara (Matriz).

Barroco:

Lezíria do Tejo - Santarém (Sé Catedral, N.^a Sr.^a Piedade).

Alto Alentejo - Campo Maior (S. João Batista).

Alentejo Central - Évora (Capela dos Ossos, Capela-mor da Sé, Sr. Jesus da Pobreza), Estremoz (N.^a Sr.^a Conceição), Vila Viçosa (Agostinhos, Sr.^a da Lapa), Viana do Alentejo (N.^a Sr.^a Aires).

Baixo Alentejo - Elvas (N.^a Sr.^a Piedade), Castro Verde (N.^a Sr.^a Conceição-Basílica Real).

OUTRAS ROTAS JÁ EXISTENTES

Rota da Ordem de Santiago (elaborada por José António Falcão – Itinerário do Caminho de Santiago no Baixo Alentejo)

Caminhos de Santiago (Caminho do Interior – Nisa – este caminho vem de Vila Real de Santo António – a maior do percurso no Sul, não está sinalizado – há um guia Alemão que tem todo o caminho com detalhe); Santarém; Ferreira do Alentejo

Montargil na Rota do Sagrado – este roteiro encontra-se publicado.

Caminho Histórico da Rota Vicentina (Cabo S. Vicente – Santiago do Cacém)

Rota dos Frescos

Rota Terras da Moura Encantada (já existe) Santarém e Alentejo

Rota das Misericórdias (parceria entre a Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo e União das Misericórdias)

5.2.10. ROTA DAS VIAGENS COM ESTÓRIAS

Rota 1 – As batalhas: Atoleiros /Fronteira 1384 (Centro de Interpretação); Cerco de Elvas (1644); Batalha do Montijo (1659 Elvas); Batalha do Ameixial (1663, 5 km Estremoz); Batalha de Montes Claros (1665 perto de Borba)

Rota 2 – As batalhas do séc. XIX: Guerra das Laranjas (1801 Olivença) Combate de Campo Maior (1811), Almoester (Santarém 1834)

Rota 3 – As Lendas de Santarém: O Alcaide de Santarém (Santarém); Lenda de Santarém; O Alfageme de Santarém; Lenda da Fonte da Moura

Rota 4 – Lendas do Litoral: A lenda da Fundação de Santiago do Cacém; Lenda da princesa bizantina (Santiago do Cacém); a Jangada de S. Torpes (Sines); A Lenda de Nossa Senhora da Queimada (Ilha do Pessegueiro - Sines)

Rota 5 – Lendas do interior: A lenda de Nossa Senhora da Estrela (Marvão); Lenda de N.^a Sr.^a da Enxara (Campo Maior); Lenda dos Amores de D. Lopo (Elvas); Lenda da Sempre Noiva (Arraiolos); Lenda de Geraldo Geraldês, o Sem Pavor (Évora); Lenda do Castelo do Giraldo (Évora); Lenda da Mina dos Cavalos de Ouro (Sobral da Adiça – Moura); Lenda da Moura Salúquia (Moura); Lenda da Serpente de Noudar (Barrancos); Lenda de N.^a Sr.^a do Castelo (Aljustrel); Lenda do Milagre de Ourique;

Rota 6 – Castelos e Fortificações – defesa por terra: Elvas – classificada pela UNESCO em 2012 como Património Mundial devido às suas fortificações do séc. XVII e XVIII. Foram classificadas as Muralhas Seiscentistas de Elvas, o Aqueduto da Amoreira, Fortes da Graça e de Santa Luzia, Fortins de São Mamede, São Domingo e São Pedro, Cercas Medievais, edifícios militares e o Centro Histórico da antiga praça-forte.

Rota 7 – a defesa na zona raiana - castelos de Monforte, Elvas, Campo Maior, Serpa e Mourão (plantas retangulares), Juromenha, Alandroal e Moura (planta poligonal), castelo de Mértola (forma trapeziforme).

Rota 8 – castelos defensivos de primeira linha (primeiro obstáculo ao invasor) - Castelo Vide, Marvão, Alegrete, Arronches, Ouguela, Campo Maior, Elvas, Juromenha, Olivença, Mourão, Noudar ou Serpa.

Rota 9 – Castelos defensivos de segunda linha de apoio - os castelos de Niza, Alpalhão, Crato, Alegrete, Arronches, Assumar, Monforte, Veiros, Borba, Estremoz, Vila Viçosa, Alandroal e Terena.

Rota 10 – Castelos e Fortificações - defesa por terra: Alandroal, Terena, Juromenha, Redondo, Portel, Vila Viçosa, Évora-Monte, Estremoz, Veiros, Marvão, Montemor – o – Novo

Rota 11 - Castelos do Tejo - Castelo de Cardiga – Golegã, Castelo de Almourol - Vila Nova da Barquinha, Castelo de Abrantes, Castelo de Belver – Gavião, Castelo de Amieira do Tejo - Nisa

Rota 12 - Castelos e Fortificações - defesa por mar: Alcácer do Sal, Santiago do Cacém, Sines

Rota 13 – Ordens militares: Santiago (sede em Alcácer do Sal dominam o Baixo Alentejo), Hospitalários (Crato), Avis (Avis, Évora e região circundante)

Rota 14 – Os Descobrimentos: Pedro Álvares Cabral (Belmonte/ Santarém); Pedro Nunes (Alcácer do Sal); Vasco da Gama (Sines/Vidigueira); Cristóvão Colombo (Cuba); Garcia de Resende (Évora); Garcia da Horta (Castelo de Vide); Cristóvão de Mendonça (Mourão) - primeiro descobridor da Austrália em 1522;

Rota 15 – Os ranchos migratórios / os ratinhos “Vão cantando e voltam chorando” – Lezíria do Tejo e Vale do Sado (ver como fazer)

Rota 16 – Aldeias Avieiras: Porto da Palha; Palhota; Escaroupim (Núcleo Museológico do Escaroupim - Casa Avieira); Caneiras; Patação (A rota Avieira desde o Estuário do Tejo até Vila Velha de Ródão está em construção, no projeto da cultura Avieira, liderado pelo Instituto Politécnico de Santarém)

Rota 17 - Rota dos Santuários Marianos: Fátima, com passagem em Coruche de milhares de peregrinos vindos de sul, Alentejo e margem sul de Lisboa. Caminho do Tejo (caminho de peregrinação de Lisboa até Fátima, o qual passa pelo concelho do Cartaxo)

Rota Terras da Moura Encantada (já existe)

5.2.11. ROTA DO CONTRABANDO

Nisa (Montalvão) – Cedillo

Marvão – Valência de Alcântara (“Percurso Internacional do Contrabando do Café”)

Arronches – La Codosera

S. Julião (Barrocão) – Albuquerque

Campo Maior – Badajoz

Barrancos – Encinacola

(Mértola) – Santana de Cambas – Mina de S. Domingos

Sobral da Adiça – Rosal de la Frontera

5.2.12. ROTA DOS ARTESÃOS OU DAS ARTES E DOS OFÍCIOS TRADICIONAIS

Rota do Sal, das Salinas e dos Salineiros

Rio Maior - Salinas da Fonte da Bica (sal gema); centro de interpretação; estrutura urbana; os Marinheiros, Benavente - Salinas de vasa-sacos e ribeira das enguias, Grândola - tanques de salga e porto romano de Cetóbriga, Alcácer do Sal Portos de palafita da comporta e da carrasqueira, Navegação no sado (Galeão do sal) e salinas: Comporta, Bocas da Palma, cachopos, Monte da Pedra Enxarroqueira, falhas, telhada, batalha, Torrinha/casas novas.

Rota dos Avieiros e da cultura Avieira

Núcleo do Tejo - Subindo o Tejo Avieiro

Avieiras de Porto da Palha (Azambuja), Aldeia da Palhota – Valada do Ribatejo- Cartaxo (aldeia e casas avieiras (cantinho do fragateiro),porto palafíticos, bateiras, casa Alves Redol, Escaroupim (Salvaterra de Magos) porto de Escaroupim, casa-museu Avieira, Monções do Tejo, museu do rio Salvaterra de magos, porto de salvaterra de magos Caneiras (Santarém) aldeia palafitada, bateiras, Patação (Alpiarça) praia fluvial e edificado em palafita, Barreiras da bica - Vale de figueiras (Santarém) e Azinhaga (Golegã).

Núcleo do Sado – O Sado Avieiro

Porto Palafita da Comporta; Porto Palafita da Carrasqueira (maior porto palafita da Península Ibérica)

Rota dos Oleiros e das Olarias

Nisa (cerâmica pedrada; olaria António Pequito, Museu do Bordado e do Barro); Flor da Rosa – Crato (Olaria utilitária - Escola de Olaria de Flor da Rosa), Estremoz (Olaria Figurativa – visita a olarias bonequeiras, Coleção de peças e figuras em barro, Museu Municipal de Estremoz), Borba (tabernas com exemplares de reservatório em barro,

para conserva e uso de vinho da talha. Redondo (Olaria utilitária e decorativa; visita a olarias de produção artesanal (Pirraça, Pintassilgo, Museu do barro), S. Pedro do Curval – Reguengos de Monsaraz (olaria utilitária e decorativa - 22 olarias em atividade, museu da olaria). Viana do Alentejo (Olaria utilitária e talha, visita as casa oleiras), Montemor-o-Novo (coleção do mosteiro de Santo António de Lisboa)

Rotas do Fio e do Tear

Portalegre –museu da Tapeçaria de Portalegre - Museu Guy Fino, Palácio Castel-Branco; Real Fábrica das Sedas. Arraiolos – Tapetes de Arraiolos, museu do tapete de Arraiolos, bordadeiras, festa “o tapete esta na rua”. Reguengos de Monsaraz - Fábrica de Lanifícios de Reguengos de Monsaraz. Mértola – Mantas de Mértola, Teares, oficina de teares de Mértola.

5.2.13. ROTA DO AZULEJO

A Rota do Azulejo, a operar em 12 Municípios: Arraiolos, Beja, Castelo de Vide, Castro Verde, Elvas (Olivença), Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Portalegre, Redondo, Sousel, Vila Viçosa, através de potencial parceria da Direção Regional de Cultura e a Universidade de Évora

6. ANEXOS – Fichas - POI - Points of Interest - Municípios

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Aljustrel	DISTRITO	Beja
-----------------	-----------	-----------------	------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Museu Municipal de Aljustrel	Rua Joao de Deus, 19 7600-116 Aljustrel	Horário: 09h30 as 12h30 - 14h00 as 18h00 Sabado: 10h00 as 12h30 -14h00 as 17h00 Encerra Domingo e Segunda-feira
	Ermida da Nossa Senhora do Castelo	Nossa Senhora do Castelo - Aljustrel	Aberto todos os dias Das 10h00 as 17h00
	Exterior das Minas de Aljustrel	Aljustrel	Solicitar informação no Posto de Turismo de Aljustrel
	Museu Central de Compressores	Bairro Mineiro de Val-de-Oca -Aljustrel	Solicitar junto do Posto de Turismo de Aljustrel abertura do Museu Central de Compressores

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Museu Municipal de Aljustrel	Rua Joao de Deus, 19 7600-116 Aljustrel	Horário: 09h30 as 12h30 - 14h00 as 18h00 Sabado: 10h00 as 12h30 -14h00 as 17h00 Encerra Domingo e Segunda-feira
		Ermida da Nossa Senhora do Castelo	Nossa Senhora do castelo - Aljustrel	

	Industrial	Museu Central de Compressores	Bairro Mineiro de Val-de-Oca -Aljustrel	Solicitar junto do Posto de Turismo de Aljustrel abertura do Museu Central de Compressores
		Malacate Viana e Vipasca	Bairro Mineiro de Val-de-Oca -Aljustrel	Solicitar informação no Posto de Turismo de Aljustrel
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Chapéus de Ferro	Bairro Mineiro de Val-de-Oca -Aljustrel	Solicitar informação no Posto de Turismo de Aljustrel
		Biótopo de Corine	Concelho de Aljustrel/ Castro Verde	
	Rural	Amendoal de S. Joao de Negrilhos	Freguesia de S. Joao de Negrilhos - Aljustrel	Não aconselhado ou com cuidados redobrados em época de polinização/em flor, devido ao numero exagerado de abelhas
		Potencial Alqueva/ Núcleo Museológico de Ervidel	S. Joao de Negrilhos e Ervidel	Aconselhamos visita guiada pelo Posto de Turismo de Aljustrel
	Simbólico-Cultural	Bairros Mineiros: Val-de-Oca, S. Joao, Plano e Algares	Aljustrel	
Grupo Coral da Industria Mineira “Mineiros de Aljustrel”		Largo do Mineiro, nº 15 - 7600 Aljustrel	Solicitar Visita a Sede do Grupo Junto do Posto de Turismo de Aljustrel	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
		Biótopo de Corine	Aljustrel/Castro Verde
	Faixa Piritosa Ibérica	Aljustrel/ Castro Verde/Mina de S. Domingos e Lousal	www.roteirodeminas.pt

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota Faixa Piritosa Ibérica	Aljustrel/Lousal/Castro Verde/ S. Domingos	www.roteirodeminas.pt
	Trilhos Rurais	Ervidel e S. Joao de Negrilhos	Visita Guiada pelo Posto de Turismo de Aljustrel - Grupos
	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Aljustrel Historia Viva	Aljustrel	Visitas guiadas pelo posto de turismo de Aljustrel - Grupos
	Prova de Vinhos “Venha o copo, venha a pinga”	Ervidel, Beja, Santa Vitoria e Albernoa	Visitas guiadas pelo Posto de Turismo de Aljustrel - Grupos

Outras Observações:

Horário Posto de Turismo de Aljustrel: Aberto todos os dias (excepto 1 de Maio e 25 de Dezembro e 1 de Janeiro das 09h00 as 12h30 e das 14 as 17h30 Contacto:284601010

Todos os programas destinados a grupos terão de ser elaborados pelo Posto de Turismo de Aljustrel

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Almodôvar	DISTRITO	Beja
-----------------	-----------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Museu da Escrita do Sudoeste	Rua do Relógio, 7700-065 ALMODÔVAR	GPS: 37.512292,-8.061306
	Convento Nossa Senhora da Conceição	Rua do Convento, 7700 - Almodôvar	GPS: N 37°30'49,20" O 8°03'28,03"
	Sítio Arqueológico das Mesas do Castelinho	Santa Clara-a-Nova, 7700 Almodôvar	GPS: N 37° 29'5.440" W 8° 7'33.837"
	Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro	Estrada Municipal, 7700-222 Santa Clara-a-Nova - Almodôvar	GPS: N 37° 29'24.30" W 8° 08'43.79"

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Sítio Arqueológico Mesas do Castelinho	Santa Clara-a-Nova, 7700 Almodôvar	GPS: N 37° 29'5.440" W 8° 7'33.837"
		Convento Nossa Senhora da Conceição	Rua do Convento, 7700 - Almodôvar	GPS: N 37°30'49,20" O 8°03'28,03"
Industrial				
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Cascalheira	GPS: 7° 55' 11.596" W, 37° 24' 26.413" N	Local de admirável paisagem sobre a ribeira do Vascão.
		Pico do Mú	GPS: 8° 4' 50.542" W, 37° 22' 11.952" N	Ponto mais alto da Serra do Mú – 574 m.
	Rural	Palheiros de Veio Monte das Figueiras	GPS: 8° 11' 45.915" W, 37° 24' 47.078" N	Arquitetura Rural.
		Monte da Atalaia	GPS: 8° 2' 43.679" W, 37° 22' 12.139" N	Conjunto urbano com forno raro.
	Simbólico-Cultural	Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro	GPS: N 37° 29'24.30" W 8° 08'43.79"	Museu com espólio do Sítio Arqueológico das Mesas do Castelinho e uma coleção de mais de 3000 peças etnográficas do Concelho.

		Museu Severo Portela	GPS: 37.513111,-8.060247	Museu dedicado ao Mestre Severo Portela que alberga ainda uma exposição temporária sobre o ofício do sapateiro.
--	--	----------------------	--------------------------	---

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Museu da Escrita do Sudoeste	GPS: 37.512292,-8.061306	Museu dedicado à primeira escrita conhecida na Península Ibérica com um conjunto admirável de estela epigrafadas.

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota do património arquitetónico do centro histórico da vila de Almodôvar	GPS: 8° 3' 40.950" W, 37° 30' 43.197" N	Início na Praça da República:
Rota Turística da Memória e do Calçado Artesanal	GPS: 37.513111,-8.060247	Tem início no Museu Severo Portela na Exposição. Sapateiro, Memórias de um Ofício.	

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	ALVITO	DISTRITO	BEJA
-----------------	--------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Igreja Matriz de Nossa Senhora Assunção	Largo da Trindade ALVITO	Neste momento, é necessário solicitar abertura no Posto de Turismo
	Ermida de S. Sebastião	Rossio de S. Sebastião ALVITO	Abre algumas horas por dia em horário não definido (Voluntariado); em alternativa, contactar Posto de Turismo
	Castelo de Alvito	Largo do Castelo ALVITO	Funciona como Pousada; apenas pode ser visitada a parte pública
	Ermida de Sant'Águeda	Herdade dos Aires Vila Nova da Baronia	Abertura garantida pela casa da Paróquia no local

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Manuelino	Itinerário que percorre as principais artérias do Centro Histórico	Pode ser efectuado com recurso a mapa facultado pelo Posto de Turismo
	Industrial	UCASUL	Vale Lameiros ALVITO	Possibilidade de visitas à Fábrica de Azeite
	Natural	Barragem de Alvito	Entre o sítio de água de Peixes e Albergaria dos Fusos	Passeios pedestres, canoagem, pesca
Barragem de Odivelas		Entre Alvito e Ferreira do Alentejo		

	Rural	Espaço museológico “Feliciano Carvalho”	Junto ao Mercado	Artesanato de peças em miniatura, representando os usos e costumes rurais. Visitas através do Posto de Turismo ou da Junta de Freguesia de Vila Nova da Baronia
	Simbólico-Cultural	Casa de Cante – “Papa Borregos”	Rua das Pereiras	Aberto todos os dias; possibilidade de actuações de cante alentejano e serviço de petiscos
		Feira dos Santos e dos Frutos Secos (1 Novembro)	Parque de Feiras	Feira de origem medieval que continua a ser o maior evento do concelho

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)			

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota de Sant’Agueda	Vila Nova da Baronia	PR1 circular com 7kms, homologado e com sinalética
	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota do Fresco (Manuelina)	Alvito e Vila Nova da Baronia	Gerida pela SPIRA- Revitalização Patrimonial, Lda., com sede em Vila Nova da Baronia – visitas guiadas pelo património da pintura mural

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	BARRANCOS	DISTRITO	Beja
-----------------	-----------	-----------------	------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Castelo de Noudar	Noudar	Origem remonta à ocupação árabe, ainda que a atual configuração seja dos inícios do século XIV. No interior encontram-se a igreja de Nossa Senhora do Desterro, ruínas de algumas habitações do século XVIII e um conjunto de cisternas, poços e fornos de pão.
	Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia	Travessa do Arco nº 2, 7230-030 Barrancos	Peças desde o calcolítico ao séc. XX documentam a história do concelho.
	Praça da Liberdade	Praça da Liberdade	Local onde têm lugar as principais festividades da vila como as tradicionais touradas com touros de morte e o lume de Natal. Aqui encontra-se também a Torre do Relógio e a Igreja Matriz.
	Parque de Natureza de Noudar	Ap 5, 7230-909 Barrancos	Local integrado na Rede Natura 2000 junto à fronteira com Espanha. Oferece percursos pedestres/cicláveis, passeios de carro elétrico, visitas guiadas, atividades científicas e desportivas, experiências gastronómicas, unidades de turismo rural e campos de férias.

POI TEMÁTICA	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitetónico	Castelo de Noudar	Noudar	A 12 Km da Vila de Barrancos, integrado no Parque Natureza de Noudar
		Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia	Travessa do Arco nº 2, 7230-030	Casa apalaçada

		Barrancos	
Industrial	Casa do Porco Preto	Eiras Altas, Ap 2, 7230-999 Barrancos	Produtora do Presunto de Barrancos DOP.
	Ruínas das antigas Explorações Mineiras	Mina de Apariz, Mina de Minancos	É possível a elaboração de Rota das Minas, com integração de outras minas da época da idade do ferro e posterior, em fase de levantamento.
TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
Natural	Vale do Múrtega (troço da Pipa ao Cadaval)	(Coordenadas: 38.1514, -6.9855)	
	Serra Colorada	(Coordenadas: 38.1345, -6.9638)	
Rural	Parque de Natureza de Noudar	Ap 5, 7230-909 Barrancos	Herdade de 1000 ha com elevado potencial ambiental e paisagístico/flora e fauna
	Moinhos da Ribeira do Múrtega	Ribeira do Múrtega	
Simbólico-Cultural	Praça da Liberdade	Praça da Liberdade	Zona central da Vila
	Festas de Barrancos	Anualmente de 28-31 de agosto	Festa de Barrancos na sua plenitude, incluído a componente profana e religiosa, sem esquecer os tabuados, que estamos a considerar classificar como PMI Municipal
	Castelo de Noudar	Noudar	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Rota GR-48		Grande Rota com mais de 900 km, com Início em Barrancos e destino em Santa Elena (Espanha). (1ª Etapa Barrancos-Encinasola)
	Zona do Murtigão e da Contenda	Barrancos/Moura	Espaço natural de elevado potencial paisagístico

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota do Contrabando		Pequena Rota pelos caminhos que em tempos passados serviram para a atividade de contrabando entre Barrancos e Encinasola
	Rota dos Castelos da Raia		Em Fase de Criação

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota da Água		Pequena Rota com passagem por bicas e fontanários, a ribeira do Múrtega e 4 dos seus moinhos de água
	Percurso Pedestre “Bela Vista”		Pequena Rota que privilegia a observação da paisagem natural, com passagens pelo Alto de S. Bento, Serra Colorada e Cerro do Calvário
	Percurso Pedestre “Moinho de Água”	Parque de Natureza de Noudar	Pretende dar a conhecer aos visitantes a importância das linhas de água para as comunidades animais e vegetais do Parque de Natureza de Noudar, mas também, no modo de vida desta região nos últimos séculos.
	Percurso Pedestre “O Monte da Coitadinha”	Parque de Natureza de Noudar	Pretende dar a conhecer a vida e o trabalho agrícola do início do século XX e sua proximidade com a agricultura sustentável que actualmente, no começo do século XXI, se pratica no Parque de Natureza de Noudar..
	Percurso Pedestre “A Estrada”	Parque de Natureza de Noudar	Esta rota acompanha a ribeira da Múrtega em quase toda a sua extensão e conjuga os valores históricos de Noudar com exemplos surpreendentes da flora mediterrânica. Pelo caminho é possível observar as aves de rapina, as flores dos zambujais ou o vale escapado da ribeira do Murtega.
	Percurso Pedestre “Volta do Mango”	Parque de Natureza de Noudar	Descendo pela estrada de terra que sai do Castelo de Noudar, é possível observar a curva estreita que o Rio Ardila aqui faz e que deu nome a este percurso.

Outras Observações:

- **Dialeto Barranquenho** – classificado como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal (PIM);
- **Casa da Memória** – projeto previsto no PA/GOP do Município de Barrancos para 2014
- **Museu do Presunto** (Barrancos capital do Presunto) - idem

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	BEJA	DISTRITO	BEJA
-----------------	------	-----------------	------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Castelo	Morada: Largo Dr. Lima Faleiro Telefone: 284 311 913 Email: turismo@cm-beja.pt 38.0171852,-7.8653202	Mais informações: http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1822
	Museu regional de beja/núcleo visigótico	Largo da Conceição 7800-131 Beja 38.014114,-7.863672 Largo de Santo Amaro 7800-263 Beja 38.017653,-7.866256	Mais informações: http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1305 ou www.museuregionaldebeja.net
	Villa Romana de Pisões	A cerca de 10 km de Beja. Acesso a partir da EN 18 (Beja-Aljustrel), num desvio sinalizado que se encontra, para quem vem de Beja, imediatamente antes da povoação de Penedo Gordo. 37.9975014,-7.9489412	http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1305
	Igreja da Misericórdia	Praça da República Beja	http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1304

TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
Histórico Arquitectónico	Convento S. Francisco/capela dos túmulos	Largo D. Nuno Álvares Pereira 38.012767 ; -7.860183	Mais informações: http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1304
	Museu Jorge Vieira	Rua do Touro, 33 38.0143259,-7.8640431	http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1305
	Núcleo museológico da rua do sembrano	Rua do Sembrano/Largo de S. João 38.0133, -7.86365	Mais informações: http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1305

		Igreja dos Prazeres	Largo dos Prazeres 38° 0'56.87"N 7°51'55.85"W	http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1304
		Hospital Nª Sª Piedade	Rua D. Manuel I 38° 0'59.71"N 7°51'57.77"W	http://www.cm-beja.pt/docs/ImagensDC/Turismo/conhecer_beja/monumentosemuseus/HOSPITALNOSSASENHORAPIEDADE.jpg
	Industrial	Igreja de Nª Sª de ao Pé da Cruz	Rua do Pé da Cruz 38° 0'58.82"N 7°51'28.06"W	http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1304
		Igreja de Santa Maria	Largo de santa Maria	http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1304
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	1 - Todo o curso do RIO GUADIANA, da confluência da Ribeira de Odearça até á confluência com a RIBEIRA DE TERGES E COBRES. (AZENHAS E FORTINS)	Freguesia de Baleizão, Quintos e Salvada	
		2 – A BARRAGEM DO PISÃO, em Beringel e Trigaches e as BARRAGENS DOS COITOS e DIABRÓRIA perto da Base Aérea e Aeroporto de Beja.	Freguesia de Beringel, Trigaches/S.Brissos	
		3 - A Zona De PENEPLANÍCIE AZINHALINHO/TRINDADE/ALBERNOA confinante com a ZPE de Castro Verde.	Freguesia de Albernoa e Trindade	
		4 - A RIBEIRA DE TERGES E COBRES da ponte da EN Beja - Mértola até á confluência com o Rio Guadiana e a Ribeira de Odearça desde a Ponte do IP2 a Norte de S.Matias até á confluência com o Rio Guadiana na denominada Varginha.	Freguesia de Trindade e Salvada	
		5 – A BARRAGEM DO ROXO na zona de Santa Vitória e Mina da Juliana.	Freguesia de Santa Vitória e Mombeja	
		6 – A zona do MONTE DA APARIÇA/TORRE DO PINTO, confinante com S.Matias, com bom potencial para aves de Planície e estepárias	Freguesia de S.Matias	
		MOINHO GRANDE	Beja 38° 1'33.85"N 7°52'32.57"W	
Simbólico-Cultural	CANTE – EVENTO QUE PROMOVA O CANTE NO CONCELHO BEJA (RURALBEJA?)			

	FESTAS DE SANTA MARIA FESTIVAL BEJA ROMANA FESTIVAL INTERNACIONAL DE BANDA DESENHADA PALAVRAS ANDARILHAS RURALBEJA – VINIPAX, SALÃO CAVALO, FESTA BRAVA,... ENCONTRO DE BANDAS FILARMÓNICAS		
--	--	--	--

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	ROTA DOS VINHOS DO ALENTEJO	CONCELHO DE BEJA	Casa de Santa Vitoria, Herdade dos Grous, Herdade da Malhadinha Nova, Herdade da Mingorra, Herdade do Monte Novo, Figueirinha, Herdade do Vau e Herdade do Paço do Conde,
	REDE DE MUSEUS DO DISTRITO DE BEJA	MUSEU REGIONAL DE BEJA/NUCLEO VISIGÓTICO; NUCLEO MUSEOLÓGICO DA RUA DO SEMBRANO, MUSEU JORGE VIEIRA	

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	PERCURSOS PEDESTRES DO CONCELHO DE BEJA (em fase de implementação) Caminhos do Pão, Caminhos das Azenhas e Fontes, Nos braços da Barragem do Pisão, Montes do Cantinho da Ribeira, Caminhos da Cal, Trilhos do Pego e das Searas	Salvada, Quintos, Beringel, Albernoa, Trindade, Trigaches/S.Brissos	Seis percursos pedestres em implementação no concelho de Beja

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	CASTRO VERDE	DISTRITO	BEJA
-----------------	--------------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Basílica Real de Castro Verde	Vila de Castro Verde	
	Museu da Ruralidade	Entradas	
	Igreja de N. Sra. dos Remédios	Vila de Castro Verde	
	Centro de Educação Ambiental do Vale Gonçalves	Herdade do Vale Gonçalves – Castro Verde	Centro de Educação Ambiental (Liga para a Protecção da Natureza), no qual ou a partir do qual se podem realizar um vasto conjunto de actividades de natureza.

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Basílica Real de Castro Verde	Vila de Castro Verde	
		Museu da Lucerna	Vila de Castro Verde	
Industrial	Moinho de Vento	Vila de Castro Verde	Moinho de vento com funcionamento regular e moleiro residente.	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Estrada Municipal 349 Entradas – S. Marcos da Atabueira	Entradas – S. Marcos da Atabueira	Estrada Municipal de grande interesse paisagístico e ornitológico.
		Centro de Educação Ambiental do Vale Gonçalves	Herdade do Vale Gonçalves – Castro Verde	Centro de Educação Ambiental (Liga para a Protecção da Natureza), no qual ou a partir do qual se podem realizar um vasto conjunto de actividades de natureza.
	Rural	Museu da Ruralidade	Entradas	
		Moinho de Vento		Moinho de vento com funcionamento

			Vila de Castro Verde	regular e moleiro residente.
Simbólico-Cultural		S. Pedro das Cabeças	Castro Verde	Elevação com grande interesse paisagístico e com uma ermida. Local onde se terá realizado a Batalha de Ourique em 25 de Julho de 1139.
		N. Sra. de Aracelis	S. Marcos da Atabueira	Elevação com grande interesse paisagístico e com uma muito interessante ermida rural, situada no limite dos concelhos de Castro Verde e de Mértola. Tem romaria no primeiro fim-de-semana de Setembro.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
		N. Sra. de Aracelis	S. Marcos da Atabueira

ROTAS	Designação	Localização	Observações

Outras Observações:
São realizados percursos patrimoniais na vila ou no concelho, acompanhados por guia a partir do Posto de Turismo, a pedido e por medida.

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Cuba	DISTRITO	Beja
-----------------	------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Tesouro da Igreja Matriz de S. Vicente de Cuba	Rua Serpa Pinto, n.º 81 ou Largo 5 de outubro, Igreja – 7940 Cuba	
	Museu de Arte Sacra de Vila Alva	Rua da Misericórdia – 7940-382 Vila Alva	Atualmente o espaço e espólio encontra-se em restauro.
	Igreja de S. Luís de Faro do Alentejo	Largo da Praça	
	Ermida de Nossa Senhora da Represa (Represa Romana)	EN 258, Cuba - Alvito, a 2 km de Vila Ruiva, freguesia de Vila Ruiva, concelho de Cuba	É classificada como monumento de interesse público

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Ponte Romana de Vila Ruiva	Situada na Estrada entre Vila Ruiva e a localidade de Albergaria-dos-Fusos	
		Igreja Matriz de N. Senhora da Encarnação	EN – 258/1 Vila Ruiva	Igreja classificada como Imóvel de Interesse Público
	Industrial			

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Barragem de Albergaria dos Fusos	Fica situada no concelho de Cuba, a cerca de 3 km da aldeia de Albergaria dos Fusos e a 20 Km de Cuba.	Barragem de Albergaria dos Fusos - Conhecida por Barragem do Alvito é uma ótima área para desportos de água e ótimo lugar de lazer.
		Insectozoo "Cappas"	Rua 5 de Outubro, 40 Vila Ruiva	Museu de insectos vivos
	Rural	Taberna do Arrufa	Rua das Francas, 3 7940 Cuba	
		Taberna Xico Fitas	Travessa Cândido dos Reis, 3 7940 Cuba	
	Simbólico-Cultural	O Cante Alentejano		
		Alminhas	Encontramo-las quase por todas as ruas de Vila Alva Pequenos altares com imagens de santos situados nas ruas da aldeia.	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Ponte Romana de Vila Ruiva e Represa Romana		
	Pintura Mural "Frescos"		

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota das Tabernas de Cuba e Vidigueira		Projeto desenvolvido pela Terras Dentro e Alentejo XXI.
ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota da Pintura Mural		Visita das várias pinturas a fresco nas nossas igrejas
	Percursos pedestres		
	Percursos de BTT		

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO Ferreira do Alentejo

DISTRITO Beja

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Capela do Calvário	Avenida Gago Coutinho e Sacadura Cabral	Imóvel de interesse público-único no nosso País. Ex libris do Município
	Misericórdia -núcleo de arte sacra	Largo José de Vilhena-Ferreira do Alentejo	Imóvel de interesse público, núcleo de arte sacra do museu municipal, situado no centro histórico
	Aldeia de Peroguarda	A cerca de 7 km da vila	Pequena aldeia que foi reconhecida em 1940 como a aldeia mais tradicional do Baixo Alentejo. Mantem ainda características tradicionais sob o ponto de vista arquitectónico. O cante alentejano tem também aqui muita importância. É aqui que se encontra sepultado Michel Giacometti.
	Museu-núcleo sede	Rua Conselheiro Júlio de Vilhena	Relata-se o Passado Histórico do Concelho desde o 3.º milénio. Detém sala exposição temporária onde se abarcam temáticas mais recentes e concernentes aos tempos contemporâneos. Deste espaço dependem todos os outros núcleos nomeadamente a estação arqueológica do Monte da Chaminé que é visitável e tem um lagar com 2000 anos de existência.

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Ruas com História		Rua Conselheiro Júlio de Vulhena, Largo José de Vilhena, Rua Visconde de Ferreira, Praça Comendador Infante Passanha, Rua Capitão Mouzinho
		A cerca de 2 km da vila-caminho para Aljustrel		Núcleo complementar ao núcleo sede, onde através da visita a estrutura de uma villa romana com ocupação desde o sec. I se pode compreender melhor a vida no tempo dos romanos. Tem um lagar com 2000 anos à vista. Também aqui era local de passagem de um dos troços do caminho de santiago.
	Industrial			
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
Natural	Percurso pedestre do Monte da Chaminé	Começa no centro urbano da vila e abrange	Percurso homologado	

			monumentos, ruas com história, equipamentos culturais, áreas naturais e uma villa romana. Tem 12km	
	Rural	Aldeias típicas-Peroguarda		
	Simbólico-Cultural			

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	O cante Alentejano		No município existem 10 grupos corais activos constituídos por homens, mulheres e também crianças. Em Peroguarda está sepultado Michel Giacometti. Esta temática pode abranger diversos concelhos
Caminhos de santiago		Em Ferreira passavam pelo menos 2 troços do caminho de Santiago. Conhecemos esses locais e a sua história. Seja por Sul ou Por Este é possível enquadrar outros concelhos. Estes percursos abrangem áreas naturais, zonas urbanas e igrejas e tb coincidem com vias romanas.	

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Capelas, igrejas e ermidas	Largo da Misericórdia, Rua Capitão Mouzinho, Rua da Republica, Praça Comendador Infante Passanha,	Conjunto de ermidas, capelas e igrejas através das quais é possível contar estórias e a história da vila
	Percurso pedestre do Monte da Chaminé		12km
	Capelas, igrejas e ermidas	Largo da Misericórdia, Rua Capitão Mouzinho, Rua da Republica, Praça Comendador Infante Passanha,	Conjunto de ermidas, capelas e igrejas através das quais é possível contar estórias e a história da vila
	Rota dos lagares	Integra visita a diferentes lagares desde os mais modernos aos mais antigos, nomeadamente ao do Monte da Chaminé	
	Ruas com história	Diferentes ruas da vila	A visita integra as próprias ruas, passagem por artesanato-ferro forjado- equipamentos públicos e museológicos .

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Mértola	DISTRITO	Beja
-----------------	---------	-----------------	------

POI - Points of Interest

Designação	Morada ou localização	Observações
Centro histórico de Mértola e núcleos do Museu de Mértola	Vila de Mértola http://museus.cm-mertola.pt/	Abertos de terça a domingo
Área Protegida do Parque Natural do Vale do Guadiana: Pulo do Lobo	GPS: 37°48'14.27"N / 7°38'0.97"W	
Rota do Minério: Património Histórico-Cultural da Mina de S. Domingos (circuito urbano e circuito mineiro)	Centro de Documentação – Casa do Mineiro Mina de S. Domingos	Aberta a Casa do Mineiro de segunda a sexta. Estação de serviço para autocaravanas disponível na Mina de S. Domingos GPS: 37°40'16.64"N / 7°30'2.09"W
Praia Fluvial da Mina de S. Domingos	Mina de S. Domingos	Época balnear de 15 de Junho a 15 de Setembro Estação de serviço para autocaravanas disponível na Mina de S. Domingos GPS: 37°40'16.64"N / 7°30'2.09"W

TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática) Histórico Arquitectónico	Museu de Mértola: 11 Núcleos- Igreja Matriz, Castelo, Fórum da Alcáçova; Forja do Ferreiro, Museu islâmico, Núcleo de Arte Sacra, Casa Romana, Basílica Paleocristã, Oficina de Tecelagem, e Ermida de S. Sebastião.	Vila de Mértola: centro histórico	Castelo de Mértola: foi classificado monumento nacional em 1951. Mesquita/ Igreja Matriz: Foi classificada como monumento nacional em 1910.
	Torre do Relógio	Centro histórico de Mértola	
	Torre do Rio	Centro histórico de Mértola/ Margens do Guadiana	Pela sua técnica construtiva e funções, é um monumento único no nosso país. O conjunto foi classificado como monumento nacional em 1910.

		Azenhas de Mértola	Mértola: rio Guadiana	
		Núcleos do Museu de Mértola descentralizados pelo concelho a) Casa do Mineiro b) Ermida do Mosteiro c) Núcleo Museológico de Alcaria dos Javazes	a) Mina de S. Domingos b) Aldeia do Mosteiro (Freguesia de Mértola) c) Alcaria dos Javazes (Freguesia do Espírito Santo)	
	Industrial	Complexo Industrial e Urbano da Mina de São Domingos.	Mina de S. Domingos ao Pomarão	
		Antigo Porto marítimo do Pomarão.	Pomarão	
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Pulo do Lobo/ Rio Guadiana	GPS: 37°48'14.27"N / 7°38'0.97"W	
		Ribeira do Vascão (sítio Rmsar) Pequena Rota nº 8 da rede de percursos pedestres	Freguesia de Espírito Santo GPS N37 29 59.6 W7 42 02.7	Existe uma Pequena Rota (PR 8) da rede de percursos pedestres do concelho que decorre nas margens do troço da ribeira.
	Rural	Monte do Vento e Centro de Interpretação da Amendoeira da Serra	Amendoeira da Serra	Contacto: ADPM
		Circuito de Moinhos de Água e Vento: Núcleo Museológico de São Miguel do Pinheiro, Moinho do Alferes, Moinho de Corte Gafo de Cima, Moinho dos Canais, Azenhas de Mértola.	S. Miguel do Pinheiro; Ribeira do Vascão; Corte Gafo de Cima; Canais; Mértola	
Simbólico-Cultural	Eventos: Festival Islâmico de Mértola, Feira da Caça, Festival do Peixe do Rio, Feira do Pão Queijo e Mel			

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Visit Portugal Birdwatching: Observação de Aves	Mértola, Castro Verde, Estuários do Tejo e Sado, Reserva de Castro Marim e VRSA, Ria Formosa e Sagres.	
	Rota da Pirite	Mina de S. Domingos, Aljustrel, Lousal, Ferrarias	Ligação a Espanha: Herrerias e Rio Tinto

	Rota das Tabernas Alentejanas	Mértola, Castro Verde e Almodôvar	ADPM http://issuu.com/adpmertola/docs/rota_da_s_tabernas_por_)
	Rota Islâmica Centro histórico de Mértola: Mesquita, Alcáçova, Núcleo Museológico de Arte Islâmica; Centro de Estudos Islâmicos.	Mértola	Mértola integrada numa rota focalizada na herança árabe do território: já temos o levantamento da rota de Lisboa ao Algarve. Estamos na fase de realização de parcerias.

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rede de Percursos Pedestres do Parque Natural Vale do Guadiana (10 percursos sinalizados)	PR1 “ Guadiana o Grande Rio do Sul” N37 38 03.1 W7 40 22.0 PR2 “ Os Canais do Guadiana” N37 40 59.6 W7 38 38.4 PR3 “ As Margens do Guadiana” N37 43 12.4 W7 41 06.9 PR4 “Á Volta do Montado” N37 41 02.5 W7 33 31.2 PR5 “Ao Ritmo das águas do Vascão” N37 31 20.9 W7 32 11.7 PR6 “ Entre a Estepe e o Montado” N37 44 57.8 W7 51 13.0 PR7 “ Subida à Senhora do Amparo” N37 38 57.7 W7 34 55.1 PR8 “ Um Percorso Ribeirinho” N37 29 59.6 W7 42 02.7 PR9” Entre o Escalda e o Pulo do Lobo” N37 48 53.9 W7 38 58.9 PR10 “ O ciclo do Minério”	Dossier de percursos em fase de homologação na Federação Portuguesa de Campismo e Montanhismo de Portugal (Aguarda vistoria no terreno). Folhetos disponíveis em PT, ES e EN
	Mértola Birdwatching: Rotas de Observação de Aves (5 percursos no concelho de Mértola)	No reduto do Peneireiro das Torres Nos trilhos da Mina de S. Domingos Na barragem dos Corvos Entre a Estepe e o Montado Em terras do Pulo do Lobo	Folhetos disponíveis em PT e EN
	Rota do Minério	Mina de S. Domingos (circuito urbano); Corta da Mina, Oficinas, Malacate, Estação da Moitinha, Achada do Gamo, Pomarão.	Folheto Disponível em PT, EN e ES
	Rota da Transumância	Pelos caminhos de S. João (S. João dos Caldeireiros) Pelos caminhos de Alcaria (Alcaria Ruiva) Pelos caminhos de S. Pedro (S. Pedro de Sólis)	ADPM

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Moura	DISTRITO	Beja
-----------------	-------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Castelo de Moura	Praça Sacadura Cabral – Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 37,642" N/07º 27' 03,162" W	
	Mouraria de Moura	Centro Histórico de Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 32, 321" N/07º 27' 08, 262" W	
	Igreja de São João Baptista	Praça Sacadura Cabral – Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 36, 950" N/07º 26' 58, 784" W	
	Lagar de Varas do Fojo	Rua São João de Deus, 20 – Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 21, 827" N/07º 26' 49, 842" W	Atualmente em obra de conservação

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Castelo de Moura	Praça Sacadura Cabral - Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 37,642" N/07º 27' 03,162" W	
		Igreja do Carmo	Av. do Carmo - Moura GPS - 38º 08' 40,123" N/07º 27' 08,434" W	
	Industrial	Lagar de Varas do Fojo	Rua São João de Deus, 20 - Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 21, 827" N/07º 26' 49, 842" W	Atualmente em obra de conservação
		Museu Águas Castello	Sítio de Pisões, concelho de Moura Coordenadas GPS - 38º 7' 35, 02" N/7º 28' 5.72" W	Inaugurado em 2011 pela empresa Mineraqua Portugal

POI TEMÁTICOS (2)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Herdade da Contenda	Sto. Aleixo da Restauração	Gerida pela Herdade da Contenda, E.M.
		Serra da Adiça	Sobral da Adiça	
	Rural	Aldeia Histórica de Santo Aleixo da Restauração	Sto. Aleixo da Restauração	
		Aldeia da Estrela	Estrela - Póvoa de São Miguel	
	Simbólico-Cultural	Jardim das Oliveiras	Rua São João de Deus - Moura	
Igreja de S. Pedro / Museu de Arte Sacra		Rua da República, 18 – Moura		

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Poço Árabe	1ª Rua da Mouraria, 11 - Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 31, 800" N/07º 27' 08,223" W	
Museu Alberto Gordillo – Joalharia Contemporânea	Rua da Vista Alegre – Moura Coordenadas GPS - 38º 08' 36, 107" N/07º 27' 07, 658" W		

	Designação	Localização	Observações
	Rota dos Vinhos do Alentejo		CVRA – Comissão Vitivinícola Regional Alentejana

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Serpa	DISTRITO	Beja
-----------------	-------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Núcleo intramuros da cidade de Serpa — conjunto de interesse público	Serpa	
	Castelo e muralha	Serpa	
	Cante		
	Museu do Relógio António Tavares d’Almeida	Convento do Mosteirinho, Rua do Assento, 7830-341 Serpa	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitetónico	Centro histórico — Conjunto de interesse público	Serpa	
		Castelo, muralha e sítios arqueológicos	Serpa	
	Industrial	Antiga fábrica de moagem de cereais	Musibéria, Rua Afonso Henrique Pedro de Castro e Lemos, 7830-393 Serpa	
Rouparias				
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Parque Nacional do Vale do Guadiana (rio Guadiana e moinhos)		
		Rio Guadiana		
	Rural	Museu de etnografia	Largo do Corro, 7830-328 Serpa	
		Queijo Serpa		
	Simbólico-Cultural	Festa de Nossa Senhora de Guadalupe		Período da Páscoa (de sexta a terça-feira)
Musibéria e Casa do Cante				

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Parque Nacional do Vale do Guadiana		
	Cante		

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Itinerário ao Rio Guadiana	Início junto à ermida de São Sebastião	Percurso para BTT
Itinerário por Serpa antiga	Início junto à ermida de São Sebastião	Percurso para BTT	

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Itinerário manutenção de Serpa	Início junto à ermida de São Pedro	Percurso pedestre
Itinerário às azenhas	Início junto à Circular Interna de Serpa	Percurso pedestre	

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Vidigueira	DISTRITO	Beja
-----------------	------------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Ruínas Romanas de S. Cucufate	Vila de Frades	
	Museu Municipal de Vidigueira	Vidigueira	
	Museu Casa do Arco	Vila de Frades	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Núcleo de Exposição de Marmelar	Marmelar	(roteiro do património paleocristão)
	Industrial			

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Serra do Mendro	Vidigueira	
		Barragem do Pedrógão (Rio Guadiana)	Pedrógão do Alentejo	
	Rural	Roteiro dos Vinhos	Concelho de Vidigueira	
		Roteiro das Tabernas e das Adegas	Vidigueira e Vila de Frades	
	Simbólico- Cultural	Cante	Vidigueira	
Evento: Vitifrades		Vila de Frades	(Vinho de talha)	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Aldeias ribeirinhas - Alqueva	Vidigueira e Portel	
	Serra e paisagens vinícolas	Vidigueira e Portel	

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota dos Vinhos	Concelho de Vidigueira	Entidade: Comissão Vitivinícola da Região Alentejo (Vinhos do Alentejo)
	Rota Terras do Fresco do Sul	Igrejas e Monumentos com pintura mural, no concelho de Vidigueira)	Entidade: SPIRA
	Rota "No Condado dos Gamas"		Entidade: Museu Municipal de Vidigueira
	Circuito Turístico Cultural do Vinho da Vinha de S. Cucufate		Entidade: Câmara Municipal de Vidigueira Parceiro: Associação Iter Vitis

Outras Observações:

CONCELHO	Ourique	DISTRITO	Beja
-----------------	---------	-----------------	------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão	Rua Gago Coutinho, 31, Ourique,	Centro de estudos das peças arqueológicas do Depósito Votivo de Garvão. É um centro de conhecimento, estudo e formação arqueológica.
	Circuito arqueológico da Cola	Castro da Cola 7670-201 Castro da Cola	O circuito arqueológico é constituído por quinze sítios arqueológicos que se distribuem cronologicamente desde o período Neolítico até à Idade Média e se encontram implantados num espaço de vários quilómetros em Castro da Cola.
	Miradouro de Ourique		Construído no local onde outrora fora o Castelo de Ourique o Miradouro é um local com uma paisagem sobre a vila e onde está a estátua de D. Afonso Henriques.
	Igreja Matriz	R. São João de Deus, 19, 7670-301 Ourique	Templo de feição maneirista com uma elegante fachada com trabalhos de argamassa de estilo rococó.

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Circuito arqueológico da Cola		
		Chaminés Mouriscas da Conceição	Conceição	As Chaminés Mouriscas são testemunhos da ocupação árabe e exemplos comuns da cultura de transição entre o Alentejo e o Algarve.
	Industrial			

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA			
	Natural	Montado	Concelho de Ourique	Assume-se como um património natural inestimável com uma floresta constituída, maioritariamente, por sobreiros sendo um grande equilíbrio de eco sistemas contribuindo para a especificidade do porco alentejano bem como para a qualidade final dos produtos que deles resultam.
		Barragem do Monte da Rocha	Monte da Rocha	Um local com facilidade de observação de diversas espécies de aves e com uma paisagem simples e tranquila.
	Rural	Moinhos	Conceição, Santa Luzia e Santana da Serra	
		Casas Caiadas	Aldeia da Conceição e Alcarias	Casas de arquitectura tradicional e típica alentejana.
	Simbólico-Cultural	Igreja de Nossa Senhora da Cola	Castro da Cola	Igreja de construção barroca do início de século XVII decorada por talha dourada. A Igreja é um dos locais mais importantes de peregrinação do Baixo Alentejo.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Circuito arqueológico da Cola	Castro da Cola, Ourique	O percurso sinalizado inclui mais de 15 sítios arqueológicos com monumentos megalíticos, povoados, necrópoles e restos de fortificação árabe - medieval. Dispões de um centro de interpretação.
	Rota das Tabernas Alentejanas	Concelho de Ourique	É um roteiro turístico que pretende conduzir o visitante à descoberta deste património cultural quase em extinção. Este roteiro compreende vários Concelhos.

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Alandroal	DISTRITO	Évora
-----------------	-----------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Castelos e Vilas Históricas	Alandroal, Terena e Juromenha	
	Santuário de Nossa Senhora da Boa Nova	Terena	
	Vale Sagrado do Lucefecit (em processo de classificação) – Rocha da Mina Lugar do santuário de Endovélico	Freguesia de S. Pedro – terena e União de Freguesias de Alandroal.	
	Alqueva	Montes Juntos, Rosário e Juromenha	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Castelos de Alandroal e Terena e fortaleza de Juromenha	Terena, Alandroal e Juromenha	
		Santuário de Nossa Senhora da Boa Nova		
Industrial				

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Ribeira de Lucefecit		
		Guadiana / Juromenha (sítios de importância comunitária)		
	Rural			
	Simbólico-Cultural	Festas de Santa Cruz	Aldeia da Venda e Aldeia de cabeça de Carneiro (Maio)	
Romaria de Nossa Senhora da Boa Nova		Terena		

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Alqueva	Rosário ou Juromenha	Em relação a Vila Viçosa ou Redondo

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Percurso pedestre – Rota do Giro		
	Percurso pedestre – Pedra Alçada		
	Percurso pedestre – Passeio pelo Campo		
	Percurso pedestre – Nas Margens de Alqueva		
	Percurso pedestre – Sentinela do Guadiana		
	Rota Pica Chouriços		
	Rota do Fresco – Do Sol e da Lua		
	Rota Tons de Mármore		

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Arraiolos	DISTRITO	Évora
-----------------	-----------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Tapetes de Arraiolos / Centro Interpretativo	Arraiolos	
	Castelo de Arraiolos	Arraiolos	
	Centro Histórico da Vila	Arraiolos	
	Convento dos Lóios Pousada	Arraiolos	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Igreja da Misericórdia	Arraiolos	
		Templo Romano/ruínas		
Industrial	Antiga Fábrica da Cerâmica / Monte das Ânforas	Arraiolos / EN4		

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Barragem Ribeira do Divôr	Igrejinha/Arraiolos	
		Ecopista e zona envolvente	Arraiolos	
	Rural	Mundo Rural / Centro Interpretativo	Ilhas/Arraiolos	
	Simbólico-Cultural	Gastronomia / Empadas de Arraiolos e Vinhos	Concelho de Arraiolos	
Eventos – Tapete está na Rua e Mostra Gastronómica		Arraiolos		

POI por complementaridade e adicionalidade face a	Designação	Morada ou localização	Observações
	Road Park – Parque de cidadania Rodoviária	Arraiolos – zona industrial	

espaços ou territórios vizinhos (2)	Rota das Adegas	Concelho de Arraiolos	A criar
--	-----------------	-----------------------	---------

ROTAS	Designação	Localização	Observações

Outras Observações:

Plano Estratégico para o Touring Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO BORBA

DISTRITO ÉVORA

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Vinhos de Borba	Vinhas / Adegas / Tabernas	Rota das Vindimas / Circuito das Tascas e do Petisco / Adegas Tradicionais (com talhas / familiares)
	Mármore	Pedreiras CEVALOR (Centro de Valorização) Parque Temático do Mármore – Jardim Municipal	
	Memórias da Batalha de Montes Claros	Padrão / Campo da Batalha – E. Intermunicipal 508 Ermida da Senhora da Vitória e Padrão Comemorativo Sala do Despacho - Misericórdia	Possibilidade de desenvolver uma Rota com esta temática / Criação um Passeio Pedestre com esta temática
	Produtos Regionais e Gastronomia	Vários produtores com certificação (Queijos; Ameixas; Azeite; Enchidos; etc.)	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Fonte das Bicas	Jardim Municipal	Monumento Nacional
		Padrão da Batalha de Montes Claros	Freguesia de Rio de Moinhos / Estrada Intermunicipal 508	Epicentro do Campo da Batalha de Montes Claros / Local do futuro Centro Interpretativo
	Industrial	Pedreiras – Industria Extrativa do Mármore	Áreas de Extração (entre Borba e Vila Viçosa)	Interacção com a Rota Tons de Mármore
		Fornos de Cal	Barro Branco	Ainda em funcionamento / Memórias de artes e ofícios em desaparecimento
Natural	Serra d'Ossa	Freguesia de Rio de Moinhos / Encosta Este da Serra, nascente da Ribeira do Lucefecit	Percurso Pedestre em vias de sinalização	

Rural	Vinhedos de Borba	Paisagem vinhateira – Encosta da Serra e Orada	
	Casario da Orada	Orada	Aldeia típica alentejana
Simbólico Cultural	Bonecos da Orada	Orada – Pólo Museológico Azinhal Abelho	Coleção de Marionetas / Tradição do Teatro de Bonecos nesta freguesia

POI Por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Património Militar – Batalhas da Restauração		Envolvência dos concelhos de Vila Viçosa, Estremoz, Elvas

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota dos Vinhos do Alentejo	Vários - Concelho	Implementada
	Rota do Fresco	Vários - Concelho	Implementada / Explorada pela Spira
	Rota Tons de Mármore	Vários locais de Borba integram a Rota	Dinamizada e explorada pela SPIRA
	Rota dos Sabores	Vários locais / produtores de Borba integraram a Rota	Implementada pela ADRAL – Neste momento sem dinamização
	Turismo Militar / Campos de Batalha e simbologia das Guerras da Restauração	Vários...	Propor criação - Envolvência dos concelhos de Vila Viçosa, Estremoz, Elvas
	Rede de Percursos Pedestres Temáticos		

Outras Observações:

--

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Estremoz	DISTRITO	Évora
-----------------	----------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Conjunto Monumental da Alcáçova do Castelo de Estremoz	Largo D. Dinis, 7100 Estremoz	
	Castelo de Evoramonte	Rua da Convenção, 7100 Evoramonte	
	Castelo de Veiros	Traseiras do Largo da Matriz, 7100 Veiros	
	Rossio Marquês de Pombal	Rossio Marquês de Pombal, 7100-513 Estremoz	Possui à sua volta os conventos, é o espaço nobre da cidade, o centro nevrálgico e ponto de encontro de gentes e culturas

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Castelo/ Torre de Menagem de Estremoz	Largo D. Dinis, 7100 Estremoz	
		Castelo de Evoramonte	Rua da Convenção, 7100 Evoramonte	
Industrial	Pedreiras de Extração de Mármore	Junto ao Cemitério		
	Zona da Antiga Estação Rodoviária/ Avenida Rainha Santa Isabel	Avenida Rainha Santa Isabel, 7100 Estremoz		

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Serra d' Ossa	Serra d' Ossa	
		Albufeira de Veiros	Veiros	
	Rural	Museu Rural		
		Museu da Alfaia Agrícola	Pavilhão junto aos antigos Silos da EPAC, 7100 Estremoz	
	Simbólico-Cultural	Bonecos de Estremoz (albergados no Museu Municipal Professor Joaquim Vermelho)	Museu Municipal Professor Joaquim Vermelho, Largo D. Dinis, 7100 Estremoz	
Capela da Rainha Santa Isabel		Largo D. Dinis, 7100 Estremoz		

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte	Rua Vasco da Gama, 7100 Estremoz	
	Adegas/ Enoturismo		Incluir as 21 adegas do Concelho

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota do Mármore	Centro urbano de Estremoz	
	Rota da Água	Centro urbano de Estremoz	
	Estamos a preparar a “Rota do Boneco de Estremoz”		
	Estamos a preparar a Rota das Tascas”		
	Estamos a preparar a “Rota da Arte Nova”		
	Estamos a reformular a “Rota do Barroco”		

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	ÉVORA	DISTRITO	ÉVORA
-----------------	-------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	ACRÓPOLE (Templo Romano, Catedral, Igreja e Convento dos Loios)	Largo Conde Vila Flor	
	Igreja de S. Francisco-Capela dos Ossos, Palácio D. Manuel	Largo de S. Francisco, Jardim Público	
	Praça de Giraldo e artérias adjacentes	Praça de Giraldo e ruas adjacentes	
	Muralha Romano/Árabe, Arco de D. Isabel, Aqueduto da Água da Prata e Torre de Alconchel	Centro Histórico, Rua de D. Isabel, Rua do Cano e zona envolvente, Rua Serpa Pinto	
	Universidade de Évora (Colégio do Espírito Santo – Igreja do Espírito Santo)	Largo dos Colegiais	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Évora Romana: Termas Romanas, Domus, Muséu e Templo Romano	Praça do Sertório (edifício da Câmara Municipal), Rua de Burgo, Largo Conde Vila Flor	
		Évora Medieval: Catedral, Palácio do Conde de Basto e Pátio de S. Miguel, Rua do Cano e zona envolvente	Largo Conde Vila Flor, Pátio S. Miguel, Rua do Cano e zona envolvente	
		Évora Renascentista: Palácio D. Manuel, Igreja de S. Francisco, Igreja da Graça, Porta de Moura e zona envolvente (janela manuelina)	Largo de S. Francisco, Largo da Graça, Largo da Porta de Moura	
Industrial	Antiga Fábrica dos Leões	Estrada dos Leões		

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Natural	Alto de S. Bento	Grande miradouro natural sobre a cidade. Bairro da Malagueira	
		Aqueduto da Água da Prata Ecopista	Troço monumental Percurso ambiental	Disponível em cerca de 15 km de extensão da antiga ligação ferroviária Évora-Mora. Além dos aspetos estritamente lúdicos, engloba ambiente e património histórico e arqueológico, com informação direcional e painéis temáticos de apoio ao longo do percurso.
		Caminho da Missa	Percurso histórico. Disponível em cerca de 10 km de extensão entre a igreja de Nossa Senhora do Espinheiro (Hotel) e a ermida do Sr. Jesus dos Aflitos. Além dos aspetos estritamente lúdicos, engloba ambiente e património histórico, com informação direcional e painéis temáticos de apoio ao longo do percurso. Faz parte de um percurso (PR2.EVR) homologado pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP).	Informação e distribuição de folheto complementar no Posto de Turismo.
	Rural	Igreja de Boa Fé	Freguesia de Boa Fé	Em cada uma das nove freguesias rurais há património artístico a visitar
		Conventinho de Bom Jesus de Valverde	Valverde (Mitra)	
	Simbólico-Cultural	Troço do Aqueduto ao longo de Rua do Cano	Rua do Cano	
		Teatro Garcia de Resende	Praça do Sertório (edifício da Câmara Municipal)	
		Ex-Celeiros da EPAC	Rua do Eborim	Vestígios da atividade industrial / atual polo de vida cultural

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Recinto Megalítico dos Almendres	Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe	
	Anta Grande do Zambujeiro	Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe	

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Centro Histórico de Évora	Visita guiada ao Centro Histórico de Évora	Oferta privada: 1. AGIA (Associação de Guias Intérpretes do Alentejo): visita guiada ao CHE, diariamente a partir do Posto de Turismo; 2. Alentrens: circuitos turísticos pelo Centro Histórico em charrete. Diariamente a partir do Museu de Évora. Oferta pública: Divisão de Cultura e Património: vocacionada à comunidade educativa/institucional, com marcação prévia.
	Ebora Megalítica	Recinto Megalítico dos Almendres, Anta Grande do Zambujeiro – Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe	Oferta privada: Ebora Megalítica: visita guiada aos principais monumentos megalíticos do concelho de Évora. Diariamente articulada através dos estab. hoteleiros e Posto de Turismo. Oferta pública: Divisão de Cultura e Património: vocacionada à comunidade educativa/institucional, com marcação prévia.
	Aqueduto da Água da Prata	Percurso ambiental. Disponível cerca de 8 km de extensão ao longo da estrutura hidráulica, com informação direcional e painéis temáticos de apoio ao longo do percurso.	Informação e distribuição de folheto complementar no Posto de Turismo/CME
	Évora Islâmica	Percurso histórico. Catedral; Muralha Romano/Árabe; Palácio dos Duques de Cadaval, Palácio dos Condes de Basto e Pátio de S. Miguel; Rua 5 de Outubro; Museu de Évora e zona do Templo Romano; Igreja de Santiago; Termas Romanas.	Em fase de implementação. CME
	<i>Ebora Liberalitas Julia</i>	Percurso histórico. Termas Romanas (Praça do Sertório – edifício da Câmara Municipal), Domus da Rua de Burgo, Museu de Évora e Templo Romano (Largo Conde Vila Flor)	A implementar. CME
	Paço a Passo	Percurso temático em torno do património histórico e monumental dos antigos Paços Reais de Évora.	Informação e distribuição de folheto complementar no Posto de Turismo. Visitas guiadas por marcação prévia, vocacionadas à comunidade educativa.
	Évora, Tour Medieval	Percurso turístico em torno das memórias históricas medievais de Évora, englobando outros patrimónios culturais do Centro Histórico como as lojas tradicionais, artesanato, gastronomia e vinhos.	Informação e distribuição de planta no Posto de Turismo.

	Évora, Capital do Megalitismo Ibérico	Percurso a monumentos/sítios megalíticos do concelho de Évora: o recinto megalítico dos Almendres, o menir do Monte dos Almendres, a Anta Grande do Zambujeiro e o povoado do Alto de S. Bento.	Sob forma de folheto recolhido ao balcão do Posto de Turismo.
--	---------------------------------------	---	---

Outras Observações:

Oferta privada: Empresas de animação turística: circuitos turísticos temáticos em Évora e na região. Visita por marcação prévia

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	MONTEMOR-O-NOVO	DISTRITO	ÉVORA
-----------------	-----------------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Castelo de Montemor-o-Novo	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Lg. Dos Paços do Concelho, 7050 – 127 Montemor-o-Novo	
	Centro Histórico / património religioso		
	Megalitismo		
	Rede Natura/ ecopista/ rede de percursos de BTT e pedestres	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Lg. Dos Paços do Concelho, 7050 – 127 Montemor-o-Novo	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitetónico	Castelo	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo Lg. Dos Paços do Concelho 7050 – 127 Montemor-o-Novo	
		Património Religioso		
Industrial	Moinho do Ananil	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo Lg. Dos Paços do Concelho 7050 – 127 Montemor-o-Novo	Moinho na margem do rio Almansor que tem projeto para atividades culturais. Espaço que não está aberto ao público.	
	Lagar de azeite do Escoural	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo Lg. Dos Paços do Concelho 7050 – 127 Montemor-o-Novo	Lagar na R. Dr. Miguel Bombarda na freguesia do Escoural com todos os equipamentos de laboração, adquirido pelo município com inventariação feita, existe interesse do município para criar espaço museológico.	
(2 mais importantes por)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Rede Natura 2000	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo Lg. Dos Paços do Concelho 7050 – 127 Montemor-o-Novo	
		Rede de percursos / ecopista	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo Lg. Dos Paços do Concelho	

		7050 – 127 Montemor-o-Novo	
Rural	Núcleo museológico etnográfico	Rua de São Domingos nº 15 7050 Montemor-o-Novo	Projeto do município em parceria com os ranchos folclóricos do concelho, abrirá ao público em 2015
	Convento de São Domingos – Sala de etnografia	Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo Lg. Dr. Banha de Andrade 7050 Montemor-o-Novo	
Simbólico-Cultural	São João de Deus/ frescos / azulejaria Feira da Luz		
	Roteiro do Levantado do Chão	Câmara Municipal de Montemor-o-Novo Lg. Dos Paços do Concelho 7050 – 127 Montemor-o-Novo	Roteiro do Livro que José Saramago escreveu na vila de Lavre que será implementado em 2015. Projeto do Município com a Fundação José Saramago

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Rede Natura 2000 (Évora / Viana do Alentejo)		
	Gastronomia / vinhos		

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Megalitismo		Docs. Disponíveis em suporte digital na pag. Web Morinveste
	Passeio no Centro Histórico		Docs. Disponíveis em suporte digital na pag. Web Morinveste
	Ecopista		
	Roteiro Levantado do Chão		Roteiro do Livro que José Saramago escreveu na vila de Lavre que será implementado em 2015. Projeto do Município com a Fundação José Saramago

Outras Observações:
O Município dispõe de um portal em que divulga o património cultural móvel e imóvel, material e imaterial do concelho de Montemor-o-Novo. http://montemorbases.com

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	MORA	DISTRITO	ÉVORA
-----------------	------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Fluviário de Mora	Parque Ecológico do Gameiro Apartado 35 7490-909 Cabeção - Mora	
	Casa da Cultura de Mora	Rua de S. Pedro, s/n – 7490-208 Mora	
	Pistas de Pesca Internacionais de Cabeção e Mora	Ribeira da Raia – Cabeção e Mora	Em Junho de 2014 irão realizar-se os Campeonatos do Mundo de Pesca Desportiva de Veteranos e Dificientes.
	Rede Natura 2000, IBA de Cabeção	Passadiço do Parque Ecológico do Gameiro	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Santuário de Nossa Senhora de Brotas - Torre das Águias	Rua da Igreja – 7490-017 Brotas - Herdade das Águias	
		Anta Capela de S. Dinis	Largo dos Combatentes da Grande Guerra 7490 - Pavia	
	Industrial	Sopragol - Soc. Ind. Produtos Agrícolas, SA	Montinho de Baixo, 7490-909 Mora	
Arquiled-Projectos de Iluminação SA		Zona Industrial Lote 40, Mora 7490-324		
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Moinhos e quedas de água na Ribeira de Seda	Ribeira de Seda, Cabeção, Azenhas da Seda, Lda, Moinho da Arieira, apartado 34, 7490-909 Mora	
		Praia Fluvial do Gameiro	Parque Ecológico do Gameiro Açude do Gameiro – Cabeção	
	Rural	Morapesca	Parque de Mercados e Feiras – Mora, último fim-de-semana de Fevereiro.	

		Mostra Gastronómica da Caça 1ª Semana de Dezembro	Restaurantes do Concelho, E Jantar da Caça no Salão de Festas da Quinta de Stº Antonio – Mora.	
		Prova de Vinho Novo de Cabeção 2º Sábado de Dezembro	Pavilhão Gimnodesportivo de Cabeção Parque Urbano da Eira do Quarto, 7490 – Cabeção	
	Simbólico- Cultural	Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Mora	Rua Nova nº 51, 7490 Mora	
		Casa-Museu Manuel Ribeiro de Pavia	Largo dos Combatentes da Grande Guerra, 11 7490 - Pavia	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota das Adegas de Cabeção	Vila de Cabeção	
	Rota das Igrejas	Concelho	
	Rota dos monumentos	Concelho	
	Rota Gastronómica	Concelho	
	Rotas dos Vinhos	Concelho	
	Rota Cultural	Concelho	
	Rota Megalítica	Concelho	
	Rotas Pedestres	Concelho	Percursos pedestres: P1 Gameiro;P2 Pinhal e Vinhas de Cabeção; P3 Ecopista, P4 Pista Pesca Cabeção, P5 Ribeira de Tera.

Outras Observações:
No nosso Concelho realizam-se ainda diversas actividades Culturais/Recreativas, nomeadamente: - FEIRA ANUAL DE PAVIA – 1º fim de semana de junho - FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DE BROTAS – agosto - FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, em Malarranha – agosto - FESTAS EM HONRA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, em Pavia – 1º fim de semana de setembro - EXPOMORA – 2º fim de semana de setembro - FEIRA ANUAL DE CABEÇÃO – 3º fim de semana de setembro

CONCELHO	Mourão	DISTRITO	Évora
-----------------	--------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Castelo de Mourão	Mourão	No período da guerra da restauração, a estrutura medieval defensiva do castelo foi ampliada e reforçada segundo o sistema Vauban, o que resultou na construção de uma nova cintura abaluartada, conferindo-lhe a forma de estrela irregular.
	Igreja N Sra das Candeias	Mourão	Templo já conhecido nos princípios do séc. XVI mas que foi destruído e reconstruído no segundo quartel do séc. XVI. A traça actual remonta aos finais do séc. XVII. A igreja é composta por nave, altar-mor e capelas colaterais.
	Igreja de S. Brás	Granja	Templo construído entre os sec. XIV e XVI. Actualmente, apresenta características barrocas da dinastia filipina e clássicas. Edifício de planta longitudinal com altar-mor diferenciado. Pelo interior apresenta-se como um espaço único com uma nave de planta rectangular.
	Museu da Luz	Luz	O Museu da Luz tem como missão a interpretação, o estudo, o debate e a divulgação dos inéditos processos de transferência da Aldeia da Luz em consequência da implementação do empreendimento de Alqueva, que levou à submersão do local onde se situava a velha aldeia.

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Castelo de Mourão	Mourão	Castelo medieval com fortaleza abaluartada do sec. XVII
		Igreja N Sra das Candeias	Mourão	Templo já conhecido nos princípios do séc. XVI mas que foi destruído e reconstruído no segundo quartel do séc. XVI. A traça actual remonta aos finais do séc. XVII. A igreja é composta por nave, altar-mor e capelas colaterais.
	Industrial	Cooperativa Agrícola Granja-Amareleja	Granja	Produtora de vinhos e azeite de grande qualidade
		Cooperativa Agrícola "A Fomentadora	Mourão	Produtora de azeite de grande qualidade

		Mouranense”		
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Albufeira do Alqueva		Grande plano de água, ideal para actividades náuticas, pesca e lazer. Interesse paisagístico.
		Panorâmicas sobre o plano de água do Alqueva e paisagem circundante		
	Rural			
	Simbólico-Cultural	Gastronomia	Nos restaurantes de Mourão	Gastronomia muito rica e vinhos de grande qualidade
Grupos Corais de Cante Alentejano			Existem 2 grupos corais masculinos (Granja e Luz) e 2 grupos corais femininos da Granja	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Albufeira de Alqueva		Abrange vários concelhos portugueses e espanhóis, situando-se Mourão no centro do plano de água criado pela barragem

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota do Vinho	Cooperativa Agrícola da Granja	Zona incluída na sub-região Granja-Amareleja da Denominação de Origem Alentejo

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO

PORTEL

DISTRITO

ÉVORA

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Amieira Marina	Amieira	
	Castelo de Portel	Portel	
	Pavilhão Temático “A Bolota”	Rua 1º de Maio - Portel	
	Feira do Montado	Tapada dos Arcos - Portel	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Castelo de Portel		
		Igreja de Vera Cruz		
	Industrial			

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Serra de Portel/ Montado		
		Grande Lago de Alqueva/ Barragem de Alqueva		
	Rural	Pavilhão Temático A BOLOTA	Antigo Matadouro Municipal - Rua 1º de Maio - Portel	
		Museu da Freguesia	Rua do Espírito Santo - Portel	
Simbólico- Cultural	Cante			
	Eventos: Feira do Montado/ Congresso das Açordas			

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Cante	Grupo Coral de Cante Alentejano Os Almocreves – Amieira/ Grupo de Cantares Regionais de Portel	
Grande Lago de Alqueva			

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota Terras do Fresco do Sul (Portel, Vidigueira e Alvito)	Portel	Entidade Gestora: SPIRA Rua 5 de Outubro, 20, 7920-368 Vila Nova da Baronia (Alvito) Tel: +351 284 475 413 E-mail: info@spira.pt

Outras Observações:

Brevemente abrirá no Concelho de Portel o **Museu do Medronho**, na Freguesia de Alqueva, um novo espaço museológico de interesse turístico para este território. Posteriormente enviarei mais informação.

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Redondo	DISTRITO	Évora
-----------------	---------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Convento de S. Paulo/Serra d'Ossa	Aldeia da Serra; EN 381	Conjuga a imponência arquitectónica religiosa com o maravilhoso meio natural da serra.
	Museu do Vinho/ Enoteca	Praça da República/ Rua do Castelo	O museu dá a conhecer um dos principais produtos da região, concretizando a experiência com a prova das melhores produções regionais em espaço rústico, resultado da reabilitação do antigo Celeiro Comum da vila.
	Museu do Barro/ Olarias	Convento de Santo António/ Redondo	O museu dá a conhecer a actividade oleira , enquanto que as olarias demonstram os processos tradicionais.
	Centro Histórico/ Castelo	Redondo	Com fundação medieval, a vila conserva marcas arquitectónicas de todas as épocas, até à actualidade, que podem ser vislumbradas ao percorrer o seu centro histórico.

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Castelo de Redondo	Redondo	Imóvel de arquitectura militar, fundado no reinado de D. Dinis. Ostenta torres de menagem e alcaidaria, torre do relógio e porta medieval.
		Convento de S. Paulo	Aldeia da Serra	Antigo convento transformado em unidade hoteleira. Belo exemplar da arquitectura monástica Moderna, tendo uma das maiores colecções de azulejos conhecidas.
	Industrial	Olarias de Redondo	Redondo	Com uma forte tradição, a conceituada actividade oleira em Redondo é continuada, trazendo à luz admiráveis exemplares da arte de moldar o barro.
		Adegas Concelhias	Redondo	Vocacionadas para a produção de vinhos Alentejanos, proporcionam aos visitantes o encontro entre vinhos típicos de região e algumas produções inovadoras.
TEMÁTICOS (2 mais importantes)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Serra d'Ossa/ Ecomuseu	Estrada Municipal Redondo-Freixo	Situado na falda da Serra d'Ossa, o Ecomuseu leva a contactar com biodiversidade e os ecossistemas característicos do rico meio natural da região.
		Barragem da Vigia	R381 Redondo-Montoito	O lago artificial dá a oportunidade de um mergulho na deslumbrante envolvente natural do sítio.

Rural	Aldeia do Freixo	Freixo	Localizada na aba da Serra d'Ossa, a aldeia do Freixo conjuga a humilde arquitectura rural com uma envolvente paisagística fascinante.
	Aldeia da Serra	Aldeia da Serra	Em pleno coração da Serra d'Ossa, a Aldeia da Serra transporta-nos para um contexto em que as arquitecturas religiosa e civil típicas obtêm um enquadramento pleno num contexto natural maravilhoso.
Simbólico-Cultural	Ruas Floridas	Redondo	Evento de grande envergadura, manifesta o empenho do povo redondense, traduzido na ornamentação das ruas com excelentes obras de arte em trabalhos de papel.
	Quaresma e Semana Santa	Redondo	Inseridas num fundo cultural profundamente católico, as procissões da época quaresmal e da Semana Santa, em Redondo, representam uma manifestação religiosa de grande intensidade, plenas de particularidades rituais.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Património Megalítico	Concelho de Redondo	Realidade comum a todo o território envolvente, em Redondo há a oportunidade de vislumbrar um vasto e diversificado conjunto de monumentos megalíticos.
	Património Natural da Serra d'Ossa	Serra d'Ossa	Dona de uma grande riqueza natural, a Serra d'Ossa abrange territórios de vários concelhos, entre os quais Redondo, Borba e Estremoz.

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota dos Sabores	Redondo e Aldeia da Serra	Rota que leva o visitante a viajar pela gastronomia típica, de particularidades gastronómicas ancestrais.
	Rota dos Vinhos	Redondo e Aldeia da Serra	Rota que visa a preservação dos valores enológicos próprios da região alentejana, dando-os a conhecer ao visitante.
	Rota do Megalitismo	Concelho de Redondo	Percurso que guia o visitante pela riqueza patrimonial megalítica do concelho.
	Redondo a Pé	Redondo	Percurso pelos imóveis de interesse patrimonial e arquitectónico dentro da vila.
	Percurso do Freixo	Freixo	Percurso que leva o visitante desde aldeia do Freixo, até à capela rural, passando por todas as particularidades rústicas que caracterizam o meio rural.
	Percurso das Antas	Freixo	Percurso que conduz o visitante a conhecer alguns monumentos megalíticos do concelho, sentindo o seu forte enquadramento natural e paisagístico.
	Percurso das Fontes	Freixo	Entre a peneplanície e a cumeada da Serra d'Ossa, este percurso conduz o visitante a vislumbrar a riqueza natural preservada nas abas da serra.

Outras Observações:

CONCELHO	REGUENGOS DE MONSARAZ	DISTRITO	ÉVORA
-----------------	-----------------------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Monsaraz		
	Olaria de São Pedro do Corval		
	Cromeleque do Xerez		
	Menir do Outeiro		

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Histórico Arquitectónico		Vila medieval de Monsaraz		
			Circuito megalítico		
Industrial					

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Natural		OLIVAL DA PÊGA	FREGUESIA DE MONSARAZ	
			RIBEIRA DO ÁLAMO	LIMITE DA FREGUESIA DE REGUENGOS COM CORVAL	
	Rural		PAISAGEM VINHATEIRA	FREGUESIA DE REGUENGOS	
			MONTADO	FREGUESIA DE CAMPO	
Simbólico-Cultural					

POI por complementaridade e adicionalidade face	Designação	Morada ou localização	Observações
		ALBUFEIRA DE ALQUEVA – RIO DEGEBE ALBUFEIRA DE ALQUEVA – RIO GUADIANA	LIMITE NASCENTE E POENTE DO CONCELHO

a espaços ou territórios vizinhos (2)	CAMINHOS HISTÓRICOS/ ESTRADA REAL	LIMITE NORTE DO CONCELHO	
--	-----------------------------------	--------------------------	--

ROTAS	Designação	Localização	Observações
		ESCRITAS DE PEDRA E CAL	FREGUESIA DE MONSARAZ
ROTAS	Designação	Localização	Observações
	ESCRITAS DE MOSTO E FIOS DE AZEITE	FREGUESIA DE REGUENGOS E FREGUESIA DE CORVAL	EXALTAÇÃO DO VINHO, DA VINHA, DO OLIVAL E DO AZEITE
	ESCRITAS DE BARRO	FREGUESIA DE CORVAL E MONSARAZ	EXALTAÇÃO DA OLARIA
	ESCRITAS NO HORIZONTE	FREGUESIA DE MONSARAZ	EXALTAÇÃO DOS PONTOS DE VISTA DOMINANTES SOBRE A PAISAGEM
	ESCRITAS NA ÁGUA	FREGUESIA DE REGUENGOS	EXALTAÇÃO DA ALBUFEIRA DE ALQUEVA E DO RIO DEGEBE
	ESCRITAS NO MONTADO	FREGUESIA DE CAMPO	EXALTAÇÃO DO MONTADO
	ESCRITAS NO TRILHO DO FERRO	FREGUESIA DE REGUENGOS	EXALTAÇÃO DA ANTIGA LINHA DO CAMINHO DE FERRO
	ESCRITAS NO VALE	FREGUESIA DE REGUENGOS	EXALTAÇÃO DO VALE DA RIBEIRA DA CARIDADE
	ESCRITAS NOS REGUENGOS	FREGUESIA DE REGUENGOS UNIÃO DAS FREGUESIAS DE CAMPO E CAMPINHO	EXALTAÇÃO DOS MONTES E RESPECTIVAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Viana do Alentejo	DISTRITO	Évora
-----------------	-------------------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Santuário de N.ª Sr.ª D`Aires	38.340750 -7.985464 - Viana do Alentejo	
	Castelo (Igreja Misericórdia, Matriz e Centro de interpretação)	38.332397 -8.001542 - Viana do Alentejo	
	Paço Real de Alcáçovas	38.395311 -8.154817 - Alcáçovas	
	Anta do Zambujeiro	38.390564 -7.969981 - Aguiar	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitetónico	Santuário de N.ª Sr.ª D`Aires	38.340750 -7.985464 - Viana do Alentejo	
		Paço Real de Alcáçovas	38.395311 -8.154817 - Alcáçovas	
	Industrial	Pedreiras	Freguesia de Viana do Alentejo (26)	
		Pedreiras	Freguesia de Alcáçovas (1)	
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Percursos Pedestres	Aguiar Alcáçovas Viana do Alentejo	
	Rural	Percursos Pedestres	Aguiar Alcáçovas Viana do Alentejo	
	Simbólico-Cultural	Santuário	38.340750 -7.985464 - Viana do Alentejo	
Paço Real		38.395311 -8.154817 - Alcáçovas		

--	--	--	--	--

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Romaria a cavalo	Moita / Viana do Alentejo	

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Trilho “de Aguiar às termas”	Freguesia de Aguiar	Em fase de execução
	Trilho “entre Aguiar e a estepe”	Freguesia de Aguiar	Em fase de execução
	Percurso Urbano	Freguesia de Alcáçovas	Em fase de execução
	Trilho “entre a ribeira e o montado”	Freguesia de Alcáçovas	Em fase de execução
	Trilho “rota dos peregrinos”	Freguesia de Alcáçovas	Em fase de execução
	Percurso Urbano	Freguesia de Viana do Alentejo	Em fase de execução
	Trilho “entre a serra e o Santuário”	Freguesia de Viana do Alentejo	Em fase de execução
	Trilho “entre o Xarrama e a planície	Freguesia de Viana do Alentejo	Em fase de execução

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring Cultural e Paisagístico* do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO Vila Viçosa

DISTRITO Évora

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Paço Ducal de Vila Viçosa	Terreiro do Paço, 7160-251 Vila Viçosa	Monumento Nacional, do Séc. XVI, o Paço Ducal representa um dos mais emblemáticos monumentos de Vila Viçosa. De residência permanente da primeira família da Nobreza Nacional, o Paço Ducal passou, com a ascensão em 1640 da Casa de Bragança ao trono de Portugal, a ser apenas mais uma das habitações da família Real, espalhadas pelo reino.
	Castelo/Fortaleza de Vila Viçosa	Castelo 7160-243 Vila Viçosa	Monumento Nacional, mandado edificar por D. Dinis, no Séc. XIII; exemplar único de arquitectura Militar, pouco usual em Portugal.
	Igreja de Nossa Senhora da Conceição/Santuário da Padroeira de Portugal	Largo D. Nuno Álvares Pereira 7160-243 Vila Viçosa	Em 1646, D. João IV, o rei Restaurador, dedicou a Nossa Senhora da Conceição o reino de Portugal, coroando-a Rainha e Padroeira da Nação. Desde então, este é um lugar de grande devoção consagrado ao culto Mariano. A 8 de Dezembro celebra-se aqui a Festa da Imaculada Conceição que atrai fiéis e devotos de todo o País.
	Cruzeiro de Vila Viçosa	Campo da Restauração 7160-212 Vila Viçosa	Monumento Nacional, desde 1910, este monumento manuelino remonta às primeiras décadas de Séc. XVI.

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Paço Ducal de Vila Viçosa	Terreiro do Paço, 7160-251 Vila Viçosa	
		Castelo/Fortaleza de Vila Viçosa	Castelo, 7160-243 Vila Viçosa	
Industrial	Fábrica de São Paulo/Sofal Vila Viçosa	Largo D. João IV, 7160-254 Vila Viçosa	Antigo Convento Paulista (Mosteiro de São Paulo/Mosteiro de Nossa Senhora do Amparo) de fundação quinhentista, adaptado a fábrica de refinação de	

				azeites no Séc. XX. Edifício particular, em ruínas.
		Fábrica/Moinho de Papel	7160 Vila Viçosa	A cerca de 4Km de distância da Vila, na margem esquerda da Ribeira de Borba e na confluência da Ribeira da Asseca, situa-se a antiga Fábrica de Papel, a 1ª introduzida no País, fundada pelo Duque de Bragança D. João II, em 1636 e inaugurada no dia 3 de Agosto de 1637. Actualmente existem apenas algumas ruínas da referida Fábrica.
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Tapada Real	Tapada, 7160 Vila Viçosa	Espaço natural privilegiado com uma área superior a 1500 hectares, com uma fauna e flora riquíssimas; o maior espaço amuralhado do País com 6Km de comprimento e mais de 3Km de largura.
		Rocha da Águia e Rocha do Lago	Freguesia de Ciladas/São Romão	Conjunto de rochas, algumas de alta envergadura, inseridas num conjunto natural, com ribeiros e lago, de rara beleza paisagística.
	Rural	Herdade do Forte do Conde	Freguesia de Ciladas/São Romão	Constituiu uma massa arquitectónica de aglomerado habitacional, que teve a categoria de aldeia, pelo volume dos seus fogos, no Séc. XVII-XVIII, com destaque para o edifício Condal e a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Propriedade particular.
		Herdade da Ribeira de Borba	Freguesia de Ciladas/São Romão	Situada a 5Km de Vila Viçosa, sobre a qual tem uma excelente vista, numa área de 300 Hectares. O relevo acentuado do terreno conjugado com a sinuosidade da Ribeira que a atravessa, criam espaços únicos de relação com a natureza.
	Simbólico-Cultural	Porta do Nó	Rua Duque D. Jaime, 7160-251 Vila Viçosa	Este monumento simboliza o poder fidalgo da Casa de Bragança.
		Porta dos Nós	Rua Duque D. Jaime, 7160-251 Vila Viçosa	Antiga Porta da Vila alusiva à Restauração da Independência e à aclamação de Nossa Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Anticlinal de Estremoz, Borba e Vila Viçosa	Estremoz, Borba e Vila Viçosa	Estrutura Geológica de forma elíptica com 40Km de comprimento e 12Km de largura máxima, que se estende de Sousel ao Alandroal, responsável por mais de 50% da produção de rochas ornamentais em Portugal.
	Tapada Real	Vila Viçosa	Ocupa terrenos que atravessam os Concelhos de Vila Viçosa, Borba e Elvas.

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota do Mármore (Percurso Geoturístico)	Vila Viçosa	Museu do Mármore; Campo da Restauração; Ermida de São João Baptista, Cruzeiro de Vila Viçosa; Terreiro do Paço; Paço Ducal; Convento das Chagas; Chafariz d'El Rei; Igreja dos Agostinhos; Porta do Nó; Porta dos Nós; Porta de S. Bento; Varandinha dos Namorados; Busto de Públia Hortênsia de Castro; Largo Mariano Prezado; Igreja de N. Sra. da Conceição; Vestígios de explorações romanas; Castelo e Fortaleza Artilheira; Porta de Évora; Pelourinho; Praça da Republica e Av. Bento de Jesus Caraça; Cineteatro Florbela Espanca; Busto do Dr. Couto Jardim; Igreja da Misericórdia; Paços do Concelho; Busto de Henrique Pousão; Fonte da Praça da Republica; Igreja de São João Evangelista; Largo D. João IV
	Rota dos Museus	Vila Viçosa	Museu da Caça (Castelo); Museu da Arqueologia (Castelo); Núcleo Museológico do Paço Ducal; Núcleo Museológico da Armaria (Paço Ducal); Núcleo Museológico/Colecção de Porcelana Chinesa; Núcleo Museológico do Tesouro do Paço Ducal de Vila Viçosa; Núcleo Museológico/Colecção de Carruagens.
	Circuito Religioso	Vila Viçosa	Santuário de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal; Igreja da Misericórdia; Convento de Nossa Senhora da Esperança; Convento dos Capuchos; Igreja da Lapa; Convento de Santo Agostinho; Convento das Chagas de Cristo; Igreja de São Bartolomeu/São João Evangelista.
Outras Observações:			

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Sousel	DISTRITO	Portalegre
-----------------	--------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Futuro Museu dos Cristos de Sousel	Edifício do Centro Cultural de Sousel, Largo do Convento, 7470-217 Sousel	Coleção de imagens com 1486 peças
	Fornos de Cal	Serra de São Miguel	Espalhados pelo Concelho, foi uma indústria que entrou em declínio depois do 25 de Abril, mas que além do património material que existe e pode ser trabalhado em roteiros, o património imaterial também tem muito valor, como importante salvaguarda do imaginário coletivo da região
	Serra de São Miguel		Congrega em si, recursos turísticos por explorar devidamente, como a tranquilidade, fornos de cal, olival, interesse paisagístico

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Torre do Álamo / Torre de Camões	Herdade do Álamo (Freguesias de Casa Branca / Cano)	
		Praça de Touros Pedro Louceiro	Serra de São Miguel	Um das praças de touros mais antigas do país, com forte ligação às pessoas da freguesia de Sousel, além de prestar homenagem a um importante ex-cavaleiro do Concelho
	Industrial	Antiga Industria dos Fornos de Cal de Sousel	Espalhados pela Serra de São Miguel	
		Antigo Complexo Industrial Bastos Ribeiro (privado)	Largo do Convento. 7470 Sousel	Fulcral em termos históricos, face à importância económica que assumiu no Concelho e na região. Além do complexo industrial, com uma antiga fábrica de moagem como ex-libris, tem também uma casa senhorial muito apreciada por quem visita Sousel, embora não esteja visitável

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Rede de percursos pedestres no Concelho de Sousel	Concelho de Sousel	
		Ecopista Ramal de Portalegre	Linha férrea	
	Rural	Olivoturismo	Concelho de Sousel	Sendo o Concelho de Sousel, marcadamente um território com olivais de perder de vista tendo uma boa fatia a população a trabalhar na área, possui ainda nas suas 4 freguesias Cooperativas de Olivicultores, além de mais 3 ou 4 produtores com marcas próprias. Além disso, também existe um espaço museológico adaptado a loja de produtos típicos (Templo do Azeite)
		Enoturismo	Casa Branca e Sousel	Dos 5 produtores de vinho no Concelho, destaco a Herdade do Arrepiado Velho, Pateo do Morgado e claro o Mouchão. Todos estes locais com diferentes pontos de interesse e com potencial para desenvolverem um produto turístico de qualidade
	Simbólico-Cultural	Roteiro pelas Igrejas do Concelho de Sousel	Concelho de Sousel	Complementar à oferta do Museu dos Cristos, possibilidade de constituição de um roteiro por algumas igrejas do Concelho de Sousel
Bênção do Gado		Santo Amaro	Tradição de bênção do gado, de diversos tipos, uma vez por ano em Santo Amaro	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Rota do Santo Condestável (Nuno Álvares Pereira)	Igreja de Nossa Senhora da Orada (Sousel) Centro Interpretativo da Batalha dos Atoleiros (Fronteira)	Tendo a Igreja mandada edificar por Nuno Álvares Pereira e o Centro Interpretativo da batalha dos Atoleiros, fazer visitas guiadas e estes pontos, ateliers de azulejaria, reconstituições da Batalha, adaptações a programas infantis sobre a História, etc.
	Fornos de Cal		Além do Concelho de Sousel, há no território do Alentejo, outros locais que também assumiam importância nesta temática, desde logo a zona de Borba, entre outros. Complementaridade com a temática do Mármore

ROTAS	Designação	Localização	Observações

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Alter do chão	DISTRITO	Portalegre
-----------------	---------------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Museu Municipal – Polinucleado, constituído por 3 Núcleos: <ul style="list-style-type: none"> Núcleo Museológico da Villa Romana da Casa de Medusa (arqueológico) Núcleo Museológico do Castelo de Alter (Medieval) Núcleo Museológico da Casa do Álamo Séc. XVIII até Séc. XX) 	<ul style="list-style-type: none"> Praceta Joaquim Vitorino Namorado 6 7440-021 Alter do Chão Largo Barreto Caldeira 7440-022 Alter do Chão Largo Barreto Caldeira,18 7440-022 ALTER DO CHÃO 	Capacidade de receber diversos eventos: concertos, exposições, workshops, reuniões, etc...
	Coudelaria de Alter	Tapada do Arneiro 7440-152 Alter do Chão	
	Aldeia de Alter Pedroso	Lugar a 3Km de Alter do Chão	Têm alojamento; turismo rural “Casa Arlindo Correia”
	Envolvente da Ribeira de Seda	Freguesia de Seda	

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Castelo de Alter	Largo Barreto Caldeira 7440-022 Alter do Chão	Capacidade de receber diversos eventos: concertos, exposições, workshops, reuniões, etc...
		Ponte Romana	Estrada que liga Alter do Chão a Chança e Ponte de Sor	
	Industrial			
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Envolvente da Ribeira de Seda	Freguesia de Seda	Percursos pedestres e BTT
	Rural	Miradouro de Alter Pedroso	Lugar a 3Km de Alter do Chão	
Miradouro de Seda		Freguesia de Seda	Boa localização para observação de fauna e flora	

	Simbólico-Cultural	Fontanários da vila	Alter do Chão	
--	---------------------------	---------------------	---------------	--

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações

<p>Outras Observações:</p> <p>Outros locais de interesse do concelho:</p> <p>Chafariz da Torrejana Tipologia do séc. XVI. Teve arranjos no séc. XVIII, que taparam os cunhais de granito da primitiva construção, mas distinguem-se com uma observação atenta. No espaldar estão os brasões dos condes de Barcelos - duques de Bragança e da Vila de Alter do Chão.</p> <p>Antigos Paços do Concelho / Casas de Câmara (provavelmente) Edifício do séc. XVIII, com telhado de tesoura/tesouro. Muito provavelmente o edifício evoluiu de um quinhentista e este por sua vez de um medieval.</p> <p>Pelourinho Símbolo da autonomia municipal. Séc. XVI (provavelmente do momento do novo foral de Alter do Chão, atribuído por D. Manuel em 1512). Estilo Manuelino. Cantaria de granito, coluna com fuste espiralado e elementos vegetalistas. Esfera armilar em ferro. No séc. XX esteve desmontado durante alguns anos. Foi reconstruído, com erro na posição dos troços do fuste.</p> <p>Janela renascentista geminada Séc. XVI. Moldura com colunelos de cada lado, de dupla arcada em granito que assenta no mainel cuja coluna (base; fuste; e capitel) é em mármore. Um dos vários vestígios do casario da época, ao redor da praça principal.</p> <p>Chafariz Maneirista Classificado: IIP – Imóvel de Interesse Público, 1974. Datado: <i>FACTUS 1556</i> (sobre os medalhões). Mandado construir por D. Teodósio I, quinto duque de Bragança (Alter do Chão pertencia ao senhorio da Casa de Bragança). O tão importante abastecimento de água à Vila associado à arte. Erudita e moderna linguagem arquitetónica e decorativa em pedra de excelência – mármore.</p>
--

Alpendrada de três colunas coríntias onde se apoia o entablamento, o friso deste e as colunas são decorados por característicos relevos de *motivos grotescos* e o remate superior com volutas.

No espaldar do chafariz estão dois medalhões decorados com laçarias e duas cabeças aladas com o brasão de armas da Vila e o dos condes de Barcelos - duques de Bragança.

Um dos mais emblemáticos equipamentos urbanos civis do país, do séc. XVI

Igreja de Nossa Senhora da Alegria (Antiga Ermida do Espírito Santo)

Fundada nos finais do séc. XVI

Fez parte do Convento de Carmelitas Descalços que foi também albergaria para gasalho dos pobres peregrinos.

Destaca-se, desta época, o portal renascentista da fachada, um púlpito e uma pia de água benta em mármore, e consequência de modificações do séc. XVIII, com trabalho barroco, a janela sobre o portal e a torre com vãos sineiros duplos nas quatro faces e três pisos abobadados.

Antigo Convento de Santo António, dos Franciscanos Capuchos da Província da Piedade

Obra iniciada em 1617, por D. Teodósio II, Duque de Bragança e terminada duas décadas mais tarde.

Amplamente modificado no final do séc. XVIII, constituindo um destacado exemplar da arquitetura barroca alentejana

Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, a igreja passou para a Paróquia e a parte residencial e cerca passaram para a Fazenda Pública, que procedeu à sua venda em hasta pública.

- Igreja

Classificada como IIP – Imóvel de Interesse Público, em 1983

Fachada com profusa decoração em massa pintada, dois campanários, um registo de azulejos do séc. XVIII com a representação do patrono da igreja, com o menino Jesus.

Encontra-se entaipada *galilé*, abobadada e com arco exterior de volta perfeita em granito, que fazia parte da arquitetura primitiva.

Interior de uma só nave, com tecto de abobada de berço, altares em mármore, trabalho em massa e trabalho em madeira profusos. Tem várias pedras tumulares, em que a mais antiga é de meados do séc. XVII.

- Parte residencial

Comprada por António Rosado, passa a residência e assento da Casa Agrícola deste (incluindo instalações de apoio à atividade agrícola, como armazéns, lagar e moagem).

De 1928 a 1945 aqui funcionou a Central Termoelétrica Rosado e *Antunes/Xavier António Rosado Lda*.

Dos anos 60 até 1988 funcionou, numa parte, a fábrica de mosaicos hidráulicos *Patrício e Moraes*

Na década de 90 é adaptada a hotel - *Convento d' Alter*.

Capela e antigo hospital da Misericórdia

Em 1524 o hospital e a capela inicialmente da Confraria de S. Domingos, provavelmente de origem medieval foram incorporados na, então criada, Irmandade de Invocação a Nossa Senhora da Misericórdia de Alter do Chão, ainda durante a vida da fundadora deste tipo de instituição, a rainha D. Leonor.

O conjunto passou por grandes obras no final do séc. XVI ou no séc. XVII das quais resta a estrutura, o portal e o campanário, de linha Maneirista da igreja, mas a fachada inclui já prenúncios do Barroco. O hospital, o janelão e os profusos elementos decorativos do interior da igreja são renovados vincadamente no séc. XVIII, com linha do pleno Barroco

Capela de Santana

Edificação feita pela família da Casa do Álamo no final do séc. XVI, em local ermo à data

O templo é renovado no séc. XVIII. Uma inscrição no portal refere:

ESTA OBRA MANDOU FAZER DIOGO MENHANS

E SUA MULHER D. MARGARIDA DE SOUZA 1739

Arquitetura “*Chã*”, com portal de influência maneirista.

No interior, as componentes decorativas integradas obedeceram a um programa de pleno barroco português.

Igreja de S. Francisco

Construção do séc. XVII com o seu interior renovado no séc. XVIII

Da Ordem Terceira de São Francisco.

A estrutura, o portal e o campanário são de linha classicista, Maneirista, (forma semelhante à da Misericórdia), mas a fachada já inclui também prenúncios do Barroco e o janelão é provavelmente posterior ao Barroco. Tem uma só nave, de abóbada de berço com trabalho de massa pintado.

Os profusos elementos decorativos do interior são renovados vincadamente, com linha do pleno Barroco.

Por cima de um púlpito, pintado na parede, está o símbolo: *Olho da Providencia / olho que tudo vê*.

Igreja do Senhor Jesus do Outeiro

Dedicada à Paixão de Cristo.

Construção de raiz, do princípio da segunda metade do séc. XVIII.

Destacado templo Barroco, sendo o exemplar arquitetónico religioso mais elaborado do concelho.

Fachada marcante, com exuberante portal em mármore e torre sineira de quatro olhais/vãos, e de volutas duplas nas arestas.

Planta retangular de ângulos cortados e abobadada com um coro/tribuna de três arquivoltas, com elaboradas sacadas de ferro forjado.

Interior com profusos elementos decorativos, incluindo já alguns *rocaille*.

Passo

Séc. VXII/XVIII

Um dos oratórios dedicados à Paixão de Cristo.

Os Passos correspondem às estações/etapas da Via Sacra, sendo um ponto de paragem da Procissão do Senhor Jesus dos Passos, que acontece na Páscoa.

Encontra-se um exemplar idêntico na Rua de Santarém.

Chafariz da Barreira

Construído em 1799, pela Câmara Municipal.

Decoração do Barroco tardio.

Tem os brasões dos duques de Bragança e da Vila de Alter do Chão.

A inscrição que tem refere: *S. P. DA CAMARA FRANco ANTO DE MORAES SEIXAS LEMOS SE FES ESTA OBRA em 1799.*

Foi inicialmente construído, entre o castelo e a igreja da Misericórdia com a frente para o largo/terreiro, vindo a ter um lavadouro público nas traseiras.

Em 1966/67, para dar lugar à presente avenida (remodelação urbana desencadeada nos anos 50/60 do séc. XX), foi desmontado e reconstruído no atual sitio.

Mercado

Inaugurado em Maio de 1968.

Estilo nacionalista.

Primeiro edifício da expansão urbana para oeste.

Igreja Matriz

Inaugurada a 1 de Novembro de 1953

Arquitetura Nacionalista

No centro do antigo Largo da Graça situava-se a antiga igreja matriz (construção provavelmente medieval, tinha o portal de arco de volta perfeita – românico, e tinha três naves, com vários altares). Com vista à demolição desta iniciou-se, por volta de 1877 a construção de uma nova igreja, também de 3 três naves mas que foi interrompida em 1881, por falta de verbas. Nesta construção inacabada funcionou durante muitos anos o mercado municipal.

Em 1947, foi retomada a obra, com alterações ao projeto inicial, sendo os alçados existentes, incluindo a fachada, demolidos e feitos de novo.

Passeio (antigo Largo da Graça)

Datado: MAIO 1902 (no extremo sul da calçada).

No final do séc. XIX é demolida a igreja matriz, de construção medieval, neste antigo largo, para dar lugar a um espaço alinhado com o *Passeio Público* que vinha a ser um modelo corrente na organização urbana.

Caracterizado por pavimento em calçada artística, árvores/sombras, bancos e coretos/música ao ar livre, sendo também o espaço da praça/mercado.

Coreto

Início do séc. XX.

Peça de mobiliário urbano, estudada para a atuação das bandas filarmónicas.

Estrutura superior em ferro fundido, material de construção novidade da época, e parte inferior em alvenaria revestida com emblemáticos azulejos da época.

Casa dos anos 20 do séc. XX (antigo Teatro João Azevedo Coutinho)

Em 1923 o antigo Teatro João Azevedo Coutinho (construído em 1893, pela iniciativa de um conjunto de estudantes universitários alterenses em Coimbra) dá lugar a uma residência particular com nova arquitetura.

Fonte dos peixes

Meados da segunda metade do séc. XX

Implantada aquando do arranjo deste largo, antigo rossio do Espírito Santo (Igreja de Nª Srª da Alegria antiga Igreja do Espírito Santo).

De linha nacionalista (provavelmente inspirado num exemplar de Lisboa).

Pavilhão Multiusos. 2013 / Antiga Escola Adães Bermudes de Alter do Chão. 1905

Antigo Rossio do Espírito Santo (Igreja de Nª Srª da Alegria antiga Igreja do Espírito Santo)

Projeto da autoria do arquiteto Arnaldo Redondo Adães Bermudes para um novo plano de escola, escolas-tipo Adães Bermudes ou popularmente, escola dos sininhos.

Separação em escola feminina e escola masculina, com habitação dos professores no centro superior do edifício

Na Exposição Universal de Paris, em 1900 obteve a Medalha de Ouro da Secção de Arquitetura Escolar.

Em 1982 é adaptado a sede e quartel da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Alter do Chão, com base em projeto do Arquiteto Carrilho da Graça.

Chafariz dos Bonecos

Construídos em 1799, pela Câmara Municipal.

Decoração do Barroco tardio.

O medalhão central do chafariz dos bonecos tem um busto em baixo-relevo que se presume representar o príncipe regente D. João, mais tarde rei João VI.

Tem os brasões dos duques de Bragança e da Vila de Alter do Chão

A inscrição que tem refere: *SENDO P. DA CAMARA FRANco ANTo DE MORAES SEIXAS LEMOS SE ABRIRAM ESTAS AGOAS SE FES ESTA OBRA em 1799.*

Tinha umas esculturas de figuras humanas em barro, o que lhe deu o nome

ALTER PEDROSO**Igreja de Nossa Senhora das Neves**

Antiga Igreja Paroquial.

A construção primitiva é provavelmente do final do séc. XV, dela restando apenas o portal com arco de volta redonda assente sobre capitéis simples e a torre sineira encosta ao cunhal da direita, rematada por cúpula piramidal com quatro coruchéus nos cantos.

O interior tem uma só nave com os tectos esquinados e o arco do cruzeiro de volta redonda, com elementos decorativos do século XVII e XVIII.

Tem quatro altares, sendo que um dos laterais foi de São Tiago.

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Arronches	DISTRITO	Portalegre
-----------------	-----------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Igreja N. Sr.ª de Assunção (Igreja Matriz)	Largo da República – Freguesia de Assunção -- Arronches	Classificada como Monumento Nacional
	Pinturas Rupestres	Vale de Junco - Esperança	Classificadas como Monumento Nacional
	Centro Histórico da Vila de Arronches inserido dentro de uma fortaleza seiscentista	Centro Histórico de Arronches	O resto das muralhas da Fortaleza encontram-se classificadas como Imóvel de Interesse Público

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Igreja N. Sr.ª de Assunção (Igreja Matriz)	Largo da República – Freguesia de Assunção - -Arronches	Classificada como Monumento Nacional
		Pinturas Rupestres	Vale de Junco - Esperança	Classificadas como Monumento Nacional
	Industrial	Centro Interpretativo da Identidade Local (antigo lagar de azeite, reconvertido em “museu”)	Rua Humberto Delgado - Esperança	
		Adegas do concelho - Adega da Figueira de Cima (Glória Reynolds) Reynolds Wine Growers; Adega dos Louções ?? João M Barbosa Vinhos (está na Rota dos Vinhos do Alentejo); Adega do Monte da Esperança Monte da Esperança, TER	Monte da Figueira de Cima – Assunção; Vale de Junco – Esperança; Outeiro - Esperança	
	Natural	Parque Natural da Serra de S. Mamede	Arronches	Interesse paisagístico, observação de aves
		Barragem do Caia	Barragem do Caia - Arronches	Interesse paisagístico, observação de aves, pesca

		Praia fluvial dos Mosteiros	Mosteiros	Nota Ana Palma: neste momento existe apenas 1 praia de interior oficialmente designada como tal: Tapada Grande, Mértola. Normalmente também a do Alamal (Gavião) está designada (em 2014 não). Mais nenhuma.
Rural		(futuro Museu Rural)	Antigo Lagar de Azeite – Rua Dr. Edmundo Curvelo – freguesia de Assunção - Arronches	Encontra-se em execução o projecto
		Ermida do Rei-Santo	Rei Santo – Esperança	Ermida rural com vista panorâmica
Simbólico-Cultural		Fonte do Vassalo	Passeio do Vassalo – freguesia de Assunção - Arronches	Fonte do século XVIII, com um conjunto de azulejos com representação do que era a vivência e paisagem de Arronches
		Museu do Brinquedo	Largo Serpa Pinto – freguesia de Assunção – Arronches	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Barragem do Caia	Barragem do Caia - Arronches	Interesse paisagístico, observação de aves, pesca

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Percurso pedestre da Esperança	Esperança	

Outras Observações:

CONCELHO	Avis	DISTRITO	Portalegre
-----------------	------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	CIOA - Centro Interpretativo da Ordem Militar de Avis	Largo Cândido dos Reis, Avis	Ocupa a ala sul do Claustro norte do Convento de S. Bento de Avis. Conduz o visitante por uma Time line sobre a importância da Ordem Militar de Avis e da vila, através dos séculos. Alberga o Arquivo Histórico que contempla a existência de vários fundos documentais e uma pequena biblioteca temática local.
	MusCA – Museu do Campo Alentejano	Largo Cândido dos Reis, Avis	Situado nas Salas do Capitulo e de Leitura dos Monges do Convento de S. Bento de Avis. Encontra-se estruturado em torno da temática do campo agrícola e do montado.
	Convento de S. Bento	Largo Cândido dos Reis, Avis	A sua construção remonta às origens da vila de Avis, serviu de sede à Ordem Militar de Avis e é composto pela Igreja, Sala do Capítulo, Refeitório, Pátio das Cisternas e Claustro de Leitura.
	Cisterna Camarária	Rua Joaquim Figueiredo, Avis	Foi construída para abastecimento da comunidade religiosa e da população em geral, com o registo documental mais antigo de 1473, a cisterna camarária manteve-se até aos nossos dias.

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Muralhas do Castelo	Centro Histórico de Avis, Avis	Erguidas no século XIII, aquando da instalação da Ordem Militar de Avis, estão classificadas como Monumento Nacional. Das seis torres que faziam parte das muralhas, existem apenas três: a de S. Roque, a de Santo António e a da Rainha.
		Núcleo Megalítico da Ordem	Maranhão	Conjunto megalítico constituído por 7 monumentos. A Anta Grande da Ordem encontra-se classificada como Monumento Nacional
	Industrial	Aqueduto de Figueira e Barros	Ervedal	Aqueduto com tanque e poço associado a uma linha de água. Possuía uma construção (em ruínas) onde deveria ser elevada a água para o canal do aqueduto e deste para o tanque.
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
Natural	Albufeira do Maranhão	Avis, Benavila e Maranhão	Plano de água com extensão de 1936 ha. Possui condições excepcionais para a prática de remo e pesca. Na zona do Clube Náutico, em Avis, espaço propício para atividades de lazer onde se pode disfrutar de passeios de kayak ou gaiota. No Maranhão, encontra-se a Barragem, construída em 1957, com uso	

				hidroagrícola, existindo diversas “levadas”, que transportam água desde o paredão da barragem ou da ribeira até aos campos agrícolas. Em Benavila, alia-se a Albufeira ao património, com a Capela de N.ª Sr.ª d’Entre Águas.
		Exemplares de património natural	Valongo, Maranhão	Destaque para três exemplares de património natural, classificados como de Interesse Público: Aroeira – situada junto ao adro da Igreja de S. Saturnino, Valongo; Freixo – situado na Fonte do Vale, Valongo; Sobreiro – situado na Herdade de S. Martinho, Maranhão
	Rural	Fundação Abreu Callado	Rua Francisco Abreu Callado, Benavila	Instituição particular de solidariedade social, instalada na casa agrícola de Francisco Abreu Callado. Prestigiada pelos vinhos produzidos com a designação Fundação Abreu Callado, criou um espaço Museológico e dedica-se também ao Enoturismo.
		Fundação Arquivo Paes Telles	Travessa da Igreja, Ervedal	Criada em 1995, pela Freguesia de Ervedal, seguindo a vontade expressa de Mário Saa. Composta por um arquivo documental, uma coleção de materiais arqueológicos, um espaço de leitura de periódicos e um espaço multimédia.
	Simbólico-Cultural	Feira Medieval de Avis	Centro Histórico de Avis, Avis	Realiza-se em Maio e recria o período de fundação da vila e outros episódios históricos ligados à Ordem de Avis. Distingue-se pela riqueza do espaço arquitetónico em que decorre e pelo rigor histórico das recriações associadas à História de Portugal e à História da Ordem de Avis em particular, em que a figura de D. João I, Mestre de Avis, ocupa lugar de destaque.
		Peregrinação à Nossa Senhora Mãe dos Homens	Avis	Tradição que se continua a realizar no último fim de semana de Agosto, com a peregrinação da vila de Avis até à Ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Sítio de Cabeção – Rede Natura 2000	Aldeia Velha	Com uma área de 48.000 ha, extensa pelos concelhos de Alter do Chão, Avis (49% da área), Mora e Ponte de Sôr. Zona ecológica do montado de sobro, classificada Rede Natura 2000

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota dos Vinhos	Figueira e Barros, Benavila, Avis, Aldeia Velha	Casa de Sarmento – Figueira e Barros; Fonte d’ Avis Soc. Agrícola – Fig. E Barros Fundação Abreu Callado – Benavila; Herdade de Fonte Paredes – Avis RG – Herdade Monte Novo e Conqueiro – Aldeia Velha

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring Cultural* e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO CAMPO MAIOR

DISTRITO PORTALEGRE

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos	Designação	Morada ou localização	Observações
	Aldeia histórica de Ouguela	Ouguela.	Castelo, cisterna, atalaia, ruralidade, comunidade, história, paisagem, tranquilidade e espécies.
	Roteiro Museológico de Campo Maior	Diversas.	Museus: Aberto; Arte Sacra; Lagar Visconde Olivã; Santa Beatriz da Silva e Centro de Ciência do Café.
	Zona de Proteção Especial de Campo Maior (PTZPE 0043)	Confina com a linha de fronteira, desde o limite do concelho de Arronches até perto do limite do Concelho de Elvas.	Paisagem e espécies estepárias.
	Albufeira do Caia	Albufeira do Caia – Concelho de Campo Maior	Paisagem, espécies de avifauna, pesca, desportos aquáticos de remo e vela, tranquilidade

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Aldeia Histórica de Ouguela	Aldeia de Ouguela.	Castelo, cisterna, atalaia, história, Casa do Governador, Igreja Nossa Srª da Graça, fonte, forno comunitário.
		Povoado Pré-Histórico de Santa Vitória	Campo Maior, EN n.º 373 sentido Elvas.	Povoado com ocupação ao longo da primeira metade do milénio III a.c. Local dotado com estrutura de observação elevada sobre o
	Industrial	Unidade industrial Delta Cafés	Estrada Nacional nº 371	Unidade industrial de transformação de café, visitável mediante marcação.
	Natural	Zona de Proteção Especial de Campo Maior (PTZPE 0043)	Confina com a linha de fronteira, desde o limite do concelho de Arronches até perto do limite do Concelho de Elvas.	Paisagem e espécies estepárias.
		Albufeira do Caia	Albufeira do Caia – Concelho de Campo Maior.	Paisagem, espécies de avifauna, pesca, desportos aquáticos de remo e vela, tranquilidade.
Rural	Ouguela e seus arrabaldes	Aldeia de Ouguela.	Paisagem, ruralidade, tranquilidade.	

	Degolados e seus arrabaldes	Aldeia de Degolados.	Paisagem e ruralidade nos entornos desta localidade. A ligação viária entre Degolados e o paredão da Albufeira do Caia é representativa.
Simbólico-Cultural	Casa Museu Santa Beatriz da Silva	Rua Santa Beatriz da Silva, em Campo Maior	Espaço dedicado à vida e obra da primeira Santa Portuguesa, nascida nesta mesma casa.
	Santuário de Nossa Senhora da Enxára	Situado junto ao rio Xévara, nas proximidades de Ouguela.	Santuário e culto bastante enraizado na comunidade Campomaiorense.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Albufeira do Caia	Albufeira do Caia – Concelho de Campo Maior.	Paisagem, espécies de avifauna, pesca, desportos aquáticos de remo e vela, tranquilidade. Este recurso que é a Albufeira do Caia, ocupa área dos vizinhos concelhos de Arronches e Elvas.
	Paisagem, ZPE, contrabando Ouguela	Proximidades da aldeia de Ouguela.	A paisagem, a envolvente da Zona de Proteção Especial, as histórias do contrabando que se encontram na memória colectiva e sinais do passado, têm forte ligação ao território vizinho de Espanha, aqui Município de Albuquerque

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Roteiro Museológico de Campo Maior	Vila de Campo Maior e Herdade das Argamassas, na E.N. 371.	Museus: Aberto; Arte Sacra; Lagar Visconde Olivã; Santa Beatriz da Silva e Centro de Ciência do Café.
	Rota dos Grous	Proximidades da aldeia de Ouguela.	Percurso de birwatching integrado na rede Alentejo Feel Nature, em construção.
	Ouguela sentinela da raia	Aldeia de Ouguela.	Percurso pedestre integrado na rede Alentejo Feel Nature, em construção.
	Trilhos Raianos entre cal e mel	Início na aldeia de Ouguela e término na aldeia de Degolados.	Percurso pedestre integrado na rede Alentejo Feel Nature, em construção.
	Roteiro ambiental da herdade dos Adães	Situado na Herdade dos Adães, com acesso pelo caminho municipal, que liga a Aldeia de Degolados à barragem de Abrilongo.	Percurso pedestre, Quinta pedagógica, Centro de Interpretação Natureza, Mel e Biodiversidade, Birdwatching. Roteiro integrado na rede Alentejo Feel Nature. Em fase de conclusão.
	Rota dos Vinhos do Alentejo	Adega Mayor – Herdade das Argamassas, na E.N. 371	Onde convivem espaços monumentais destinados à produção e ao armazenamento, e a abertura das zonas sociais, concebidas para a prova e fruição do vinho.

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Castelo de Vide	DISTRITO	Portalegre
-----------------	-----------------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Sinagoga/Bairro Judeu	Zona antiga - Renascentista	Urbano
	Castelo / Burgo Medieval – Forte de S. Roque	Zona mais antiga – medieval – Fortaleza séc XVIII	Urbano
	Sr.ª da Penha / Serra de S. Paulo	Serra de S. Mamede	Paisagístico
	Barragem de Póvoa e Meadas	Barragem de Póvoa e Meadas – Estrada Municipal 1007	Paisagístico

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Castelo / Fortaleza	Zona mais antiga – medieval – Fortaleza séc XVIII	Urbano
		Igreja Matriz	Praça D. Pedro V	Urbano
	Industrial	Oficina de Ferro Forjado	Rua Nova	Urbano
		Oficinas de Artesanato	Rua Nova / Rua de Santo Amaro	Urbano
	Natural	Barragem de Póvoa e Meadas	Estrada Municipal 1007	Paisagístico
		Parque Natural Serra de S. Mamede	Serra de S. Mamede	Paisagístico
	Rural	Menir da Meada	Meada	Paisagístico
		Anta da Melriça	Melriça - Estrada nacional 246 1 km 4	Paisagístico
	Simbólico- Cultural	Andanças	Barragem da Póvoa	Rural
Páscoa de Castelo de Vide		Concelho de Castelo de Vide	Urbano	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Porta do Parque	Rua de Santo Amaro	Urbano

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota do Megalitismo	Concelho de Castelo de Vide	A partir do Centro de Interpretação
	Rota dos Espaços Museológicos do Concelho	Castelo de Vide + Povoação de Póvoa e Meadas	
	Rota das Fontes	Concelho de Castelo de Vide	
	Rota da Arquitetura Korrodi	Castelo de Vide	Urbano
	Rota do Património Judaico	Bairro Judeu	Urbano
	Rota da Arquitetura Religiosa	Concelho de Castelo de Vide	
	Rota do Património Classificado	Concelho de Castelo de Vide	
	Rota da Gastronomia Regional	Concelho de Castelo de Vide	

Outras Observações:

CONCELHO	Crato	DISTRITO	Portalegre
-----------------	-------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa Ligado à Ordem Do Hospital / Malta – Núcleo Museológico	Flor da Rosa - Crato	Monumento com espaços visitáveis, com o Núcleo Museológico do Museu Nacional de arte Antiga, salas de exposições temporárias e espaço lúdico para crianças. Funciona o Posto Turismo, visitas guiadas.
	Varanda do Grão Prior – monumento renascentista	Praça do Município - Crato	Monumento que resta do palácio do Prior da Ordem dos Hospitalários/Malta, considerado um ex-libris da vila do Crato
	Igreja Matriz do Crato	Crato	Terá sido edificada em meados do século XI, sendo o templo atual resultado de sucessivas reedificações e adições dos sec. XV a XVIII, destaca-se uma Pietá quatrocentista e o retábulo em talha dourada na capela-mor nos finais do sec. XVIII e possui uma notável coleção de arte sacra.
	Anta do Tapadão	Aldeia da Mata	Monumento nacional nas proximidades de Aldeia da Mata é uma das maiores antas do Alentejo, datada de 3000 a.C., destaca-se pelo bom estado de conservação e pelos vestígios ainda visíveis da primitiva mamoa

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa Ligado à Ordem Do Hospital / Malta – Núcleo Museológico	Flor da Rosa	Monumento com espaços visitáveis, com o Núcleo Museológico do Museu Nacional de arte Antiga, salas de exposições temporárias e espaço lúdico para crianças. Funciona o Posto Turismo, visitas guiadas.
		Varanda do Grão Prior – monumento renascentista	Crato	Monumento que resta do palácio do Prior da Ordem dos Hospitalários/Malta, considerado um ex-libris da vila do Crato.
	Industrial			
	Natural	Pistas para a prática de Orientação	Terrenos junto a freguesia de Aldeia da Mata	Entre um rico património paisagístico existe pistas para provas de orientação, descobrindo povoações habituadas a bem receber.
Açougues e ribeiras		Ribeira de seda - Crato e açougue na aldeia do Monte da Pedra e Sume	Nos meses do Outono, Inverno e Primavera poderemos disfrutar destes recursos naturais, principalmente para os amantes da fotografia.	

Rural	Barros da Flor da Rosa / Olaria Tradicional	Escola de Olaria de Flor da Rosa – Flor da Rosa	Mantendo a tradição os conhecidos barros da Flor da Rosa continuam a produzir peças utilitárias e também agora decorativas, peças únicas no panorama do artesanato que teimam em preservar a arte e a cultura de um povo.
	Granito	Gáfete	Predomina ainda a execução de peças utilitárias e escultura de arte popular em granito de Gáfete, freguesia do concelho do Crato.
Simbólico-Cultural	A Ordem Militar e Religiosa do Hospital / Ordem de Malta – Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa	Crato e Flor da Rosa	A partir do séc. XV, o crato torna-se uma das mais importantes vilas do Alentejo a nível militar e religioso, com a mudança do nome de Priorado de Portugal para Priorado do Crato. O séc. XVI foi uma época áurea do Crato com a edificação do paço do Castelo, palco dos casamentos régios de D. Manuel I com D. Leonor e de D. João III com D. Catarina de Áustria em 1525.
	Museu Municipal do Crato	Crato	Instalado num edifício barroco, situado na zona histórica da vila, convida a uma visita ao passado histórico do concelho, num percurso que tem início no período megalítico terminando numa abordagem da vida económica e social do Crato em meados do séc. XX

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Rota do Megalítico / com o Município de Alter do Chão	Crato	Existência de um espólio natural de antas inventariadas no concelho do Crato e também com o concelho vizinho de Alter do Chão
	Rota dos castelos / com vários Municípios do Norte Alentejo	Crato	Castelo do Crato, Castelo de Belver, Castelo de Portalegre, Castelo de Marvão e Castelo de Castelo de Vide.

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota das Fontes	Flor da Rosa	Percurso feito na aldeia de Flor da Rosa
	Rota do Megalítico	Crato – Aldeia da Mata	Percurso feito pelas Antas do Crato e Anta do Tapadão
	Rota das Ordens Militares	Crato	A implementar

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Elvas	DISTRITO	Portalegre
-----------------	-------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Fortificações do Centro Histórico		Património da Humanidade
	Forte de Santa Luzia		Património da Humanidade
	Forte da Graça		Património da Humanidade
	Aqueduto da Amoreira	Rossio de São Francisco	Património da Humanidade

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Sé de Elvas	Praça da República	
		Castelo de Elvas	Parada do Castelo	
Industrial	Fábrica das Ameixas de Elvas	Rua Martim Mendes	Empresa privada	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Barragem do Caia		
		Rio Guadiana		
	Rural	Ponte da Ajuda		
		Ponte Romana de Nossa Senhora da Lapa	Barbacena	
Simbólico-Cultural				

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Uma manhã por Elvas	Elvas	
	Um dia por Elvas	Elvas	
	Um fim-de-semana em Elvas	Elvas	
	Elvas desconhecida	Elvas	
	Elvas judaica	Elvas	A implementar

Outras Observações:

Na cidade de Elvas, cujo centro histórico, fortificações e aqueduto são classificados como Património da Humanidade desde 2012, estão identificados mais de 200 pontos de interesse turístico. Entre os quais (e para além dos já enunciados nas tabelas acima) destacamos os seguintes:

Igreja e Convento de São Domingos
 Igreja do Salvador
 Colégio Jesuíta – Biblioteca Municipal de Elvas
 Igreja das Dominicás
 Igreja de São Pedro
 Igreja de Santa Maria de Alcáçova
 Igreja da Ordem Terceira de São Francisco
 Capela de Nossa Senhora da Conceição
 Passos da Via Sacra
 Igreja de São Martinho
 Igreja de Nossa Senhora das Dores
 Igreja de São Lourenço
 Igreja da Misericórdia
 Igreja de Nossa Senhora da Nazaré
 Santuário do Senhor Jesus da Piedade
 Igreja de Santo Amaro
 Igreja de São João da Corujeira
 Convento de Santa Clara
 Igreja de São João de Deus
 Convento de São Francisco
 Convento de São Paulo
 Pelourinho
 Primeira Cerca Islâmica
 Segunda Cerca Islâmica

Muralha Fernandina
Torre Fernandina
Cemitério dos Ingleses
Paiol de Nossa Senhora da Conceição
Paiol de Santa Bárbara
Quartel do Trem
Quartéis do Casarão
Quartéis dos Artilheiros
Quartéis da Rua dos Quartéis
Casa das Barcas
Quartel do Trem
Quartéis da Corujeira
Hospital Militar
Fortim de São Domingos
Fortim de São Mamede
Fortim de São Pedro
Aqueduto Romano do Correio Mor
Ponte Romana de Nossa Senhora da Lapa
Anta de Barbacena
Padrão da Batalha das Linhas de Elvas
Cisterna Islâmica
Cisterna da Praça
Fonte de São Lourenço
Fonte de São Vicente
Fonte da Misericórdia
Fonte de São José
Museu Militar de Elvas
Centro Interpretativo do Património
Museu Militar do Forte de Santa Luzia
Museu de Arte Contemporânea de Elvas
Museu Municipal da Fotografia
Museu de Arte Sacra
Casa da História Judaica de Elvas - Sinagoga

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Fronteira	DISTRITO	Portalegre
-----------------	-----------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Pelourinho		
	Torre do Relógio		
	Cruzeiros de Santa Cruz e Espírito Santo		
	Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha		

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico			
	Industrial			

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	24 Horas TT		Alta Competição de Todo o Terreno que se realiza em EXCLUSIVO a 17 anos em Fronteira
	Rural			
	Simbólico-Cultural	Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros	Av. Heróis de Atoleiros	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Percursos Pedestres da Ribeira Grande		

Outras Observações:

Para além tudo descrito em cima ainda possuímos:

Vasta Património religioso, Igreja Matriz da Misericórdia Capela de Nossa Senhora dos Anjos, Sr. dos Mártires, Sra. Das Dores. Torre do relógio de Cabeço de Vide, casa de artes e Ofícios; museu etnográfico do rancho folclórico de cabeço de vide, Forças da Justiça, Fortaleza e Muralha; a Forca, Antiga Rua da Judiaria; Arco dos santos; Coreto; Arco dos Santos; Antiga Cadeia

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Gavião	DISTRITO	Portalegre
-----------------	--------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Castelo de Belver	6040-024 Belver	Informações: Direção Regional de Cultura do Alentejo, 266769450
	Praia Fluvial do Alamal	39°29'17.1"N 7°58'06.4"O	Informações: C.M.Gavião, 241639070
	Percurso Pedestre – Arribas do Tejo	Zona Ribeirinha do Tejo – Belver, Torre Cimeira e Fundeira e Ortiga	Informações: C.M.Gavião, 241639070
	Percurso Pedestre – Corredor Ecológico das Ribeiras de Alferreireira e Barrocas	Zona - Atalaia, Degracia Cimeira e Degracia Fundeira	Informações: C.M.Gavião, 241639070

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Castelo de Belver – Feira Medieval de Belver	6040-024 Belver	3º Fim de Semana de Junho Informações: C.M.Gavião, 241639070
		Anta do Penedo Gordo	39°29'30.49"N 7°59'49.95"O	
Industrial	Museu do Sabão	Rua da Escola Nova, nº4 6040-024 Belver	Horário: 3ª, 4ª, 5ª, 6ª: 10:00h/13:00h - 14:00h/18:00h. Sábados, Domingos e Feriados: 14:00h/18:00h Informações: museudosabao@cm-gaviao.pt / 241635060	
	Núcleo Museológico de Tecelagem e Mantas de Belver	6040-024 Belver	(Inauguração em Breve) Informações: C.M.Gavião, 241639070	
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Observatório de Avifauna do Outeiro	39°29'32.74" N 7°53'31.61"O	
		Parque de Merendas da Ribeira da Venda	39°24'51.7"N 7°47'59.2"O	Zona de Praia Fluvial em Ribeira com Açude e Ponte Romana
Rural	Núcleo Museológico do Pão e do Vinho de Domingos da Vinha	Rua do Comércio nº10 6040-025 Domingos da Vinha, Belver	Horário: Todos os dias das 13:00h/17:00h Informações: Centro de Cultura e Convívio de Domingos da	

				Vinha, Rua do Comércio nº8 Domingos da Vinha - 918445104
	Simbólico-Cultural	Mostra de Artesanato e Gastronomia de Gavião	Jardim do Cruzeiro, Gavião	3º Fim de Semana de Julho Informações: C.M.Gavião, 241639070

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	MARVÃO	DISTRITO	PORTALEGRE
-----------------	--------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Vila e Castelo de Marvão	Marvão	
	Cidade Romana de Ammaia	Estrada da Calçadinha - 39.370402; -7.385949	
	Ponte e Torre da Portagem	Portagem -39.396938, -7.379895	
	Estação de Caminhos-de-Ferro	Beirã - 39.449682, -7.368614	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Antigos Paços do Concelho	Praça do Pelourinho - 39.394166, -7.376327	
		Convento de Nossa Sra. da Estrela	Santa Casa da Misericórdia de Marvão - 39.393307, -7.373137	
Industrial	Moinho da Cova	Portagem - 39.383108, -7.381961		
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Barragem da Apartadura	Freguesia de S. Salvador de Aramenha - 39.346711, -7.382004	
		Rio Sever	Concelho de Marvão	
	Rural	Soutos de Castanheiros	Em diversos pontos do concelho, mas em mais abundância na zona de Porto da Espada	
		Choças / chafurdões	Diversos pontos do concelho, podendo-se encontrar facilmente uma choça em Cabeçudos. Na vila de Marvão existe uma réplica de um chafurdão.	
	Simbólico-Cultural	Bordados com casca de castanha	Concelho de Marvão	
Centro de Interpretação do concelho de Marvão		Igreja de Santa Maria 39.395007; -7.378162		

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Percurso Castelo de Vide - Marvão		

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Percurso Pedestre de Marvão	Início do Percurso: Lat.: 39°22'55.55	
	Percurso Pedestre de Galegos	Início do Percurso: Lat.: 39°22'8.67	
	Percurso do Contrabando	Início do Percurso: Lat.: 39°22'12.47	

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Monforte	DISTRITO	Portalegre
-----------------	----------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Tauromaquia – (ganadarias, coudelarias) CIT – Centro Interpretativo Tauromáquico em Monforte	MONFORTE	O CIT a inaugurar ainda em 2014
	Romanização - Ruínas Romanas de Torre de Palma	Ruínas Romanas - MONFORTE	Património classificado de Interesse público (Turismo Religioso)
	Património Religioso – Conjunto de capelas e igrejas existentes na vila de Monforte	MONFORTE	Turismo Religioso

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Centro Histórico de Monforte (casas senhoriais brasonadas, igrejas, ruas típicas) Ponte Romana sobre a Ribeira Grande	MONFORTE	Ponte classificada de Interesse Público
		Igrejas classificadas (Igreja de Nossa Srª da Conceição em MONFORTE e Igreja de Nossa Senhora dos Milagres – Santa Maria da Graça em ASSUMAR).		Património classificado de Interesse público (Stª Mª da Graça – D. Nuno Álvares Pereira) (Turismo Religioso)
	Industrial	Fábrica de queijos “Monforqueijo, fábrica de enchidos “Montifumeiro”. Adegas: “Herdade do Perdigão”, “Lima Mayer”, “Calvário”, “Torre do Frade”, “Casa Agrícola Fernandes de Moura” e “Torre de Palma”.	MONFORTE	
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Caça – Riqueza cinegética do concelho....	MONFORTE	
		Paisagem natural na sua diversidade sazonal PRAIA Fluvial (a requalificar)	MONFORTE	A requalificar em 2015
	Rural	Rafeiro do Alentejo – Centro de reprodução do Rafeiro do Alentejo e Serra D’AIRES	MONFORTE	Preservação da espécie
Simbólico-Cultural	Literatura – Escritor António Sardinha e outros vultos da cultura local.		Natural e sepultado em Monforte	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	ROMANIZAÇÃO - Ruínas Romanas de Torre de Palma (complementaridade com Alter do chão, Ammaia-Marvão, Campo Maior...).		Património classificado de Interesse público
	Pré-história - Conjunto megalítico das antas do concelho (complementaridade com Fronteira, Sousel, Crato....). Barroco – Estilo arquitetónico que marcou uma época (complementaridade com muitos outros concelhos vizinhos....).	ANTAS; Serrinha, Monte Velho, Vale de Romeiras, Rabuge Exteriores e interiores de igrejas, fachadas de casas senhorias....	Património classificado de Interesse municipal

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	“Rota do Centro Histórico de Monforte”	Monforte	Rota já disponível – Município de Monforte
	“Rotas das Freguesias, Assumar, Vaiamonte e Santo Aleixo”	Assumar – Vaiamonte – Santo Aleixo	Rotas em execução – Município Monforte
	Designação	Localização	Observações
	Rotas já utilizadas pela “Bike team - Btt Cicloturismo”.	Monforte	Uma das Rota ainda não implementada – ERT (Associação de cicloturismo - “Bike team” de Monforte)
	“Rota dos Montes”	Monforte - Vaiamonte	Rota ainda não implementada - CIMAA
	“Rota das Ribeiras”	Monforte	Rota ainda não implementada - CIMAA
	“Rota das Antas”	Monforte	Rota ainda não disponível – Município Monforte
	“Rota das Fontes”	Monforte	Rota ainda não disponível – Município Monforte

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	NISA	DISTRITO	Portalegre
-----------------	------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Olaria Pedrada	Três olarias em Nisa; Museu regional do bordado e do barro (dois núcleos); posto de turismo de Nisa (mostra e venda)	Única no País
	Rendas e Bordados	Oficinas de artesanato; Museu regional do bordado e do barro (dois núcleos); posto de turismo de Nisa (mostra e venda)	Grande referência para o artesanato no distrito e na região. A maior concentração de artesãos e diversidade de tipos de artesanato.
	Rio Tejo/Portas de Ródão	Conhal do Arneiro (paisagem e percurso pedestre). Gravuras rupestres.	Extensão de 50Km de rio a fazer fronteira com a Beira Baixa. Alguns troços navegáveis.
	Gastronomia /Queijos e Enchidos	Restaurantes do concelho; Queijarias e salsicharias do concelho; mostras tradicionais anuais; posto de turismo de Nisa (mostra e venda)	Gastronomia variada com pratos de carne (borrego e porco); pratos de peixe do rio; doces tradicionais.

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Castelo de Amieira do Tejo	Amieira do Tejo	
		Monumentos Megalíticos	Vários Locais do concelho	
	Industrial	Queijarias do concelho	Nisa e Tolosa	
		Salsicharias	Nisa e Alpalhão	
		Granitos de Alpalhão/rochas ornamentais		
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Rio Tejo	Na parte norte do concelho de Nisa	
		Termas de de Nisa	Nisa - Arez	Unidade termal; Unidade Spa. Água sulfurosa especialmente indicada no tratamento de doenças musculó-esquelética; metabólicas, respiratórias e dermatológicas.
	Rural	Alguns aglomerados populacionais do concelho	Por exemplo: Amieira; Arez; Pé da Serra; Salavessa; Montalvão; Monte	

		Claro; Falagueira; Cacheiro; outros	
	Zonas de Caça Coudelarias; explorações de porco preto e também de uma raça bovina; vinhas do concelho	Zonas de caça Municipal; Associativas e Turísticas	
Simbólico-Cultural	Marcas de simbologia judaica	Alpalhão	
	Feiras e Romarias tradicionais	Em todas as freguesias do concelho	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Parque Natural do Tejo Internacional		
	Geopark Naturtejo		

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Percurso Pedestre "Trilho das Jans" (PR1)	Nisa – Arez – Amieira do Tejo	Início/fim do percurso: AMIEIRA DO TEJO, Grau de Dificuldade: MÉDIO, Distancia: 12,6km, Duração: 3:30h
	Percurso Pedestre "Descobrir o Tejo" (PR2)	Chão da Velha	Início/fim do percurso: CHÃO DA VELHA, Grau de Dificuldade: FÁCIL, Distancia: 4,25km, Duração: 1:30h
	Percurso Pedestre "Olhar sobre a Foz" (PR3)	Nisa - Velada	Início/fim do percurso: CENTRAL DA VELADA, Grau de Dificuldade: FÁCIL, Distancia: 5,75km, Duração: 2:00h
	Percurso Pedestre "Trilhos no Conhal" (PR4)	Nisa - Arneiro	Início/fim do percurso: ARNEIRO, Grau de Dificuldade: MÉDIO, Distancia: 9,8km, Duração: 3:30h
	Percurso Pedestre "À Descoberta de São Miguel" (PR5)	Nisa – Pé da Serra	Início/fim do percurso: PÉ DA SERRA, Grau de Dificuldade: FÁCIL / MÉDIO, Distancia: 9,2km, Duração: 3:00h
	Percurso Pedestre "Rota dos Açudes" (PR6)	Nisa - Salavessa	Início/fim do percurso: SALAVESSA, Grau de Dificuldade: MÉDIO, Distancia: 10,6km, Duração: 3:30h
	Percurso Pedestre "Entre azenhas" (PR7)	Nisa - Montalvão	Início/fim do percurso: MONTALVÃO, Grau de Dificuldade: FÁCIL / MÉDIO, Distancia: 6,5km, Duração: 2:30h
	Percurso Pedestre "Trilhos do Moinho Branco" (PR8)	Nisa - Montalvão	Início/fim do percurso: MONTALVÃO, Grau de Dificuldade: MÉDIO, Distancia: 14km, Duração: 4:00h
Caminhos de Santiago	Caminho do Interior (Caminho do Leste)	35 Km no concelho de Nisa (todo sinalizado)	

Outras Observações:

CONCELHO	Ponte de Sor	DISTRITO	Portalegre
-----------------	--------------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Albufeira de Montargil	Ao longo da E.N. 2. A barragem localiza-se em 39º 3' 11.397", -8º 10' 31.159".	Construída pela Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos como parte do Regadio do Vale do Sorraia, esta albufeira, cuja barragem foi concluída em 1958 e inaugurada no ano seguinte, tem uma capacidade de 164 milhões de metros cúbicos de água, tornando-a num local bastante procurado para a prática de atividades desportivas, balneares e de lazer.
	Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor	Avenida da Liberdade, nº 64 – F 7400-218 Ponte de Sor	Equipamento cultural por excelência do Município de Ponte de Sor, integrando diversos organismos e espaços culturais, designadamente, a Biblioteca Municipal; o Arquivo Histórico Municipal; espaços expositivos vinculados aos protocolos do Município com a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna e a Associação Cultural Sete Sóis Sete Luas; dois Núcleos de Arqueologia Industrial, representativos do passado do edifício em que o Centro está instalado; o Teatro da Terra – Centro de Criação Artística de Ponte de Sor; e o Centro de Formação e Cultura Contemporânea.
	Capela da Santa Casa da Misericórdia de Galveias	Largo Comendador José Godinho de Campos Marques 7400 Galveias	Classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1977. Edificação barroca, que obedece à habitual configuração das Misericórdias, com igreja e consistório anexo, esta Capela deverá ter sido reconstruída no decorrer do século XVIII; a data de 1803 inscrita sobre o portal principal poderá corresponder à fachada ou à conclusão de uma campanha de obras iniciada no século XVIII e prolongada, eventualmente, até ao início da centúria seguinte. Tal é sugerido também pela existência de motivos decorativos rococó no interior, em particular nos retábulos dos dois altares. A Capela foi entretanto alvo de obras de restauro, concluídas em 2005.
	Zona Ribeirinha de Ponte de Sor	Avenida Marginal. 7400 Ponte de Sor.	

TEMÁTICO S (2 mais importantes)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Capela da Santa Casa da Misericórdia de Galveias	Largo Comendador José Godinho de Campos Marques	Classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1977. Edificação barroca, que obedece à habitual configuração das Misericórdias, com igreja e consistório anexo, esta Capela deverá ter sido reconstruída no decorrer do século XVIII; a data de 1803 inscrita sobre o portal principal

			7400 Galveias	poderá corresponder à fachada ou à conclusão de uma campanha de obras iniciada no século XVIII e prolongada, eventualmente, até ao início da centúria seguinte. Tal é sugerido também pela existência de motivos decorativos rococó no interior, em particular nos retábulos dos dois altares. A Capela foi entretanto alvo de obras de restauro, concluídas em 2005.
		Capela de Santo António de Montargil	Travessa de Santo António. 7425 Montargil.	Datada, pelo menos, do século XVIII, foi alvo de uma recente intervenção de restauro (2011). Situada num ponto alto e com uma vista privilegiada, o maior valor artístico da Capela reside na capela-mor, de planta circular, em particular, no retábulo em talha dourada barroca e nos “frescos” do teto, datáveis do século XVII-XVIII e representando cenas da vida de Santo António.
	Industrial	Fábrica de Moagem de Cereais e Descasque de Arroz de Ponte de Sor	Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor Avenida da Liberdade, nº 64 – F 7400-218 Ponte de Sor	Teve origem na constituição da empresa “Sociedade Industrial, Lda.”, em 1920. A Fábrica dedicava-se ao comércio de cereais, à moagem de cereais para obtenção de farinha espoada e de farinha em rama e ao descasque de arroz. Em 1968, a Fábrica foi vendida à firma local SOSOR, que manteve apenas o descasque de arroz por mais alguns anos. Em 1997, não sendo já explorada a referida indústria, o Município de Ponte de Sor adquiriu o edifício, com o objetivo de o reutilizar para fins culturais. Do projeto, fizeram parte a manutenção e a recuperação da estrutura e da maquinaria da Fábrica, que constitui assim um importante exemplar de arqueologia industrial.
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Albufeira de Montargil		Construída pela Direção-Geral dos Serviços Hidráulicos como parte do Regadio do Vale do Sorraia, esta albufeira, cuja barragem foi concluída em 1958 e inaugurada no ano seguinte, tem uma capacidade de 164 milhões de metros cúbicos de água, tornando-a num local bastante procurado para a prática de atividades desportivas, balneares e de lazer.
		Ribeira de Sor		Ao longo do mais importante curso de água do concelho de Ponte de Sor pode-se entrar em contacto com a natureza, observando-se a fauna e a flora local, bem como diversas represas que forneciam água para os seculares moinhos existentes na ribeira e de que ainda subsistem bastantes exemplares, alguns em razoável estado de conservação.
	Rural	Montado de Sobro		O montado de sobro é a principal imagem natural do concelho de Ponte de Sor. Marcado por uma baixa densidade de arvoredo de sobro, que permite uma complementaridade económica e de lazer, entre a extração de cortiça, a pecuária, a caça e o turismo rural.
		Unidades de Turismo Rural, Hotelaria		
	Simbólico-Cultural	Romaria à Capela de Nossa Senhora dos Prazeres		Localizada nas proximidades da aldeia de Vale de Açor, a Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres tem origens remotas. Já no século XVIII era destino de romaria para os moradores de Seda, os de Castelo de Vide, que ali iam no dia 8 de setembro, e os de Ponte de Sor, primeiro sem dia certo e depois em 15 de agosto. Estas romarias mantiveram-se até hoje, acrescendo a dos moradores de

		Vale de Açor, no primeiro domingo de maio.
	Festas da Cidade	Realizam-se anualmente, na primeira semana de julho, assinalando a elevação de Ponte de Sor a cidade, por Lei aprovada em 8 de julho de 1985.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Roteiro do património arquitetónico religioso do concelho de Ponte de Sor. Trata-se de um roteiro em fase de estudo, que o Município pretende vir a implementar.	Galveias, Ponte de Sor, Montargil.	Pontos de interesse: Capela da Misericórdia de Galveias (séc. XVIII); Igreja Matriz de Galveias (séc. XVI); Capela de Santo António de Galveias (séc. XVII); Capela de São Sebastião de Galveias (séc. XVII); Capela de São Pedro de Galveias (século XVIII); Capela do Senhor das Almas de Galveias (séc. XVIII?); Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres (séc. XVI?); Capela de São Pedro de Ponte de Sor (séc. XVII?); Igreja Matriz de Ponte de Sor (1903); Capela do Senhor das Almas de Ponte de Sor (séc. XIX); Igreja Matriz de Montargil (séc. XVI); Capela da Misericórdia de Montargil (séc. XVI); Capela de Santo António de Montargil (séc. XVIII).
	Roteiro do património arquitetónico civil do concelho de Ponte de Sor. Trata-se de um roteiro em fase de estudo, que o Município pretende vir a implementar.	Ponte de Sor, Montargil, Foros de Arrão.	Pontos de interesse: Vestígios da Cerca de Ponte de Sor (séc. XV); Fonte da Vila de Ponte de Sor (séc. XVIII); Ponte sobre a Ribeira de Sor (séc. XIX); Ponte sobre a Ribeira do Andreu (séc. XIX); Paços do Concelho de Ponte de Sor (séc. XIX); Fábrica de Moagem de Cereais e Descasque de Arroz (atual CAC, 1920); Teatro-Cinema de Ponte de Sor (1936); Hospital Vaz Monteiro (atual Unidade de Cuidados Continuados, 1936); Barragem de Montargil (1959); Moinho de vento de Foros de Arrão (séc. XX).
	“Montargil na rota do sagrado”. Este roteiro encontra-se publicado, com a devida contextualização histórica sobre a vila de Montargil, em: <i>Montargil na rota do sagrado</i> . Coord. Maria do Rosário Martins Alves. Montargil: Associação Nova Cultura de Montargil, 2011.	Montargil.	Percurso pelas igrejas e capelas de Montargil: Igreja Paroquial, Capela de Santo António, Igreja da Misericórdia, Capela de São Sebastião, Capela de São Pedro, Capela do Senhor das Almas, Capelas de Farinha Branca e Vale de Vilão.

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Portalegre	DISTRITO	Portalegre
-----------------	------------	-----------------	------------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Catedral de Portalegre	Praça do Município - Portalegre	
	Mosteiro de S. Bernardo	Avenida George Robinson - Portalegre	
	Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino	Rua da Figueira, nº. 9 - Portalegre	
	Casa Museu José Régio	Rua Poeta José Régio - Portalegre	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Casa D. Nuno de Sousa	Largo Serpa Pinto , Portalegre	
		Palácio Amarelo	Largo Cristóvão Falcão, nº. 13 - Portalegre	
	Industrial	Espaço Robinson	Rua D. Iria Gonçalves – Portalegre	
		Escola de Hotelaria e Turismo	Rua D. Iria Gonçalves - Portalegre	
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Parque Natural da Serra de S. Mamede	Portalegre	
		Vale de S. Lourenço	S. Julião	
	Rural	Alegrete	Alegrete	
		Calçada Medieval	Carreiras	
	Simbólico- Cultural	Museu Municipal de Portalegre	Rua José Maria da Rosa – Portalegre	
		Núcleo Museológico Emílio Relvas - Reguengo	Rua da Carreira – Edifício da Junta de Freguesia - Reguengo	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Castelo de Portalegre	Rua Luís Barahona - Portalegre	
	Castelo de Alegrete	Alegrete	

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Roteiro Regiano	Portalegre	
	Roteiro das Fontes	Portalegre	
	Roteiro das Casas Brasonadas	Portalegre	
	Roteiro do Barroco	Portalegre	
	Roteiro dos Conventos	Portalegre	

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Alpiarça	DISTRITO	Santarém
-----------------	----------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça	Rua José Relvas – junto ao estádio Municipal	Antiga residência de José Relvas
	Albufeira dos Patudos	Junto à rotunda na saída para Almeirim	
	Quinta dos Patudos - Reserva Natural do Cavalo do Sorraia	Caminho Rural A11 – junto ao Parque de Campismo	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Igreja Matriz de Alpiarça – Igreja de Santo Eustáquio	Rua José Relvas	
		Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça	Rua José Relvas – junto ao estádio Municipal	
	Industrial	Fábrica Monliz – fábrica de congelado	ZI – Rua E	
		Fábrica Renoldy	ZI – Rua E	
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Albufeira dos Patudos Quinta dos Patudos - Reserva Natural do Cavalo do Sorraia	Junto à rotunda na saída para Almeirim Caminho Rural A11 – junto ao Parque de Campismo	
		Praia Fluvial do Patacão - Vala Real de Alpiarça/Parque do Carril	EN 368-1 e CM 1372 Saída para Santarém – direcção à EN 368	
	Rural	Hotel Rural Quinta da Torre – Turismo em espaço rural	Rua José Relvas 2090-022	
	Simbólico-Cultural	Estações Arqueológicas		
Adegas /Cooperativas de Vinho				

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota do Vinho e da Vinha		

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Almeirim	DISTRITO	Santarém
-----------------	----------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Igreja Matriz de Almeirim (S. João Batista)	Largo Padre O. J. Reis 2080 Almeirim	
	Igreja da Ordem Terceira (Edifício das Escolas Velhas)	Rua Dr. J. César Henriques 2080 Almeirim	
	Quinta da Alorna	EN 118 2080-187 Almeirim	
	Quinta do Casal Branco	EN118 km,69 2080-362 Benfica do Ribatejo	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Igreja Matriz de Almeirim (S. João Batista)		
		Igreja da Ordem Terceira (Edifício das Escolas Velhas)		
	Industrial	Adega Cooperativa de Almeirim		
		Sumol + Compal		
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Herdade dos Gagos		
		Vale d'Água		
	Rural	Quinta da Alorna		
		Quinta do Casal Branco		
Simbólico- Cultural	Museu Municipal de Almeirim			
	Cine-Teatro de Almeirim			

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
---	------------	-----------------------	-------------

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota dos Vinhos do Tejo	Associação da Rota dos Vinhos do Tejo Sede CVR T Comissão Vitivinícola Regional Tejo Rua de Coruche 85 2080-094 Almeirim	

Outras Observações:

CONCELHO	AZAMBUJA	DISTRITO	LISBOA
-----------------	----------	-----------------	--------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	IGREJA MATRIZ DE AZAMBUJA	AZAMBUJA	
	PALÁCIO DE PINA MANIQUE	MANIQUE DO INTENDENTE	
	CASTRO DE VILA NOVA DE S. PEDRO	VILA NOVA DE S. PEDRO	
	PALÁCIO DAS OBRAS NOVAS E AREA ENVOLVENTE	AZAMBUJA - LEZIRIA	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Histórico Arquitectónico		PALÁCIO DE PINA MANIQUE	MANIQUE DO INTENDENTE	
			CASTRO DE VILA NOVA DE S. PEDRO	VILA NOVA DE S. PEDRO	
	Industrial		1ª ESCOLA DE AVIAÇÃO MILITAR	VILA NOVA DA RAINHA	
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Natural		ZONA RIBEIRINHA / PALACIO DAS OBRAS NOVAS	AZAMBUJA – LEZIRIA	
			ALDEIA AVIEIRA PORTO DA PALHA/LEZIRÃO	AZAMBUJA – LEZIRIA	
	Rural		VILA MUSEU DO VINHO	AVEIRAS DE CIMA	
			MAÇUSSA	MAÇUSSA	
	Simbólico -Cultural		PINA MANIQUE - PALÁCIO	MANIQUE DO INTENDENTE	
		PRAÇA DOS IMPERADORES	MANIQUE DO INTENDENTE		

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	ROTA DOS MOUCHÕES	AZAMBUJA	PASSEIO FLUVIAL
	VILA MUSEU DO VINHO	AVEIRAS DE CIMA	ENOTURISMO
	Designação	Localização	Observações
	TERRAS DE PÃO	MAÇUSSA	PERC. PEDESTRES

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	BENAVENTE	DISTRITO	SANTARÉM
-----------------	-----------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Palácio do Infantado	Praça da República Samora Correia	Antigo Palácio do Infantado, fachada classificada, século XVIII. Integra galeria de exposições e biblioteca municipal
	Museu Municipal e Núcleo Museológico Agrícola	Rua Luís de Camões e Largo de Santo André - Benavente	Museu de território, integra coleções relevantes – traje tradicional, alfaia agrícola, ofícios tradicionais e fotografia que permitem definir e conhecer a identidade do território.
	Igreja Matriz de Samora Correia	Praça da República Samora Correia	Consagrada a N ^a S ^a de Oliveira, inaugurada em 1721, no reinado de D. João V, situada no mesmo local da primitiva igreja medieval. De estilo Barroco nos efeitos arquitectónicos e composições da época, tanto no uso do mármore rosa, como dos azulejos e da riquíssima talha dourada. As paredes interiores estão revestidas com azulejos, destacando-se dois grandes painéis dedicados a S. Tiago, datados do séc. XVIII. Altar-Mor em talha dourada, com imagem da padroeira, do lado oposta ao da epístola encontra-se um pequeno retábulo com a imagem de N ^a S ^a do Ó.
	Companhia das Lezírias	Largo 25 de Abril, n.º 17 – 2135-318 Samora Correia	A Companhia das Lezírias é a maior exploração agro-pecuária e florestal existente em Portugal, com diversas valências na área do Turismo, tal como, o projecto EVOA, Centro Hípico, Centro de Interpretação, Restaurante, visitas guiadas, entre outras.

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Igreja da Misericórdia de Benavente	Rua Luís Godinho Benavente	Com origem na antiga Capela do Espírito Santo, datada do século XIII, sofreu grandes alterações nos séculos XVI e XVII. Aqui esteve instalado o antigo Hospital do Espírito Santo e a Roda dos Expostos. Desenvolve-se ao longo da rua, possui uma nave central e no extremo oposto do altar existe um varandim que comunicava com o Hospital. Possui painéis de azulejo provenientes do extinto Convento de Jenicó.
		Pelourinho e Praça do Município	Praça do Município	Estilo manuelino, foi edificado quando da atribuição do Foral Novo a Benavente, por D. Manuel I, em 1516. Inicialmente implantado na Praça da República, foi apeado e recolocado neste local em 1954. O Pelourinho é de "muito boa pedra laurada, alto com seus ferros, e grimpa, e cruz de São Bento com suas pomas douradas, com cinco degraus a redondo da mesma pedraria"(In Tombo do Concelho, 1574)

Industrial			
Natural	Reserva Natural do Estuário do Tejo	Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 1 2890-015 Alcochete (SEDE)	Reserva está inscrita na lista de zonas húmidas de importância internacional, especialmente como habitat de aves aquáticas. De dimensões impressionantes – 14 560 hectares –, a Reserva Natural do Estuário do Tejo, uma das dez mais importantes da Europa Ocidental, é, na sua maioria, constituída por zonas de lamas estuarinas, sapais, açudes, salinas, mouchões e terrenos agrícolas, que explicam a diversidade de espécies animais e de vegetação.
Rural	Ganadarias e Coudelarias	Nas 4 freguesias	
Simbólico-Cultural	Folclore		
	Festa da Amizade	Freguesia de Benavente	Realiza-se no último fim-de-semana do mês de Junho. Também denominada "Festa da Amizade". Decorre durante 2 a 3 dias mas o principal é o dia de Sábado, começando logo pela manhã com o desfile de jogos de cabrestos de várias casas agrícolas, campinos e cavaleiros, que se vão concentrar no Largo do Calvário. Aqui, celebra-se uma missa campal e, de seguida, começam as provas de perícia com os jogos de cabrestos e a picaria à vara larga. À tarde, há entrada de touros pelas ruas da vila e, em alguns locais, são instaladas mangas para as largadas. Um dos pontos fortes desta festa é a distribuição gratuita de sardinhas, pão e vinho pelas ruas. Anualmente, esta festa constitui uma referência para Benavente, atraindo sempre milhares de pessoas.

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Rota dos vinhos, "Companhia das Lezírias"	Largo 25 de Abril, n.º 17 – 2135-318 Samora Correia	
	Reserva Natural do Estuário do Tejo	Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 1 2890-015 Alcochete (SEDE)	

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Pancas, percurso pedestre/ciclável	Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 1 2890-015 Alcochete (SEDE)	Observação de aves
	Património Histórico		Visita guiada aos centros históricos das freguesias de Benavente e Samora Correia
	Rota das Lezírias, percurso pedestre/ciclável		Percurso em fase de projeto para homologação pela FCMP.
	Rota do cavalo e do toiro		Em projecto.
	Rota Gastronómica		Em projecto.

Outras Observações:

CONCELHO	Cartaxo	DISTRITO	Santarém
-----------------	---------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Aldeia da Palhota	Coordenadas: 39º 03'43.20``N – 8º 46'37.94``O	Aldeia avieira da Palhota é uma aldeia típica de pescadores, construída com casas de madeira, tipo palafitas.
	Cruzeiro Manuelino	Morada: Largo de São João Baptista, 2070-039 Cartaxo	(Situado junto à Igreja Matriz do Cartaxo, no Largo de S. João Baptista, e desde 1910 é considerado <i>Monumento Nacional</i> . Data do princípio do século XVI e acolhe a imagem do Senhor dos Aflitos Crucificado. Trata-se de uma escultura em pedra, de grande valor artístico, quer pela perfeição dos seus rendilhados, quer pela nitidez das figuras que o ornamentam. A coluna em espiral, a imagem de Cristo, a cruz, as figuras e os ornatos são feitos de uma só pedra. O Cruzeiro pertencia ao extinto Convento da Ordem de São Francisco, construído na Praça 15 de Dezembro, tendo sido transferido, primeiro, para a frente da Igreja Matriz e, posteriormente, para a zona lateral da Igreja).
	Igreja de São Bartolomeu (Vale da Pinta)	Morada: Largo da Igreja 2070-559 Vale da Pinta	Pertenceu à Ordem de Cristo. Em 1886, foi erguida uma torre sineira junto à igreja, que mais tarde foi ampliada. A Igreja possui uma fachada de empena angular, com o teto em madeira sobre a nave, um cruzeiro e braços do transepto com abóbadas de cruzaria de ogivas e uma abóbada de berço redondo na capela-mor. Destacam-se as imagens quinhentistas de pedra de Santa Catarina e de São Bartolomeu, os castiçais e um crucifixo em estanho do século XVII e várias imagens do século XVIII.
	Igreja Matriz de Pontével	Morada: Rua da Igreja 2070-403 Pontével	Dedicada a Nossa Senhora da Purificação, é anterior à fundação da nacionalidade, sendo imóvel classificado de Interesse Público desde 1984. Foi reconstruída inúmeras vezes, tendo a última ocorrido no século XVII. A sua torre sineira apresenta três sinos em bronze, decorados com uma cercadura minuciosamente trabalhada. São também notáveis os seus azulejos dos finais do século XVI, princípios do século XVII, os túmulos de personalidades que marcaram a história da freguesia e a pia batismal, classificada em 1933 como peça de Interesse Público. É um templo de uma só nave, em cujo teto se encontra o brasão da Ordem de Malta.

TEMÁTICOS (2 mais importantes)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Igreja do Espírito Santo-Freguesia da Ereira	Morada: Rua da Fonte - 2070-308 Ereira	É um templo quinhentista, foi alvo de uma remodelação profunda em 1891. No século XVI pertenceu à Ordem de Malta e no século XVIII era dedicada ao culto do Espírito Santo. Com uma arquitetura religiosa e maneirista, a igreja possui uma fachada de empena angular, com torre sineira e nave única. Na capela-mor abobada, existe uma

			lápide sepulcral de Gaspar Fernandes.
	Poço de São Bartolomeu	Largo da Igreja 2070-559 Vale da Pinta	Classificado como monumento de Interesse Municipal (O poço medieval, pouco profundo, é coberto por uma cúpula abobadada em pedra. No alçado virado a oeste rasga-se um vão de acesso com uma verga em arco segmentar e, à sua direita, encontra-se um pequeno nicho. Encostado a este paramento, encontra-se um bebedouro retangular em cantaria. No início de 2009 o poço e a zona envolvente foram alvo de obras de requalificação).
Industrial	Antiga Central Elétrica	Galeria de Exposições José Tagarro / Posto de Turismo Morada: Rua Dr. Manuel Gomes da Silva 2070-096 Cartaxo	(Constituída por um grupo gerador, motor a óleos pesados de 90 CV, regulador de tensão, alternador Trifásico de 60 kVA e compressor de ar de arranque do grupo gerador diesel). Contacto: 243 700 273 Email: turismo@cm-cartaxo.pt
	Margem ribeirinha de Valada	Valada	A zona ribeirinha de Valada contempla duas infraestruturas, o parque de merendas e a fluvina, que dão apoio às diversas atividades desportivas e de lazer.
Natural	Parque Municipal da Ribeira	Morada: Ribeira do Cartaxo, 2070-000 Cartaxo	Enquadrado numa parte da quinta histórica de Santa Eulália. Conta com um amplo espaço verde para lazer e recreio. A consolidação do projeto envolveu a criação de 80 lugares de estacionamento, limpeza das linhas de água, reforço da articulação pedonal, repavimentação dos acessos e construção de um conjunto de equipamentos de lazer e recreio - parque infantil, espaço de merendas, quiosque de apoio e áreas de esplanada.
	Museu Rural e do Vinho do Concelho do Cartaxo	Morada: Rua 25 de Abril, 2070 Cartaxo - Telefone: 243 701 257 - Fax: 243 702 641 Email: museu@cm-cartaxo.pt	Serviços: Visitas guiadas, serviço educativo, serviço de restauro, centro de documentação e loja. Horários: Terça a sexta-feira: 10h30 - 12h30 e 15h00 -17h30 Sábados, domingos e feriados: 9h30 - 12h30 e 15h00 - 17h30
Rural	Museu Escolar do Concelho do Cartaxo	Largo da Igreja 2070-559 Vale da Pinta - Telefone: 243 719 160 - Fax: 243 719 661	Horário: De segunda a sexta: das 9h às 12h30 / das 14h às 17h; Sábados, domingos e feriados: Das 10h às 17h, com marcação prévia.
	Festa do Vinho		Certame que contribui para a preservação da identidade histórica e cultural do concelho, bem como para a promoção dos vinhos locais. Conta com a apresentação de novos vinhos, provas guiadas, seminários, concursos de vinhos e gastronomia. Primeiro fim-de-semana do mês de maio
Simbólico-Cultural	Comemorações da Batalha de Ourique e Mercado Medieval na freguesia de Vila Chã de Ourique	Morada: Rua 29 de Janeiro- 2070-628 Vila Chã de Ourique	(Data da Batalha de Ourique: 25 de julho de 1139)

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Fandango – Ranchos Folclóricos do concelho		
	Passeios no Rio Tejo	Empresa Ollém (Morada: Largo Alves Redol 2070-513 Valada. Contactos: 917 205 758)	

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Percurso BTT Cartaxo I		Anexo 1
	Percurso BTT Cartaxo II		Anexo 2
	Percurso BTT Ereira I		Anexo 3
	Percurso BTT Pontével I –		Anexo 4
	Percurso Pedestre de Pontével		Anexo 5
	Percurso Pedestre da Rota da Tapada		Anexo 6
	Percurso BTT “Trilhos de Pontével” (1º domingo de janeiro, organização dos Quarentões de Pontével)		http://festadepontevel.com/
	Percurso BTT da Caspiada Organização: Sociedade Filarmónica Incrível Pontevelense e Marco Chagas		http://bttdacspiada.vouparticipar.pt/percurso
	Percurso Pedestre de S. Gens (em fase de ante projeto)		
Rota do Vinho do Tejo – Percurso 1 – Tesouro Gótico		www.rotavinhostejo.com www.cvrtejo.com Associação da Rota dos Vinhos do Tejo Rua de Coruche, nº 85, 2080-094 Almeirim - T 243 309 400 geral@rotavinhostejo.com CVR – Comissão Vitivinícola Regional Tejo Rua de Coruche, nº 85, 2080-094 Almeirim – T 243 309 400 geral@vrtejo.com	
Caminho do Tejo (caminho de peregrinação de Lisboa até Fátima, o qual passa pelo concelho do Cartaxo)		www.cnc.pt/artigo/3124	

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Chamusca	DISTRITO	Santarém
-----------------	----------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

importantes em termos	Designação	Morada ou localização	Observações
	Igreja Matriz		
	Miradouro de Nossa Senhora do Pranto		
	Igreja da Misericórdia		
	Zona Ribeirinha do Arripiado		

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Ermida Nossa Senhora do Pranto – Azulejaria		
		Igreja da Misericórdia		
	Industrial	Ponte da Chamusca		
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Portos do Tejo		
		Miradouro Sr. Bonfim		
	Rural	Rota da Ganadrias		
Simbólico-Cultural	Praça de Toiros			

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Miradouro do Castelo de Almourol		

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Circuito – Chamusca Terra Branca		
	Circuito – Borda D'Água		
	Circuito – Charneca Ribatejana		
	Percursos Cicláveis e BTT		
	BTT1 – Grande Rota da Charneca e da Campina		
	BTT2 –Rota da Barragem de Pai Poldro		
	BTT3 –Rota das Pedreiras e da Murta		
	BTT4 – Rota da Cabeça Alta		
	BTT5 – Rota das Pedreiras		
	BTT6 – Rota da Charneca		http://www.cm-chamusca.pt/atividade-municipal/desporto/percursos/percursos-ciclaveis

Outras Observações:

CONCELHO	CORUCHE	DISTRITO	SANTARÉM
-----------------	---------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Coruche: Território rural de paisagens construídas		Das charnecas do montado e à lezíria do Sorraia; Construção do montado - Coruche, capital mundial da cortiça; Obra de Rega do Vale do Sorraia – ciclos das culturas de regadio; Avanços tecnológicos e alterações sócio-culturais...
	Coruche: Património histórico e cultural		Da pré-história aos nossos dias; Concelho da fundação da nacionalidade; Património construído; Centros históricos de Coruche e Erra; Montes das herdades (casas senhoriais)
	Coruche taurina: memória e identidade		Dos trabalhos no campo à festa na praça de toiros... e à mesa!
	Viver a Natureza		Actividades de desporto, lazer, fruição... na natureza: Percursos de cicloturismo; Percursos pedestres; Passeios a cavalo; Passeios de Todo-o-terreno; Pesca desportiva; Canoagem; Caça; Balonismo...

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Histórico Arquitectónico	Património construído: Centro histórico de Coruche		Camãra Municipal de Coruche	Da praça central à rua direita; pelourinho; igrejas; casas senhoriais...
		Património construído: da ocupação pré-histórica às construções em espaço rural contemporâneas		Freguesia do Couço; União Freguesias Coruche, Fajarda e Erra	Antas do Peso e estações arqueológicas; centro histórico da Erra; os montes das herdades – casas senhoriais e casas rurais e povoamento disperso em ‘foros’
	Industrial	Coruche, Capital Mundial da Cortiça: Do Observatório do Sobreiro e da Cortiça às indústrias corticeiras		Zona Industrial do Monte da Barca, Coruche.	Associação Produtores Florestais Grupo Piedade; Grupo Amorim
		Complexos industriais agro-alimentares - Dos campos de arroz à indústria; - Culturas sazonais		Zona industrial do Monte da Barca, Coruche.	As unidades industriais do arroz... - Mundiarroz (Cigala), Atlantic Meals, grupo Cecilio DAI -
	Natural	Ecossistema do montado			Homem, fauna, flora...
Sorraia: corredor ecológico				Elemento natural que se impõe no concelho de lés-a-lés: variedade piscícola; fauna e flora associada ao rio; a lezíria...	

Rural	Coruche rural: a vida ao ritmo da mãe natureza	Ponto de partida para áreas específicas no território: Núcleo Rural de Coruche	Aspectos da ligação homem – natureza; sazonalidade dos trabalhos agrícolas; habitação, alimentação, vestuário... e suas ligações ao território local
	Coruche rural: os avanços tecnológicos e a construção da ruralidade contemporânea		Mudanças nas estruturas socioculturais com a sucessiva mecanização agrícola a introdução de novas tecnologias na agricultura local; campos agrícolas hoje
Simbólico-Cultural	Festas em Honra de Nossa Senhora do Castelo		Mais importante manifestação cultural do concelho!
	Campino do Sorraia		Campino é elemento simbolicamente mais importante na marca Ribatejo; referencia de ligação do triângulo local: mundo rural – tauromaquia – festas de agosto

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota dos Santuários Marianos		Fátima , o principal local de culto em Portugal e um dos principais santuários do culto mariano mundial, com passagem em Coruche de milhares de peregrinos vindos de sul, Alentejo e margem sul de Lisboa.
	Ecovia Lisboa badajoz		Percurso que utiliza os caminhos e as estradas secundárias registados na Ecovia Lisboa-Badajoz pelos voluntários do projecto Ecovias de Portugal e que atravessa o concelho de Coruche. (www.ecovias.pt.vu) http://ecoviasportugal.wix.com/ecoviasportugal
	Designação	Localização	Observações
	Ecoturismo no montado		Nesta região encontra-se uma das maiores e mais bem conservadas manchas florestais do país, composta sobretudo por um misto de sobreiros e pinheiros. Numa grande parte do concelho, a densidade de ocupação humana é muito baixa, o que faz desta uma zona particularmente tranquila, bastante propícia à observação de aves e a beneficiar de um corredor natural muito procurado para a prática de bird watching. www.avesdeportugal.info/sitcoruche.html
Rota dos Vinhos do Tejo	Companhia das lezírias, Quinta Grande, Quinta de Santo André	A rota dos Vinhos do Tejo vem alargar a oferta turística da região evidenciada em percursos enoturísticos baseados nas tradições, património gastronómico, natural e edificado associado às casas agrícolas da região. Percurso 2 – Touros e cavalos http://rotavinhoestejo.com/mapa2.html	

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Golegã	DISTRITO	Santarém
-----------------	--------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

importantes em termos	Designação	Morada ou localização	Observações
	Equuspolis	Rua D. João IV - Golegã	249 979 000
	Casa-Estúdio Carlos Relvas	Largo D. Manuel I - Golegã	249 979 120
	Museu Municipal da Máquina de Escrever	Rua da Oliveira - Golegã	249 979 126
	Igreja Matriz da Golegã	Largo Imaculada Conceição	—

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Casa-Estúdio Carlos Relvas	Largo D. Manuel I - Golegã	249 979 120
		Igreja Matriz da Golegã	Largo Imaculada Conceição	—
	Industrial	Mendes Gonçalves	Zona Industrial, Lote 6 - Golegã	249 979 200
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Reserva Natural do Paúl do Boquilobo	Sede: CNEMA – Quinta das Cegonhas Apartado 59 – 2001-901 Santarém	243 321 080
Rural	Museu Rural	Rua dos Álamos - Golegã	917 799 292	
Simbólico-Cultural	Rancho Folclórico da Golegã	Rua dos Álamos - Golegã	917 799 292	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota do Cavalo e do Ribatejo	Município da Golegã - Largo D. Manuel I - Golegã	249 979 050

Outras Observações:

CONCELHO	Rio Maior	DISTRITO	Santarém
-----------------	-----------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Salinas de Rio Maior	Freguesia Rio Maior a 3 km da cidade junto à aldeia de Fonte da Bica	Únicas Salinas de Interior no país. Área protegida PNSAC
	Dolmen de Alcobertas	Vila de Alcobertas, junto à Igreja Matriz	De características únicas por lhe ter sido adossada a igreja. Um dos maiores da Península Ibérica.
	Villa Romana de Rio Maior	Na cidade de Rio Maior, próxima do cemitério.	
	Silos de Alcobertas	Na freguesia de Alcobertas	Um dos maiores conjuntos conhecidos de silos a céu aberto. Época medieval.

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Histórico Arquitectónico		Dolmen de Alcobertas		
			Villa Romana de Rio Maior		
	Industrial		Salinas de Rio Maior (industria de produção de sal)		
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Natural		Olho d'Água de Alcobertas	Alcobertas	Nascente cársica (exurgência)
			Gruta de Alcobertas	Chãos - Alcobertas	
	Rural		Museu Rural e Etnográfico de S. João da Ribeira	Freguesia de S. João da Ribeira	Museu particular (Grupo de Danças e Cantares de S. João da Ribeira)
Simbólico-Cultural		Roteiro do poeta Ruy Belo	Entre Rio Maior e S. João da Ribeira	Um dos maiores poetas portugueses do século XX.	

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Salinas e Alcobertas	Área Protegida PNSAC	Complementaridade face a concelhos limítrofes na área protegida.

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota da Serra	Alcobertas	A importância da água, usos e captação.
	Rota da Água	Rio Maior - Alcobertas	

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Salvaterra de Magos	DISTRITO	Santarém
-----------------	---------------------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Palácio da Falcoaria Real (Salvaterra de Magos - Capital Nacional da Falcoaria)	Av. José Luís Brito Seabra, 17 2120-011 Salvaterra de Magos +351 263509522 falcoaria@cm-salvaterrademagos.pt	A história da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos, está intimamente ligada à história do Paço Real - Casa de Campo da Coroa - que transformou a nobre vila ribatejana de Salvaterra de Magos num importante centro da vida social e artística da corte portuguesa. Durante o séc. XVIII, ficaram famosas as pomposas caçadas que se realizaram em Salvaterra de Magos. O concelho de Salvaterra de Magos possui o único Palácio de Falcoaria Real que o País tem e é ainda um exemplar único na Península Ibérica. Este facto, levou o Município de Salvaterra de Magos a optar por registar a marca: " <i>Salvaterra de Magos, capital nacional da Falcoaria</i> ".
	Museu do Rio CICV (Centro de Interpretação e Educação Ambiental do Cais da Vala)	Av. Dr. José Luís Brito Seabra 2120 - 137 Salvaterra de Magos +351 263509520 turismo@cm-salvaterrademagos.pt	O Museu do Rio, insere-se numa estratégia delineada pela Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, com os objetivos de preservar, estudar e divulgar o seu património cultural concelhio.
	Núcleo Museológico do Escaroupim - Casa Avieira	Largo dos Avieiros, Escaroupim 2120 – Salvaterra de Magos +351 263509520 turismo@cm-salvaterrademagos.pt	Pescadores Avieiros – Oriundos da Praia da Vieira de Leiria, procuravam o sustento da pesca que não encontravam no Inverno no mar de Vieira de Leiria e rumaram ao rio Tejo. Um dia deixaram de regressar à aldeia de origem. Na década de 30 formaram a aldeia do Escaroupim em Salvaterra de Magos. É um Património que tem de ser preservado e dado a conhecer aos portugueses. Os turistas querem ver um património vivo, bem conservado, cheio de histórias para contar.
	Museu Etnográfico da Glória do Ribatejo	Travessa da Fonte Velha nº8 2125 - 049 Glória do Ribatejo - 916835367 patrimoniocultural@cm-salvaterrademagos.pt	Núcleos Museológicos da Glória do Ribatejo, composto pela Casa Tradicional e pelo Museu Etnográfico (ambos os espaços visitáveis mediante marcação).

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitetónico	Capela Real do Antigo Paço de Salvaterra de Magos	Praça da República – Salvaterra de Magos	As obras da Capela estão inseridas num conjunto de obras experimentais que caracterizam a produção arquitetónica da época de D. João III, mais concretamente, no escasso conjunto de construções de planta centralizada. Foi mandada edificar pelo infante D. Luís em 1542. As obras foram dirigidas pelo arquiteto Miguel

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)			de Arruda. Com D. Sebastião as obras passam a ser orientadas pelo arquiteto António Mendes, e a partir de 1581 com Filipe I por Baltazar Alvares.	
		Palácio da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos	Av. José Luís Brito Seabra	A Falcoaria Real, construída no século XVIII, tem como protótipo as falcoarias holandesas setecentistas, em particular da vila de Valkenswaard. Nos dias de hoje este espaço é uma mais-valia em termos históricos e turísticos, o público poderá visitar uma exposição didática sobre a caça com falcões ao longo da história e em especial da relação de Salvaterra de Magos com a cetraria, sendo ainda possível observar demonstrações de voos de aves
	Industrial	Secadores de arroz do Celeiro da Vala	Av. José Luis Brito Seabra	O celeiro da vala é o edifício onde estão instalados os secadores de arroz. Trata de um imóvel cuja origem remonta ao séc. XVII e, esteve intimamente ligado à Casa do Infantado – Instituição Real que consistia numa organização patrimonial, para os segundos filhos dos monarcas. No período conturbado após a revolução liberal, a Casa do Infantado é extinta em 1834 por um decreto de D. Pedro IV. Todos os seus bens foram integrados na Fazenda Nacional. Em 1836 o edifício passa para a Companhia das Lezírias, acentuando ainda mais a sua característica agrícola. Os secadores foram instalados em meados da década de 30, e tinham como função secar o arroz que vinha do paul de Magos. Trata-se de um equipamento de interesse patrimonial, que retrata a secagem deste cereal
		Ponte D. Amélia - Muge	Freguesia de Muge	Esta ponte férrea, foi iniciada em Julho de 1902, tendo sido inaugurada a 14 de Janeiro de 1904. Um projeto do famoso engenheiro francês Gustave Eiffel, num excelente exemplo da denominada “Engenharia do Ferro”, que caracterizou os finais do Séc. XIX e inícios do Séc. XX. A ponte que cruza o Rio Tejo com os seus 840m de comprimento e 5m de largura. Em 2001 foi alvo de obras que permitiram a sua abertura para circulação de veículos ligeiros, ligando desta forma os concelhos de Salvaterra de Magos e do Cartaxo.
	Natural	Aldeia Avieira do Escaroupim e Mata Nacional do Escaroupim	Escaroupim – Salvaterra de Magos	Aldeia formada por pescadores vindos de Vieira de Leiria que se fixaram nas margens do Tejo e onde ainda é possível observar muitos dos seus usos e costumes. Originalmente constituída por povoamentos de Pinheiro bravo e Pinheiro manso, foram mais tarde reconvertidos para povoamentos de eucalipto (<i>E. globulus</i>), tornando-se um importante fornecedor de combustível para as locomotivas dos caminhos-de-ferro durante a 2.ª Guerra Mundial. No ano de 1953 foi plantado um arboreto constituído por 125 espécies diferentes de eucaliptos, destinado a ensaios de carácter científico, sendo um dos mais completos da Europa.
		Núcleo Museológico do Arroz	Paúl de Magos – Salvaterra de Magos	Núcleo Museológico em fase de projeto , decorrem as negociações com o COTARROZ e o INIAV para a realização de protocolo para instalação do Núcleo Museológico Vivo, no Centro Operativo e Tecnológico do Arroz no Paúl de Magos.
	Rural	Casa Cadaval	Estrada Nacional 118	Produtores de Vinho. Atividades: Catering, Prova de vinhos, Arqueologia, Reserva Natural,

	Investimentos Agrícolas, Lda.	2125-317 Muge	Espetáculos Equestres, “ Team Bulding”, Campos de Férias – Centro de Atividades Desportivas do “ Sobreiro do Neto”-“ Wind Surf”, canoagem, escalada, “ Paint Ball “,Caça, Pesca, Cruzeiros no rio Tejo, Batismos Equestres, “BirdWatching”, Salões de festas, congressos.
	Quinta do Massapez	Estrada do Massapez 2120-082 Salvaterra de Magos	Turismo em espaço rural, oferta turística: Passeios no Rio Tejo, contatos com o cavalo Lusitano, Passeios em carros de cavalos, Passeio a cavalo, Volteio e aulas de Equitação, alojamento.
	Praça de Toiros	Salvaterra de Magos	A praça de Toiros de Salvaterra de Magos, foi construída em 1920, situada à entrada da vila, junto à estrada nacional, é um cartão de visita para todos os “aficionados”. É uma das Praças com mais espetáculos tauromáquicos ao longo do ano.
	Bordados a ponto de Cruz	Núcleos museológicos da Glória do Ribatejo	Os bordados a ponto de cruz na Glória do Ribatejo, são um bem que importa preservar e promover, enquanto fator representativo de uma identidade cultural própria, determinante para o desenvolvimento local e para a caracterização sociocultural de uma comunidade. Os bordados fazem parte integrante da história desta comunidade, acompanhavam o dia-a-dia da Glória do Ribatejo e possuíam uma função social.
Simbólico-Cultural			

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Percurso de BTT do Tejo (*)	Percurso a interligar os municípios ribeirinhos	Percurso intermunicipal em fase de intenção/projeto
	Percurso de BTT do Ribatejo (*)	Percurso a interligar os municípios ribatejanos	Percurso intermunicipal em fase de intenção/projeto

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota de Salvaterra (Náutica – Rio Tejo)	PROMARTUR, Agência de Viagens e Turismo, Lda. RIO-A-DENTRO	Passeios lúdicos de barco no Rio Tejo, com observação de aves no seu habitat natural.
	Rota da Enguia (Náutica – Rio Tejo)	PROMARTUR, Agência de Viagens e Turismo, Lda. RIO-A-DENTRO	Passeios lúdicos de barco no Rio Tejo, com observação de aves no seu habitat natural.
	Rota da Fataça (Náutica – Rio Tejo)	PROMARTUR, Agência de Viagens e Turismo, Lda. RIO-A-DENTRO	Passeios lúdicos de barco no Rio Tejo, com observação de aves no seu habitat natural.
	Rota das Garças (Náutica – Rio Tejo)	PROMARTUR, Agência de Viagens e Turismo, Lda. RIO-A-DENTRO	Passeios lúdicos de barco no Rio Tejo, com observação de aves no seu habitat natural.
	Percurso Pedestres Interpretativos na Mata Nacional do Escaroupim (**)	Mata Nacional do Escaroupim	Percurso em fase de projeto.
	Percurso de BTT da albufeira de Magos (*)	Concelho de Salvaterra de Magos	Percurso em fase de projeto.

Outras Observações: (*) – Percursos ainda em fase de intenção (**) – Projeto em curso em parceria com a Universidade de Évora e o ICNF

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO	Santarém	DISTRITO	Santarém
-----------------	----------	-----------------	----------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Igreja de N. Sra da Graça	Cidade de Santarém	
	Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Sé Catedral) e Museu Diocesano de Santarém	Cidade de Santarém	
	Jardim das Portas do Sol	Cidade de Santarém	
	Mosteiro de S. Francisco	Cidade de Santarém	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
	Histórico Arquitetónico	Igreja da N. Sra da Graça		Cidade de Santarém	
		Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Sé Catedral)		Cidade de Santarém	
		Igreja de Sta Maria de Marvila		Cidade de Santarém	
		Mosteiro de S. Francisco		Cidade de Santarém	
	Industrial	---		---	
	Natural	Grutas do Algar do Pena (e pegadas dos dinossauros de Vale de Meios)	Freguesia de Alcanede	Inserido no PNSAC	
		Rio Tejo	Concelho de Santarém		
		Paisagem da Lezíria	Cidade de Santarém	Avistada dos vários miradouros com vista para o rio	
	Rural	Quinta da Ribeirinha	Póvoa de Santarém	http://quintadaribeirinha.com/	
		Museu Etnográfico da Ribeira de Santarém	Ribeira de Santarém	Rancho Folclórico da Ribeira de Santarém - Acervo de objetos da vida agrícola, doméstica e fluvial ao longo do último século	
		Museu do Campo Fernando Peralta	Póvoa da Isenta	Acervo de objetos, maquinas e utensílios da vida agrícola e profissões rurais ao longo do último século	
	Simbólico-	Fandango (ranchos folclóricos)			

Cultural		Concelho de Santarém	
	Cultura Avieira	Concelho de Santarém	Presente na aldeia das Caneiras e Barreira da Bica (Vale de Figueira); Gastronomia avieira.
	Quinta de Vale de Lobos	Azoia de Baixo	Quinta ligada ao escritor e historiador Alexandre Herculano e à produção de Azeite
	Casa Museu Passos Canavarro	Santarém	Almeida Garrett – Obra Literária Viagens na minha terra
	Lenda do Santo Milagre	Cidade de Santarém (Santuário do Santíssimo Milagre)	
	Lenda de Sta Iria	Ribeira de Santarém	
	Procissão do Santíssimo Milagre	Cidade de Santarém	1º Domingo a seguir à Páscoa
	Festas de S. José	Cidade de santarém	19 de Março
	Festas de S. Sebastião	Amiais de Baixo	2º fim de semana de Fevereiro
	Romaria de N. S. da Saúde	Ribeira de Santarém	1º Domingo de Agosto
	Procissão do enterro do Senhor	Ribeira de Santarém	Sexta feira Santa

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	PNSAC - Grutas do Algar do Pena (e pegadas dos dinossauros de Vale de Meios)	Freguesia de Alcanede	
	Rota das Catedrais	Cidade de santarém	Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Sé Catedral) e Museu diocesano de Santarém
	Rota do Vinho	Póvoa de Santarém	Quinta da Ribeirinha http://quintadaribeirinha.com/
	Rota do Barroco	Cidade de Santarém e Ribeira de Santarém	Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Sé Catedral), Igreja de Sta. Cruz, Igreja do Hospital de Jesus Cristo, Igreja de Sta Iria
	Rota Terras da Moura Encantada	Cidade de Santarém	USCI- Urbi Scallabis Centro de Interpretação, bairro da Mouraria http://www.mwnfbooks.net/books_detail.php?bookIngid=1;en&
	Caminho de Fátima	Concelho de Santarém	
	Percurso pedestre da Gruta do Algar do Pena aos Olhos de Água	Concelho Santarém – Concelho Alcanena	
	Caminho de Santiago	Concelho de santarém	

	Rota da Democracia	Santarém (Casa Museu Passos Canavarro, Casa Museu Anselmo Braamcamp Freire), Alpiarça (Casa dos Patudos), Golegã (Casa Museu Carlos Relvas)	Projeto a desenvolver
--	--------------------	---	-----------------------

ROTAS Só no concelho de Santarém	Designação	Localização	Observações
	Percurso do Gótico	Cidade de santarém	
	Percurso do Manuelino / Renascença	Cidade de santarém	
	Percurso do Maneirismo	Cidade de santarém	
	Percurso de Garrett	Cidade de santarém	
	Percurso do Azulejo	Cidade de santarém	
	Percurso de Arquitetura Modernista	Cidade de santarém	Projeto em desenvolvimento
	Percurso Santarém Intemporal	Cidade de santarém	
	Percurso Tumulária artística	Cidade de santarém	
	Rota da Memória	Cidade de santarém	Igreja N. Sra da Graça, Casa do Brasil, Mosteiro de S. Francisco, Capela de N. Sra do Monte, Igreja da Misericórdia, Igreja de Nossa Sra da Conceição (Sé Catedral)
Percurso pedestre Entre Aldeias	Vale de Figueira	Ligado aos avieiros	

Outras Observações:

CONCELHO	Vendas Novas	DISTRITO	Évora
-----------------	--------------	-----------------	-------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Jardim Público de Vendas Novas	Rua São Domingos Sávio GPS: N 38º40'3.29" W -8º27'54.57"	Ampla área verde com espelho de água onde encontra ao dispor no local: Café, snack-bar, parque infantil, anfiteatro, circuito de bem-estar, ringue, parque de merendas e sanitários.
	Palácio das Passagens	Av. da. Da República Tel. 265 809 800 GPS: N 38º 40'42.23" W -8º27'24.44"	Visitas mediante marcação
	Capela Real do Palácio das Passagens	Av. da. Da República Tel. 265 809 800 GPS: N 38º 40'41.36" W -8º27'19.07"	Visitas : todos os dias das 9h00 às 18h00
	Museu da Escola Prática de Artilharia	Av. da. Da República Tel. 265 809 800 GPS: N 38º 40'43.59" W -8º27'26.61"	Visitas de segunda a domingo das 10h00-12h30/14h00-17h00

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Palácio das Passagens	Av. da. Da República Tel. 265 809 800 GPS: N 38º 40'42.23" W -8º27'24.44"	Visitas mediante marcação
		Capela Real do Palácio das Passagens	Av. da. Da República Tel. 265 809 800 GPS: N 38º 40'41.36" W -8º27'19.07"	Visitas: todos os dias das 9h00 às 18h00
	Industrial	Parque Industrial de Vendas Novas		
		Estação Ferroviária de Vendas Novas	Largo 5 de outubro; GPS: N 38º 40'45.31" W -8º27'14.67"	Mais informação www.cp.pt
TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações	
Natural	Jardim Público de Vendas Novas	Rua São Domingos Sávio; GPS: N 38º40'3.29" W -8º27'54.57"	Ampla área verde com espelho de água onde encontra ao dispor no local: Café, snack-bar, parque infantil, anfiteatro, circuito de bem-estar, ringue, parque de merendas e sanitários	
Rural	Igreja de Nossa Senhora da Nazaré	Praça da república, 14; 2965-Landeira; GPS: N 38º35'37.27"	Visitas: 265 805 191; Missas: domingo - 10h30	

			W -8°38'55.88"	
		Chafariz Real	N 38°40'8.56" W -8°27'27.57"	
Simbólico-Cultural		Museu Etnográfico e Agrícola do grupo de Danças e Cantares dos Pioneiros de Vendas Novas	Rua Bartolomeu Dias, 23, Vendas Novas; GPS: N 38°40'32.46" W -8°28'10.02"	Visitas mediante marcação Tel. 960 189 616
		Espaço Etnográfico do Rancho Folclórico de Landeira	Rua da Sede, 2965 Landeira; GPS: N 38°35'46.75" W - 8°39'1.29"	Visitas: segunda a sexta 10h00-13h00 / 15h00-18h00

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Herdade da Ajuda Nova	Herdade da Ajuda Nova, apartado 087; tlf. 265 805 667; GPS: N 38°40'2.34" W -8°26'53.62"	Mais informações www.herdedadaajuda.pt
	Bifanas de Vendas Novas	Em diversos estabelecimentos no concelho	Iguaria local com marca registada desde 2011

ROTAS	Designação	Localização	Observações

Outras Observações:

CONCELHO	Alcácer do Sal	DISTRITO	Setúbal
-----------------	----------------	-----------------	---------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Castelo de Alcácer do Sal (que engloba a Cripta Arqueológica, a Igreja Matriz de Santa Maria, o Fórum Romano e a Pousada D. Afonso II)	Castelo de Alcácer do Sal, 7580 Alcácer do Sal	De construção muçulmana, ainda apresenta algumas das estruturas originais, como torres e panos de muralha construídos em taipa militar e que dominam a linda vista do vale do Sado e da cidade de Alcácer do Sal. Integra no seu espaço a cripta arqueológica, museu de arqueologia com cerca de 2600 anos da história de Alcácer do sal, a estação arqueológica do Fórum Romano e de área residencial da época romana e a Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo do séc. XIII. Assim com a Pousada D. Afonso II.
	Porto Palafítico da Carrasqueira	Freguesia da Comporta, 7580 Alcácer do Sal	Porto de pesca, de construção tradicional em palafita, construído pela comunidade piscatória da aldeia da Carrasqueira ao longo de várias décadas, criando um emaranhado de passadiços em madeira sobre uma considerável área de sapal integrado na Reserva Natural do Estuário do Sado. É ainda na aldeia da Carrasqueira que persistem o maior número de antigas cabanas de colmo. Feitas em madeira, caniço e “bacejo” ou “estorno” outrora usadas como habitações. Anteriormente refúgio dos pobres, o que era um poiso tornou-se num sítio para dormir, nas suas casas.
	Casco histórico da cidade de Alcácer do Sal	7580 Alcácer do Sal	Debruçando-se em anfiteatro sobre o rio Sado esta cidade é povoada de velhos bairros medievais, onde sobressaem uma série de edifícios religiosos e civis com especial interesse.
	Museu Etnográfico do Torrão	Rua das Torres, 7595 Torrão	O projeto compreende uma unidade museológica integrada no local, mas, ao mesmo tempo, complementada com visitas e percursos pela freguesia e pelo concelho, numa relação próxima entre exposição e realidade. “O Ciclo do Pão” assenta em dois tipos de espólio: os artefactos e equipamentos resultantes da recolha material, e por outro lado, os testemunhos orais e escritos e informação complementar (fotografias, documentos escritos) que apresentam este ciclo ao longo dos tempos, de uma forma completa e abrangente. Além da exposição permanente, o MET acolhe exposições temporárias. “O Torrão de Bernardim Ribeiro e Miguel Torga”, a mostra de fotografia antiga “Torrão, o viver de uma vila” ou a exposição arqueológica “O contributo de Arqueologia para o conhecimento da história do Torrão” são alguns dos exemplos de exposições que passaram pelo museu. O próprio espaço merece uma visita. O MET está instalado num magnífico edifício, datado de finais do século XVIII / inícios do século XIX, que funcionou como lagar de azeite, tendo sido alvo de um cuidadoso trabalho de recuperação.

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitectónico	Igreja Santo António e Capela das Onze Virgens	Largo de São Francisco, 7580 Alcácer do Sal	Um exterior modesto esconde um dos mais importantes exemplares da arquitetura renascentista de Portugal: a Capela das Onze Mil Virgens. Uma obra magnífica de mármore branco, dentro do Convento de Santo António, onde a cúpula é coberta por um jaspe translúcido que deixa penetrar os raios do sol, fazendo-os desdobrar em jogos de cor na geometria das formas esculpidas. O convento franciscano de Santo António foi fundado em 1524, por Dona Violante Henriques, durante o reinado de D. João III. A igreja conventual é também motivo de interesse pelas arcadas suportadas por colunas toscanas na entrada e pelos painéis de azulejos alusivos à vida de Santo António. No chão, encontram-se variadas lápides funerárias de nobres que elegeram aquela como a última morada. A obra foi continuada por D. Pedro de Mascarenhas, filho da fundadora, vice-rei da Índia, que quis fazer uma capela integrada no Convento, para ser o seu sepulcro e relicário pessoal. Morreu em 1556, sem concluir o edifício, que foi acabado pela sua segunda mulher, D. Helena de Mascarenhas, também aí sepultada. Foram também albergadas na Capela das Onze Mil Virgens várias relíquias reunidas nas viagens de D. Pedro. Entre os objetos, encontra-se a cabeça de Santa Resposta, uma das Onze Mil Virgens, um pelo da barba de Cristo, um retalho da sua túnica, partículas do Santo Lenho, um dos 30 dinheiros e gotas do leite da Virgem. Durante muito tempo, a capela foi atribuída a Francisco d'Ollanda, pelas características da traça e pela convivência com Miguel Ângelo, mas sabe-se agora que é da autoria de António Rodrigues, arquiteto no reinado de D. Sebastião.
		Santuário do Senhor dos Mártires	Estrada Senhor dos Mártires, 7580 Alcácer do Sal.	Importante monumento, é um dos templos cristãos mais antigos do país. Necrópole pública, desde a Idade do Ferro, foi depois uma ermida de romagem, associada à ocorrência de milagres e panteão dos mestres da Ordem de Santiago durante a Idade Média. As construções iniciaram-se no século XIII pelos cavaleiros de Santiago na altura da reconquista, foram depois ampliadas e engrandecidas no século XIV e transformadas desde o século XVI. Uma verdadeira joia do património de Alcácer do Sal, é um edifício de grande valor arquitetónico composto pelo corpo central da igreja, prolongada por uma capela-mor abobadada e por um alpendre quadrado. Do lado direito da igreja fica a Capela do Tesouro (século XIII), com o pequeno santuário independente. Há outras duas capelas: a dos Mestres ou de São Bartolomeu, mandada construir por D. Garcia Peres em 1333, que é um invulgar e sublime exemplar do gótico tercentista, onde está a imagem de Nossa Senhora da Cinta, objeto de grande devoção das parturientes, nas vésperas dos partos; a outra é a capela sepulcral de Maria de Resende, construída para albergar o túmulo do seu marido, Diogo Pereira, comendador-mor de Santiago, em 1427.
	Industrial	Fábricas de transformação de Pinhão	Perto da Zona de Indústria Ligeira, 7580 Alcácer do Sal	O concelho de Alcácer do Sal é conhecido como o Solar do Pinheiro Manso, sendo que se localizam nas proximidades da cidade algumas unidades de transformação de pinhão.
APARROZ		Rua do Arroz, 7580 Alcácer do Sal	Sendo Alcácer do Sal o maior produtor nacional de arroz, apesar de não possuir nenhuma fábrica de processamento e embalamento de arroz, podemos aqui encontrar diversos locais onde é possível observar uma das fases do ciclo do arroz, a secagem. É igualmente possível em diversos pontos do território, acompanhar o processo nas suas diversas fases a nível agrícola, seja ela o plantio, o crescimento e a ceifa.	

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Natural	Reserva Natural do Estuário do Sado		<p>Representando uma área protegida de incomparável diversidade biológica, a Reserva Natural do Estuário do Sado compreende 23.160 hectares, dos quais cerca de 13.500 são constituídos por zonas de estuário e os restantes, cerca de 9.500, referem-se a zonas húmidas marginais, convertidas e destinadas à salicultura, à piscicultura e à orizicultura, mas também por zonas de terra firme e pequenos cursos permanentes de água doce.</p> <p>A importância da fauna e da flora desta reserva estende-se desde a vegetação de água salgada que margina o estuário, ao sapal, aos lodos que, juntamente com a dinâmica das marés, são abrigo das inúmeras espécies que aqui se podem encontrar: as cegonhas-brancas, as garças, os perna-longa, os colhereiros, os flamingo-rosa, as aves de rapina, os patos, os alfaiates e ainda a lontra europeia, os sacarabo, os gamos e os golfinhos, entre outras.</p> <p>A fertilidade e riqueza da região abrangida pela reserva justificam a sua ocupação pelo homem desde o Neolítico. Populações que viviam, essencialmente, da pesca e da recolha de marisco, estabeleceram por aqui, há cerca de cinco mil anos, as suas aldeias, assentes em línguas de areia que o Atlântico ainda banhava.</p> <p>Também da presença romana restam vestígios que podem ser admirados, por exemplo, na herdade do Pinheiro, onde se encontram fornos que fizeram parte de uma importante indústria de olaria que ali prosperou entre os sécs. I e IV d.C.</p> <p>Forma agradável de observar este magnífico património natural são os passeios de balão ou de barco ao longo das águas calmas do rio Sado. A faixa do Litoral Alentejano, na margem Sul do Sado, avança pela EN 253 até ao entroncamento com a EN 253-1, na povoação da Comporta. Segue depois por esta estrada nacional, no sentido noroeste, até ao entroncamento com o caminho de acesso à ETAR de Troia (limite sul de um eucaliptal), por onde continua até à ligação com o canal da Comporta. Segue finalmente por uma linha reta, definida por este ponto e pelo ponto inicial da EN 10-4, fechando o respetivo limite.</p>
		Salinas	Batalha e Monte Novo, 7580 Alcácer do Sal	Outrora, indústria florescente no concelho de Alcácer do Sal, hoje apenas dois locais continuam a produzir aquele que já foi um dos principais produtos de exportação de Portugal.
	Rural	Aldeia de Santa Susana	Santa Susana, 7580 Alcácer do Sal	A aldeia de Santa Susana remonta (pelo menos) ao século XVI. Já no século XX, dois proprietários agrícolas construíram uma série de casas para os seus empregados. Mais tarde estes começaram a comprar as casas que habitavam, dando mais estabilidade habitacional a esta aldeia, que tem como principal atividade a agricultura. Das suas características ressalta a esquadria das suas ruas e a brancura das casas debruadas a azul forte, bem como a igreja matriz, cujo particular interesse reside nas duas pinturas luso-flamengas do início do séc. XVI e o cine-teatro ou “teatrinho”, que, pelas suas pequenas proporções se revela bastante pitoresco.
		Vila do Torrão	7595 Torrão	A Vila do Torrão, também conhecida como a vila dos sete braços, dadas as inúmeras casas apalaçadas e brasonadas situa-se na zona mais interior do concelho, sendo a sua paisagem caracterizada por vales e

			<p>planícies. Esta vila rural constitui um dos mais belos conjuntos de arquitetura popular do Concelho de Alcácer, com as suas casas caiadas de branco e ruas sinuosas e calcetadas. A vila do Torrão teve comprovadamente ocupações pré-históricas e romanas, como testemunham as várias manifestações arqueológicas e arquitetónicas existentes na Região. A presença da idade do cobre é justificada pelo povoado fortificado do Monte da Tumba. Um pouco distante da vila do Torrão, existe uma Anta, monumento funerário da cultura Megalítica. Mais adiante o Cabeço do Pez, jazigo do Mesolítico. Pode-se passear pela Via Ápia, estrada de pedra que, no Império Romano, ligava Lisboa a Sevilha. Este local é vulgarmente chamado de “Calçadinha”. Existem ainda outros vestígios da época romana, nomeadamente a Ponte Romana e a Fonte Santa. Também fora da vila, num dos pontos altos, encontra-se uma jóia da arquitetura popular – a Ermida Nossa Senhora do Bom Sucesso. Da forte ocupação árabe sabe-se que terminou definitivamente com a reconquista de Alcácer do Sal em 1217, a cujo domínio pertencia nessa altura. Após a reconquista cristã o senhorio do Torrão foi entregue à Ordem de Sant’Iago e esta o terá aforado pelo ano de 1260, começando aí a sua existência como município ou vila de ordem. Em 1490 foi doada como renda, por D. João VII, à cidade de Évora pelo período de 1 ano. Em 1512 foi-lhe concedido novo foral por D. Manuel I. A igreja matriz, monumento nacional, é um templo manuelino com um belo portal. No seu interior destacam-se os azulejos seiscentistas na capela-mor. A freguesia do Torrão possui outras igrejas e conventos que merecem ser visitado</p>
Simbólico-Cultural	Galeões do Sal		<p>A Câmara Municipal de Alcácer do Sal possui dois galeões do sal, embarcações tradicionais praticamente únicas no mundo, já que das quinze que se pensa terem sobrevivido até hoje, poucas se encontram a navegar e ainda menos no nosso país, de onde são originárias. O Amendoeira e o Pinto Luísa são pois testemunhas singulares desse passado em que o Sado era o principal “motor” económico da região, repleto de embarcações que transportavam mercadorias e gentes. Os dois galeões recordam também a importância do sal na história de Alcácer, batizada de Salácia Urbs Imperatoria pelos romanos, assim homenageando esse “ouro branco” que até ao final do século XVIII tinha nesta região a sua maior produção nacional. As primeiras embarcações de carga terão resultado da conversão de pequenos barcos de pesca em galeões de transporte de sal. Com as devidas adaptações, o galeão apresentava o seu casco alongado para melhor navegação fluvial, popa ogivada com leme por fora e roda de proa quase vertical. O convés era corrido com duas grandes escotilhas para carregamento de sal. Este tipo de transporte fluvial manteve-se até aos anos 70, dada a localização das salinas e a inexistência de vias alternativas terrestres. Desde então muitas destas embarcações ficaram esquecidas nas margens do rio e acabaram por apodrecer ou naufragar.</p>
	PIMEL, Feira do Turismo e das Atividades Económicas	Realizada no fim de semana do São João	<p>Por ocasião do feriado municipal do São João, a cidade de Alcácer do Sal veste-se de festa. Pensada, desde sempre, para revelar o potencial e a especificidade deste concelho, a PIMEL, que começou por ser dedicada ao mel, ao pinhão e aos doces, alguns do tempo dos conventos, evoluiu e tornou-se a feira do Turismo e das Atividades Económicas. É uma montra da atividade económica no Vale do Sado.</p>

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Adega da Comporta	Freguesia da Comporta	http://www.herdadedacomporta.pt/pt/vinho/a-adega/

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota do Sr. Dos Mártires	"N 38°22.252' W 8°30.787' N 38°22'15.120"" W 8°30'47.220"" N +38.3708668 E -8.51311680"	Percurso com piso macio (sobretudo areia e terra batida), com possibilidade de formação de poças de água, lama e até alagamento de algumas áreas em época de chuva. Fácil passagem para caminhantes com experiência e condição física variadas. Declive máximo de 63 metros (em ambiente urbano). Atravessamento de linha de água sobre pontões em madeira. Requer reduzidas capacidades técnicas. Percurso adaptado a btt em toda a sua extensão. O percurso é iniciado no largo Pedro Nunes, em pleno centro histórico da cidade de Alcácer do Sal, que apresenta as suas ruas estreitas e sinuosas, plenas de pormenores arquitetónicos com interesse para o visitante. O miradouro de Santa Luzia (junto à Fonte Nova e a um lavadouro público tradicional) e o Santuário do Senhor dos Mártires – um dos templos cristãos mais antigos de Portugal e panteão da Ordem de Santiago de Espada - oferecem uma espetacular visão da paisagem local, com o rio Sado e os campos de arroz a perder de vista. O trilho segue para área rural, com passagem pelos arrozais - que mudam dramaticamente de cor e textura durante o ano -, atravessando zonas de pinhal, extensas áreas de aluvião, a ribeira de Vale de Reis e o vale da Gran, seguindo por vezes paralelamente ao canal de rega. O caminhante é acompanhado pelo voo das cegonhas, que ora coroam os seus ninhos presentes em chaminés e torres sineiras, ora se alimentam nas zonas alagadas, fazendo companhia a diversas outras espécies de aves. O regresso faz-se novamente pelo centro histórico, permitindo a observação da igreja da Misericórdia ou do Solar dos Salemas, entre outros edifícios relevantes.
Passeio dos Negros	"N 38°12.874' W 8°19.621' N 38°12'52.491"" W 8°19'37.271"" N +38.2145809 E -8.32701981"	Percurso em terreno macio (sobretudo terra e terra batida), com pouca inclinação (máximo de 63 metros mas de forma faseada), por entre vegetação por vezes densa. Atravessamento sobre rio Sado na zona entre Rio de Moinhos e Sanchares através de pinguela em madeira e corda com cerca de sete metros de extensão. Trilho com pouca dificuldade técnica e adaptado a condição física variada, bem como a BTT nas áreas de terreno mais firme. Possibilidade de formação de poças de água e lama em época de chuva. O Passeio dos Negros (percurso circular não sinalizado) tem a extensão aproximada de 7 quilómetros e inicia-se na aldeia de Rio de Moinhos. O título do percurso evoca a história daquela zona do concelho de Alcácer do Sal, marcada pela fixação – pensa-se que a partir do século XVI – de escravos africanos, escolhidos pela	

			resistência à malária propagada pelos mosquitos, ali chegados para o trabalho sazonal nas grandes explorações agrícolas que ainda moldam a paisagem. Essa memória permanece nos traços fisionómicos da população local, lembrança da miscigenação ao longo dos séculos e do isolamento face ao exterior, hoje bastante atenuado, mas atualmente sentido no envelhecimento e desertificação dos aglomerados populacionais. Pelo caminho, o visitante caminhará entre campos de arroz, áreas de montado, cursos de água ladeados por vegetação luxuriante e “montes” alentejanos de raiz tradicional, como Sancharés e Quinta de Cima.
ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Veredas do Xarrama	"N 38°17.975' W 8°13.768' N 38°17'58.510"" W 8°13'46.084"" N +38.2995863 E -8.22946786"	Percurso sem grandes exigências técnicas ou de capacidade física, embora apresente um declive moderado junto à albufeira de Vale do Gaio. Adaptado a famílias, btt ou montar a cavalo. Piso maioritariamente macio, com troços em pedra sem especiais dificuldades de superação. Com início no parque de merendas à entrada da vila do Torrão, o percurso Veredas do Xarrama percorre a margem direita deste rio afluente do Sado, que nasce nas proximidades de Évora e desagua a sul de Alcácer do Sal, sendo intersectado pela Barragem de Vale do Gaio, construída em 1949 para possibilitar a irrigação da cultura do arroz. Pelo caminho, pode apreciar a imponente albufeira e espantar-se com a força do Xarrama, que corre revoltado em época de chuvas. Este passeio oferece também uma oportunidade única para os apreciadores de história e arqueologia: caminhar sobre uma calçada romana, mais propriamente a via que há dois mil anos ligava Olissipo (Lisboa) e Pax Julia (Beja). Outro elemento com interesse histórico é a capela de São João da Ponte, de arquitetura barroca e que se supõe ter sido construída no século XVIII. No ponto mais alto deste percurso, aprecie a vila do Torrão, berço do escritor renascentista Bernardim Ribeiro e tente identificar no casario as diversas igrejas e casas apalaçadas

Outras Observações:

Plano Estratégico para o *Touring* Cultural e Paisagístico do Alentejo e Ribatejo



CONCELHO Grândola

DISTRITO Setúbal

POI - Points of Interest

importantes em termos	Designação	Morada ou localização	Observações
	Frente Atlântica e seus 45km de praia	Concelho de Grândola	
	Aldeia Mineira do Lousal	Lousal	
	Serra de Grândola	Grândola	
	Lagoa de Melides	Melides	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitectónico	Ruínas Romanas de Tróia	Tróia	
		Conjunto Arquitectónico da Praça D. Jorge de Lencastre	Praça D. Jorge de Lencastre - Grândola	
	Industrial	Centro de Ciência Viva	Lousal	
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Arribas Fósseis da Galé	Fontainhas – Melides	
		Serra de Grândola	Grândola	
	Rural	Aldeia de Santa Margarida da Serra	Santa Margarida da Serra	
		Aldeia de Melides	Melides	
Simbólico-Cultural	Monumentos dedicados ao 25 de Abril e José Afonso	Grândola		

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Lagoa de Melides	Melides	
	Reserva Natural do Estuário do Sado e Reserva Botânica das dunas de Tróia	Tróia	

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota da Serra	Serra de Grândola	Percurso Pedestre de Pequena Rota
	Vereda de Melides	Freguesia de Melides	Percurso Pedestre de Pequena Rota
	Rota das Tabernas	Concelho de Grândola	Iniciativa que decorre nos meses de Junho e Julho nas várias tabernas do Concelho e que visa a valorização da gastronomia, musica e convívio nestes locais que outrora eram o ponto de encontro das gentes.
	Rota da Vila	Vila de Grândola	Rota pela monumentalidade da Vila.

Outras Observações:

--

CONCELHO	Odemira	DISTRITO	Beja
-----------------	---------	-----------------	------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Faixa litoral do Concelho de Odemira	Toda a faixa litoral do Concelho de Odemira, com cerca de 55 km	<ul style="list-style-type: none"> •Praias oficiais: Malhão; Franquia; Farol; Furnas (Rio); Almogrove; Zambujeira do Mar; Alteirinhos; Carvalho; Inúmeros areais entre as praias oficiais; Existência de 4 portos de pesca artesanal: Portinho do Canal; Lapa das Pombas; Entrada da Barca; Azenha do Mar; Cabo Sardão, o ponto mais ocidental da região Alentejo; Faixa litoral (terrestre e marítima) integrada em Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina;
	Rio Mira	Atravessa o Concelho de Odemira de Sudeste a Noroeste	<ul style="list-style-type: none"> •Nascente: Serra do Caldeirão; Foz: Vila Nova de Milfontes; Extensão: Cerca de 130 km; Bacia hidrográfica: 1576km²; Direção: SE-NO •Navegável desde a foz até Odemira, a cerca de 30 km, onde a influência das marés oceânicas ainda se fazem sentir.
	Barragem de Santa Clara	A barragem de Santa Clara localiza-se num troço do Rio Mira, com início a cerca de 3 Km a montante da localidade de Santa Clara-a-Velha, sede da freguesia com o mesmo nome.	<ul style="list-style-type: none"> • Características técnicas: Bacia hidrográfica com uma área aproximada de 520 Km², que serve uma albufeira com uma capacidade total de 485.000.000 m³; •Utilização: Rega; Abastecimento; Energia; Defesa contra cheias •Prática de desportos náuticos: canoagem, remo; wakeboard; pesca desportiva (achigã, o pimpão e o lagostim), Passeios de barco
	PEA	Odemira e Boavista dos Pinheiros	<p>Antigo Pólo de Educação Ambiental, constituído por vários espaços municipais que continuam a funcionar e com elevada visitaçao por parte dos visitantes nacionais e estrangeiros, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Percurso Ribeirinho: Situado junto ao Rio Mira, na vila de Odemira, tem cerca de 800 m, onde o visitante pode disfrutar da paisagem ribeirinha, da fauna, flora e património edificado, como os Marcos da Barca (séc. XVIII) e as pontes sobre o rio (a ponte rodoviária data de 1891 e a ponte pedonal, que é de arquitetura contemporânea). •Moinho de Vento: situado no Cerro dos Moinhos Juntos, na vila de Odemira, foi construído em 1874. Horário de funcionamento: Segunda a Sexta-feira 09:00h – 12:00 e 13:00h-17:00h •Parque das Águas: Situado em Boavista dos Pinheiros, é um espaço com uma vegetação frondosa, parque de merendas, jardim infantil e percursos interpretativos. <p>Horário de funcionamento: 08:00h – 16.00 h (Outubro – Abril) ; 08.00 h – 18.00 h (Maio – Setembro)</p>

n ^o	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
----------------	----------	------------	-----------------------	-------------

Histórico Arquitetónico	Centro Histórico de Odemira	Odemira	Odemira é um núcleo urbano fortificado desde a idade do ferro. Foi conquistada aos Mouros por D. Afonso Henriques, e foi um importante empório comercial até ao Séc. XX. O conjunto edificado atual é testemunho da importância histórica da vila. Dele fazem parte o Bairro do Castelo, as igrejas da Misericórdia (Séc. XVI, edifício classificado como de Interesse Público) com pinturas a fresco; de S. Salvador e Stª Maria, ambas Maneiristas, e de N.Srª da Piedade (Séc. XII); a Praça da República (edifício dos Paços do concelho data do Séc.XVIII); Largo Sousa Prado, com o Fontanário construído no Séc. XIX; Fábrica do Miranda; Marcos da Barca de Odemira (séc. XVII – 1672, classificados como de Interesse Municipal); e o imponente casario das ruas mais antigas.
	Zona antiga de Vila Nova de Milfontes	Vila Nova de Milfontes	Fundada por decreto real de D. João II no séc. XV, é uma das vilas histórias do concelho. Património importante localizado na zona antiga: Forte de S. Clemente (forte do séc. XVI, classificado como Imóvel de Interesse Nacional), a Barbacã, onde está o monumento alusivo ao grande feito da aviação portuguesa que foi a primeira travessia área entre Portugal e Macau (1924); edifício da Antiga Estalagem; Igreja Matriz.
Industrial	Fábricas de Moagem do Miranda e Moagem Pacheco, Nobre & Matos	Odemira e Sabóia respetivamente	Moagem do Miranda: Antiga fábrica de moagem e de descasque de arroz, apresenta uma maquinaria bem conservada. Data do séc. XIX. Situa-se em Odemira Moagem Pacheco, Nobre & Matos: Fábrica que tem no interior toda a maquinaria e o próprio motor (este motor, igual ao que existiu na Moagem Miranda Lda, é chamado de gás pobre constituindo uma fase específica do desenvolvimento industrial que foi passageira e que tem, por isso, um interesse histórico e industrial específico). Situa-se em Sabóia. Ambas são Património Municipal.
	Moinhos	Concelho de Odemira	Os moinhos têm uma produção industrial tradicional, anterior à revolução industrial. O Município de Odemira inventariou 200, entre moinhos operacionais, vestígios e ruínas de três tipos, a saber, maré, água e vento. Destaca-se os Moinhos de vento de Odemira, da Longueira (ambos Municipais); de Relíquias (pertença da Junta de Freguesia); de S.Luís (sem maquinaria); o moinho de maré Moinho da Asneira (sem maquinaria) e o Moinho de água situado no empreendimento turístico Herdades da Nespereira e Moinho Velho, freguesia de S.Teotónio.
Natural	Rota Vicentina	Trilho dos Pescadores: Faixa Litoral (contempla Odeceixe, Azenha do Mar, Zambujeira do Mar, Almogrove, Vila Nova de Milfontes, praia do Malhão) Caminho Histórico: Faixa central do concelho, contemplando Odeceixe, S.Teotónio, Odemira, S.Luís.	A Rota Vicentina é uma grande rota pedestre no Sw de Portugal. Formada pelo Caminho Histórico e pelo Trilho dos Pescadores, totaliza 350 km para andar a pé. No concelho de Odemira o Caminho Histórico tem 75 km e o Trilho dos Pescadores 69 km. Este é um projeto de sucesso, com visibilidade internacional, facto comprovado pelos prémios recebidos. Também o filme promocional conquistou 11 distinções em festivais.

	Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina	O PNSACV estende-se desde São Torpes, a sul de Sines, até ao Burgau, numa faixa marítima de dois km de largura que acompanha a Área Protegida em toda a sua extensão. Abrange o território de Odemira. Extensão de 110 km, sendo a área total de cerca de 131 000 ha.	A Costa Sudoeste como é denominada, corresponde a uma zona de interface mar-terra com características muito específicas que lhe conferem uma elevada diversidade paisagística, incluindo alguns habitats que suportam uma elevada biodiversidade, tanto florística como faunística. No Cabo Sardão, o ponto mais ocidental da costa alentejana, destacam-se as cegonhas (cicconia-cicconia) que nidificam nas arribas marítimas. Trata-se de um caso único a nível mundial.
Rural	Montes Alentejanos	Concelho de Odemira	Espaços importantes enquanto sede de produção agrícola. Destaque para o Monte do Reguengo, situado na estrada que liga Odemira a S.Luís, devido ao interesse arqueológico que tem (sepulturas). Destaca-se também o Monte das Pretas em S.Martinho das Amoreiras
	Percursos Pedestres	PR1 ODM Lapa das Pombas- Freguesia de Longueira/Almograve PR2 ODM S.Domingos- Freguesia de S.Luís PR3 ODM Troviscais- Freguesia de S.Domingos	Projeto que visa valorizar o património natural e cultural do concelho e promover o desenvolvimento socio-económico do meio rural.
Simbólico-Cultural	Nossa Senhora das Neves	Freguesia de Colos	Ermida da Sr.ª das Neves, no Cerro Queimado, perto da aldeia da Ribeira do Seissal de Cima. Importante Romaria e procissão ao local no dia 5 de agosto.
	Nossa Senhora da Graça	Vila Nova de Milfontes	Festa religiosa em honra da santa padroeira da freguesia, ocorre no fim-de-semana mais próximo do dia 15 de agosto. Destaque para a procissão fluvial no Rio Mira, onde os barcos são engalanados, um deles transporta a imagem da Santa e participam a Banda Filarmónica local, e diversas instituições como os Bombeiros.

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Necrópole do Pardieiro; Castro da Cola (Ourique); Museu da Escrita do Sudoeste (Almodôvar).	Freguesia de S.Martinho das Amoreiras 37°36'03.50"N; 8°21'22.00"W	A necrópole do Pardieiro é um espaço funerário da 1.ª Idade do Ferro; É uma das mais importantes necrópoles proto-históricas do Sul de Portugal e nela foi identificada uma Estela epigrafada com letras indecifráveis, que se veio a verificar ser Escrita do Sudoeste. O Castro da Cola foi implantado sobre um povoado da Idade do Bronze Final e I Idade do Ferro. Museu da Escrita do Sudoeste: Espaço para o estudo e salvaguarda de um património único – A Escrita do Sudoeste Peninsular.
	Rota Vicentina	Abrange os concelhos de Vila do Bispo, Aljezur, Odemira, Sines, Santiago do Cacém	Informação acima mencionada

	Designação	Localização	Observações
ROTAS	Rota: Interior do concelho de Odemira	Boavista dos Pinheiros; Santa Clara-a-Velha; S.Martinho das Amoreiras; Colos;	Roteiro para efetuar de carro, visa divulgar os principais pontos de interesse turístico do interior do concelho de Odemira.
	Rota: Litoral do concelho de Odemira	Vila Nova de Milfontes; Almogrove; Cabo Sardão; Zambujeira do Mar; Azenha do Mar	Roteiro para efetuar de carro, visa divulgar os principais pontos de interesse na faixa litoral do concelho de Odemira.
	Rota: Vila de Odemira	Odemira	Roteiro para efetuar a pé, visa dar a conhecer os principais pontos turísticos da vila.
	Rota: Zambujeira do Mar	Zambujeira do Mar	Roteiro para efetuar a pé, visa dar a conhecer os principais pontos turísticos da aldeia.
	Rota: Almogrove	Almogrove	Roteiro para efetuar a pé, visa dar a conhecer os principais pontos turísticos da aldeia.
	Rota: Vila Nova de Milfontes	Vila Nova de Milfontes	Roteiro para efetuar a pé, visa dar a conhecer os principais pontos turísticos da vila.

Outras Observações:

CONCELHO	Santiago do Cacém	DISTRITO	Setúbal
-----------------	-------------------	-----------------	---------

POI - Points of Interest

	Designação	Morada ou localização	Observações
POI mais importantes em termos absolutos (4)	Ruínas de Miróbriga	Herdade dos Chãos Salgados, a cerca de 1 km da cidade de Santiago do Cacém.	Ruínas da antiga cidade romana de Miróbriga (nascida sobre um povoado de origem céltica) que atingiu o seu apogeu nos séculos I e II d.C. [nota 8].
	Conjunto Monumental Castelo e Igreja Matriz de Santiago do Cacém	Adro da Igreja Matriz de Santiago do Cacém.	Castelo de génese islâmica [nota 1] e Igreja Matriz construída no século XIII [nota 2].
	Moinho da Quintinha	Cumeadas – Santiago do Cacém	Exemplar em bom estado de conservação. Quando as condições climatéricas o permitem, pode-se ainda observar o processo de moagem tradicional dos cereais.
	Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha	Costa de Santo André	Reserva Natural desde agosto de 2000, a Lagoa de Santo André localiza-se na Costa Litoral e é o maior sistema lagunar da Costa Alentejana. Classificada como área importante para as aves Europeias, consta da lista de zonas de proteção especial ao abrigo da diretiva Aves, é também considerada Sítio RAMSAR (Zona Húmida de Importância Internacional).

	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	Histórico Arquitetónico	Conjunto Monumental Castelo e Igreja Matriz de Santiago do Cacém	Adro da Igreja Matriz de Santiago do Cacém.	Castelo de génese islâmica [nota 1] e Igreja Matriz construída no século XIII [nota 2].
		Tapada dos Condes de Avillez	Localizada entre o Palácio dos Condes de Avillez e a barbacã do Castelo. Acessível a partir do Caminho de Ronda do Castelo.	Parque verde plantado entre finais do século XIX e inícios do XX [nota 3].
	Industrial	Moinho da Quintinha	Cumeadas – Santiago do Cacém	Adquirido pelo município em 1970. Situado num dos pontos mais elevados da Cidade, o moinho da Quintinha tem beneficiado de inúmeras obras de restauro, tentando manter todas as características iniciais. É agora um dos exemplares em bom estado de conservação. Quando as condições climatéricas o permitem, pode-se ainda observar o processo de moagem

			tradicional dos cereais e remontar a décadas, em que o moinho era a principal fonte de sustento de várias famílias. Atualmente o moinho da Quintinha está qualificado como sendo o único Moinho Escola do nosso país, onde o atual moleiro vai passando alguns dos seus saberes para os jovens que pretendam dar continuidade a uma profissão em vias de extinção. É um dos poucos locais onde ainda se pratica o sistema de maquia (percentagem de 10% retirada, em grão, a cada cliente que aí se dirige para moer o seu cereal).
	Museu da farinha	Rua 1º de maio, nº 38 a 42 – São Domingos, a cerca de 17 km de Santiago do Cacém	O Museu da Farinha é o resultado de um projeto de revitalização da antiga fábrica de moagem de S. Domingos da serra. [nota11]
Natural	Lagoa de Santo André e da Sancha	Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha – Pavilhão A – Galiza Vila Nova de Santo André	A Lagoa de Santo André é historicamente referenciada desde tempos remotos, primeiro como porto natural com barra aberta e posteriormente como lagoa, após a formação do cordão dunar que a separa do Oceano Atlântico. Alimentada por seis ribeiras, a lagoa é constituída por uma bacia central com uma superfície de cerca de 150 ha, podendo atingir os 350 ha no inverno [nota 4].
	Praia do Monte Velho (ou Porto das Carretas)	Situada a 3km da Vila Nova de Sto. André.	Está classificada com bandeira dourada pelo Ministério do Ambiente pela ausência de intervenção humana.
	Albufeira de Campilhas e Fonte Serne	Situam-se a cerca de 20 a 30 quilómetros do litoral, respetivamente.	A sua principal utilidade está associada à rega e ao consumo [nota 5 e 6]
Rural	Museu do Trabalho Rural	Abela, a cerca de 13 km da cidade de Santiago do Cacém	Construído no início da década de quarenta do século XX, funcionou como Escola / Posto Médico e como quartel da Guarda Nacional Republicana [nota 7].
	Museu da farinha	Rua 1º de maio, nº 38 a 42 – São Domingos, a cerca de 17 km de Santiago do Cacém	O Museu da Farinha é o resultado de um projeto de revitalização da antiga fábrica de moagem de S. Domingos da serra. [nota11]
Simbólico-Cultural	Ruínas de Miróbriga	Herdade dos Chãos Salgados, a cerca de 1 km da cidade de Santiago do Cacém.	Ruínas da antiga cidade romana de Miróbriga (nascida sobre um povoado de origem céltica) que atingiu o seu apogeu nos séculos I e II d.C. [nota 8].
	Centro Histórico de Santiago do Cacém	Cidade de Santiago do Cacém.	Secular núcleo urbano da atual cidade, nascida a partir do castelo de fundação islâmica [nota 9].

POI por complementaridade e	Designação	Morada ou localização	Observações
-----------------------------	------------	-----------------------	-------------

adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)			
---	--	--	--

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Percurso “À Descoberta do Centro Histórico”	Centro Histórico de Santiago do Cacém.	Percurso de descoberta da História e arquitetura do Centro Histórico de Santiago do Cacém.
	Percurso Monumental	Centro Histórico de Santiago do Cacém.	Percurso de descoberta apenas da zona alta do Centro Histórico e os seus monumentos classificados: Castelo (Caminho de Ronda) e Igreja Matriz; inclui ainda a Tapada dos Condes de Avillez.
	Designação	Localização	Observações
	Percurso dos Palácios	Centro Histórico de Santiago do Cacém.	Percurso de descoberta da História e arquitetura dos palácios e palacetes do Centro Histórico.
	Percurso “Santiago Quinhentista”	Centro Histórico de Santiago do Cacém.	Percurso de descoberta dos traços ainda identificáveis do que era a vila de Santiago do Cacém nos inícios do século XVI, tanto em termos arquitetónicos e urbanísticos, como económicos e sociais.
	Percurso “Viagem por Cerromaior”	Centro Histórico de Santiago do Cacém.	Percurso histórico e literário de descoberta de Santiago do Cacém através das palavras e da perspetiva do escritor Manuel da Fonseca.
	Percurso “Pelos caminhos do Interior”	Município de Santiago do Cacém (zona do interior)	Percurso dedicado àqueles que gostam da descoberta e apreciam a natureza nas suas diversas formas [nota 10]
	Percurso “Por entre as Serras e o Mar”	Município de Santiago do Cacém (zona do litoral)	Percurso dedicado aos amantes da natureza agreste, da paisagem rural, dos vastos areais e do pôr-do-sol sobre o Atlântico. [nota 12]

Outras Observações:

Nota 1: Perdida a sua função militar no século XVI, o recinto do castelo foi igualmente abandonado nessa centúria, com conseqüente ruína de panos de muralha e torres. Na 1.ª metade do século XIX, acompanhando as leis sanitárias que proibiam os enterramentos no interior das igrejas, o recinto intramuros foi transformado no Cemitério Público. Nos anos 30 do século XX as muralhas e a maior parte das torres foram recuperadas. No seu interior, para além de vários monumentos fúnebres centenários e brasonados, pode ver-se o túmulo do escritor Manuel da Fonseca e os arruinados panos de parede exteriores do Paço do Castelo, ou, em alternativa, o visitante pode percorrer o caminho de ronda entre as muralhas e a barbacã, de onde se obtêm vistas magníficas num horizonte dilatado que se estende, em dias limpos, até à Arrábida.

Nota 2: Ao longo dos séculos a Igreja Matriz sofreu sismos e incêndios, com conseqüentes reconstruções, no entanto, o visitante ainda pode facilmente encontrar neste templo as marcas e os testemunhos do tempo e da História. São dignos de nota o alto-relevo “Santiago Combatendo os Mouros” – importante obra da escultura medieval portuguesa, ou a Porta do Sol – majestoso portal lateral gótico de capiteis ricamente decorados.

Nota 3: Este aristocrático parque de inspiração romântica, delimitado por um autêntico “muro” medieval (a barbacã do Castelo) e por outros muros revivalistas e ameaçados, aos quais foram também acrescentados torreões (ainda são visíveis 3, dos 5 originais), conjuga entre o arvoredado vários edifícios: Casa de Chá, de planta quadrilobada e portal neomanuelino; Capela de S. Jorge, reproduzindo à escala uma catedral com as suas duas torres; estufa de planta triangular e vãos neogóticos (hoje uma ruína consolidada).

Nota 4: Em meados do século XVIII, os terrenos desocupados de água com a abertura da lagoa ao mar eram semeados de trigo, feijão e linho. Hoje, a ligação temporária com o mar permite a limpeza dos sedimentos, renovação da massa de água e a entrada de espécies piscícolas oriundas do meio marítimo. A Lagoa de Santo André constitui um ponto estratégico para a estadia, passagem e nidificação de muitas espécies de aves migratórias. Para tornar a Lagoa de Santo André num local privilegiado para quem procura a natureza, a Câmara Municipal de Santiago do Cacém promoveu a desocupação da duna primária da Costa de Santo André do caos urbanístico que se agravou na década de 70 durante a vigência do Gabinete da Área de Sines, criando um novo loteamento destinado a realojamento das famílias até então residentes na duna. A superfície calma das suas águas, o voo rasante das aves e o verde dos pinheiros mansos fazem da Lagoa de Santo André um local paradisíaco, apresentando condições muito especiais para quem procura um contacto mais direto com a natureza. A Lagoa de Santo André representa cada vez mais um polo de atração turística.

Notas 5 e 6: A barragem de Fonte Serne surge do aproveitamento de um troço da Ribeira de Vale Diogo que desagua no Rio Sado. É uma barragem de terra com uma área de albufeira de 105 ha e 17,5 m de altura. Aí pode-se praticar natação, remo, vela e pesca, encontrando-se espécies como a achigã, o barbo e a carpa.

A barragem de Campilhas, construída em 1954, aproveita o troço da Ribeira de Campilhas desaguando igualmente no Rio Sado. A sua albufeira é partilhada pela freguesia do Cercal do Alentejo e de Vale de Água. É também uma barragem de terra com 35 m de altura e 417 ha de área. Aí pode-se praticar natação, remo A grande variedade de pescado como a achigã, o barbo, a boga, o bordalo, a carpa, a perca e o pimpão, atrai os amantes da pesca desportiva

Nota 7: As coleções / objetos apresentados transmitem conhecimentos de uma sociedade rural, pertencente ao passado, mas ainda suficientemente próxima para ser espaço de partilha de memórias e de referência identificada que une e identifica diferentes gerações. No polo museológico pretende-se abordar a memória de uma sociedade que, nas últimas décadas, se transformou profundamente, bem como a relação de pertença de uma população com o seu território, seja à escala da localidade, da freguesia, do concelho ou eventualmente de uma microrregião. A primeira exposição terá como base uma coleção de alfaia agrícola. A sua sequência acompanhará a do ciclo agrolaboral e as operações específicas que lhe estão associadas em cada fase.

O polo museológico será um lugar de afetos, local de encontro do passado, do presente e do futuro, procurando garantir a transmissão de tradições e memórias.

Nota 8: A cidade, que possuiu um hipódromo, desapareceu durante a crise do século IV d.C. No sítio arqueológico, o visitante pode observar algumas ruínas de habitações e estabelecimentos comerciais, o fórum e o importante complexo das termas, para além do Museu de Sítio no Centro Interpretativo.

Nota 9: A partir do século XIV o burgo começou a expandir para fora das muralhas do castelo, evoluído ao longo dos séculos até atingir, entre finais do século XIX e inícios do XX, a praça onde ficam os atuais Paços do Concelho e o Museu Municipal. Passear por este Centro Histórico é um pouco como viajar no tempo, entre a Idade Média e os inícios do século passado. Por entre tortuosos arruamentos e edifícios que nem o Grande Terramoto de 1755 nem outros sismos ou calamidades (tanto naturais como humanas) destruíram completamente, o visitante pode ainda observar as fachadas de palácios e solares; de igrejas e capelas; ou mesmo pitorescas zonas e recantos de génese mais humilde.

Nota 10: A gastronomia típica e a degustação de vinho são algumas das propostas que também lhe apresentamos. Inicie o percurso em Santiago do Cacém. É aconselhável que percorra a pé o **Centro Histórico**, onde poderá visitar o **Castelo**, monumento nacional de origem árabe e a **Igreja Matriz**, monumento nacional do séc. XIII com várias reconstruções. Desça até à **Praça Conde do Bracial** onde pode admirar a **Igreja da Misericórdia**, o **Pelourinho** e algumas casas senhoriais. Dirija-se agora ao **Museu Municipal** com coleções de arqueologia e numismática, etnografia e ofícios tradicionais, entre outros. Siga em direção às **Ruínas Romanas de Miróbriga**, povoado da Idade do Ferro que foi romanizado durante o período do Poder Imperial, como pode ser visto no fórum, termas e hipódromo. Poderá visitar as Ruínas seguindo o percurso pedestre sinalizado. Nas proximidades terá oportunidade de visitar o **Moinho da Quintinha**, com moagem tradicional de cereais. Deixe Santiago do Cacém e siga a indicação Ermidas-Sado pela EN121. Prossiga e surgirá a aldeia de S. Bartolomeu da Serra, pequena povoação rural, onde poderá visitar a **Igreja Paroquial** de origem medieval, remodelada durante o séc. XVIII e a bonita estação dos caminhos de ferro com painéis de azulejaria, inaugurada no ano de 1932. Ao longo do percurso terá oportunidade de observar o montado de

sobro, alguns olivais, estevas e carqueja que florescem na primavera. Prossiga pela EN121 e tome a direita na direção de Abela, povoação situada na margem esquerda da Ribeira de Corona. Visite a **Igreja de N. Sra. de Abela**, construída entre os finais do séc. XIX, inícios do séc. XX, de estilo neo-românico e o **Museu do Trabalho Rural**, inaugurado no dia 1 de maio de 2008, instalado no antigo quartel da GNR, onde poderá observar inúmeros testemunhos da vida rural do concelho. Em alguns meses do ano poderá ter oportunidade de visitar o lagar local em laboração.

Em Ermidas-Sado visite o **Largo do Chafariz** (1943), construção do Estado Novo e a **Igreja local** (1956). Terá oportunidade de admirar o artesanato em **cerâmica** assim como em **cortiça**. Deixe Ermidas-Sado em direção ao IP1 e siga em direção ao Algarve.

Na **Mimosa** (aprox. 8 km após o cruzamento de Ermidas-Sado) poderá parar e degustar a gastronomia típica da região e adquirir **queijo de ovelha** no local de fabrico.

A cerca de 4 Km, sugere-se a visita à bonita Herdade de Conqueiros, admirável conjunto arquitetónico rural de traça tipicamente alentejana e, na adegas, prove o **vinho** da região.

Retome ao IP1 e tome a esquerda. No entroncamento siga a direção de **Alvalade**, situada no planalto que separa o **Vale de Campilhas** do **Vale do Sado**.

A Norte situa-se o núcleo histórico onde poderá visitar: a **Igreja Matriz** do séc. XVI, com portal manuelino e interior com retábulo-mor em talha dourada de extrema qualidade. A **Igreja da Misericórdia**, do séc. XVI, com influência maneirista, e a **Ponte Romana ou Medieval** são também dignos de uma observação atenta.

Pode ainda, como sugestão, fazer passeios pedestres ao longo do curso do Rio Sado.

Retorne em direção a S. Domingos, povoação rural, onde pode visitar a **Igreja Paroquial** do séc. XVI, de origem manuelina.

Tome a direita à saída, em direção a S. Domingos (EN261). No primeiro entroncamento vire à esquerda e siga em direção ao Monte dos Alhos, prosseguindo pela estrada entre os arrozais.

A meio do percurso tome a esquerda, em direção à **Barragem de Fonte Serne** (aproximadamente 4 km), que apresenta boas condições para a prática de desportos náuticos não motorizados, pesca e natação.

Dirija-se à saída e tome a direção de Santiago do Cacém.

Como sugestão, recomendamos uma visita à Barragem de Campilhas na freguesia de Vale de Água.

Nota 11:

José Mateus Vilhena nasceu em Pego Negrão de Baixo (S. Bartolomeu da Serra) e foi rendeiro no Cerro Gordo (S. Domingos) e no Burreiro (Vale de Água). Era filho de António Mateus, lavrador do Monte Feio e do Peral (Abela) e de Antónia Maria, da Fonte do Cortiço (Abela). António Mateus chegou a ser vereador da Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

José Mateus Vilhena era compadre de Caio de Loureiro, com quem tinha em sociedade criação de gado e uma primitiva debulhadora que trabalhava com uma caldeira e era puxada por várias juntas de bois.

Essa sociedade terminou quando decidiu adquirir uma cerca em S. Domingos, no local onde existia um casal de mós movido por uma caldeira a vapor, durante o inverno. No verão essa caldeira era utilizada numa debulhadora fixa, pertença dos Miguéis. Nesse local construiu uma moagem de ramas, por volta do ano de 1925, que chegou a ser a de maior movimento do distrito de Setúbal.

Mais tarde, adquiriu uma debulhadora, que era transportada e movida por um trator de rasto.

Henrique Mateus Vilhena, filho de José Mateus Vilhena, dava assistência a essa debulhadora fixa. A assistência consistia em angariar eiras, onde realizavam o trabalho, e fazer o transporte dos mantimentos para o pessoal, do petróleo e o óleo necessário à debulhadora, das maquinas e os cereais, com o trator de rodas Ferguson. Anteriormente, esse transporte era assegurado por uma parelha de muares (é o cruzamento de burra e cavalo, que dá um mu ou uma mula). Para os locais mais distantes, começou a utilizar-se uma camioneta de marca Chevrolet, o primeiro automóvel a vir para S. Domingos, que era conduzida por José Mateus Vilhena Júnior ou pelo irmão Manuel Mateus Vilhena, ambos filhos de José Mateus Vilhena.

A debulhadora era colocada no meio das “medas”. O trigo era ceifado e colocado em molhes, que ficavam de um lado e de outro da máquina. Na debulha do trigo, 5 a 7% eram tirados e constituíam a maquia, que representava o ganho desse trabalho, a exemplo do que acontecia nos moinhos. Conforme a quantidade de cereais a moer, assim se tiravam as maquinas a que tinham direito. Na moagem passou a ser pelo peso, através de uma balança.

A mão de obra necessária à debulhadora eram 3 molheiros, 2 alimentadores de grão, um saqueiro e apontador, um maquinista, um removedor de palha e uma coqueira (tomava conta das refeições).

FUNCIONAMENTO DA MOAGEM: a Fábrica da Moagem foi instalada num edifício de rés do chão e 1º andar, sendo a maior parte dos seus equipamentos construídos em madeira. As maquinas e os cereais dos agricultores eram depositados no celeiro, ao lado da moagem, que tem diversas divisões ou tulhas, que separam o trigo, o milho, o centeio, a aveia e a cevada. Eram pesados numa balança centesimal e registado o peso em nome dos clientes.

O cereal mais farinado era o trigo. Depois de pesado era deitado no tegão (recipiente em cimento com estrado de ferro e madeira, com cavidade funda), que tem um crivo, onde ficavam as maiores impurezas, e transportado por uma nora com alcatruzes fixos a uma correia para o 1º andar, antes de o despejar para uma tarara (aparelho para limpar os cereais, agitando-os e ventilando-os). A tarara tem crivos de diferentes medidas, para sementes mais ou menos gradadas. As impurezas eram puxadas por ventoinha e armazenadas numa tulha. As impurezas mais gradadas caíam diretamente numa caixa lateral.

Desse aparelho seguia para uma bandeja móvel, colocada em cima de réguas de madeira, para separar pedras e outras impurezas do cereal. A seguir era levado por outra nora para o maron (cilindro metálico com bossas para separar a ervilhada e o joio do trigo), daqui seguia, já limpo, por um tubo metálico para o escovador (aparelho de madeira com escovas de rafia e uma ventoinha), para limpar o pó do trigo. Os resíduos seguiam para outra tulha, onde se aproveitava o gérmen e o resultado da escovação, para rações para o gado.

O último sistema de noras e alcatruzes tem integrado um doseador de água, para humedecer o trigo, antes de ser levado através de um sem-fim para um tegão. Daqui descia para as mós, que eram uma áspera e outra macia, picadas para receber o cereal. As mós são movimentadas por um sistema de carretos, um de madeira e outro de ferro fundido. Por fim, a farinha era transportada por um sem-fim e despejada em sacos de 75 kg. Dois sistemas de mós permitem moer simultaneamente cereais diferentes.

Na moagem todo o movimento é feito por correias de transmissão, ligadas a quatro eixos horizontais, com vários tambores de diferentes dimensões, que recebem o movimento de um motor a gasóleo. A Fábrica da Moagem funcionou até 1982.

O PORQUÊ DO MUSEU: esta moagem é testemunho de que o Homem necessita de perpetuar a sua história, de forma a transmiti-la às gerações vindouras.

Nota 12: Inicie o percurso a partir do Posto de Turismo de Santiago do Cacém, situado no Parque Verde Quinta do Chafariz e tome a direção de São Francisco da Serra, percorrendo a EN 120.

Depois de passar pela localidade de Cruz de João Mendes, vire à esquerda quando encontrar a sinalética “Corte - Chã Livramento” e aventure-se pelas estradas de outrora em direção à Serra de S. Francisco, onde no seu topo, se situam as Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Livramento.

Nem sempre este caminho apresenta as melhores condições para a realização da subida em automóvel, pelo que sugerimos o percurso a pé, sempre que as condições climatéricas assim o permitam. Pelo caminho, admire a vegetação característica desta zona: montado de sobro, resmono, urze e estevas. No cimo encontrará o parque de merendas, onde terá acesso a uma zona de merendas e áreas aprazíveis ao descanso a ao lazer, vislumbrando a bela panorâmica sobre o Atlântico e a Lagoa de Santo André até à Península de Troia.

As **Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Livramento** situam-se na Serra com o mesmo nome. A sua origem remonta a 1740, tendo sido construída com esmolas recolhidas pelo eremita Ambrósio. A imagem setecentista de Nossa Senhora do Livramento encontra-se na Igreja Paroquial de São Francisco.

Retome o mesmo caminho e na EN 120, vire à direita. Quando se encontrar na localidade da Cruz de João Mendes, vire novamente à direita, em direção a São Francisco da Serra, Sede de Freguesia.

São Francisco da Serra é uma pequena povoação rural com características alentejanas, de onde é oriundo o famoso Mestre da guitarra portuguesa, António Chainho.

Ao chegar a São Francisco, visite o largo da **Igreja Paroquial**, caiada de azul e branco, cores tradicionais do Alentejo. A Igreja de origem manuelina remonta ao século XVI. Se tiver oportunidade de visitar o seu interior, observe os frescos dos séculos XVI e XVII.

Siga o seu percurso em direção da “Lagoa de Santo André”, direção pela EM 544, sendo que ao longo de todo o percurso pode admirar a paisagem rural, com grandes manchas de montado de sobro e nos montes, magníficas **Chaminés Alentejanas**.

À sua esquerda, encontra a saída (entroncamento com EM 548) para Ademas e Santa Cruz onde se destaca o fabrico artesanal dos ancestrais doces regionais denominados “Alcomonias” e “Rebuçados de Pinhão e Mel”, bem como o Azeite do Parral, que pode ser adquirido no Lagar, no Parral em Santa Cruz.

Continue pela EM 544 e chegando ao entroncamento da EN 261 vire à direita e siga a direção Lagoa de Santo André. Na Cascalheira, vire à esquerda, na direção da Lagoa de Santo André e mais à frente, na descida, admire a bela paisagem sobre a Lagoa e o Oceano Atlântico.

A **Lagoa de Santo André** está classificada como Sítio RAMSAR, Zona Úmida de Importância Internacional e Área Importante para Aves Europeias, sendo uma Reserva Natural desde agosto de 2000.

Descubra as técnicas tradicionais da pesca artesanal, deguste a famosa caldeirada de enguias ou o delicioso ensopado e passeie pelas praias da Costa de Santo André, algumas destas, equipadas com materiais amigos do ambiente e vigiadas durante a época balnear.

Retome a mesma estrada, vire à direita em direção a Brescos e a cerca de 1Km, vire novamente à direita, seguindo a indicação **Monte do Paio**. Trata-se de uma Herdade que, mediante contacto prévio com a Sede da Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha, poderá proporcionar a realização de percursos e a observação da fauna e flora locais.

Regresse à mesma estrada, vire à direita no entroncamento de Brescos, siga em frente até encontrar a indicação “Centro Equestre / Praia do Porto das Carretas / Monte Velho e vire à direita. Seguindo sempre em frente terá oportunidade de visitar a **Praia do Porto das Carretas**, cujos vários Galardões de Praia Dourada, conferem o seu ótimo estado de conservação, sendo deslumbrante o seu cariz selvagem.

Percorrendo a mesma estrada, vire à direita junto a um muro branco, com destino ao Monte Velho e ao Centro Equestre de Santo André, onde poderá usufruir de agradáveis passeios a cavalo ou aulas de equitação. Regresse ao cruzamento e virando à direita siga em direção a Vila Nova de Santo André, pela EN 1087.

Vila Nova de Santo André, atualmente cidade, é ímpar no contexto regional e até mesmo nacional, por se tratar de uma criação de raiz na década de 70, com o intuito de alojar centenas de famílias, atraídas pela oferta de trabalho, proporcionada pela construção do complexo industrial de Sines. Aqui poderá apreciar diversos tipos de artesanato, a destacar a cerâmica e a azulejaria, ou usufruir de atividades desportivas no Clube de Ténis e no Kartódromo.

Seguindo, pela EM 517, em direção a Santiago do Cacém, passe pelo Giz, onde pode encontrar cestos de vime representativos do artesanato local, assim como diversas quintas com produtos agrícolas para venda. Continue em frente, passando pela Aldeia de Santo André, onde se localiza a bonita **Igreja Matriz**, de origem manuelina, com características do século XVIII e reconstrução do século XIX.

Continue pela mesma estrada e vire à sua direita na direção de Sines, pois sugerimos uma visita ao Badoca Safari Park, passando pela **Igreja da Senhora da Graça** datada do século XVIII, sendo crucial, virar novamente à direita quando encontrar a sinalética do Parque e percorrer a estrada de terra batida. No **Badoca Safari Park**, pode conviver com várias espécies selvagens, desde girafas a zebras, ou ainda apreciar as diferentes aves exóticas.

Retorne ao IP8, tome a direção de Sines, siga sempre em frente até encontrar a saída para o Centro de Formação e depois de contornar a rotunda siga a direção Relvas / Santiago do Cacém.

Na cidade de Santiago do Cacém visite o **Castelo**, monumento nacional de origem Árabe, a **Igreja Matriz** monumento nacional de relevante interesse do século XIII. Visite também o **Museu Municipal**, as **Ruínas Romanas de Miróbriga**, antigo povoado da Idade do Ferro que foi romanizado e o **Moinho Municipal da Quintinha** com moagem tradicional de cereais, sempre que as condições climatéricas o permitam.

Ainda em Santiago do Cacém, saia pela Av. D. Nuno Álvares Pereira em direção ao Cercal do Alentejo, a Freguesia mais a sul do Concelho. Faça o caminho através da ER 120 até à Tanganheira, vire à esquerda no entroncamento e continue pelo IC 4. Durante o trajeto aprecie a fabulosa paisagem rural.

Ao chegar à Vila estacione o carro no Largo dos Caeiros, centro nevrálgico com restaurantes e comércio local. Aprecie a doçaria e os produtos locais, o artesanato tradicional representado por objetos de madeira, cortiça, olaria, couro e peles.

Visite o Centro Histórico e a **Igreja Matriz**, do século XVIII onde no seu interior poderá observar o Altar-Mor rico em talha, a estatuária e a azulejaria no batistério.

Regresse à sua viatura no Largo dos Caeiros, tome a direção de Vila Nova de Milfontes pela EN 390 e passados 3,7 km, vire à direita quando encontrar a sinalética para a Serra da Mina.

A Vila encontra-se rodeada de locais de grande beleza natural que merecem ser descobertos pelos visitantes e dos quais destacamos a **Serra da Mina**, com a fantástica panorâmica sobre a Serra e o Oceano Atlântico, **Capela da Bica Santa** e todo um conjunto de belas cercas em redor.

CONCELHO	Sines	DISTRITO	Setúbal
-----------------	-------	-----------------	---------

POI - Points of Interest

POI mais importantes em termos absolutos (4)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Castelo de Sines Casa Estátua de Vasco da Gama	Castelo de Sines	
	Festival Músicas do Mundo	Castelo de Sines	
	Aldeia de Porto Covo	Freguesia de Porto Covo	
	Ilha do Pessegueiro Zonas Balneares	Toda a linha de Costa do Concelho Porto Covo	

POI TEMÁTICOS (2 mais importantes por temática)	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Histórico Arquitetónico	Castelo de Sines	Castelo de Sines	
		Largo Marquês de Pombal	Largo Marquês de Pombal, em Porto Covo	
	Industrial	Portos de Pesca de Sines e Porto Covo	Portos de Pesca de Sines e Porto Covo	
		Vestígios de uma fábrica de salga de peixe romana na Ilha do Pessegueiro	Ilha do Pessegueiro Porto Covo	Visitável apenas durante a época balnear e sujeita às condições de segurança do mar.
	TEMÁTICA	Designação	Morada ou localização	Observações
	Natural	Ilha do Pessegueiro	Porto Covo	
		Zonas balneares	Toda a linha de costa do concelho	
	Rural	Parque Natural SW Alentejano e Costa Vicentina	Faixa Litoral	
		Albufeira de Morgavel	Albufeira de Morgavel	
Simbólico-Cultural	Festival Músicas do Mundo	Castelo de Sines Centro de Artes de Sines Avenida Vasco da Gama Porto Covo		
	Carnaval de Sines	Avenida General Humberto Delgado, em Sines		

POI por complementaridade e adicionalidade face a espaços ou territórios vizinhos (2)	Designação	Morada ou localização	Observações
	Porto de Recreio	Porto de Recreio de Sines	
	Gastronomia	Estabelecimentos de restauração do concelho	

ROTAS	Designação	Localização	Observações
	Rota Vicentina	Etapa do caminho histórico: Cercal -> Porto Covo; Etapa do Trilho dos Pescadores: Porto Covo -> Vila Nova de Milfontes	

Outras Observações: